

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**NÓLIA MENDONÇA DE NOVAES RAMOS**

**O CARISMATISMO NAS CEBS E O DECLÍNIO DE SUAS  
UTOPIAS POLÍTICAS. UM ESTUDO DA IGREJA CATÓLICA  
EM DIADEMA E SÃO BERNARDO DO CAMPO (1980-2007)**

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2008**

**NÓLIA MENDONÇA DE NOVAES RAMOS**

**O CARISMATISMO NAS CEBS E O DECLÍNIO DE SUAS  
UTOPIAS POLÍTICAS. UM ESTUDO DA IGREJA CATÓLICA  
EM DIADEMA E SÃO BERNARDO DO CAMPO (1980-2007)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

**Orientador: Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera**

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2008**

**NÓLIA MENDONÇA DE NOVAES RAMOS**

**O CARISMATISMO NAS CEBS E O DECLÍNIO  
DE SUAS UTOPIAS POLÍTICAS. UM ESTUDO DA IGREJA CATÓLICA  
EM DIADEMA E SÃO BERNARDO DO CAMPO (1980-2007)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Data de defesa: 23 de junho de 2008**

**Resultado: APROVADA**

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente

**Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera**  
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP

---

**Prof. Dra. Sandra Duarte de Souza**  
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP

---

**Prof. Dr. Silas Guerriero**  
Titular – Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP

---

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Dario Paulo Barrera Rivera, meu orientador, pelo apoio fundamental, dedicação, competência e admirável paciência a qual me possibilitou na conclusão deste trabalho.

Aos professores, especialmente Dra. Sandra Duarte de Souza, Dr. Leonildo Silveira Campos e Dr. Jung Mo Sung que contribuíram intelectualmente com esta pesquisa.

Aos alunos e funcionários da pós-graduação em Ciências da Religião pela disponibilidade e amizade.

Ao CNPq que financiou a pesquisa.

Às Comunidades Eclesiais de Base do Grande ABC, pela disponibilidade em colaborar para a concretização deste trabalho.

À turma *Você é o Assunto*, minha segunda família, pelos momentos de descontração e por me permitirem ser o assunto em minha ausência.

À minha família que sempre compartilhou dos meus sonhos e aceitou prescindir da minha presença e atenção, especialmente minha irmã Edivalda, meus irmãos Edson e Fernando, meu sobrinho Felipe e minha sogra Vilma.

Ao papai Hermano e mamãe Devaldina, por todo carinho, amor e compreensão incondicional.

Ao Vlademir, marido compreensivo e pai dedicado, pelo apoio e ajuda em todas as etapas deste trabalho.

À princesa Sofia, motivação maior de minha vida, que embora relutante, surpreendentemente me permitiu a conclusão desta dissertação.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal estudar o declínio das utopias políticas das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica Romana nas cidades de Diadema e São Bernardo do Campo, em São Paulo, no Brasil, no período 1980-2007. Isto será feito a partir da análise da Igreja Católica na Região do ABC Paulista no período da Ditadura Militar, a mudança do campo político religioso no final da década de 70 do século passado, e a constituição do sindicalismo no Grande ABC, com os mesmos ideais utópicos da Teologia da Libertação que fundamentavam os discursos e práticas das comunidades eclesiais. Observamos a partir da Década de 80 um processo que denominamos carismatização das comunidades, caracterizando um novo perfil na militância, ou ainda um período de mudanças nas utopias iniciais do movimento, que passam a ter práticas mais individualistas.

Palavras-chave: Comunidades Eclesiais de Base, ABC Paulista, Carismatização, Utopia, Militância.

## ABSTRACT

This dissertation aims at studying the decline of the political utopias of the Ecclesial Base Communities of the Roman Catholic Church in the cities of Diadema and São Bernardo do Campo, in Sao Paulo, Brazil, in period 1980-2007. In order to do so, it will analyze the Catholic Church in the Region of the Great ABC Of São Paulo in the period of the Military Dictatorship, the change of the political religious field in the end of the decade of 70 of last century, and the constitution of syndicalism in the Great ABC, with the same Utopian ideals of the Theology of Liberation that were substantiating Communities Ecclesial's discourse and practices. We observe from the Decade of 80 a process that we called charismatization of communities, characterizing of a new profile in the militancy, or still a period of changes in the initial Utopias of the movement, which start to have more individualists practices.

Key-words: Ecclesials Base Communities, ABC of São Paulo, *Charismatization*, Utopia, Militancy.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 IGREJA CATÓLICA E O CONTEXTO DO SURGIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA REGIÃO DO ABC</b> .....	<b>21</b>
1.1 CONTEXTO POLÍTICO DE 1964 NO BRASIL.....	22
1.1.2 A Igreja Católica no Brasil e o regime militar a partir de 1964 .....	24
1.2 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA .....	36
1.2.1. As Comunidades Eclesiais de Base no Grande ABC.....	39
<b>CAPÍTULO 2 COMPROMISSO CRISTÃO X COMPROMISSO SOCIAL</b> .....	<b>52</b>
2.1 RELIGIÃO E POLÍTICA NOS INTERECLESAIS .....	53
2.2 O MOVIMENTO OPERÁRIO NO ABC E A IGREJA CATÓLICA .....	64
2.2.1 Ações da Igreja .....	69
<b>CAPÍTULO 3 DECLÍNIO DAS UTOPIAS POLÍTICAS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO</b> .....	<b>74</b>
3.1 AS CEBS, A ORIENTAÇÃO DA IGREJA ROMANA E O INVERNO ECLESIAL DAS CEBS .....	74
3.2 DA UTOPIA LIBERTÁRIA PARA O CARISMATISMO ESPIRITUAL.....	83
3.2.1 Carismatização e crise das utopias das CEBS .....	90
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>109</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>116</b>
ANEXO A - MAPA 1 – REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO E GRANDE ABC.....	117
ANEXO B - MAPA 2 – SÃO BERNARDO DO CAMPO.....	118
ANEXO C - MAPA 3 – DIADEMA.....	119
ANEXO D - GRUPO DE RUA DO JARDIM ÉLIDA, DIADEMA .....	120
ANEXO E - ENCONTRO REGIONAL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE.....	122
ANEXO F - ENTREVISTAS E IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS .....	129
ANEXO G - FOTOS DO XI INTERECLESIAL DAS CEBS.....	164

## INTRODUÇÃO

Este estudo analisa as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) desde sua formação, aspectos históricos, estruturação e atuação no Grande ABC (vide anexo A – Mapa da Região)<sup>1</sup>, procurando compreender como o crescimento dessas comunidades parou ou decresceu e constatá-lo nas cidades de Diadema e São Bernardo do Campo.

Abordamos, a partir da contextualização histórica, a gênese das CEBs no Grande ABC e, por conseguinte, a fragmentação das utopias políticas do movimento, influenciado pela Teologia da Libertação (TdL)<sup>2</sup>.

As mudanças ocorridas no interior da Igreja Católica com o Concílio Vaticano II (1962-1965) visavam a dinamização da participação do leigo nas comunidades, bem como nos engajamentos políticos ocorridos nos países da América Latina que passaram por regimes ditatoriais, gerando uma forma de resistência ao sistema político-social vigente.

A Igreja Católica contribuiu de forma decisiva com o desenvolvimento dos movimentos sociais no Brasil, especialmente nas cidades de São Bernardo do Campo<sup>3</sup> e Diadema<sup>4</sup> (vide nos anexos B e C, mapas das respectivas cidades), localizadas na região do Grande ABC, marcado historicamente por ser o primeiro centro da indústria automobilística brasileira, tornando a região o berço do movimento sindical no Brasil.

As CEBs são originadas de um movimento que teve grande influência na década de 60, num processo de mobilização do povo frente a uma realidade desafiante. Constituída por leigos, religiosos, sindicalistas e políticos de oposição ao governo, são estruturadas num movimento supradiocesano, isto é, diretamente ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com uma mudança radical iniciada na América Latina, onde a igreja católica privilegiou o leigo como protagonista da história, nas lideranças de comunidades.

---

<sup>1</sup> O termo ABC é a sigla dada às cidades de Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C). Posteriormente, chamado Grande ABC, devido à união das cidades periféricas: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Os sete municípios somados perfazem uma área de 825 km<sup>2</sup> e reúnem uma população de mais de 2,5 milhões de habitantes (estimativa do IBGE para 2007).

<sup>2</sup> Movimento iniciado na América Latina por teólogos que idealizavam uma igreja em favor do pobre e excluído.

<sup>3</sup> São Bernardo do Campo: é um município da Região Metropolitana de São Paulo. A área total do município é de 406,108 km<sup>2</sup> e sua população estimada de 781.390 habitantes, o que resulta em uma densidade demográfica de 1 923,8 hab/km<sup>2</sup>. IBGE (2007)

<sup>4</sup> Diadema: é um município da Região Metropolitana de São Paulo. A área total do município é de 30,65 km<sup>2</sup> e sua população estimada em 386.779 habitantes, resultando numa densidade demográfica de 12.619,2 hab/km<sup>2</sup>. IBGE (2007)

As CEBs se inscreveram em um contexto industrial, com suas estruturas diversificadas, num novo paradigma de pluralismo secular e religioso. Nas décadas de 60 e 70, dinamizaram diversos setores da Igreja Católica que se identificaram com suas expectativas: uma nova visão de igreja - ministerial, reproduzindo as ações dos primeiros cristãos que se organizavam com ideais evangélicos de opção preferencial pelos pobres e com a partilha – passando da liderança hierárquica clerical para a administração e participação laical. Imprimiram uma nova maneira de ler a bíblia, interpretando e comparando a fé com a vida, observando a situação social de marginalizados e a necessidade de se reunirem para se expressarem em sua própria linguagem. Desta prática, surge a teorização da TdL, que favorece e fundamenta a perspectiva teológica das CEBs a partir do lugar do oprimido.

Os teólogos da libertação<sup>5</sup> e assessores das CEBs resistem em assumir um possível enfraquecimento das bases, como também o declínio da TdL, defendendo nos encontros de formação, congressos e conferências sobre o tema<sup>6</sup>, que a atuação do militante mudou, mas não enfraqueceu. Essas ações ocorrem devido à diluição dos militantes em instituições como sindicatos, partidos políticos, sociedade amigos de bairro, entre outros, que promovem ações de engajamento social, tornando as CEBs não só um grupo de atuação na igreja católica, mas que tem influenciado ou combatido o sistema político-econômico nacional inclusive em órgãos públicos.

Todavia, o “novo jeito de ser igreja” (lema usado pelos militantes e seus assessores), estava cada vez mais distante dos anseios dos cristãos católicos da modernidade, esvaziando-se em decorrência de novos atores religiosos e com a considerável mudança no perfil político e religioso. A ascensão do pentecostalismo tanto entre as igrejas protestantes como na católica, como a Renovação Carismática Católica (RCC)<sup>7</sup>, valorizam outro tipo de utopia, um carismatismo: mais *individualista*, *intimista* e *subjetivo* em detrimento à mobilização social e a luta de classes.

Compreendemos por *declínio*, a expressão mais adequada para abordagem do nosso tema, ao invés de *crise*. A crise caracteriza um período de colapso, entre queda de uma utopia

---

<sup>5</sup> Os mais importantes teólogos da libertação: Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff - idealizadores da TdL latino-americana, e no Brasil: Rubem Alves, Clodovis Boff, Frei Betto, Hugo Assmann, Dom Helder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, José Comblin, Carlos Mesters, Juan Luis Segundo, Dom Paulo Evaristo Arns, Faustino Teixeira, Pedro Ribeiro de Oliveira, entre outros.

<sup>6</sup> Observações da pesquisadora no XI encontro intereclesial das CEBs, em julho de 2005; no Congresso da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), sob o tema RCC e CEBs, em julho de 2006, bem como em vasta literatura da militância.

<sup>7</sup> Grupos que se identificam com o pentecostes - uma narrativa bíblica da vinda do espírito santo aos crentes no poder da oração, para a qual se mobilizam. O espírito santo é que revigora os homens e os bens; a saúde e a felicidade provêm de Deus. A RCC se assemelha mais ao pentecostalismo que aos outros movimentos do catolicismo.

e a constituição de outra que a suceda, podendo ser mudada, desde que adotadas medidas necessárias. Já o declínio mostra um período de decadência ou a aproximação do seu fim.

Analisamos a Igreja Católica em Diadema e São Bernardo do Campo entre 1980 e 2000, cidade estas da região do ABC Paulista que se tornaram pólo da industrialização nacional, com grande concentração de empresas multinacionais<sup>8</sup>, em especial por serem líderes absolutas na produção de veículos nas décadas de 60 a 80. Além disso, serviram de palco de conflitos sócio-políticos, apoiados por sindicatos e pela Igreja Católica. Naquele período, o Grande ABC era associado à qualidade de vida e trabalho bem remunerado. Com o desenvolvimento urbano, o aumento da pobreza se fez presente nas décadas posteriores, mesmo porque a reivindicação dos movimentos e sindicatos por melhores condições de trabalho obrigou as empresas a buscarem outras regiões menos valorizadas, com mão de obra mais barata e menores impostos. Observamos que enfraquecimentos dos agentes econômicos na região ocorrem no mesmo período do esvaziamento das CEBs.

Realizamos um corte histórico entre 1980 e 2007, compreendendo ser importante este período por abranger quatro eventos especiais que interferiram nas identidades das CEBs: a II Conferência do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) em Puebla, no México, (1979) que legitimava o apoio da Igreja Católica às comunidades, e que se consolidou a partir desse período; o início do Papado de João Paulo II (1978), cujas conseqüências foram amplamente reconhecidas daí em diante; os conflitos político-econômicos do regime militar no Brasil e na região do Grande ABC; os encontros intereclesiais das CEBs. Esse período perpassa pelos encontros intereclesiais das CEBs até o último (2005) em Ipatinga, Minas Gerais e a V Conferência do CELAM, em 2007. Entende-se a razão de ampliar o nosso recorte até 2007, pois nos últimos anos percebe-se de maneira mais clara mudanças no jeito de ser das CEBs.

Em se tratando do ABC, há que se considerar a heterogeneidade econômica da região. As cidades de São Bernardo do Campo e Diadema foram importantes referências no palco das lutas sindicais no Brasil no auge da TdL, quando por vezes a região foi considerada modelo de participação popular da Igreja Católica. Os dados estatísticos apresentados nesta pesquisa podem ser analisados a partir das pesquisas do IBGE-SEADE/2000, que demonstram clara desigualdade até no interior de bairros de uma mesma cidade.

Outra questão relevante a se analisar, com base nos dados do Censo de 2000 do IBGE, é que 73,89% dos brasileiros se declararam católicos. Há uma queda de 9,41 pontos

---

<sup>8</sup> Empresas automotivas multinacionais sediadas no Grande ABC nas décadas de 60-70 do século passado: Ford, General Motors, Karman Ghia, Mercedes Bens, Vemag, e Volkswagen.

percentuais se comparado ao censo de 1991 (83,3%). Entretanto, apesar da média na região (68,5%) ser menor que a nacional, o menor decréscimo de católicos é em São Caetano do Sul (75,69%), cidade considerada a matriz da Renovação Carismática Católica na região, o que sugere que as utopias políticas da TdL têm sido exauridas por movimentos com utopias políticas distantes dos ideais originais das CEBs, como o caso da RCC.

**Tabela 1. Indicadores do Grande ABC**

Local	Católicos Romanos (%)	População			Área (Km <sup>2</sup> )	PIB (R\$)	Renda per capita	Alfabetização (%)
		Total	Urbana	Rural				
Santo André	69,21	649.331	649.331	0	174,84	6.354.957.122	512,87	95.9
São Bernardo	69,36	703.177	690.917	12.260	406,18	7.293.656.246	505,45	95.4
São Caetano	75,69	140.159	140.159	0	15,36	2.305.153.211	834,00	97.2
Diadema	67,24	357.064	357.064	0	30,65	2.453.990.360	292,40	93.8
Mauá	64,61	363.392	363.392	0	62,293	2.196.674.292	274,82	94.0
Ribeirão Pires	68,79	104.508	104.508	0	99,175	541.986.273	362,72	95.0
Rio Grande	64,29	37.091	37.091	0	36,671	219.710.039	196,26	92.4
Estado de SP	70,60	37.032.403	34.592.851	2.439.552	248.209,426	400 629 2001 R\$ milhão	–	93.9
Brasil	73,89	169 799 170	137 953 959	31 845 211	8.514.876,599 km2		–	75,24

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br))

Nosso objetivo principal é analisar neste trabalho a importância das utopias nas CEBs no Grande ABC, partindo da análise das CEBs nas Cidades de São Bernardo do Campo e Diadema desde o início do seu declínio, pois as comunidades eram consideradas modelo de igreja de grande influência nas suas origens, e consoante a isto se faz necessária uma investigação que permita identificar as razões que levaram à mudança de suas utopias.

Levantamos, nos objetivos específicos do trabalho, a elaboração de síntese histórica da Igreja Católica e das CEBs na Região do ABC, a pesquisa do lugar da militância religiosa no campo político social entre 1980-2007, considerando as tensões entre as diversas gerações de militantes e os motivos que levaram ao enfraquecimento de suas utopias. Outro ponto analisado é o discurso religioso das CEBs a respeito das utopias político-sociais.

Muitos estudos foram realizados acerca do tema, a maioria de cunho teológico e apologético, todavia, a teologia não é suficiente para analisar a questão. A partir de uma perspectiva sociológica, analisamos como os militantes das CEBs se organizam e lidam com a

modernidade, como também a visão de mundo que os leigos têm, relacionada às expectativas políticas, econômicas e religiosas e como mudaram em relação aos ideais iniciais e as causas do seu enfraquecimento.

Muitos estudos das religiões no Brasil concentram sua atenção nas expressões religiosas afro-brasileiras, pentecostalismo e neo-pentecostalismo. Esses grupos acabaram por ser o centro da atenção de muitos pesquisadores. Neste sentido, pouca atenção se deu para aqueles grupos que tinham maior evidência nas décadas de 70 e 80 e que agora parecem ter se diluído no atual contexto de pluralismo religioso.

Atualmente, alguns estudiosos da religião afirmam o esgotamento ou sepultamento das CEBs com o crescimento correspondente dos pentecostais e carismáticos<sup>9</sup>. Até mesmo dentro dos próprios grupos de CEBs por parte das lideranças, tem ocorrido certo desalento justificado pela diminuição do apoio eclesial oficial. Muitos deles caíram em conclusões nostálgicas de um passado que teria sido mais feliz, perdendo confiança nas suas próprias propostas, colocando-se numa atitude defensiva.

O impacto dessas discussões é observado por grupos de CEBs que agora se autodenominam *Grupos de Rua*<sup>10</sup> (vide anexo D), organizados na região do Grande ABC. Conservando sua própria identidade, procuram mostrar que a utopia não está sepultada, mas, possivelmente enfraquecida devido às mudanças na realidade do ABC e do condicionamento desses pequenos núcleos de participação do leigo pela Instituição católica. Esta afirmação pôde ser observada no XI encontro intereclesial das CEBs, em 2005, MG, como também por parte dos próprios líderes das CEBs nas comunidades.

A desarticulação das ideologias do movimento pode ser observada em cada encontro intereclesial: inicialmente com periodicidade anual (o primeiro em 1975), sendo que entre o penúltimo, em 2000, e o último, em 2005, se passaram cinco anos. O tema escolhido para discussão no último encontro, realizado em julho de 2005: *CEBs, Espiritualidade Libertadora – Seguir Jesus no compromisso com os excluídos* é outro indício da preocupação com a abertura de novos horizontes e a rearticulação do grupo, antes considerado de caráter

---

<sup>9</sup> Ver *Jornal do Brasil* em 31 de outubro de 1999: “CEBs se interrogam sobre seu papel. *A força católica*”, em *Veja*, 20 de Outubro de 1999, p. 150-151. “Festa no altar”, em *Época*, 18 de outubro de 1999, p. 28-31. Outros falam da morte da teologia da Libertação em *Folha de S. Paulo*, 21 de outubro de 1999, p. 1-2 de Otávio Frias Filho e mais recentemente, numa defesa de doutorado que eu pude participar na PUC (Abril /2005), na qual Antônio Flávio Pierucci, sociólogo da USP, afirmou o “sepultamento das CEBs”.

<sup>10</sup> Na Região do ABC, o termo surgiu no final da década de 80, com o padre Airton, que atuou na comunidade central de Diadema entre 1980 e 1997. Posteriormente, tornou-se bispo auxiliar na diocese e atualmente é o bispo da cidade de Mogi das Cruzes. Segundo ele, a denominação CEBs foi desgastada por ser associada à política. Já a participação do leigo em Grupos de Rua significaria reunir-se no espaço físico da igreja para a oração e estudo da bíblia, sendo desnecessárias as reuniões nas casas.

estritamente social e que hoje procura promover a espiritualidade e a mística, antes não muito consideradas.

Há, em especial nas décadas de 70 e 80, uma vasta literatura sobre as CEBs. Em sua maioria, são ensaios teológicos advindos de assessores e simpatizantes do movimento católico. Revisando a literatura acerca do tema é possível observar, desde a década de 60, as primeiras orientações da gênese das CEBs por meio das cartilhas, folhetos e subsídios.

Consideremos que, embora muitos tenham se especializado em áreas distintas da teologia, são católicos, leigos ou religiosos militantes e idealizadores da TdL, o que pressupõe uma conceituação apologética sobre as CEBs. A abordagem sociológica das CEBs realizada por Oliveira é uma referência para todo militante, a tal ponto que este sociólogo, sendo leigo, assessor e militante, coordena, na Universidade de Brasília, uma Fundação<sup>11</sup> que coleta, cataloga e publica as cartilhas e subsídios das comunidades. Todo o acervo pode ser pesquisado na fundação, bem como seus resumos na Internet. Os diversos livros e pesquisas do autor também nos remetem à preocupação com os conflitos ideológicos na igreja.

Segundo ele:

É evidente o deslocamento das prioridades nesses 20 anos. Os temas relativos ao mundo do trabalho e da organização política, que estavam na agenda popular no início do processo de redemocratização do País, perdem importância diante de temas como a qualidade de vida (não esquecer que os gastos públicos na área social são os primeiros sacrificados pela política neoliberal) e a defesa de grupos socialmente desfavorecidos (negros, índios, mulheres, crianças). Essa dispersão das lutas não significa, contudo, uma despolitização das CEBs, mas sim um alargamento do conceito de Política (OLIVEIRA, 2001, p.10)

O intenso apoio e dinamização das comunidades por parte do clero são verificados nos documentos conclusivos das II e III Conferências Gerais Episcopais da América Latina e Caribe, ocorridas respectivamente em Medellín, Colômbia, em 1968, e em Puebla, México, em 1979. Em Medellín, num contexto latino-americano marcado, por um lado, pela revolução socialista (Cuba, 1959) e, por outro, por guerrilhas e autoritarismo militar, fala-se da opção preferencial pelo pobre, tão esquecido no discurso da hierarquia por longos séculos. As comunidades cristãs de base, inspiradas numa ala progressista do Concílio Vaticano II, se constituem, pois, em instrumentos de resistência do povo, ajudando-os na aproximação com a

---

<sup>11</sup> Programa Memória e Caminhada, Universidade de Brasília, site [www.unb.com.br/memoriaecaminhada](http://www.unb.com.br/memoriaecaminhada).

Igreja Oficial por meio da renovação de estruturas pastorais, nas quais tanto o clero quanto o leigo são vistos como agentes que se engajam no compromisso com a sociedade (VATICANO, 1965). Puebla reforça mais abertamente o documento da Colômbia, devido à diminuição na censura militar. As CEBs são vistas como modelo e espaço de diálogo e reflexão sobre *libertação, promoção humana, e ideologia política*.

Foi no período de censura ideológica que recaiu nos movimentos sociais que as CEBs foram mais valorizadas. No entanto, um re-direcionamento foi dado às comunidades a partir na década de 80, nos documentos oficiais da Igreja Católica, como nos documentos da CNBB (1982). A punição de teólogos da libertação que insistiam em laicizar a igreja se dá a partir do papado de João Paulo II, sob julgamento do tribunal da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (1984).

No intuito de delimitar melhor o campo de conhecimento em que esta pesquisa se localiza, faremos a seguir uma revisão rápida dos principais estudos feitos sobre a questão, sem pretensão de sermos exaustivos. No campo das Ciências Sociais, autores como Reginaldo Prandi e Antônio Flávio Pierucci têm importantes pesquisas sobre o catolicismo no Brasil. A realidade social do catolicismo no Brasil (1996), com a expansão de novos movimentos religiosos dentro da Igreja Católica, é estudada no comparativo entre CEBs e RCC - grupos com ideologias bem diversas. Segundo eles, a crise se dá com a despolitização da igreja, com o fortalecimento da reparoquialização ou institucionalização, bem como com a dinamização das RCC e sua metodologia de agregar os fiéis católicos evadidos.

Outro dado importante pesquisado por Prandi (1997) é que na atualidade houve a valorização de uma religião mais subjetiva e espiritualizada, desvinculada do compromisso coletivo, fundamentado pelas CEBs.

Numa abordagem mais atual, Pierucci (2003) reflete ainda, a partir do conceito de desencantamento do mundo, elaborado por Max Weber, a *desmagificação* na qual o indivíduo passa racionalizar a religião, deixando de ser místico e não mais atribuindo a intervenção divina na história. Por isso, o espaço da religião é perdido ou transferido para a ciência. A partir desta ótica, as CEBs podem ter decrescido por requererem certo comprometimento com a *ação* na sociedade, isentando a participação de Deus. A partir do momento em que leigos passaram a militar também em espaços não religiosos, como por exemplo, nos partidos políticos, o afastamento dos movimentos que “esperam em Deus” como o provedor da história, podem ter ocasionado um esvaziamento das comunidades que se mobilizavam mais para uma ação social que religiosa.

Nesta vertente, Ivan Antônio de Almeida publicou sua tese de doutorado em 2000, na qual reflete sobre fé, política e razão na TdL, que, numa “vanguarda leninista” com características modernas, mais representa uma ideologia política e desacralizada do catolicismo. A partir de estudos sobre as CEBs e seus sete primeiros encontros intereclesiais, o autor observa que as comunidades foram instrumento de reorganização institucional da igreja, fortalecidas pelos teóricos da libertação, constituindo assim a voz dos *oprimidos*. O levantamento bibliográfico feito pelo autor, desde o Didaqué (1997)<sup>12</sup>, perpassando pelos teólogos cristãos, documentos católicos e o marxismo inspirador dessa ideologia, coloca tais intelectuais orgânicos, ou ainda chamados teólogos “acadêmicos”, em favor dos oprimidos, embora distantes do catolicismo popular praticado por estes e que lhes atribui significado sagrado. Segundo o autor, a politização na igreja acabou esvaziando o significado ritual, como por exemplo, nas celebrações religiosas católicas. A preocupação com uma reflexão mais política que mística, sugeriu aos teólogos a fundação do Movimento Fé e Política, com a preocupação de embasar a formação de novos seguidores de uma teologia gestada nas CEBs, mas enfraquecida pela necessidade de magia.

Theije (2002) estuda o catolicismo liberacionista na diocese de Garanhuns, Pernambuco, no início da década de 90. Ainda hoje, a prática das comunidades é tida como modelo entre as CEBs de todo Brasil. A ação das comunidades se dá na resistência ao sistema capitalista e com forte apoio da liderança considerada progressista, na promoção de uma vida mais justa para os pobres. A etnografia nos remete a comunidades simples e desorganizadas administrativamente, mas mobilizadas na possibilidade de conquista da terra prometida, como elucidada nas escrituras, particularmente no livro do êxodo. As relações sociais são fortalecidas e reproduzidas entre o religioso e a vida cotidiana, e como grande maioria dos militantes se enquadra nas mesmas situações precárias, a “opção preferencial pelo pobre”, para o leigo, é uma realidade experimentada na luta constante pela conquista dos próprios ideais. Os vínculos culturais e estruturais entre clero e leigo são tão próximos que não se observa um decréscimo das CEBs - grupos mais enfatizados pela pesquisadora, mas numa diluição ou trânsito da militância em outros movimentos, influenciados pela mesma ideologia. Pode-se observar esse dado na participação de leigos em CEBs rurais e urbanas, RCC ou mesmo em grupos de oração - nem só políticas, nem tão subjetivas ou apenas contemplativas.

O ritual católico foi ressignificado e revalorizado em virtude da introdução do liberacionismo, requerendo a vivência e participação mais ativa dos leigos. A autora indica a

---

<sup>12</sup> Primeiro catecismo elaborado pelos seguidores do movimento de Jesus, utilizado possivelmente a partir do ano 100 pelos cristãos.

similaridade dos fiéis, pela pobreza, pelo sofrimento, pela piedade, mas também pelo anseio de todos – membros da hierarquia ou leigos - por justiça social.

Vários escritores observam a transformação no campo religioso da atualidade e remetem a crise das igrejas tradicionais ao avanço dos pentecostais. Oro (1996), vê no pentecostalismo da RCC um artifício da Igreja Católica, que, por sua semelhança ao pentecostalismo protestante, reprime a evasão dos católicos. Mariz (2001) pesquisou o perfil sócio-político e as ações dos leigos nos movimentos urbanos, nas cidades de Rio de Janeiro e Campinas, observando os desafios no campo religioso, em análise comparada, analisando-se as fronteiras e o intercâmbio dos fiéis com os grupos.

Estas transformações são abordadas por Novaes (2006), Teixeira (1996) e Oliveira (1999), os quais se voltam à compreensão da estrutura das CEBs, bem como da RCC, suas deficiências originárias do ponto de vista estritamente político, bem como a atuação e adaptação destas comunidades à modernidade. Outra abordagem voltada à política nos movimentos católicos é feita por Miranda (1999), que analisa o carisma do político religioso e do leigo, contrapondo ou distanciando os valores como a justiça social e a mobilização política no campo religioso.

Domezi (2006) realizou recentemente ampla pesquisa de campo sobre a devoção nas CEBs e o catolicismo popular na cidade de São Paulo e algumas cidades do interior do Estado. Segundo a autora, os membros das CEBs, apesar de assumirem o compromisso com a transformação da sociedade, preservam valores religiosos tradicionais do universo popular como, por exemplo, a devoção às diversas nossas senhoras e santos, *continuum devocional*. Relata ainda a trajetória do catolicismo popular brasileiro e do catolicismo constituído pelas CEBs, bem como a força da tradição devota, abordando a transmissão da tradição, sua internalização no imaginário cultural religioso das comunidades, os elementos carregados de diversas formas de catolicismo e a apropriação de fragmentos libertários.

Pessoa (1999) estuda o catolicismo e seus conflitos na comunidade de Ceres, em Goiás. Faz uma abordagem sócio-antropológica, descrevendo a região, desde a Revolução de 1930, passando por um embasamento histórico da constituição política da cidade, até a formação do sistema de crenças e a debilitação do espaço da fé. Comenta as igrejas evangélicas, mas se atém no relato da reforma e reorganização do catolicismo, inicialmente tradicional e romanizado, abrindo-se para a participação do leigo com o Vaticano II, e finalmente retrocedendo ao hierárquico e conservador. A *igreja do evangelho*, foi um lema para a dinamização do processo de evangelização inexistente, pois o espaço dado ao leigo foi retirado. A tensão política e os movimentos sociais na década de 80, mudaram a obediência à

igreja, e a pluralidade católica passou a ser observada devido a crise atribuída à ruptura do imaginário católico, o abandono e a re-hierarquização.

Sanchez (2001a) estuda o pluralismo religioso presente nos diversos posicionamentos da Igreja Católica Romana no Brasil, a partir dos intereclesiais das CEBs, priorizando o VIII e IX encontros, ocorridos respectivamente em 1992, em Santa Maria - Rio Grande do Sul, e 1997, em São Luiz - Maranhão, nos quais visualizou-se as diversas contradições nos discursos e práticas da CNBB, que apoiava esses encontros desde 1975 e influi sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso antes e depois dos encontros. Partindo de um histórico da igreja oficial e do protestantismo, pesquisa as principais reivindicações da modernidade, do campo religioso no Brasil e o pluralismo religioso a partir do Concílio Vaticano II, que propôs a abertura da Igreja Católica para ações comuns com outras igrejas e religiões não cristãs.

Noutra abordagem, Gouvêia (2006) pesquisa o desenvolvimento de variadas formas de política sindical, dos movimentos operários e da Igreja Católica no auge do período da industrialização na região do ABC, região essa de grande relevância geográfica para o estudo proposto. Para os membros da Igreja Católica a felicidade decorria da prática do amor ao próximo e da dignidade humana, o que norteou tanto a esquerda católica quanto o movimento sindical e a classe trabalhadora no ABC, aproximando-os, por serem um espaço de mobilização de esquerda contra as ditaduras e posteriormente em favor de mudanças da sociedade, beneficiando os despossuídos. A classe trabalhadora, junto ao cenário de influências anarquistas, e socialistas, com manifestações operárias, construíram dentro do espaço físico da igreja, uma utopia para dismantelar a opressão sofrida por tais movimentos, nos quais a fé e a realização do ser humano passaram pelo prisma das lutas pela mudança da sociedade.

Desde a doutrina social da igreja, formulada pelo papa Leão XIII em 1891, passando pelo humanismo cristão de Jacques Maritain (1941), o socialismo utópico de Martin Buber (1971), os discursos bíblicos estavam presentes nos discursos dos líderes sindicais e de movimentos políticos, constituindo partidos de esquerda, como o PT, formado e fortalecido nos altares de igrejas de São Bernardo do Campo que tanto o apoiaram. Entretanto, após o processo de democratização, e com a ascensão desses políticos ao poder, observou-se um afastamento dessas utopias. Enquanto a ideologia política mobilizadora da igreja progressista, comprometida com os oprimidos e com a luta pela dignidade do próximo, aguardava posicionamento e retribuição do apoio dado, os políticos, os operários e seus sindicatos se

centravam mais em suas questões particulares, como melhores condições de vida para si e família e medidas paliativas de amenização da desigualdade social.

Por fim, o estudo de Fontoura (2005) também é um instrumento necessário para esta pesquisa, por comparar os grupos de CEBs e RCC na região do ABC. O critério de escolha dos entrevistados foi a comunidade/cidade com maior número de participantes por movimento - os militantes das CEBs da comunidade São Geraldo Magela, em São Bernardo do Campo, e os membros da RCC da comunidade São Francisco de Assis, em São Caetano do Sul. O autor se apropria das categorias “catolicismo internalizado” e “catolicismo tradicional”, desenvolvidas por Cartaxo Rolim (1997), para compreender o campo religioso, observando uma interiorização dos participantes de ambos os movimentos, que na modernidade tomam direções sociais e mais subjetivas na igreja. O trabalho etnográfico apresenta os anseios do leigo quanto ao seu grupo, sua visão de igreja e no engajamento com os outros movimentos. Entretanto, apesar de ser uma tese de doutorado em Ciências Sociais, tem um cunho mais teológico. Numa perspectiva da TdL, Márcio, ex-seminarista e antigo ex-militante das CEBs, analisa de forma detrativa a RCC, como movimento prejudicial a toda Igreja Católica.

Embora as CEBs se articulem desde os anos 60, nota-se cada vez mais seu enfraquecimento. Sob a influência do Concílio Vaticano II, as práticas desenvolvidas pela Igreja Católica que se apresentavam claras para as CEBs, hoje ocasionam um desencanto à militância em contraposição ao processo de carismatismo – uma realidade mais intimista e subjetiva – apresentada pelos católicos tradicionais em busca de mais espiritualização e menos conflitos sociais.

Para a compreensão da mudança das utopias políticas das CEBs, faz-se necessária uma breve definição da palavra utopia, cuja origem grega ( $u = \text{não} + \text{topos} = \text{lugar}$ ) refere-se a um lugar inatingível, existente apenas em nossas mentes, como a *Ilha de Utopia*, construída por Thomas Morus (1973). Pela perspectiva da religião, pode-se compreender como uma fuga da realidade. Utopia não existe, mas pode vir a ser – um sonho que se torne realidade – o mundo possível, uma vida melhor para o futuro.

Nas Comunidades Eclesiais de Base, a utopia religiosa perpassa ou permeia toda a vida daqueles que participam ativamente dessas comunidades. Podemos dizer que são grupos organizados para a conquista de determinados fins estabelecidos coletivamente. Possuem suas necessidades, assim como suas visões específicas de mundo, de modo a manter ou transformar as relações sociais. São estabelecidos projetos de ação é porque possuem ideologias específicas que as orientam. Mas, existe um elemento que fundamenta tais

comunidades, que as mantêm resistentes às intempéries do cotidiano e que as impulsionam para a ação, é a chamada utopia religiosa, identificada como “esperança religiosa”:

Uma religião da esperança (...) participa da utopia no sentido que ela é a seu modo um projeto imaginário de uma sociedade que seja culturalmente (novos céus) e socialmente (nova terra) uma sociedade alternativa. É esta forma de experiência religiosa que se observa em fenômenos tão numerosos e diversos como: cultos de possessão, matrizes das religiões de salvação, utopias socioreligiosas, milenarismos com ou sem messianismo, ‘pentecostalismos’ contestatórios, teatralizações sociais de tipo político e ou estético... (DESROCHE, 1985, p. 18)

Muitos de seus líderes descrevem as CEBs (ANDRADE, 2005) como o lugar mais apropriado para o alcance de uma organização social e eclesial ideal. Embora essas opiniões sejam utópicas e refletem as aspirações desses grupos, há um reconhecimento da importância das CEBs enquanto uma organização religiosa para a vida humana.

Mannheim (1972), assim identifica utopias:

São aquelas orientações que, transcendendo a realidade, tendem, se transformarem em conduta, a abalar, seja parcial ou totalmente, a ordem das coisas que prevaleça no momento. (1972, p. 216)

Pela perspectiva deste autor, a utopia figura como possibilidade de transformação do mundo atual, esperanças que fazem com que o ser humano suporte as dores cotidianas. Faz-se necessária por construir significados, fazendo-os procurar sentidos quando os desconhecem.

É a aspiração de uma forma de convivência que efetive uma ordem de mundo razoavelmente justa. As CEBs orientam seus integrantes de modo a transformar a ordem das coisas que prevalecem no momento. A utopia é uma crítica radical que se apresenta como projeto alternativo racionalmente construído pelos seus líderes. Podemos verificar esta mentalidade nos panfletos, nos cadernos populares, nos encontros intereclesiais, nos grupos de reflexão realizados nas casas.

Se relacionada à utopia política inicial das CEBs, voltada para a transformação - a sociedade justa do Reino de Deus – o modelo de sociedade ideal se dará por meio da ação dos movimentos da igreja, bem como da extensão aos movimentos políticos e sociais.

Um dado significativo para a elaboração desta pesquisa foi o trabalho de campo. A observação participativa nos encontros regionais (vide anexo E) das cidades de Diadema e São Bernardo, bem como nas reuniões da coordenação da região e nos grupos de rua, contribuíram para a compreensão das CEBs na região.

Foram realizadas 5 entrevistas e somadas a elas relatos de alguns dos participantes nos encontros das CEBs. Apresentamos no anexo F, as entrevistas e a identificação destes indivíduos<sup>13</sup>. Outro material coletado que reflete o momento atual em que as CEBs se inserem são as fotos resultantes da participação visitante no XI intereclesial. (vide anexo G).

Além da pesquisa bibliográfica, priorizamos as fontes primárias, nos apoiando em literaturas, cartilhas, textos base – livros e fascículos elaborados em preparação para os encontros intereclesiais das CEBs, que são de abrangência nacional.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma. No primeiro capítulo abordamos o contexto do surgimento das CEBs na Região do ABC. Para tanto, fez-se necessária uma síntese histórica da ação da Igreja Católica e seu papel político desde as origens e a organização inicial das CEBs no Brasil, perpassando pela criação de órgãos como o CELAM e a CNBB. Analisaremos o campo católico brasileiro no regime militar o desenvolvimento da Igreja Católica no Grande ABC, especialmente nas cidades de São Bernardo do Campo e Diadema, cidades promotoras das utopias políticas da TdL.

O segundo capítulo voltou-se ao estudo do compromisso social do cristão perante os conflitos sócio-econômicos observados ao longo da existência das CEBs e como elas lidam com os mesmos. Analisamos a relação entre religião e política por meio da condução dos temas abordados nos encontros Intereclesiais ocorridos desde 1975, relacionando-os com o engajamento do militante na igreja e na sociedade.

O Grande ABC, especialmente São Bernardo do Campo e Diadema, foi importante campo de desenvolvimento das utopias das CEBs que, junto a órgãos como sindicatos e partidos políticos se posicionou em favor dos movimentos operários da região. Verificamos também as ações da militância, bem como suas conquistas na sociedade.

O rápido desenvolvimento das CEBs se deu a partir do apoio da Igreja Latino Americana, especialmente a partir das Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979). O reflexo observado nos textos conclusivos das Conferências, bem como no engajamento do clero em apoio à militância, foram decisivos no auge do movimento no ABC.

---

<sup>13</sup> Para não descaracterizar o conteúdo das entrevistas, em relação ao entrevistado, foram mantidas *ipsis litteris* suas falas.

No terceiro capítulo discorremos sobre o declínio das CEBs e das utopias políticas da TdL. Houve uma re-significação de suas utopias e valores antes considerados essenciais na atuação da sociedade, bem como a articulação de novos movimentos religiosos – exemplificamos com o Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) - com organização mais subjetiva e intenso apelo a recatolização, que efetivamente amparados pelo Vaticano caracterizam um novo rumo na Igreja Católica na atualidade. A influência destes movimentos, bem como o apoio dado pelo clero às pastorais, reprime a prática religiosa do militante mais antigo das CEBs, que, desmotivado, vê o declínio das suas utopias políticas. Os militantes mais novos desconhecem essas utopias de características mais igualitárias, considerando as CEBs como grupos de rua, um espaço no qual os amigos se reúnem de forma carismatizada, sem preocupação com compromisso social.

## **CAPÍTULO 1**

### **IGREJA CATÓLICA E O CONTEXTO DO SURGIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA REGIÃO DO ABC**

O presente capítulo investiga a Igreja Católica no processo de implantação do regime Militar e a constituição gradativa de uma nova forma de inserção da Instituição Católica na realidade brasileira após o Concílio Vaticano II (1962-65) e a II Conferência do episcopado católico Latino Americano em Medellín (1968).

Cabe aqui considerar uma breve discussão entre as CEBs e o episcopado na região do grande ABC. Consideramos importante referenciar o papel dos agentes eclesiais D. Jorge Marcos de Oliveira e D. Cláudio Hummes, respectivamente.

Ganha destaque, nessa análise, o exame das transformações ocorridas no posicionamento da Igreja Católica no ABC entre as décadas de 50 e 80. Durante este período, setores católicos da região do Grande ABC tomam uma nova consciência, se engajam na política e atuam na educação e mobilização da sociedade na busca pela plena libertação dos indivíduos frente às estruturas sociais.

Esse novo engajamento católico ao se dá sem o conflito entre religiosos e militares. A Igreja Católica no Brasil, e em particular no Grande ABC, desencadeia uma série de críticas ao governo ditatorial, que responde com forte repressão, ocasião em que vários padres e sacerdotes que atuavam na mobilização e conscientização da sociedade são presos e torturados, acusados de subversão.

## 1.1 Contexto político de 1964 no Brasil

Os contextos religioso e político que antecederam o golpe militar em 1º de Abril de 1964 foram bastante críticos. O período entre a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, até abril de 1964 com o golpe militar, caracterizou-se por uma forte crise econômico-social e política. Crise também acirrada pela mobilização política das classes populares, fortalecimento do movimento operário e crise do sistema partidário e religioso, particularmente da instituição Católica Romana.

Jânio, que foi prefeito e governador de São Paulo entre 1953 e 1954, foi ganhando popularidade, mormente entre a classe média porque prometia uma administração honesta dos bens públicos contra a corrupção. Na presidência, Jânio Quadros não procurou apoio dos partidos políticos, mas acreditava em seu prestígio pessoal e carisma popular. Em sua estadia de oito meses no governo federal provocou a insatisfação das classes populares e de setores ligados à indústria, que começaram a pressioná-lo. Diante deste quadro, Jânio tenta uma manobra pessoal e renuncia na esperança de que o Congresso, o exército e o “povo” lhe peçam para ficar, o que não ocorre. Pelo contrário, em várias partes do país, setores populares e democráticos saíram às ruas para defender, a posse de João Goulart (Jango), ameaçada por um arbitrário veto militar. (BENEVIDES, 1999, p. 39).

Com a renúncia de Jânio, Jango assume a presidência em meio a dificuldades políticas advindas de setores militares e golpistas que viam nele uma força subversiva e inimiga do capitalismo. Apesar do estereótipo, Jango era “herdeiro de imensa fortuna pessoal e grande proprietário de terras, Goulart era, tal como seus críticos de direita, um fiel defensor do capitalismo” (TOLEDO, 1982, p. 14).

Sob rédeas curtas, Jango iniciava seu governo na versão parlamentarista. Sua assessoria procurou fortalecer o setor estatal da economia, limitar a ação de multinacionais americanas em território brasileiro e restabelecer as relações diplomáticas com a antiga URSS. Estas medidas repercutiram favoravelmente nos meios progressistas do país. Goulart intentava notabilizar-se como o presidente da reforma social. Uma de suas estratégias era a realização da reforma agrária, aumentando a produção agrícola de modo que suprisse as demandas da população urbana e, por outro lado, o incentivo à distribuição das terras. Mesmo que sua estratégia política não tivesse teor revolucionário, mas sim utópico para a consolidação de um capitalismo industrial brasileiro, havia constantes oposições por parte dos

latifundiários e de determinados setores da igreja católica. Ao mesmo tempo em que apoiava a ideologia do nacionalismo e das reformas, solicitando apoio das massas populares e setores da esquerda, Goulart, por outro lado, retardava e condenava medidas advindas de setores progressistas, do movimento sindical, fazia concessões à classe dominante e reservava cargos da administração federal para eles.

Em meio à ambigüidade política, o governo de Jango deu margem à ofensiva golpista, representada pelos setores das classes médias e altas e sob a bandeira do anticomunismo, da defesa da propriedade privada e da moral religiosa, os quais saíram às ruas manifestando sua insatisfação e pedindo *impeachment*:

(...) E a própria imprensa da época, ao exaltar a massa humana que se deslocou para a cidade, foi expressiva ao registrar que Copacabana ficou vazia, a Zona Sul ficou vazia, como vazia ficou a Tijuca. Mas nenhum bairro operário ficou vazio, nenhum subúrbio, nenhuma biboca da pobre Baixada Fluminense. (CASTRO, 1984, p. 80).

Castro (1984) registra, além do caráter burguês das manifestações, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro, a ausência de setores que representavam a periferia. O movimento que se destacou em defesa da moral católica foi a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que teve incidência em algumas regiões do Brasil<sup>14</sup>. Este movimento, que congregou segmentos da classe média e temerosos do “perigo comunista”, manifestou publicamente sua insatisfação contra o governo Jango. Os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* registraram este evento como uma manifestação cívico-religiosa “destinado a reafirmar os sentimentos do povo brasileiro, sua fidelidade aos ideais democráticos”. Em uma das manifestações realizadas em São Paulo em março de 1964, o então deputado Plínio Salgado declarou:

Bravos soldados, marinheiros e aviadores de nossa pátria, sereis capazes de erguer vossas armas contra aqueles que querem se levantar, aqueles que se levantam contra a desordem, a subversão, a anarquia, o comunismo? Contra aqueles que querem destruir os lares e a soberania da pátria? Esta manifestação não vos comove? Será possível que permitireis, ainda, que o Brasil continue atado aos tóteres de Moscou?<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> O programa da Marcha pela Família com Deus pela liberdade efetivou-se em Rio Claro, São José do Rio Preto; Passos, em Minas Gerais, Presidente Prudente, em São Paulo; Taubaté, Perigui, Botucatu; Guaratinguetá, Lorena e Brasília.

<sup>15</sup> [http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_20mar1964.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm)

O temor ao comunismo ganhou amplitude através da mídia e das manifestações desfavoráveis à política de Goulart, considerando-a como totalitária e antidemocrática. Portanto, o governo representava, para esses grupos conservadores, uma clara ameaça à ordem estabelecida. A propaganda contra Goulart ganhou força depois destas manifestações e, a partir de então, grande parte da população passou a se posicionar contrária ao governo. Aproveitando a ocasião, as tropas militares se levantaram contra o governo e, apoiadas pelo governador de Minas, Magalhães Pinto, marcharam sobre o Rio de Janeiro e depuseram João Goulart.

### **1.1.2 A Igreja Católica no Brasil e o regime militar a partir de 1964**

Podemos introduzir este tópico com algumas questões: Qual o posicionamento da Igreja Católica no Brasil durante o período do regime militar? Houve um apoio direto da hierarquia católica frente ao golpe militar? Existiu uniformidade no pensamento dos bispos, representados pela CNBB, e de padres, leigos mais situados no conjunto da sociedade brasileira, do movimento popular? Perguntas como estas despontam como importantes para pensar o papel da Igreja Católica durante o regime militar, sem pretender esgotar as respostas, e sim contribuir de maneira abrangente com a reflexão sobre a questão.

No tempo de João Goulart, e paralelamente a estas manifestações contrárias ao governo Jango, há também o crescimento de movimentos populares, mais progressistas, muitos deles impulsionados por militantes políticos e de elementos da igreja católica. Durante essa legislatura o grupo da *Frente Parlamentar Nacionalista* (FPN), organização interpartidária formada por deputados do PTB, do Partido Social Democrático (PSD) e da União Democrática Nacional (UDN), atuou na Câmara dos Deputados em defesa de uma plataforma voltada para a condenação à intervenção do capital estrangeiro na economia nacional, especialmente no setor energético, e à remessa de lucros para o exterior. (TOLEDO, 1982, p. 64-65).

Outro movimento foi a União Nacional dos Estudantes (UNE), composta de intelectuais que se interessaram em apreender melhor a cultura popular, visualizando um potencial transformador que dali emergia. O próprio método Paulo Freire (1921-1997) se emancipava nos círculos mais populares, nos quais se aprendia a ler e escrever a partir do

contexto de vida das pessoas. Por outro lado, os movimentos católicos de leigos operários foram ganhando força. Destacamos aqui a Juventude Operária Católica (JOC)<sup>16</sup> e a Ação Católica Operária (ACO), fundada em 1962 e que contava com antigos militantes da JOC. Historicamente, a gênese do movimento se deu no início de 1960, efetivamente, a articulação de ex-jocistas ganha impulso com a realização periódica de reuniões para articular e desenvolver suas estratégias de ação e:

Em julho de 1960 foi realizado no Rio de Janeiro, no morro de Santa Tereza, o 1º Encontro Nacional da ACO, na realidade, a primeira tentativa de organizar o movimento que depois viria a receber esse nome. Os núcleos mais dinâmicos dessa articulação eram o Rio de Janeiro e Recife, seguidos logo depois por São Paulo e Porto Alegre. (MARTINS, 1994, p. 134).

A ACO considerava-se a “igreja” assumida pela classe operária. A ACO, no momento da sua institucionalização se define como movimento organizado de “igreja”, não só com o objetivo de levar a instituição religiosa para dentro da classe operária, mas de representá-la dentro da instituição. Normalmente, os militantes participavam da vida das paróquias procurando comprometer a instituição católica, como um todo, com a luta dos trabalhadores. A ACO procurava uma atuação legítima dentro do espaço da instituição, de forma a promover uma mudança de orientação institucional. O movimento germinou, cresceu, consolidou-se e, apesar da repressão pós-64, adquiriu uma dimensão nacional.

Outros movimentos de base católica também despontaram neste período. É o caso da *Juventude Agrária Católica* (JAC), *Juventude Estudantil Católica* (JEC), *Juventude Independente Católica* (JIC), *Juventude Universitária Católica* (JUC). Podemos dizer que a vanguarda leiga avançou rapidamente em termos políticos. O mesmo não ocorreu com o episcopado brasileiro. A JUC, por exemplo, realiza uma Assembléia Geral em Natal (1961), cujo tema era “O Evangelho como Fonte da Revolução Brasileira”. O movimento descobre o marxismo e percebe que este não provém do “diabo”, mas os facilitaria para a análise de conjuntura de forma a incorporar o método marxista dentro da prática cristã. Além disso, a JUC dialoga com militantes comunistas defendendo um ensino público e gratuito, divergindo frontalmente do episcopado, representado pela CNBB, que insiste em escolas religiosas ou, na

---

<sup>16</sup> A JOC nasceu dentro do contexto do pontificado de Pio XI. Manifestando claramente sua oposição ao comunismo e ao capitalismo, Pio XI percebeu a necessidade de uma inserção da militância leiga católica na sociedade moderna. Fundada em 1923 pelo padre belga Leon Joseph Cardijn, a JOC institucionalizou-se em finais dos anos 40 e tinha por finalidade “cristianizar” a classe operária e a ênfase da sua prática se debruçava em questões religiosas mais do que políticas. (MARTINS, 1994, p. 95-96).

pior das hipóteses, em um ensino religioso rígido de cunho confessional nas escolas públicas. A hierarquia sendo cada vez mais ameaçada e desafiada reage da seguinte forma:

Em outubro de 1962, a Comissão Central da CNBB decide cercar a liberdade de ação dos militantes da JUC. O episcopado progressista (minoridade, mas na vanguarda da CNBB) tem condições apenas de aceitar um programa de reformas, com o governo, para a resolução dos problemas sociais mais graves. Nesta linha, a V Assembléia Geral da CNBB aprova o 'Plano de Emergência', o qual, seguindo as orientações do papa João XXIII, professa a 'urgência de reformas das estruturas sociais, no sentido de uma promoção das massas subdesenvolvidas e apela à generosidade dos poderosos. (SALEM, 1981, p. 25).

Receosos com o fantasma do "comunismo", os bispos majoritários da CNBB lançam o "Plano de Emergência" em resposta também à revolução cubana, considerando que é preciso deter a "marxização" da realidade, mormente dentro de grupos católicos. Por outro lado, o episcopado progressista manifesta uma distribuição mais justa das riquezas, portanto pedem uma reforma profunda do capitalismo, conseqüentemente a sua "cristianização". Com a reorganização do aparato estatal sob o novo regime, as classes populares e os movimentos populares foram afastados. Na medida em que se afirmava um Estado autoritário sob a égide da lei da segurança nacional, a hierarquia da Igreja Católica manifestou seu apoio pregando a ordem e o entendimento entre as classes e, por medo do comunismo que é "ateu", não apoiava às lutas operárias, lideradas em geral por pessoas ligadas ao Partido Comunista:

Por ocasião do golpe militar de 31 de março de 1964, a hierarquia eclesiástica, em sua grande maioria, manteve a tradição: aderiu à nova ordem institucional e legitimou, ingênua ou conscientemente, o regime de força implantado. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), depois de acirrada disputa interna, divulgou uma declaração apoiando o movimento militar. (SALEM, 1981, p. 17).

Registramos aqui também a carta divulgada da CNBB<sup>17</sup> em 2 de Julho de 1964 sobre a situação nacional e que reflete a ala majoritária do episcopado naquele momento histórico:

O Brasil foi, há pouco, cenário de graves acontecimentos, que modificaram profundamente os rumos da situação nacional. Atendendo à geral e angustiosa expectativa do povo brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do poder, as Forças Armadas acudiram em tempo, e evitaram que se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa terra. Seria, além do mais que se pode imaginar, a supressão das liberdades as mais sagradas, e, de modo especial, da liberdade religiosa e da civil. Logo após o movimento vitorioso da Revolução, verificou-se uma sensação de alívio e de esperança, sobretudo porque, em face do clima de insegurança e quase desespero em que se encontravam as diferentes classes sociais, a proteção divina se fez sentir de maneira sensível e insofismável. De uma à outra extremidade da pátria transborda dos corações o mesmo sentimento de gratidão a Deus, pelo êxito incruento de uma revolução armada. Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertá-la do abismo iminente.

Segundo Amaral (2006), a Igreja Católica passava por profundas mudanças e, dentro de um complexo de transformações, não havia dentro da hierarquia Católica uma unanimidade em relação às suas posições político sociais. Esta postura da Igreja Católica era um reflexo, e se inscreve, dentro da própria história do Brasil. Particularmente no período de Getúlio Vargas (1930), o então arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme de Silveira Cintra, procurou reatar relações diplomáticas de forma a recuperar determinados privilégios perdidos na 1ª República devido ao agnosticismo dos primeiros republicanos:

A constituição de 1934 garantiu à Igreja os seguintes privilégios: 1) logo no início a Carta é colocada 'sobre a proteção de Deus', assinalando o fim da influência positivista; 2) os religiosos conseguem direitos cívicos; 3) a personalidade jurídica das ordens religiosas não sofre entraves; 4) permite-se a assistência religiosa às organizações militares e oficiais; 5) O casamento religioso é reconhecido pela lei

---

<sup>17</sup> A CNBB se mostrou irremediavelmente rachada diante do golpe militar. Havia dois textos, um escrito pelo bispo de Diamantina, D. Sigaud, que louvava o golpe e agradecia a Deus por ter salvado o país do comunismo. O outro texto, elaborado por D. Helder Câmara, acenava uma preocupação com o cerceamento da liberdade de ação dos movimentos católicos principalmente em favor das vítimas da perseguição. Por fim, não se chegou num acordo, os dois textos foram englobados na Declaração final. Apesar da inegável falta de unidade da declaração, o fato é que no fundamental, o texto apoiava o golpe.

civil; 6) o divórcio é proibido; 7) o Estado tem autorização para financiar a Igreja no interesse coletivo; 8) As escolas públicas podem ter o ensino religioso. (ALVES, 1979, p. 37).

Talvez um dos marcos de reconquista do poder temporal da Igreja na década de 30 tenha sido a inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Corcovado, em outubro de 1931. Preocupada mais com seus privilégios e assumindo uma postura paternalista e assistencialista diante das massas, a Igreja Católica permanece nesta postura, sobretudo quando a economia brasileira entra na fase desenvolvimentista de pós-guerra, acelerando o processo de industrialização com o governo de Juscelino Kubitschek, em 1955. O capital estrangeiro, favorecido pelos incentivos fiscais, implantava aqui grandes e modernas fábricas. O carro chefe desse processo, a indústria automobilística, criava empregos e mercado, estimulando uma economia de consumo. Mas, o desenvolvimentismo de Kubitschek excluía a agricultura, onde os latifúndios geravam miséria; a economia brasileira torna-se dependente do capital internacional e, com a industrialização, acelerava-se o processo de urbanização multiplicando-se também as regiões de periferia. Neste espírito modernizante em vigor, a hierarquia católica funda a CNBB. Dom Helder, então bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, é seu grande inspirador e promotor, ocupando o cargo de secretário-geral até 1964.

A repressão que acompanhou o movimento militar alterou gradativamente a relação Estado-Igreja, conferindo aos bispos brasileiros o papel de opositores do governo ditatorial. A imediata repressão a militantes católicos forneceu os primeiros sinais de que aquele relacionamento começava a se deteriorar. Conventos e Igrejas foram invadidos, padres foram mortos, como é o caso do padre Henrique Pereira Neto, em 1969, no Recife. D. Marcelo Carvalheira foi preso por um mês em Porto Alegre, além das prisões de frei Betto e frei Tito. Mas, o interesse da ação militar recaía em Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, e líder da ala progressista da CNBB. Os líderes do regime o consideravam membro deste “catolicismo” mais progressista ameaçador aos planos repressivos da ditadura, que visavam favorecer o crescimento econômico e assegurar a dominação política.

Além do regime militar, dois acontecimentos externos marcaram a prática da Igreja na América Latina, sobretudo na mudança de mentalidade da hierarquia católica: o Concílio Vaticano II, convocado em 1962, pelo papa João XXIII e a II Assembléia Episcopal Latino Americana em Medellín, Colômbia, em 1968. E, de fato, a implantação do autoritarismo burocrático no Brasil coincidiu com o Concílio Vaticano II (1962-65). Este reformulou a

doutrina e reescreveu a constituição da Igreja Católica de forma a responder às pressões provenientes do mundo do pós-guerra, em rápida transformação.

O Concílio legitimou inovações já em andamento na Igreja brasileira e estimulou outras. Houve também uma participação ativa de bispos – em torno de 204 bispos do Brasil - inclusive D. Jorge Marcos, primeiro bispo de Santo André da região do ABC - principalmente envolvendo a figura de D. Helder Câmara sinalizando “os problemas do exercício da justiça e da caridade, tanto pessoal como social, de modo especial em relação aos povos em vias de desenvolvimento; os problemas da paz e da fraterna união de todos os povos que formam a grande família humana”. (BEOZZO, 2001, p. 184-185).

O Vaticano II aprovou algumas resoluções então tidas como novidades: padres operários, celebrações litúrgicas em língua vernácula e maior atenção aos leigos. O Concílio, apesar da moderação dos seus textos oficiais, propiciou para que os católicos de vanguarda partissem para um processo de renovação da Igreja.

Foram ratificadas iniciativas orientadas para a justiça social e de base leiga da Ação Católica Brasileira (ACB)<sup>18</sup>, reformada por D. Helder nos anos 40 e 50. Os dois braços mais importantes da ACB eram JUC e a JOC, que enfatizavam o método da reflexão religiosa “ver-julgar-agir”, assim interpretado:

O “ver” consiste numa sucessão de observações de cada um dos presentes sobre o tema em questão (...) “julgar” implica o contraste entre a realidade observada e os valores do cristianismo, freqüentemente através da questão “como é que Jesus agiria diante disso?” (...) no “agir” trata-se de concluir sobre aquilo que aquelas pessoas poderiam fazer diante do problema. (SADER, 1988, p. 159-60).

Apresentando-se como um substituto ao sistema intelectual rígido e dedutivo, conhecido como neo-escolástico, o método “ver-julgar-agir” preconizava a observação da realidade como base para interpretar a doutrina e orientar a ação na comunidade e na política (MARTINS, 1994, p. 98). O método permeou a Igreja Católica progressista dos anos 60 e 70,

---

<sup>18</sup> A ACB foi criada pelo cardeal D. Leme em 25/11/32 sob o pontificado de Pio XI com a finalidade de afirmar um apostolado leigo na sociedade brasileira ameaçada pelo ateísmo e perda de Fé. Segundo Beozzo in *Cristãos na Universidade e na Política*, 1984 a oficialização desta organização se efetivou somente em 1935 cuja estrutura dividia-se em quatro setores: 1. Homens da Ação Católica; Liga Feminina da Ação Católica; Juventude Católica Brasileira e Juventude Feminina Católica. Esta estrutura foi, contudo, sendo modificada a partir de grupos como a JOC e conforme a própria CNBB adveio da ACB, uma vez que foi de encontros organizados por D. Helder e grupos leigos ligados ao secretariado da Ação Católica, que surgiu o projeto da CNBB.

orientando o Movimento de Educação de Base (MEB)<sup>19</sup>, a fundação das CEBs, a renovação do treinamento dos padres, os pronunciamentos do episcopado a respeito da realidade social brasileira e dos direitos humanos.

Ao modernizar a Igreja Católica, principalmente com relação à participação dos leigos, o Concílio abriu algumas “brechas”. É muito provável que a maioria do episcopado brasileiro (predominantemente composta de uma maioria “conservadora ou moderada”) que teve participação ativa em Roma, desejasse mudanças, mas na perspectiva do quadro referencial da época tridentina da Igreja e do mundo. Isso ocasionou uma dificuldade deste episcopado em perceber as mudanças e os desafios que o mundo moderno evocava (BEOZZO, 2001, p. 83). Por outro lado, o mesmo episcopado que votou nas resoluções supra mencionadas, não percebeu a amplitude dos seus gestos ou as conseqüências possíveis de abrir a Igreja Católica para um mundo profundamente marcado por problemas sociais e econômicos.

Se o Concílio Vaticano II procurou adaptar a Igreja Católica ao mundo moderno, a Conferência de Medellín (1968) procurou ajustá-la à realidade latino-americana, do chamado capitalismo dependente. Em Medellín, na Colômbia, o episcopado do continente latino-americano assume pela primeira vez a temática da “libertação”<sup>20</sup> e define-se pelos “oprimidos”, ao estabelecer como tarefa principal a criação de CEBs e demais formas de organização que incorporassem o povo à instituição católica. O encontro dos bispos em Medellín redigiu uma declaração exigindo justiça social na região e condenando o subdesenvolvimento e a violência. A declaração assinalou o início da TdL e da “Igreja dos pobres” na América Latina. No entanto, as resoluções tomadas em Medellín, embora reconheçam que o episcopado exerce uma função política eminente no seio da sociedade civil<sup>21</sup>, entendem que isto não significa absolutamente que a maioria do episcopado latino-

---

<sup>19</sup> Foi uma iniciativa conjunta do governo e da Igreja Católica para alfabetizar os pobres por meio de uma rede de escolas.

<sup>20</sup> O termo libertação é entendido por Medellín como recuperar integralmente a dignidade do ser humano, principalmente daqueles que estão à margem do desenvolvimento capitalista. Ver particularmente o texto final e que corresponde às conclusões de Medellín “A pobreza da Igreja”.

<sup>21</sup> Em seu discurso de abertura em Medellín, o papa Paulo VI determinou algumas linhas de ação para a Igreja Católica na América Latina sempre e em consonância com o então recente Concílio Vaticano II. Com relação às orientações sociais, e sem querer entrar em soluções técnicas, diz o papa: “afirmar os princípios, observar e assinalar as necessidades, declarar os valores primordiais, apoiar os programas sociais e técnicos verdadeiramente úteis e marcados com o selo da justiça, em seu caminho rumo a uma nova ordem e ao bem comum, formar sacerdotes e leigos no conhecimento dos problemas sociais, encaminhar os leigos bem preparados para a grande obra de solução de tais problemas, considerando tudo sob a luz cristã que nos faz descobrir o homem em primeiro lugar e os demais bens, subordinados à promoção total do homem no tempo e à salvação na eternidade”. (MEDELLÍN, 1968).

americano, ou mesmo brasileiro, fosse progressista e popular. Mas, Medellín foi um marco fundamental na trajetória de “popularização” da Igreja no contexto brasileiro.

O Concílio Vaticano II e as declarações de Medellín estimularam teólogos, clérigos, freiras e movimentos de “pastorais” a se dedicar aos pobres, a rejeitar as estruturas autoritárias da Igreja e a desafiar governos repressivos. Tais atividades geraram, na Igreja Católica Latino Americana, o que depois se denominou TdL, a “opção preferencial pelos pobres”, oficialmente sancionada na terceira Conferência do Episcopado da América Latina em Puebla, no México, em 1979.

O ativismo religioso no Brasil irritou o regime e os membros dos setores mais tradicionais da Igreja. O governo reprimiu o MEB por este deixar de simplesmente alfabetizar o povo para ajudá-lo no processo de conscientização do seu próprio valor, despertando para os seus problemas, buscando as causas da situação de miserabilidade que viviam. Portanto, gradativamente o MEB entendeu-se como educação de base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade<sup>22</sup>. Na medida em que o movimento mudou seu teor metodológico pautando-se por suas posições e opções políticas que questionasse o sistema vigente e as causas da miséria, o regime militar o repreendeu. O próprio regime restringiu a ação de membros da JUC e as forças de segurança nacional perseguiram e torturaram membros da JOC. Alguns membros da Igreja Católica não ficaram imunes à reação do governo. Em Paris, no ano de 1970, D. Helder proferiu uma palestra e denunciou práticas de tortura no Brasil. Após este evento, o governo proibiu qualquer menção ao seu nome nos meios de comunicação. Em 1976, um comando seqüestrou e torturou D. Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense (SALEM, 1981, p. 32-34).

Esses demonstram alguns exemplos da repressão sistemática à Igreja Católica, incluindo espionagem, monitoração de correspondência, campanhas de difamação e censura a publicações católicas como o *São Paulo*, o principal jornal da arquidiocese paulista, e o fechamento da rádio 9 de Julho<sup>23</sup> de 1964 até 1985. No final dos anos 70 e posteriormente, a Igreja Católica sofreu repressão no interior do país por defender povos indígenas e pequenos posseiros contra a ação do Estado e dos latifundiários. Em 1976, o padre jesuíta João Bosco

---

<sup>22</sup> Em 1964, no Rio de Janeiro foram apreendidos 3 000 exemplares do livro *Viver e Lutar*, por ordem do então governador Carlos Lacerda que o interpretou como incitação ao comunismo. (WANDERLEY, 1984, p. 435-444).

<sup>23</sup> [http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/jornal\\_o\\_sao\\_paulo/2008/080607/100\\_pagina\\_08\\_dom\\_paulo.pdf](http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/jornal_o_sao_paulo/2008/080607/100_pagina_08_dom_paulo.pdf).

Penido Burnier foi confundido com o verdadeiro alvo do atentado, D. Pedro Casaldáliga (2006) que combatia a desigual distribuição de terras em São Felix do Araguaia.

A repressão aos movimentos da Igreja Católica gerou novas iniciativas. No interior do Brasil, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e as CEBs elaboraram uma forma de viver a “utopia do Evangelho” pautada na justiça social. As CEBs atuavam também nas cidades junto a associações como a Pastoral Operária (PO) e clubes de mães. Os teólogos da TdL começaram a teorizar sobre como as CEBs eram entendidas por eles como o “novo modo de ser Igreja”. Sob a condução da CNBB, a Igreja Católica lançou uma campanha em defesa dos direitos humanos e passou a criticar as injustiças políticas e econômicas do regime. Em junho de 1972, durante um encontro de bispos de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, liderou a elaboração de um documento intitulado “Testemunho de Paz”. Com D. Helder silenciado pelo regime, os bispos passaram a D. Paulo a liderança da defesa pública dos direitos humanos.

Em 1973, os bispos do Nordeste redigiram um documento teológico, mas que possuía uma acentuada tônica na justiça social “Eu ouvi os clamores do meu povo”, que descrevia a pobreza do Nordeste e o descaso do governo em resolver a desigualdade social da Região. Esses manifestos irritaram profundamente os militares e acentuaram a crise entre a Igreja Católica e o Estado. A campanha pelos direitos humanos era parte da estratégia da Igreja para forçar o retorno ao regime democrático. Frente a isso, a XV Assembléia da CNBB, realizada em fevereiro de 1977, lançou a declaração “Exigências Cristãs de uma Ordem Política”, que fundamentada nas encíclicas papais, procurava delinear as bases e princípios para a construção de uma sociedade que levasse em consideração a “dignidade humana”. Curiosamente, o documento foi redigido em linguagem indireta, sem ao menos mencionar os dados da conjuntura daquele momento. (SALEM, 1981, p. 52-61).

Eram as ações concretas, e não propriamente a palavra escrita, que constituíam a principal forma de defesa dos direitos humanos por parte da Igreja. Estas ações assumiram uma forma de oposição pacífica ao regime. Padres e freiras mais comprometidos com a ala “esquerda” da Igreja católica escondiam pessoas perseguidas pelas forças do regime. O padre R., um dos fundadores das CEBs no ABC, entrevistado por nós, relata uma de suas experiências dentro do contexto do regime militar - década de 70 - em que ajudava grupos de esquerda clandestinos:

(...) Eu me lembro de alguns fatos interessantes. Existiam aqueles movimentos clandestinos a ALN (*fazendo alusão a Ação Nacional Libertadora liderado por Carlos Marighella*), VAR-Palmares (*Vanguarda Armada Revolucionária Palmares*), AP (*Ação Popular*) e vários outros, né? No auge da ditadura militar, na ditadura. Eles pegaram uma confiança muito grande em mim e na comunidade que os protegia, que os escondia, certo? E fazíamos reuniões em casas de famílias, com o pessoal da retaguarda, tomando conta do bairro para que eles não fossem presos e quando ameaçava lá embaixo... qualquer coisa estranha... passava o recado para os encarregados de rua e o pessoal saía por cima de muro e coisa e tal... eu me lembro que eu estava reunido com os estudantes da UNE, preparando o Congresso de Ibiúna e veio um aviso... foi documentos escondidos dentro de caixa d'água, dentro da descarga do banheiro, certo?, Jogados dentro de poço, certo? Gente pulando por cima de casas e muros pra não ser preso... (padre Ricardo, 70 anos)

No Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales conduzia discretamente as operações da Igreja em defesa dos direitos humanos. Com suas atitudes ambíguas em relação ao regime, D. Sales irritava tanto os católicos progressistas quanto os militares conservadores. Os progressistas reprovavam sua insistência em representar a instituição religiosa em atos cívicos junto com líderes militares. A posição neutra de D. Eugênio permitia transitar por diferentes círculos na tentativa de amenizar as seqüelas do regime militar. Apesar da coexistência entre progressistas e conservadores manifestados dentro da própria CNBB, a defesa dos direitos humanos e a habilidade de unir a oposição entre Igreja e Estado utilizando uma autoridade moral para legitimar a democracia, fizeram da Igreja Católica uma instituição central e não exclusiva para o retorno dos civis ao poder.

Um exemplo de inserção política da Igreja Católica durante o período de abertura democrática na década de oitenta foi o seu apoio às greves da Região do Grande ABC no final da década de 70. Uma das figuras representativas deste apoio foi D. Cláudio Hummes, bispo da Região no período de 1975-1996. Além dele, clérigos e religiosos aliaram-se a Luiz Inácio Lula da Silva e ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. As greves desafiavam a autoridade do regime e o bispo de Santo André, respaldado pela Arquidiocese de São Paulo através de D. Paulo Evaristo Arns, cedeu as paróquias do ABC para que recolhessem um “fundo de greve” e a realização das Assembléias dos trabalhadores depois da intervenção dos sindicatos pelo governo. Ameaçados pelo governo de forma a inscrevê-los na Lei da Segurança Nacional, o presidente Figueiredo insinua que a “CNBB não é Igreja”, o que causou uma reação contrária na cúpula da CNBB reafirmando seu apoio irrestrito as atitudes dos dois bispos paulistas (SALEM, 1981, p. 64).

Curiosamente, no início da década de 80 e com a reorganização da prática da Igreja Católica no mundo manifestada no pontificado de João Paulo II, a instituição católica se afasta gradativamente da política. Na esfera interna da instituição predominava uma resistência da ala mais conservadora em seminários, em teólogos, em livros censurados. O papa João Paulo II, temendo a influência marxista na TdL<sup>24</sup> e os padres ativistas, reafirmou a disciplina tradicional e a obediência à Tradição. Em 1985 e 86, o Vaticano silenciou o teólogo Leonardo Boff, que criticara as estruturas desiguais de poder no interior da Igreja. Vários outros clérigos e bispos foram “convidados” a diminuir a intensidade do ativismo. Enquanto isso, a emergência de movimentos populares, de organizações em defesa dos direitos humanos, do Partido dos Trabalhadores e de outros partidos pró-democracia reduziam a necessidade da presença ativa da Igreja Católica na arena política.

Muitos outros fatores contribuíram para a o esvaziamento dessas utopias políticas da Igreja Católica nas décadas de 60 e 70. Podemos sugerir aqui o crescente pluralismo religioso, o crescimento dos evangélicos, sobretudo as igrejas pentecostais “Congregação Cristã no Brasil” e “Assembléia de Deus”, o ativismo político dos neopentecostais nas décadas de 80 e 90, o crescimento de movimentos dentro do próprio interior da Igreja Católica, como é o caso do “pentecostalismo católico” representado pelo Movimento da Renovação Carismática Católica (MRCC). Sociólogos como Oliveira (1978) e Prandi (1997) identificaram que a RCC em sua origem – finais da década de 60 – esteve associada às classes médias, portanto, não era um movimento atrativo para as camadas populares que se identificavam mais com as CEBs, o que não impediu que mais adiante os carismáticos buscassem cooptá-los.

A própria RCC se apropriou do termo “libertação” e o relacionou a seu aspecto eminentemente emocional, subjetivo, garantindo conforto e tranquilidade dos seus adeptos para os desgastes do cotidiano. É o que expressa o depoimento de um padre do Grande ABC, formado na linha das CEBs e da TdL. Ele diz também que a própria CNBB, e a gestão do papa João Paulo II, deram margem para o crescimento de determinados grupos *espiritualistas*, o que acabou esvaziando a proposta das CEBs:

João XXII foi-se, Paulo VI, foi-se e veio uma linha já... com todos os méritos que ele tem do João Paulo II. Aí começou uma condenação formal da Igreja contra a Teologia da Libertação e contra as Comunidades Eclesiais de Base e que não se fala mais nisso, e a Teologia da Libertação passou a ser um nome proibido, não é? A

---

<sup>24</sup> Conforme o livro *Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, do Cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (1984) entre 1981 e 2005, sob o pontificado de João Paulo II

nomeação de outros bispos muito mais na doutrina tradicional, mudou a linha da CNBB. Um D. Helder Câmara, um D. Pedro Casaldáliga, um D. José Maria Pires, um D. Tomas Balduino, para citar apenas alguns nomes, foram sendo colocados de escanteio, tendo que se calar. A CNBB com todos os méritos que teve e continua tendo – se eu falar que não teve eu sou excomungado – então foi mudando a linha e hoje, o que acontece? Nós não temos muito mais a liberdade de construir essas comunidades de base, esses grupos, porque a pregação doutrinária da Igreja partiu para uma outra linha e não a linha que nós tínhamos, que foi a linha que eu aprendi, que eu tinha convicção e de muitos outros padres e aí começaram a surgir outros movimentos que a meu ver se parecem muito com uma linha pentecostal, usando a mesma tática, a mesma arregimentação, a mesma pregação, a mesma maneira de rezar dos pentecostais. Aí surgiram alguns movimentos... Cursilho de Cristandade, não consegui engolir!!! (*pausa*) não pregava aquela linha que nós tínhamos, movimentos como, aí eu vou apanhar deles... Encontro de Casais com Cristo (*ECC*) e atualmente, muito forte o MRCC. Eu vou para uma reunião ou encontro carismático, talvez seja uma visão subjetiva minha, mas eu vejo desligados da realidade e preocupados com lá (*apontou o dedo para cima*), certo? Então estão preocupados com a salvação eterna. Os problemas terrenos são muitas vezes, problemas que não interessam e aí entra aquilo lá, o Dom das Línguas, repouso no Espírito Santo, *as célebres celebrações de libertação*. A minha visão de libertação era a libertação das opressões que estavam aí e pegava o Evangelho para justificar certas opressões. Opressões sociais, econômicas, certo? E o que há hoje? Se houve um tempo da teologia da libertação, dos grupos de CEBs ou de Ação Católica, hoje, tem em praticamente todas as paróquias o MRCC. E, eu na minha ignorância eu não consigo entender o que é dom das línguas. Tenho que respeitar. Com a aprovação de bispos, de um monte de padres, certo? Mais chega lá diz avecháhegaláblablebla... eu não entendo o que é isto!! Eu quero entender aquilo que se falava e que eu entendia nas reuniões que eu participava, certo? (Padre Ricardo, 70 anos)

Todos estes fatores supra mencionados não impediram a cristalização de tendências mais progressistas dentro da Instituição Católica. Termos como “popular”, do “povo”, serão conceitos usados costumeiramente não somente por militantes católicos de movimentos estudantis, mas por representantes da TdL no Brasil e em toda a América Latina. Uma instituição religiosa que se posicionava a partir da justiça, da “luta”, do “fim da opressão” e não da “submissão”, do fatalismo irreversível - eram expressões que traduziam a mentalidade de *utopia social* destes grupos, nos quais se inscrevem as CEBs.

Descreveremos, brevemente, a seguir, o surgimento da TdL, suas intenções e como ela serviu de fundamentação ideológica das comunidades de base no Brasil e em particular na Região do Grande ABC.

## **1.2 A Teologia da Libertação na América Latina**

Somente quando a Igreja Católica Latino Americana acumulara uma larga experiência de trabalho pastoral popular na década de 60, através dos movimentos que registramos, é que se formula teoricamente uma teologia que deixa de ser reflexo da teologia europeia, para se tornar teologia-fonte centrada na “libertação social”. Há um aspecto nesta teologia católica que é preciso, contudo, explicitar. A teologia católica se elaborou nas faculdades teológicas romanas sob a ótica da teologia escolástica. Sua preocupação central é com a inteligência da fé, seu entendimento. Há uma intersecção possível entre fé e razão, mas a primeira possui um status de prioridade, enquanto a segunda é utilizada apenas como instrumental secundário para justificar as premissas teológicas. Esta mentalidade perdurou até a contemporaneidade e, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, alguns teólogos europeus assumiram discutir temas teológicos em confronto com as questões que as ciências e as filosofias modernas levantavam. Permaneciam, no entanto, no nível da compreensão do significado da fé.

A originalidade da TdL consistiu que ela mudou a pergunta de base. Não buscava uma simples melhor compreensão da fé cristã diante da problemática intelectual do momento presente. De acordo com Segundo (1978, p. 40), teólogo uruguaio já falecido, foi uma libertação da teologia dos moldes europeus para responder à nossa situação, sendo por isso, parte dos problemas da América Latina. O teólogo europeu se perguntava pela razoabilidade e plausibilidade da fé cristã dentro do mundo moderno. O teólogo da libertação desloca a questão: como crer num mundo de tanta injustiça e opressão? Como ser cristão nele? (BOFF, 1991, p. 11-21). Ao responder esta questão, modificou-se o método da teologia. É um método indutivo, que parte da prática das comunidades de base e todos os agentes sociais envolvidos. As respostas também se orientam para a prática destes agentes conforme mostra a experiência de seminário de um dos padres remanescentes da época do bispo D. Jorge em Santo André:

Foi a partir de 1960, 61, vamos dizer que entramos num período de nascimento daquilo que veio se chamar teologia da libertação. Um grupo começou a discutir muito mais diante de um período que nós estávamos vivendo pré-revolucionário ou pré-ditatorial pra ser mais claro, aqui no Brasil, não é? E também, no mundo e na América Latina, a gente começou ver a Bíblia e a teologia de uma maneira diferente. Depois, a mesma coisa que aconteceu com o fenômeno chamado CEBs. Viemos descobrir que aquilo que nós estávamos... trazer o Evangelho para a realidade, para o dia-a-dia, para o problema do dia-a-dia, a teologia para o problema do dia a dia... fomos aprender depois que aquilo ali tinha um nome e que foi batizada como teologia da libertação. (Padre Ricardo, 70 anos)

Segundo a TdL, o teólogo autêntico é aquele que se envolve com a práxis, de forma a articular “fé e realidade social” e levantar a suspeita de que muita teologia produzida pela Igreja Católica não provoca nos fiéis um compromisso social (BOFF, 1984, p. 35). É neste sentido que falávamos, logo no início do parágrafo, que a TdL é uma teologia-fonte, critica a teologia européia e é, ao mesmo tempo, modelo para países que possuem realidade similar aquela da América Latina.

Poderíamos dizer que houve várias fases da gestação teórica da TdL, cuja contribuição advém tanto do mundo protestante quanto do católico<sup>25</sup>. Os mais paradigmáticos representantes da TdL no Brasil, foram Rubem Alves e Leonardo Boff. Rubem Alves fez pós-graduação em 1965 na Alemanha Ocidental e lá entrou em contato com a *teoria da Dependência* de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (1970)<sup>26</sup>, a qual viria a servir de embasamento para as novas concepções teológicas em formulação.

---

<sup>25</sup>A TdL nasceu da simbiose de três pensamentos: o Evangelho Social das igrejas norte-americanas, trazido ao Brasil pelo missionário e teólogo presbiteriano Richard Shaull na década de 50, em sua obra, conforme obra organizada por Rubem Alves *De dentro do furacão: Richar Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*; a Teologia da Esperança, do teólogo reformado Jürgen Moltmann; e a teologia política, que tinha como seus grandes expoentes o teólogo católico Johann Baptist Metz, na Europa, e o teólogo batista Harvey Cox, nos EUA. O marco do nascedouro da TdL no Brasil está na publicação da obra *Da Esperança*, de Rubem Alves, que tinha o título de *Teologia da Libertação*, criticando a teologia metafísica de uma forma geral e propondo o nascimento de novas comunidades de cristãos animados por uma visão e por uma paixão pela libertação humana e cuja linguagem teológica se tornava histórica. A primeira participação católica no lançamento da TdL foi a publicação da *Teologia da Revolução*, em 1970, pelo teólogo belga radicado no Brasil José Comblin. Em 1971, Gustavo Gutiérrez publicou *Teologia da Libertação*. Somente em 1972, Leonardo Boff surge no cenário teológico com a publicação de *Jesus Cristo Libertador*. Como Rubem Alves estava exilado nos EUA neste período, Boff passou a ser o mais conhecido representante desta corrente teológica que vivia no Brasil, devido à proteção recebida pela ordem dos franciscanos, à qual ele pertencia.

<sup>26</sup> Esta teoria enfatizava que os países do Terceiro Mundo não estão ao lado dos países “ricos”, mas sim numa situação clara de opressão e dependência tanto na área econômica, política e cultural. Portanto, é necessária a “libertação” ou a emancipação frente aos mecanismos que engendram a pobreza.

Em 1968, Medellín materializa e normatiza um discurso “libertador”. Três anos depois, o peruano Gustavo Gutierrez lança seu livro *Teologia da Libertação*, posteriormente é lançado *Jesus Cristo Libertador*, de Boff (1972). A TdL procura ver a relevância teológica do compromisso dos cristãos no campo da libertação econômica, política e educacional. Segundo seus precursores, a reflexão teológica está voltada sobre a realidade, e os teólogos lançam mão dos conhecimentos acumulados pelas Ciências Sociais. A nova teologia valoriza também aspectos da religiosidade tradicional popular, procissões, certas devoções, encarando-as como um foco de resistência do próprio povo. Em continuidade à sua análise, Leonardo Boff sentenciava o confronto da fé com o escândalo da pobreza. A TdL seria, portanto, segundo a ótica dos seus fundadores, feita a partir deste lugar social, junto aos pobres<sup>27</sup>, assumindo sua causa e partilhando de suas lutas.

Nesse sentido, antes da própria TdL, já havia comunidades comprometidas com a justiça social, leigos e padres engajados com os processos de conscientização e libertação nas periferias e no campo, bispos que denunciavam as estruturas iníquas da desigualdade social e que a teologia emergiu, depois, como reflexão, como crítica, como aprofundamento desta prática libertadora. Assim, *a TdL não é outra coisa que a reflexão de uma Igreja que tomou a sério a opção preferencial e solidária para com os pobres e oprimidos* (BOFF, 1986, p. 20).

Finalmente, o capitalismo é questionado como um sistema político-econômico “anti-humano e anticristão”. O próprio Leonardo Boff afirma que *o ideário cristão é mais afim com aquele socialista do que com aquele capitalista. Não se trata de criar um socialismo cristão, trata-se de poder dizer que o ideário socialista, quando cumprido e realizado, permite ao cristão melhor viver os ideais humanitários e divinos de sua fé.* (BOFF, 1979, p. 32).

Tendo em vista este diálogo entre Teologia e Ciências Humanas, o filósofo Karl Marx passa a ser utilizado enquanto metodologia de análise da realidade latino-americana. Em vista disto, Frei Betto, um dos militantes teóricos das CEBs afirma:

Só a partir da prática dos oprimidos, da luta dos trabalhadores, podemos entender a estrutura interna desse sistema que, para perpetuar-se, gera no oprimido sua própria negação. A via teórica desse entendimento é a concepção científica da história, especialmente do modo de produção capitalista, sistematizada nas obras de Marx. (BETTO, 1980, p. 11)

---

<sup>27</sup> Aqui se faz alusão aos grupos organizados das classes populares.

Apesar das críticas veiculadas pelo Vaticano nos períodos de 1976-79 a despeito da utilização, em certas circunstâncias, do instrumental analítico marxista<sup>28</sup>, a III Conferência do CELAM ou do Episcopado Latino Americano, em Puebla no México, em 1979, reafirmou o discurso de Medellín e a “opção preferencial pelos pobres”.<sup>29</sup> É bom lembrar que a inclusão da expressão “preferencial” foi uma concessão aos conservadores, mas não chegou a desvirtuar o teor da proposta.

A TdL desbloqueou os cristãos católicos para o compromisso social, mostrando que o maior problema da fé não se fundamenta em questões dogmáticas, mas em *como* enfrentar problemas cotidianos de falta de saneamento básico, luz, escolas, à luz da tradição religiosa católica. Na atual conjuntura, a TdL conserva suas raízes históricas de elaborar teoricamente a “experiência do sagrado” nos “pobres”. Novas questões surgiram vindas das ciências, da ecologia, da antropologia, da bioética, do pluralismo religioso que ajudaram na rearticulação teórica dos teólogos militantes da TdL. A TdL influenciou a Igreja Católica na América Latina de maneira significativa. As CEBs são um exemplo disso. Elas foram e ainda são sustentadas pela TdL, pelo menos no que diz respeito aos Encontros Intereclesiais das CEBs e os materiais que dali são veiculados, traduzidos em linguagem popular, pela leitura militante das escrituras judaico-cristãs, por ser um movimento que procurava melhoria nas condições de vida e de trabalho sem perder seus referenciais religiosos e que lhes ajudava a interpretar o seu cotidiano de maneira simples e objetiva.

### **1.2.1. As Comunidades Eclesiais de Base no Grande ABC**

Para entendermos o surgimento das CEBs no Grande ABC, faremos um breve histórico da constituição das CEBs no Brasil, suas intenções originais e transformações posteriores. Pode-se dizer que sua concepção se deu pelos anos 50 e se constituíram em torno de grupos de catequistas. Possuíam um caráter eminentemente religioso sem nenhuma pretensão social ou política mais conseqüentemente. A Igreja Católica, naquele período, tinha um propósito de dar vitalidade às pequenas comunidades católicas que não tinham assistência permanente de sacerdotes, normalmente comunidades pobres e afastadas de grandes centros urbanos e que crescia consideravelmente. Assim, criaram-se pequenos grupos católicos laicos

---

<sup>28</sup> Verificar particularmente o capítulo VII sobre a *Análise Marxista* (SAGRADA, 1984)

<sup>29</sup> Conferir PUEBLA (1979), capítulo 1 – Opção Preferencial pelos Pobres.

a fim de preencherem estes espaços e o reabilitarem segundo as perspectivas doutrinárias do clero católico.

Outro motivo nos é dado por Bruneau (1974), que nos apresenta o ano de 1961 como um marco do aumento do protestantismo, cerca de 6% da população brasileira, como também a proporção de pentecostais entre os protestantes elevou-se de 38,5% nesse período para 49,4% em 1970. Segundo Guimarães (1978), o então bispo Dom Agnelo Rossi, na região de Barra do Praí, Rio de Janeiro, em 1956, fomentou a criação de comunidades de base com finalidade religiosa na tentativa de barrar o avanço dos protestantes daquela região (GUIMARÃES, 1978, p 17-19). A Igreja Católica preocupou-se não só com o crescimento dos pentecostais, mas também da “Umbanda” e dos cultos espíritas, encarando-os como uma séria ameaça a sua posição na sociedade brasileira:

Na origem da crise da qual surge uma reorientação da Igreja Católica no Brasil, encontramos uma tomada de consciência de sua perda de influência entre a população mais pobre, sobretudo a partir dos anos 50, frente ao crescimento do pentecostalismo e da umbanda e, mesmo, do mais simples afastamento das práticas religiosas. (SADER, 1988, p. 150).

O temor de perder a hegemonia no campo religioso levou alguns bispos a partirem para uma política de reconquista das massas<sup>30</sup>. Por outro lado, a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II incluía maior valorização da atuação do leigo. Com a finalidade de agilizar as propostas do Concílio, a CNBB impulsionou um plano emergencial denominado *Plano de Pastoral de Conjunto* (PPC) que articulava a prática religiosa da Igreja Católica no Brasil durante cinco anos (1966-1970). Esse plano fazia alusão à *descentralização paroquial*:

Faz-se urgente a descentralização da paróquia, não necessariamente no sentido de criar novas paróquias jurídicas, mas de suscitar e dinamizar, dentro do território paroquial, ‘comunidades de base’ (como as capelas rurais) onde os cristãos não sejam pessoas anônimas que apenas buscam um serviço ou cumprem uma

---

<sup>30</sup> Recentemente o *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil* (2003), pautado no recenseamento do IBGE, indicou um fator que provocou a crise da Igreja Católica na atualidade: o crescimento das igrejas evangélicas pentecostais. Em 2003 a hierarquia da Igreja Católica se reuniu na 41ª Assembléia Geral da CNBB em Itaici, de 30 de abril a 9 de maio. Elaboraram um documento chamado *Projeto de Ação Missionária Permanente* que teve por finalidade responder os desafios suscitados pelo recente mapa religioso. Concluíram também que “existem necessidades religiosas que não estão recebendo respostas adequadas por parte da ação evangelizadora e pastoral, mais ainda nas periferias, onde a diminuição do número de católicos é acentuada”. E acrescenta ainda “é preciso descobrir nossos limites e criar um projeto de ação missionária permanente...”.

obrigação, mas sintam-se acolhidos e responsáveis, e delas façam parte integrante, em comunhão de vida com Cristo e com todos os seus irmãos... (...) Numa sociedade patriarcal e primitiva, a paróquia forma como que uma ilha e torna-se quase auto-suficiente. Numa sociedade que se tecnifica e urbaniza, ela torna-se progressivamente insuficiente, sem condições de garantir isoladamente uma presença efetiva da Igreja. (CNBB, 1967, p. 38-39).

Foi nas áreas rurais mais pobres e mais carentes de padres – principalmente no Nordeste – que as *comunidades de base* primeiro floresceram em forma de grupos bíblicos discutindo o evangelho. Gradativamente, quando as relações entre Igreja e Estado foram se deteriorando com as constantes investidas do Estado militar contra padres e bispos, a reflexão crítica e os debates específicos destas comunidades de base (terra, água, esgoto, escolas) foram se integrando com a discussão religiosa. A idéia de “salvação”, por exemplo, foi entendida como a instauração de condições de vida mais humanas. Nesta visão, o sagrado e o profano se unem conforme o depoimento de Padre Ricardo:

“É... distinguir o espiritual do temporal. Nós devemos ver o homem como um todo... eu costumo dizer que água só é água quando existe uma união íntima entre duas partículas de hidrogênio e uma de oxigênio. Se eu separo uma coisa da outra, não tenho água. Se eu olho só para o aspecto espiritual do homem, eu estou olhando para uma parte do homem, se eu olho para a parte material do homem, eu estou olhando para a outra parte do homem, eu estou olhando para outro aspecto, eu tenho que tratar do homem como um todo, nas suas necessidades espirituais, materiais, tratar o homem ser dentro de mim. (...) Não adianta ficar falando de uma realidade, se essa realidade do povo é a fome. Eu tenho que me preocupar com a fome, o povo está com fome, vamos arranjar comida para o povo. (...) Vamos ensinar as pessoas a dividirem o pão... e Jesus pregava a justiça, aqueles que têm mais e têm em abundância, deveriam dividir com aqueles que não tinham, e há muitas encenicas de Jesus nesse sentido com a classe mais elevada que usava o poder para oprimir os pobres, para explorar os pobres. (...) Ora, nós somos irmãos, a conclusão lógica é que devemos viver como irmãos, então alimento para todos, justiça para todos, emprego para todos, habitação para todos, respeito para todos, salário justo para todos, liberdade para todos...” (Padre Ricardo, 70 anos)

Denunciam-se as carências materiais e as estruturas opressoras, embora nestas reivindicações se peça o mínimo necessário e o fim dos abusos. A reformulação de uma ética religiosa foi consequência também da práxis das CEBs no início dos anos 70. Mudam-se as

estruturas da sociedade a partir da superação do egoísmo através do engajamento dos membros contra as injustiças e o reconhecimento da dignidade, solidariedade e paz como princípios ativos de uma atitude moral.

Embora a Conferência de Medellín reafirmasse o papel da “família cristã” na preservação da moralidade que ela prega e que se vê ameaçada pelas “uniões ilegais”, “divórcios constantes”, “desordens sexuais”, a Igreja Católica manteve-se neste patamar de obediência à “lei divina”. Ao denunciar, já na década de 70, as condições econômicas do capitalismo que provocam a desagregação familiar nas camadas pobres da população, seu “combate moral” associa-se a uma “denúncia política”: *Contraposto a um catolicismo centrado na salvação individual e no conformismo político, aparece um outro tipo de engajamento católico*. (SADER, 1988, p. 147).

Houve também nas CEBs a criação de cursos de costura, marcenaria, saúde, higiene, formação de *lideranças*, alfabetização de adultos. Promoviam também sistemas de mutirão na construção de casas e centros comunitários, assim como postos médicos, escolas, casas para os mais necessitados. Tudo isso, evidentemente, ao lado de reuniões regulares para a discussão, reflexão e ação, muitas vezes feitas às escondidas e sob vigilância repressiva, mesmo quando esta iniciativa partia do clero, como nos mostra o depoimento de Padre Ricardo, que, no período da Ditadura Militar, forjava encontros às escondidas:

Nos reunimos com um grupo de padres aqui no ABC. Esse grupo era padre José Mahon, Monsenhor Antunes, Padre Walter, Padre Beno, era eu, depois veio o Padre Léo, tínhamos o Padre Praxedis e vários outros que nós nos reuníamos, não é? Nós íamos formando os grupos de leigos nos quais nós nos reuníamos. Ali na rua da Catedral do Carmo, Campos Sales, tinha uma casa antiga, agora tem um prédio ali na esquina. Ali morava uma senhora rica e nos cedia o porão, sabe? Mal sabia ela o que nós fazíamos naquele porão. O casarão ainda tá lá usado como órgão da prefeitura (referindo-se a um casarão que atualmente é chamado de Casa Amarela). A JEC era um grupo que também acabava formando na prática uma CEBs e ali nós atingíamos os colégios, Américo Brasiliense, Senador Flaquer (referindo-se à faculdade), o Instituto de Ensino de Santo André, o Júlio de Mesquita e dali eles partiam para realizar um trabalho de conscientização e reunião dentro dessas escolas que eu citei. (...) depois formamos grupos de favelas e alfabetização em bairros do método Paulo Freire, que também era uma prática da Teologia da Libertação. E aí veio o regime militar, presos, perseguidos. Eu, preso cinco vezes. (Padre Ricardo, 70 anos)

Outro aspecto também característico nas CEBs foram as publicações, as quais se fazem presentes até hoje, que versam sobre os aspectos da vida do povo e sempre com uma visão “das escrituras judaico-cristãs” de luta pela justiça social, espelham uma pedagogia de cunho popular, concreta, didática, levando os leitores a refletirem suas vidas e indagar sobre as causas da “opressão”. As CEBs buscavam unir luta política com esperança religiosa junto às classes populares, na luta pela mudança social. A própria CNBB, influenciada pelas diretrizes implementadas em Medellín, responsabilizou-se na formação de um olhar diferenciado dentro da Igreja Católica veiculando uma luta por uma ordem social mais justa. Esta nova mentalidade ganha força mediante a atuação de movimentos católicos de juventude. No Grande ABC, a JOC, ACO e posteriormente, a Pastoral da Juventude (PJ), fizeram história dentro do contexto da Região. Estes grupos tornaram-se a vanguarda dentro da Igreja Católica solidificando assim, junto com as CEBs, um catolicismo engajado na mudança social das estruturas brasileiras.

Embora constituísse e ainda constitua um movimento nacional, as CEBs não possuíam uma orientação uniforme. Há muitos pontos em comum, sobretudo na perspectiva da “utopia social” manifestada na frase “novos céus, nova terra” veiculadas pelos cantos nestas comunidades. Havia uma grande atomização em toda a dinâmica das CEBs. As diferenças entre uma área e outra são bastante acentuadas. Como exemplo podemos citar as da Região Amazônica com as dos grandes centros urbanos. Encontramos CEBs rurais e urbanas, seguindo orientações diversas, desde comunidades católicas perseguidas e combativas no Pará contra as grandes madeireiras, até comunidades nas periferias de São Paulo que fazem um trabalho de re-socialização de crianças e jovens em situação de risco e ameaçadas pelo tráfico de drogas.

Na região do Grande ABC, a Igreja Católica possui seu campo de atuação chamado de Diocese de Santo André, que nada mais é do que o conjunto de sub-regiões na qual se inserem as paróquias, hoje estimadas em noventa. Os sete municípios pertencentes a esta região, somam uma população de mais ou menos, dois milhões e oitocentos mil habitantes.<sup>31</sup>

Até o início da década de 90, a Diocese tinha uma característica eminentemente industrial com uma população composta em sua maioria de operários. Atualmente, esta característica industrial e operária está sofrendo grandes transformações e dando lugar a uma nova realidade, pois muitas empresas se transferiram para o interior do Estado ou até mesmo para outros Estados.

---

<sup>31</sup> <http://www.diocesestoandree.org.br/v2/web/diocese.asp>. A Diocese de Santo André foi autorizada e criada pelo papa Pio XII em 18/07/1954.

Esta situação criou graves problemas sociais, entre eles, o desemprego, a mendicância, a falta de mercado de trabalho para as novas gerações, etc. Com as transformações sociais decorrentes da nova situação econômica, o Grande ABC está se transformando e se caracterizando como região de grande comércio devido à presença de muitas áreas de consumo. Um outro aspecto dessas transformações está no fato da existência de grandes redes nas áreas de educação, estudo e pesquisas, pois já existem aqui grandes investimentos em faculdades e universidades.

Uma das características marcantes desta Região é o fato de servir de palco para as grandes manifestações do mundo operário em finais da década de 70. Como berço do sindicalismo, de partidos políticos e movimentos sociais diversos, a Região ficou estigmatizada também por ter abrigado e concentrado um grande pólo industrial:

(...) até o período do governo do Juscelino Kubitschek, o ABC era praticamente uma região suburbana da cidade de São Paulo, não tinha desenvolvimento, para vocês terem uma idéia, em 1963, espero não estar enganado, o maior prédio do ABC tinha seis andares, em 1963, e ficava na Rua Campos Salles, e você para vir de São Paulo para o ABC, era uma viagem. Praticamente a estrada de comunicação era a Estrada das Lágrimas, mas uma estrada de terra, pedaços de paralelepípedo, não existiam essas comunicações que nós temos aqui, e para você chegar à Anchieta, vindo de São Caetano, vindo de... de...Santo André e do ABC, era uma viagem pelo meio do mato. Então é tudo... um dormitório, porque o pessoal ía para São Paulo... tinham poucas indústrias, agora, com o governo de Juscelino, houve um grande desenvolvimento industrial no ABC, foi o Juscelino que trouxe as indústrias automobilísticas para cá, e através das indústrias, é, começou o grande desenvolvimento industrial, tanto assim, que de repente, de uma hora para outra, o ABC tornou-se o pólo industrial de toda a América latina. E, a grande propaganda, não é... em relação ao ABC, que era um local de emprego, que aqui era um local onde não havia fome. (Padre Ricardo, 70 anos)

Uma segunda característica, diz respeito à própria presença e ação da Igreja Católica, nestes quase 50 anos de sua criação, a partir dos anos 50 sob a gestão do então bispo D. Jorge Marcos de Oliveira (1954-75). A Diocese foi criada, na história da Região do Grande ABC, aconteceu juntamente com o início de sua industrialização e conseqüente urbanização.

O desenvolvimento efetivo das CEBs na Região é relativamente recente. Aparecem paralelamente junto às greves de 78-80 que nela ocorreram. No período da gestão de D. Cláudio Hummes (1975-96) estimava-se cerca de 180 comunidades em 1981, encontradas nos

sete municípios do ABC e integradas junto ao movimento sindical e operário (SALEM, 1981, p. 158). Estes indicadores se inscrevem aos dados levantados também de maneira imprecisa por frei Betto (1981, p. 17), que calculou, também em 1981, um número expressivo de oitenta mil comunidades no Brasil. Se a denominação “CEBs” surge em finais da década de 70 no Grande ABC, podemos dizer que o quadro das lutas populares ou até mesmo a dinamização de capelas e paróquias começou antes, através de uma novena, um encontro para refletir o “evangelho” etc.

Para exemplificar bem essa questão, o depoimento de Padre Ricardo salienta que o termo CEBs nasceu depois. O que nasce primeiro é a mobilização do povo, a constituição de movimentos de resistência, trabalhos pequenos de conscientização. Foi uma reação à forma antiquada de pastoral, de catequese, de vida espiritual e também de atividade política, na medida em que a CEB incluía fins sociais gerais:

A minha participação e a minha idéia em relação a isto começa antes de eu ficar padre. Eu, sem precisar uma data Nólia, porque o nome surgiu depois. Embora, quando o nome tenha surgido, eu já tinha percebido que eu estava em grupos engajados, com grupos fazendo isto daí, o que veio a ser denominado CEBs depois. 1958, 1959, 60, eu já tinha percebido que eu já estava engajado em certos grupos que mais tarde vieram ser denominados CEBs. Ou até antes de 58, quando eu estudava ainda em Botucatu e dentro do próprio seminário Botucatu, nós tínhamos aqueles grupos que até de uma maneira proibida para refletir aquilo que não nos era oferecido dentro do seminário. Mas, nós tínhamos aquele grupinho que a gente refletia sobre a atualidade da época. Nós refletíamos a nossa própria vida, a nossa própria atuação, dentro da vivência, das circunstâncias. (...) tínhamos uma atuação nos meios onde vivíamos que depois descobrimos que aquilo que nós fazíamos era aquilo que veio a ser denominado a CEB. Era uma comunidade eclesial porque estávamos na Igreja. Base, porque eram alguns ali e tentávamos influenciar os outros, mudar a opinião deles, levá-los a ter uma postura, e isto é o que as CEBs faz diante da realidade, tá? (Padre Ricardo, 70 anos).

Não podemos entender o surgimento das CEBs no ABC fora da gestão do bispo D. Jorge Marcos de Oliveira (1954-75) denominado “bispo dos operários” pelo próprio D. Cláudio Hummes e intitulado por Heloisa Helena T. de Souza Martins em sua tese de doutorado pela USP como “bispo vermelho” (1994). Os dados biográficos de Dom Jorge Marcos de Oliveira dão conta que ele nasceu no Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1915. Em 1929 entra para o seminário de São José no Rio de Janeiro. Em 1934 veio para São Paulo,

onde estudou no seminário católico central do Ipiranga, permanecendo até 1940. Em 08 de Dezembro de 1940 ordenou-se sacerdote na igreja Nossa Senhora do Saete no Rio, por D. Sebastião Leme. Lecionava latim, português, introdução à literatura brasileira e francesa. Foi assistente da JUC e diretor de obras de vocação. Entrou em contato com o Centro D. Vital, criado pelo Cardeal Leme, que tinha como objetivo principal recuperar o “prestígio” da Igreja Católica no campo religioso brasileiro. Formava intelectuais católicos de classe média e se assentava a partir de duas influências ideológicas: uma advinda de um “cristianismo fascista” apregoado por Jackson de Figueiredo, e outra de cunho mais humanista defendida por Jacques Maritain, pautado no “centralismo democrático”. Sob sua influência, D. Jorge elaborou um conceito de filosofia cristã, segundo a concepção de Jacques Maritain, que ajudasse não só no debate intelectual dos grandes problemas da época, mas também que se transformasse em resolução prática. Antes da sua nomeação como bispo da Diocese de Santo André, tomou contato com as favelas e subúrbios do Rio de Janeiro, o que o ajudou a elaborar melhor sua tática de ação. (MARTINS, 1994, p. 63-64)

Em solo andreense, cuja posse foi dada em 12/09/1954 pelo cardeal Giovanni Piazza, D. Jorge assumiu a direção da Catedral Nossa Senhora do Carmo, onde foi saudado pelo prefeito de Santo André Fioravante Zampol. Segundo o padre Belizário Elias de Souza, atual presidente do Conselho Deliberatório do Lar Menino de Jesus e o primeiro padre<sup>32</sup> a se ordenar pela Diocese de Santo André em 1958:

Encontravam-se na praça da Catedral os colégios religiosos, o tiro de Guerra e uma multidão calculada em mais de cinco mil pessoas. Foi encerrada a solenidade na Catedral com o *Te Deum*. (...) Foi o primeiro contato de D. Jorge com a cidade de Santo André, com os diocesanos de todas as cidades do ABC, cuja população era estimada em 350 mil habitantes. (CINQUENTA..., 2006, p. 11)

D. Jorge assume sua opção ideológica favorável aos operários e não por ser uma região ameaçada pelos “comunistas”. Em entrevista com José de Souza Martins, sociólogo da USP, este diz que apreciou a postura política de D. Jorge quando este chega a Santo André:

Sou de uma geração que viveu a chegada, na região do ABC, de dom Jorge Marcos de Oliveira, um bispo politizador por excelência. Apesar de não estar vinculado

---

<sup>32</sup> Jornal A Boa Notícia [http://www.diocesasantandre.org.br/v2/jornal/aboanoticia\\_mai\\_2006.pdf](http://www.diocesasantandre.org.br/v2/jornal/aboanoticia_mai_2006.pdf). Distribuição gratuita, elaborado pela Diocese de Santo André

diretamente à Igreja Católica, pois eu era membro da Igreja Presbiteriana e, portanto, calvinista, aproximei-me de dom Jorge várias vezes. (MARTINS, 1997)

Noutro momento diz:

Venho de uma região que teve um dos chamados bispos progressistas, que me impressionou muito no período em que eu trabalhava na fábrica. Seu nome era dom Jorge Marcos de Oliveira. Era um homem que ia apoiar greve na porta da fábrica, para escândalo dos padres, que ficavam horrorizados com sua atitude. (MARTINS, 1997)

O ABC foi a região mais esquerdista do Brasil, dos anos 30 aos anos 50, e São Caetano, em particular - meu foco de interesse -, teve o maior reduto de comunistas de toda a América do Sul, formado por trabalhadores imigrantes, geralmente espanhóis, operários das fábricas. Muitos foram presos no rastro da chamada Intentona de 1935. Houve grande repressão em Santos e no ABC, mortes, desaparecimentos, deportações. O medo de minha mãe era a forma assumida pela memória dessa violência, uma memória de silêncios e recriminações. Em 1947, o Partido Comunista elegeu, sob uma outra sigla, um prefeito e a maioria dos vereadores da Câmara Municipal de Santo André, que abrangia toda a região, menos São Bernardo. Foi o único município do Brasil em que isso aconteceu, e todos foram cassados no dia da posse. No ato da posse, a polícia já estava esperando para que eles não assumissem seus cargos. (MARTINS, 1997)

Além de assumir a coordenação junto às dezesseis paróquias existentes na Diocese, D. Jorge começou a participar ativamente de movimentos, tornando-se amigo de dirigentes comunistas, sindicalistas, da JOC, etc. O fato dele assumir uma região em rápido desenvolvimento industrial, e conseqüentemente de mão de obra, objetivava estancar o crescimento do comunismo entre a classe operária, redirecionando-a novamente para os princípios cristãos. Havia três preocupações do novo bispo: a) alto índice de migrantes que chegavam do Nordeste; b) a situação de precariedade das famílias e o descaso pelas crianças abandonadas e c) a repressão e o tratamento que os operários recebiam do poder público (MORAES, 2003)<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> O próprio D. Jorge foi vítima de repressão policial. O bispo recebeu a coronhada durante uma Assembléia dos trabalhadores na greve da Fábrica de Biscoitos Aymoré. Conf. Dissertação de Maria Blasioli Moraes em História Social pela Usp, 2003.

Estava elaborado o plano de ação “pastoral” e “evangelizador” de D. Jorge. Uma das suas primeiras iniciativas foi a criação do Lar Menino-Jesus<sup>34</sup> e o seu engajamento nas lutas operárias da Região. A participação em greves foi outro particular das atitudes de D. Jorge e do engajamento operário na região. Heloisa Helena Martins refere-se a um depoimento do bispo, que afirmava que não se posiciona de forma paternalista diante do movimento operário. Procurava animá-los respeitando sua autonomia e descobrindo suas potencialidades.

Por outro lado, sinaliza Martins, D. Jorge possuía também limitações e ambigüidades, e isso valia também para o clero que o acompanhava, devido a postura que tomavam diante do conflito entre capital e trabalho. A postura de realizar uma política *conciliatória* entre os membros das “empresas multinacionais” e os operários refletia o contexto de uma época marcada por fortes *personalismos e populismos*. (MARTINS, 1994, p. 79). Hoje, antigos membros do clero, principalmente Padre Ricardo, diocesano e Padre Mahon, da congregação *Filhos da Caridade*, talvez uns dos últimos remanescentes da gestão D. Jorge, reconhecem sua importância para os operários e para as transformações de mentalidade dentro da própria Igreja da região. Mas, não é o que julga o Padre Ricardo, decepcionado e se sentindo isolado frente ao bispo atual e o novo perfil clerical presente na diocese de Santo André:

Eu tenho uma teoria... será?...será? que a igreja que está aí é a mesma dos sonhos e dos projetos de Jesus Cristo? Será que ela está de acordo com os Evangelhos? Será que Jesus Cristo, êta!!! Vou ser excomungado... será que Jesus Cristo fundou realmente uma Igreja? Ou deixou princípios? certo? você conheceu o Padre Walter?? (*sinalizei que sim com a cabeça*). Eu paro e fico pensando no que o Padre Walter falava e que outros padres falam e que, às vezes eu adoto como posição minha, em certas ocasiões... O Padre Walter, era constante isto, se... como que ele falava? Esta igreja que está aí não é a igreja de Jesus Cristo porque a igreja de Jesus Cristo exigia outra maneira de ser, sabe? Muitas vezes eu fico pensando nisto também. Bom, respeito. Outros têm direito de pensar de outra maneira, mas não é pelo fato de eu estar aí dentro da Igreja que eu sou obrigado a pensar igual os outros. (Padre Ricardo, 70 anos).

---

<sup>34</sup> Idealizada e fundada por D. Jorge, a instituição comemorou em 2006 os seus cinquenta anos de existência. Atualmente a instituição se inscreve dentro de uma prática de responsabilidade social acolhendo e dando suporte a meninas e meninos de famílias de baixa renda. A associação é estruturada a partir de cinco casas: 1. Casa Santa Terezinha, internato feminino; 2. Casa São Caetano, internato masculino; 3. Casa Santa Mônica, atendimento a mãe menor e solteira em regime de internato; 4. Casa Santa Leonilda, internato misto objetivando triagem das pessoas assistidas e 5. Casa Santo Alberto, atendimento misto em complementação ao horário escolar. Esta última casa surgiu em 1981 por reivindicação das CEBs e passou a denominar-se *Centro Comunitário Dom Jorge*.

D. Jorge, conhecedor da Doutrina Social da Igreja, procurou colocar em prática seus princípios e, se aproximando da realidade social do ABC, atraiu vários padres e em 1961 a diocese recebeu padres-operários: *Um assistente geral da Congregação Filhos da Caridade veio ao Brasil, em 1960, ver se havia espaço, no País, para a atuação dos padres operários. Esteve em várias cidades e em todos os lugares lhe indicavam que a Diocese do ABC era o local mais adequado* (MARTINS, 1994, p. 65). Em 1969, com a saúde precária, desencadeou todo um processo que culminou com sua renúncia em 30/12/75 quando assumiu D. Cláudio Hummes que, desde maio de 1975, tinha sido nomeado bispo coadjutor e que tomou posse desse cargo em junho do mesmo ano. Em maio de 1976 foi acometido por um enfarte e debilitado continuou exercendo funções de vigário geral. Veio a falecer dia 28/05/89 e está sepultado na capela São José da Catedral do Carmo, em Santo André.

Dom Cláudio Hummes, assumindo posteriormente a diocese de Santo André, não dispunha de muito conhecimento da região, no entanto procurou se aproximar do trabalho efetivado por D. Jorge junto aos padres-operários e militantes da PO. Em 1978 irrompeu a primeira grande greve dos metalúrgicos. A PO<sup>35</sup> e as CEBs tiveram uma participação recolhendo *o fundo de greve, na distribuição dos alimentos, na divulgação das decisões das assembleias impedindo que as forças policiais desarticulassem o movimento* (SALEM, 1981, p. 129). Em 1978, houve um crescimento na organização da PO, incentivado pela participação dos cristãos nas grandes movimentações de operários do ABC.

Em 1979, na segunda grande greve, a PO propôs para D. Cláudio não só um pronunciamento da Igreja Católica, mas uma participação mais efetiva e pessoal junto aos grevistas. Apoiando suas reivindicações e respeitando suas decisões, D. Cláudio disponibilizou as estruturas da Diocese para coleta e distribuição de fundos para as famílias. Com a intervenção do sindicato pelo governo, os trabalhadores ficaram sem lugar para se reunir e segundo D. Cláudio *minha casa se transformou em um ponto de encontro da coordenação da greve em Santo André, o mesmo acontecendo com a Matriz de São Bernardo*

---

<sup>35</sup> A pesquisa também se pautou em documentos da Pastoral Operária de Santo André (atas de reuniões das coordenações diocesanas, atas das assembleias, relatórios de retiros, relatórios anuais de atividades, cartazes e folhetos). A PO surgiu na Diocese em 3 de Julho de 1973. O conselho pastoral da região reuniu alguns casais para refletir sobre a Pastoral Operária e Evangelização dos Trabalhadores. Eram os chamados grupos operários, mais atuantes no Parque das Américas. Em 1975, surgiram grupos no Jardim Zaíra (Mauá) dando enfoque maior à realidade do interior das fábricas: falta de segurança, desrespeito às leis trabalhistas, pressões, demissões etc. Em 1975, D. Cláudio Hummes reuniu, no colégio Sagrado Coração de Jesus (hoje também Faculdade), em Santo André, pessoas interessadas em trabalhar com operários. A preocupação girava em torno da realidade dos operários e a maneira de promover maior aproximação entre os trabalhadores e a Igreja. A partir daí, formaram-se grupos de Pastoral Operária congregando-se militantes de diversas regiões do ABC que na época contou com a assessoria do padre Carlos Tosar. Os primeiros grupos fixos em paróquias surgiram na Igreja Nosso Senhor do Bonfim (Parque das Nações) e na Cidade São Jorge.

*do Campo*. O próprio D. Cláudio evitou uma política *conciliatória* como o seu predecessor, D. Jorge. Assumiu: *A Igreja tinha que ficar ao lado dos injustiçados, e não fazer média. Só admito a mediação em situações onde não esteja claro quem está com a razão. Mas quando há clareza, de forma alguma. A opção tem que ser pelos injustiçados.* (SALEM, 1981, p. 130).

O ano de 1980 marcou 42 dias de greves. Foi lançado um documento intitulado “mensagem dos trabalhadores Cristãos do Grande ABC”, assinada por D. Cláudio, PO do Grande ABC e ACO. D. Cláudio comunicou também que o controle dos fundos de greve passaria a ser orientado pela Diocese, atitude que trouxe uma retaliação à Igreja Católica de Santo André e ameaças de enquadramento do bispo na Lei de Segurança Nacional, juntamente com o cardeal D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo.

Avaliando a postura do seu “engajamento cristão”, D. Cláudio assume também que a função da Igreja não é “tomar o lugar” daqueles membros que realizam adequadamente determinados serviços ao bem comum. O que devem fazer, o que devem reivindicar e como se dá o processo de reivindicação, esta postura cabe a dirigentes de sindicatos e partidos. Um bispo ou padre *não podem pretender liderar ou organizar uma greve de trabalhadores. O que lhes compete é servir e evangelizar* (HUMMES, 1983, p. 44). Podemos considerar que o germen das CEBs se encontrava na base dos movimentos ACO, JOC e, posteriormente a PO na região do ABC. A metodologia das CEBs, ver-julgar-agir, foi incorporada por estes movimentos quase que naturalmente. Embora a autodenominação CEBs e toda a estrutura que lhe comporta emergiu em finais da década de 70 no ABC, isto não significa que ela já não fosse experimentalmente instrumentalizada na atuação tanto de membros leigos católicos como representantes da hierarquia no Grande ABC. O próprio método utilizado tanto por D. Jorge como por D. Cláudio, mormente naqueles contextos históricos supracitados, propôs um “trabalhar *com* o povo” e não “*para* o povo”. Não percebemos que os bispos citados agiram como uma espécie de vanguarda que tentou cooptar os operários, mas também temos que guardar com atenção que a intenção da Igreja Católica no ABC não se distanciou de uma mentalidade de recristianização da sociedade nos moldes católicos.

Assumindo uma postura mais de retaguarda, D. Cláudio se diferenciou do seu predecessor pelo fato de se apoiar em uma ética com elevada disciplina moral, procurando sempre observar as normas e a hierarquia. Já D. Jorge assumia como postura uma ética da responsabilidade que se subordinava ao exame das circunstâncias e dos fatores condicionantes. Procurava se “engajar” em movimentos estudantis e operários e dali refletia as conseqüências: *Percebemos que o Bispo, sensibilizado pelo apelo do Vaticano, mas*

*também pela realidade vivida pelo operariado, foi envolvido pelas questões e pelos problemas apresentados pela população, o que o levou a atuar decisivamente em defesa desta.* (MORAES, 2003, p. 37). Em sua trajetória, depois que se desligou da Diocese de Santo André em 1996, D. Cláudio assumiu brevemente o arcebispado de Fortaleza, organizando uma campanha de arrecadação de fundos para instalar uma retransmissora da TV católica Rede Vida, incentivou as vocações e participou ativamente da Campanha da Fraternidade de 97, que tratou do problema dos presídios. Durante esse tempo, porém, a ênfase dada aos movimentos ligados à espiritualidade, como a Renovação Carismática, em detrimento das pastorais sociais e CEBs, rendeu a dom Cláudio a marca de um arcebispo conservador, imagem contrastante à do líder que apoiou operários e enfrentou polícia e empresários.

Esse bem articulado entendimento entre bases e cúpula no período de D. Jorge e D. Cláudio, habilitou a Igreja Católica para a função protagonista, buscando uma posição mais forte diante do poder público. Com o fim do regime autoritário e o processo de *restauração católica* durante o pontificado de João Paulo II, houve uma desmobilização e até a deslegitimação da *TdL* e das CEBs, esta identificada aqui como uma forma possível de vivenciar e reinterpretar a tradição do catolicismo oficial romano a partir do seu próprio registro cultural. Ao privilegiar os “movimentos espiritualistas”, inspirados numa teologia de salvação individual e desmantelar as CEBs, a Cúria romana retirou a sua hegemonia na Igreja da América Latina. Elas perderam visibilidade e poderíamos supor que tivessem desaparecido no atual quadro de pluralismo religioso da sociedade contemporânea e também, mediante o crescimento do *pentecostalismo católico*. Mas, continuam presentes nas zonas rurais e periferias urbanas. Mas será que esta assertiva é válida para a periferia do Grande ABC? Há que se questionar se as CEBs na Diocese de Santo André continuam alimentando a utopia de um *novo céu e uma nova terra* e servindo de paradigma para os movimentos sociais ou isso apenas ficou na memória de muitos militantes da região, já que as CEBs hoje são vistas como mais um movimento dentro da Igreja institucional.

## **CAPÍTULO 2**

### **COMPROMISSO CRISTÃO X COMPROMISSO SOCIAL**

O objetivo inicial deste capítulo é analisar a relação entre religião e política a partir do compromisso social expressado nos encontros intereclesiais. Esses Encontros referem-se a momentos em que as CEBs de diversas regiões se encontram para partilhar suas experiências e refletirem sua atuação. De acordo com Teixeira (1996, p. 13): “Os Encontros Intereclesiais, além de espaço privilegiado da partilha de experiências e reflexões das comunidades de base, constituem-se também um rico manancial de animação da vida das CEBs”.

Desses encontros, que se iniciaram em 1975, levaremos em consideração para esta análise os temas e as pautas de discussão, tentando identificar as principais tendências e avaliar até que ponto refletem o conteúdo utópico proposto nos núcleos das CEBs.

No intuito de alcançar este objetivo inicial, apresentamos todos os Intereclesiais em seqüência, e apontamos de forma sintetizada suas preocupações em cada um dos encontros. Procuramos também efetuar uma divisão no sentido de entender a real dimensão de sua atuação religiosa, influenciada principalmente pelas diretrizes do Concílio Vaticano II, em especial no trato com as demais religiões cristãs e com as representações indígenas e afro-brasileiras. Por outro lado procuramos, no campo político, identificar a carga ideológica e sua origem, chegando à Teologia da Libertação e ao educador Paulo Freire (1989) como fontes que serviram de inspiração para o trabalho pelas CEBs desenvolvido.

Outra preocupação deste capítulo é situar o trabalho das CEBs junto ao movimento sindical brasileiro, em especial na região do ABC que, à época do nascedouro das CEBs, alimentava a esperança dos trabalhadores da indústria que crescia empurrada pelo vento favorável da industrialização brasileira. Para isso iremos efetuar um breve levantamento do movimento sindical, da organização dos trabalhadores em greves, do nascedouro da CUT; para podermos, assim, ter uma visão mais abrangente de como se deu a aproximação desses agentes.

## 2.1 Religião e política nos intereclesiais

A nova articulação da Igreja Católica entre política e fé, iniciada com o rompimento entre o regime de padroado praticado pela Igreja em relação ao Estado como consequência da repressão severa do regime militar, o resgate da leitura bíblica nos meios populares e a reflexão sobre as nuances da Teologia da Libertação, movimentaram as CEBs e abriram a oportunidade de reflexão sobre temas pertinentes à situação política e social, como também a discussão a respeito de um maior compromisso social por parte da Igreja:

O fechamento da conjuntura política e o bloqueio dos vários canais de expressão popular, favoreceram a atuação da pastoral popular e seu compromisso com a causa da vida. A situação de agravamento da pobreza do povo, da violação dos direitos humanos e da repressão generalizada consolidou a urgência do compromisso de engajamento social de setores da Igreja, particularmente aqueles envolvidos com as CEBs. Nesta ocasião, a conjuntura eclesial mais ampla estimulava este compromisso social (TEIXEIRA apud SANCHEZ, 2001b, p.125)

Em 1975 tiveram início os Encontros Intereclesiais de CEBs. No campo religioso os intereclesiais procuravam materializar o espírito conciliador. Especialmente no caso do Brasil, que já manifestava uma realidade propícia a este tipo de ação, as demandas sugeridas no Concílio Vaticano II em relação ao diálogo com outras Igrejas e religiões e com outros setores da sociedade, já estavam em andamento. A demanda por um Reino de Deus na terra pela institucionalização de uma sociedade mais justa, formou, dentro do campo religioso, uma utopia que foi incorporada como padrão dentro do esquema sistemático das CEBs; até porque esse seria um meio eficiente de oficializar uma crítica social mais incisiva ao sistema, uma vez que figuraria como modelo de uma organização que fosse ao mesmo tempo social e eclesial.

Desta forma, atuando como modelo crítico de uma sociedade injusta, ferida pelas mazelas da injustiça social, as CEBs teriam, em contrapartida, o remédio que poderia curar essa ferida, tendo como fórmula a própria constituição comunitária, ecumênica, solidária, entre aqueles que acreditavam no Reino de Deus como solução para os problemas sociais do mundo. Nesse sentido, importa situar as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), que ao mesmo tempo influenciaram e foram influenciados pela Teologia da Libertação, traziam a esperança de uma nova vida e de libertação aqui mesmo na terra, trariam consequências no *modus operandi* das CEBs.

Como as CEBs, em muitas vezes, inspiram-se nos temas propostos e discutidos no Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), buscando relacioná-los à vivência de suas comunidades, importa ressaltar a importância do CELAM dentro do universo católico, especialmente na América Latina.

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) foi fundado em 1955, com sede em Bogotá na Colômbia. Coerente com sua natureza e missão, tem se empenhado em assumir e viabilizar as diretrizes do Concílio Vaticano II, que marcaram o rumo das cinco grandes Conferências gerais do episcopado latino-americano, entre as quais a mais recente, realizada em maio (2007) na cidade de Aparecida do Norte. O CELAM é um órgão que não manda nas dioceses, mas contribui com elas, dando diretrizes para um envolvimento maior no espírito missionário da mesma. De modo geral, são discutidos os problemas e desafios da Igreja e, dentro da realidade do continente, apresentadas diretrizes para sua caminhada.

Importante destacar a existência de realidades comuns em todas as Conferências realizadas até aqui, o que caracteriza uma clara sintonia e continuidade entre elas (do Rio em 1955 até Aparecida 2007). As últimas quatro são uma resposta ao estímulo nascido pelo Espírito Santo no Concílio Vaticano II. Em cada Conferência geral, há continuamente uma busca permanente na renovação na Igreja.

Retomando a questão das CEBs, no campo religioso o trabalho realizado nas bases concretizava-se nos encontros intereclesiais que vinham favorecendo a abertura de novos paradigmas para a própria Igreja Católica Romana. Sanchez (2001a, p.117) fala em “resgate da dimensão comunitária”, “nova abordagem do papel dos leigos”, “nova inserção da Igreja e de seus agentes nos meios populares”, “nova relação entre fé e política”, bem como uma atuação mais austera no mundo da política. Todas essas expressões apontam para um compromisso político e social inédito. Outra dimensão trabalhada nos encontros intereclesiais era a abertura ecumênica.

Desde o I Encontro, realizado em 1975 em Vitória, ES, cujo tema foi “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus” até o último realizado em 2005, em Minas Gerais, orientada sob o tema “CEBs, Espiritualidade Libertadora – Seguir Jesus no compromisso com os excluídos”, foi forte a preocupação ecumênica. Já no primeiro encontro houve a presença evangélica ainda na preparação do mesmo. De acordo com Sanchez (2001b, p.25), neste primeiro encontro esteve presente também a Comunidade de Taizé, originária da França, de origem Protestante. A principal característica desta comunidade é a experiência comunitária e monástica, ambas consideradas pioneiras entre os protestantes.

Houve uma reflexão sobre o vínculo existente entre as CEBs e as classes populares, promovendo a aproximação entre as dimensões religiosa e política. Com esta proximidade, buscou-se a promoção de uma maior justiça social, levando o povo a refletir questões pertinentes à injustiça e opressão. De fato “o I Intereclesial tinha como objetivo central “delinear o perfil e descobrir as características futuras da Igreja nova que nasce no meio do povo” (TEIXEIRA, 1996, p. 27). Essa perspectiva eclesiológica tinha um importante ênfase social: a igreja nasce no meio do povo. Ao mesmo tempo, foram promovidas a reflexão e tomada de consciência do estado opressor em que vivem as grandes massas populares. Foi forte no encontro a influência da Teologia da Libertação e das idéias defendidas pelo educador Paulo Freire. Ao todo participaram deste encontro 70 pessoas<sup>36</sup>.

O II Encontro, realizado em Vitória, ES, no ano de 1976, teve como tema “Igreja, povo que caminha”, e contou com a presença do Sociólogo Jether Pereira Ramalho, evangélico, membro da Igreja Congregacional, que, segundo Sanchez (2001b, p.25), fez parte da equipe de assessores do encontro. Mais uma vez ficou evidente o empenho e esforço pelo ecumenismo, como também a reflexão sobre problemas pertinentes ao homem do campo, em especial as tensões por ocupação e uso das terras. Nesse encontro foi forte o apelo pela luta sindical como forma de promover conquistas e ampliação de reivindicações das classes trabalhadoras. Ganhou destaque, nesse encontro, a troca de experiências, facilitada pela organização em grupos de trabalho, e foram debatidos temas voltados à terra, política partidária, sindicato, periferia das cidades e modelos de igreja nas dimensões tradicional e renovada.

Participaram deste encontro 100 pessoas. Segundo Teixeira (1996), o povo já estava melhor preparado para entender que a religião poderia ser assumida como processo de libertação. De fato, isto pode ser sentido pelo teor das discussões e pelos temas que foram levantados, os quais propiciaram uma abertura em relação à visão do uso de agentes sociais como a organização dos trabalhadores e os sindicatos:

Como forma de organização dos pequenos falou-se muito da importância dos sindicatos, enquanto instrumento e ferramenta para a conscientização e união dos lavradores. A relação da luta de organização do povo com o Evangelho foi descrita pelos participantes como desdobramento natural da relação entre fé e vida (TEIXEIRA, 1996, p. 35).

---

<sup>36</sup> Além dos animadores leigos e agentes de pastoral, participaram o arcebispo de Vitória, Dom João Batista Motta, seu auxiliar Luís Fernandes e mais cinco bispos. A assessoria teológica foi composta por Leonardo Boff, Carlos Mesters, Gerard Cambon, Marcelo Carvalheira e Eduardo Hoornaert, Thomas Bruneau

No próximo encontro, III, ocorrido em João Pessoa, PB, em 1978, o enfoque foi sobre a libertação, por isso teve como tema “CEBs: Igreja, povo que se liberta”. É especialmente destacada a influência das diretrizes do Concílio Vaticano II expressas em documentos como a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, que no próêmio [solidariedade da Igreja com a família humana universal] reza: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.

Estiveram presentes, além do sociólogo supracitado que participou do Encontro anterior, outros três representantes evangélicos, além de enviados de outras expressões religiosas. Foram refletidas questões pertinentes à pobreza, bem como fórmulas capazes de promover sua supressão. O importante deste encontro é que as questões foram conduzidas a partir da subjetividade, sendo, por isso, uma reflexão pessoal, na busca de cada um pelos motivos de sua pobreza e de que maneira superá-la. No entanto, não foram excluídos mecanismos sociais que pudessem contribuir para tal “neste processo as diversas organizações populares (associações, sindicatos, partidos políticos) foram apresentadas como “ferramentas” capazes de contribuir nesta transformação” (RODRIGUES, 2002, p.25). Ao todo participaram do encontro 200 pessoas.

O IV Encontro ocorrido em Itaicí, SP, em 1981, teve como tema “Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação”. Este encontro marcou o compromisso político das CEBs junto aos movimentos populares. Havia presente no encontro 280 pessoas.

O tema geral desse encontro sofreu uma divisão em 4 temas específicos. O primeiro voltava-se para a participação da Igreja a serviço do povo, no qual foi feito um panorama da pobreza e das situações experienciadas por algumas regiões particularmente no aspecto do sofrimento e da opressão.

O outro enfoque foi a solidariedade no local de moradia, em que foi feita uma discussão a respeito do trabalho que as próprias comunidades realizam em seus bairros e no campo.

O terceiro enfoque recaiu sobre a política, em como as comunidades estão trabalhando esta questão junto às comunidades.

Finalmente, a justiça no mundo do trabalho ficou como tema do último dia do encontro, como forma de resumir todo o esforço desenvolvido ao longo das discussões e debates.

O V Encontro, ocorreu em Canindé, CE, no ano de 1983 e o tema foi “CEBs: povo unido, semente de uma nova sociedade”. Estavam presentes mais de 500 participantes. Também nesse encontro foram ricas as trocas de experiências entre os participantes. Foi feito um olhar crítico à própria estrutura das CEBs, e uma análise das resistências externas e internas, a primeira no campo da Igreja e a segunda da realidade do próprio contingente que formava as Comunidades. Os grandes problemas discutidos nesse Encontro foram a falta de terra (no campo e na cidade), a proletarização dos agricultores, o desemprego, a seca no Nordeste e a fome.

Em relação à questão dos problemas internos, especialmente os de ordem econômica, ficou claro que esse é justamente um elemento motivador do espírito de luta: “Elas significam igualmente a base para a emergência de uma nova consciência popular, consciente das desigualdades existentes e mobilizada no compromisso de sua superação” na opinião de Teixeira (1996, p. 61).

O VI Encontro, realizado em Trindade, GO, entre os dias 21 a 25 de julho de 1986, foi orientado pelo tema “CEBs, povo de Deus em busca da terra prometida”. De acordo com Sanchez (2001a, p.283), a presença evangélica se consolidou de fato a partir deste Encontro. Neste encontro, os evangélicos saíram da base organizativa dos eventos e se inseriram de fato nos eventos celebrativos. Além disso, foi maior a participação de Igrejas:

Em Trindade, pela primeira vez nos Intereclesiais, houve a participação de um grupo expressivo de evangélicos: era um total de dezenove pessoas provenientes de seis Igrejas: Igreja Episcopal do Brasil (quatro), Igreja Metodista (três), Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo” (uma), Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (três), Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (cinco) e Igreja Congregacional (três). Entre essas dezenove pessoas, três fizeram parte do grupo de assessores: Júlio de Santa Ana, da Igreja Metodista; Jether Pereira Ramalho, da Igreja Congregacional, e Olavo Nienow, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Nesse sentido, Trindade significou uma nova etapa no caráter ecumênico dos Intereclesiais (SANCHEZ, 2001a, p.130).

O VI Encontro discutiu também problemas pertinentes às nações indígenas, trazendo à baila discussões sobre saúde, educação, terra e demais questões que contribuem para a marginalização deste povo. Outras questões abordadas dizem respeito ao racismo, especialmente contra os negros; como também problemas de discriminação que atingem as mulheres, entre outros. O que se buscou foi encontrar caminhos para a criação de uma

sociedade mais justa e igualitária, e de que forma os componentes das CEBs podem contribuir para os movimentos populares e para promover maior representatividade dos excluídos. Estavam presentes neste encontro 1.647 pessoas.

No VII Encontro, realizado em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, entre os dias 10 a 14 de julho de 1989, com o tema “CEBs: Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação”, é observado um salto qualitativo, e a participação de católicos e evangélicos chega a ser rotulada de “trabalho de parceria” (SANCHEZ, 2001a, p.284). Esse salto pode ser interpretado a partir do conteúdo da carta dirigida às comunidades pela Comissão Ampliada do VII Encontro, que relatava a participação de mais de cem irmãos e irmãs de diferentes Igrejas<sup>37</sup>. A participação dos evangélicos foi sentida nas comissões preparatórias, nas equipes de serviços, na hospedagem e na coordenação. Os relatórios emitidos dão conta da participação de 19 países latino-americanos e de 12 Igrejas evangélicas. O número de participantes deste encontro foi de 2.550 pessoas.

Importa ressaltar a preocupação velada de alguns setores conservadores da Igreja Católica em relação à presença evangélica nos intereclesiais. Essa preocupação ficou bastante evidente por ocasião do VIII Encontro, realizado em Santa Maria, RS, em 1992, cujo tema foi “CEBs: Culturas Oprimidas e a Evangelização na América Latina”, que diferentemente dos demais gerou um impasse em relação ao trabalho conjunto entre católicos e evangélicos. O tema mostrou-se oportuno, uma vez que o Brasil chegava aos quinhentos anos do descobrimento e muitos dilemas surgidos à época do descobrimento ainda deixavam seqüelas na vida do povo brasileiro. Assim, aliado às comemorações do 5º Centenário, ocorreram reflexões sobre os desafios ainda a serem vencidos.

Os dados dão conta da participação de 2.238 delegados, 88 representantes latino-americanos e 106 evangélicos. A própria definição de “Encontro Ecumênico” foi questionada por Dom José Ivo Lorscheiter que insistiu no fato do encontro ter a presença evangélica, mas não ser rotulado de ecumênico. Esta postura radical foi, segundo Sanchez (2001a, p.159), uma “ducha de água fria”<sup>38</sup> e um golpe frente a tudo que havia sido conquistado até agora e foi “um dos elementos que levou a uma mudança no caráter do Intereclesial e na redução do número de evangélicos no VIII Encontro Intereclesial”.

---

<sup>37</sup> Participaram cento e vinte pessoas pertencentes a doze Igrejas evangélicas (Presbiteriana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Evangélica Luterana do Brasil (IELB), Assembléia de Deus, Presbiteriana Unida, Presbiteriana Independente, Batista, Pentecostal Santuário da Fé, Evangélica de Confissão Reformada, Congregacional, Metodista do Brasil e Igreja do Nazareno) e a Igreja Anglicana (SANCHEZ, 2001, p.136).

<sup>38</sup> Expressão utilizada por um dos entrevistados da pesquisa.

Também o problema de outras culturas religiosas foi trazido à tona, e bastante discutida a questão da inculturação, causando profunda repercussão na vida das comunidades e na sua relação com a Igreja. Principalmente dos negros e das mulheres vieram fortes reivindicações, como também das comunidades afro-brasileiras.

Posterior a este encontro, e em consequência de alguns embates nele ocorridos, em especial em relação ao reconhecimento das religiões indígenas e afro-brasileiras, alguns bispos buscaram promover debates sobre as intereclesiais, o que ocorreu em vários momentos diferentes, não apenas no período pós-encontro, mas também posteriormente<sup>39</sup>

O IX Encontro ocorreu em São Luis, Maranhão, entre os dias 15 a 19 de julho de 1997, com o tema “CEBs, vida e esperança das massas”, contando com 2.700 participantes. Neste encontro foi feita uma homenagem aos mártires, homens e mulheres, que entregaram sua vida por amor aos irmãos. Em conjunto com os evangélicos, que mesmo ressentidos com os fatos que ocorreram no Encontro anterior continuaram a participar, houve uma celebração da Palavra Viva de Deus na Bíblia. O grande enfoque foram os problemas que atingem as grandes massas, avaliados a partir do método “ver, julgar, agir”, adotado a partir da 3ª Conferência de Puebla, acrescido dos métodos avaliar e celebrar, acrescentados pela comissão organizativa das CEBs. Ganham destaque problemas de natureza religiosa, como a atuação das CEBs no catolicismo popular, como também na relação ecumênica e inter-religiosa, em especial em relação às religiões afro-brasileiras e indígenas. A questão do pentecostalismo não foi refletida apenas pela perspectiva das Igrejas pentecostais, mas também pela perspectiva da renovação carismática, o que permitiu aprofundar ainda mais a temática em torno do ecumenismo e da cooperação prática entre as religiões.

O X Encontro ocorreu em Ilhéus, Bahia, entre os dias 11 e 15 de julho de 2000. O tema escolhido foi “CEBs, povo de Deus 2000 anos de caminhada”, com 3063 participantes. Grandes temas foram contemplados neste encontro como a visualização das “luzes e sombras” da caminhada da Igreja.

Em virtude da comemoração dos 500 anos de conquista do Brasil, foi feita também uma retomada da caminhada da Igreja local durante esse período.

---

<sup>39</sup> O tema “CEBs e Intereclesiais” faria parte da pauta da Assembléia Geral da CNBB a ser realizada de 28 de abril a 7 de maio de 1993. Também na reunião do Conselho Permanente da CNBB realizada de 25 a 27 de agosto de 1993, foi dedicado um grande espaço para o debate sobre os intereclesiais; na reunião de 23 a 26 de novembro de 1993, o Conselho Permanente da CNBB aprovou a Carta às Comunidades Eclesiais de Base. Em Brasília, foram realizados dois encontros entre os representantes da CNBB e membros da Comissão Ampliada Nacional, assessoria e secretariado do Intereclesial das CEBs (24 e 25/06/1994 e 03 e 06/04/1995).

As CEBs celebravam seu 25º aniversário, segundo elas, de trabalho em diversas frentes, visando melhorar a relação entre as pessoas e a promoção da justiça social, enfocando para seu vínculo à Cristo e à Igreja primitiva, que optava por acolher os pobres e ajudá-los no enfrentamento de seus problemas junto aos poderes dominantes.

Foram essenciais para ajudar a pensar essa questão, o lema "CEBs, memória e caminhada, sonho e compromisso", e os sub-temas "Comunidades que lutam pela justiça"; "Comunidades que participam e servem"; "Comunidades que unem fé e vida"; "Comunidades que celebram"; "Comunidades de irmãs e irmãos"; "Comunidades em diálogo no ecumenismo, na causa afro-brasileira e na causa indígena".

O XI Encontro ocorreu em Ipatinga, MG, entre os dias 19 e 23 de Julho de 2005. Dos 3.806<sup>40</sup> participantes, 3219 eram delegados, 112 assessores, 89 indígenas, 288 convidados, sendo aproximadamente 3.000 leigos e leigas, 420 religiosas e religiosos, 380 padres, 50 bispos católicos e 2 anglicanos. O tema deste encontro foi "CEBs, Espiritualidade Libertadora – Seguir Jesus no compromisso com os excluídos".

Do ponto de vista das demais expressões religiosas, a abertura não tem ocorrido na mesma dinâmica, pelo contrário, tem havido uma persistente marginalização, principalmente no tocante às religiões indígenas e afro-brasileiras. Essa marginalização já gerou alguns conflitos exacerbados, como os ocorridos em 1978, por ocasião do III Encontro, e em 1992, por ocasião do VIII Encontro, nos quais as lideranças dessas religiões exigiam reconhecimento e legitimidade.

Uma prova substancial desta problemática está no texto do Primeiro Encontro da Comissão de Diálogo CNBB-CEBs, de 1995, que em relação ao ecumenismo fala em "abertura", ao passo que se refere ao diálogo inter-religioso como uma temática da qual há questões que "necessitam aprofundamento".

Raízes historicamente plantadas na colonização vieram somar-se ao aspecto de natureza eclesiológica. Um ato que parecia estar circunscrito ao âmbito estritamente religioso acabou por revelar uma continuidade disfarçada de problemas de ordem étnica, conseqüência da pulverização, aniquilamento e falta de reconhecimento de indícios cristãos nas religiões praticadas na aurora do descobrimento, ironicamente sob a tutela de índios e negros, considerados raça inferior. Nesse sentido, Sanchez (2001a, p.289) recorda as palavras de Dom Pelé sobre tais episódios:

---

<sup>40</sup> O aumento da participação nos últimos intereclesiais, não representa o fortalecimento das comunidades de base, contudo é um indicativo da melhor organização da coordenação dos encontros, que se mobiliza incentivando as bas es no envio de delegados para a participação do evento.

O incidente causou mais impacto por apresentar outra dimensão que nada tinha a ver com ecumenismo ou macro-ecumenismo: era a discriminação racial. Era como se o gesto dissesse: “O que é de negro, inclusive as expressões religiosas, é inferior e não pode ser equiparado às expressões religiosas dos brancos”. Isso não aflorou ao consciente por que preconceito não se situa no nível do racional.

É importante ressaltar, porém, em que nível ocorre a falta de dialogicidade. Nesse sentido, é conveniente destacar o que Sanchez (2001a, p.289) chama de “dupla pertença religiosa”, isto é, a circulação de católicos em ambientes de religiosidade afro-brasileiras. A receptividade de muitos católicos a tais cultos e práticas estranhas ao cristianismo, no entanto, cria um sentimento contraditório que coloca de um lado os leigos participantes dos encontros intereclesiais para quem a presença de pessoas originárias destes cultos africanos é vista com tranqüilidade, e do outro os setores majoritários da hierarquia da Igreja, para quem essa é uma questão difícil de lidar:

As entrevistas e os questionários aplicados nesta pesquisa permitiram descobrir que, pelo menos entre os leigos participantes dos Encontros Intereclesiais, a presença de pessoas dos cultos afro com dupla pertença religiosa é aceita com tranqüilidade [...]. A resistência à dialogicidade se dá por parte de setores majoritários da hierarquia católica que têm muita dificuldade em conviver com a diferença e com a divergência (SANCHEZ, 2001a, p.290).

A preocupação hoje observada nos encontros já destoa em relação aos objetivos iniciais, e não apenas isso, mas a estrutura operacional das CEBs é cada vez menos ocupada por leigos.

Porém, não apenas questões ligadas à religiosidade fazem parte da mesa de discussão dos encontros. No âmbito da política muita coisa também é refletida. Na verdade, o surgimento das CEBs acompanha o movimento pendular do período histórico entre repressão, que vai do período entre 1969 a 1973 durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici, e abertura política, iniciada em 1974 com a posse do General Ernesto Geisel.

Sanchez (2001b) ressalta o fenômeno de articulação entre fé e vida, bem como o resgate de um estudo popular da Bíblia. O autor sugere que alguns fatos, resultantes do período de repressão, favoreceram esse fenômeno. Segundo ele:

O fechamento da conjuntura política e o bloqueio dos vários canais de expressão popular, favoreceram a atuação da pastoral popular e seu compromisso com a causa da vida. A situação de agravamento da pobreza do povo, da violação dos direitos humanos e da repressão generalizada consolidou a urgência do compromisso de engajamento social de setores da Igreja, particularmente aqueles envolvidos com as CEBs. Nesta ocasião, a conjuntura eclesial mais ampla estimulava este compromisso social (TEIXEIRA apud SANCHEZ, 2001b, p. 24).

Foi nesta época que começou a ocorrer os encontros intereclesiais, que pretendiam reunir representantes das comunidades para discutir temas de interesse comum a todos e socializar as experiências vividas<sup>41</sup>. Novamente, importa ressaltar o caráter utópico da visão de mudança social. Isto implica numa politização e tomada de consciência dos atores sociais, o que precisaria reorientar o trabalho das CEBs, outrora desvinculado do campo político.

O modelo característico das CEBs, outrora marcado por expressões ideológicas e políticas desvinculadas dos apelos da fé, tratando tais realidades como incompatíveis do ponto de vista da expressão religiosa autêntica, agora segue um caminho contrário. Segundo Oliveira (2001, p.6) “as CEBs ligam Fé e Política [...] como imperativo ético de ação transformadora do mundo”. Isso promoveu uma maior articulação entre as duas dimensões de vida dos sujeitos delas participantes, porque torna possível compatibilizar os vieses políticos e eclesiais, ou seja, faz com que as pessoas atuem no raio de ação político sem desprezar suas convicções e ações no campo religioso.

Como podemos observar, a questão política teve um enfoque prioritário nos intereclesiais, enfoque este que perdurou principalmente até o VII encontro, quando as temáticas de natureza política foram consideradas amadurecidas. De acordo com Sanchez (2001a, p.155) a utilização do termo “culturas” no tema do VIII encontro já assinalava uma mudança em relação ao que deveria ser priorizado a partir de então. O motivo de migrarem da política para a cultura, ele próprio explica:

A reflexão teológica latino-americana, desenvolvida até então, tinha como chave central na análise da realidade as dimensões política e econômica e, na maioria das vezes, não havia dado muita atenção às outras dimensões da realidade social como cultura, etnia e gênero (SANCHEZ, 2001a, p.155,156).

---

<sup>41</sup> A socialização como fenômeno principal ocorreu até o VI Intereclesial, de GO. A partir daí, devido ao número sempre crescente nos encontros, a tônica passou a ser o caráter celebrativo, embora a socialização ainda ocorra com menor relevância. (SANCHEZ, 2001b, p.25).

Libânio (1993) também se refere a esta mudança de postura em relação ao que deveria ser discutido a partir de então. Segundo ele “as reflexões sobre fé e política já tinham chegado a certo grau de maturidade e já não davam muito de si. Tornavam-se muito repetitivas” (LIBÂNIO, 1993, p.791).

O número de participantes das assembleias e intereclesiais não são um indicador do crescimento das CEBs, mas da eficiência e organização da assessoria nestes encontros. Entretanto, as assembleias, que tinham um papel construtor de utopias e transformador da sociedade, passaram ao caráter celebrativo, no qual os delegados encontram-se para descontração e troca de experiências.

Um exemplo foi o 11º Encontro Intereclesial<sup>42</sup> que propunha reunir as Comunidades como sinal profético da esperança – a espiritualidade libertadora e a utopia de construir o Reino de Deus e um mundo solidário. Entretanto, observou-se mais uma espiritualidade animadora do evento que a antiga utopia de libertação, origem da TL.

Outro dado importante é que as assessorias têm avaliado as CEBs com base nos delegados nacionais. Em participação numa das reuniões da coordenação dos grupos de CEBs de São Bernardo do Campo, criticavam a escolha dos delegados, por não representarem as comunidades da paróquia. Foram escolhidos como delegados: um dos dois padres da paróquia, por representar o clero, mas “*não participa nem apóia as CEBs tanto quanto deveria*”, uma religiosa, escolhida pelo padre, que também não participa das CEBs, e mais três paroquianos que não participam diretamente das CEBs... “*participaram das CEBs na ocasião de preparação para o Intereclesial. E depois... Não voltaram mais.*” Em outras palavras: os aproximadamente 240 militantes das CEBs não foram representados pela delegação das CEBs.

---

<sup>42</sup> Assembleia Nacional das CEBs.

## 2.2 O movimento operário no ABC e a Igreja Católica

O movimento operário é antigo na História do Brasil, remontando o século XVIII. Gouvêia (2006) cita o historiador Edgar Rodrigues, que fala em movimentos desta natureza ainda no tempo do trabalho escravo, com estes organizando-se através de juntas de alforrias, irmandades e confrarias. As organizações operárias não são, portanto, fenômenos da República, embora nela viessem a florescer e ganhar vulto.

Na verdade, é a partir da terceira década do século XX que a classe proletária do Brasil começa a constituir-se por vias de fato com o objetivo de participação e luta:

A partir da terceira década do século XX, a classe proletária do Brasil, que formava uma massa heterogênea com sujeitos das mais diversas origens, ideologias e aspirações, deixava de ser apenas uma expressão numérica para constituir uma forma potencial em processo de rápida consolidação, passando, paulatinamente, a adquirir características de uma classe definida em torno de uma série de reivindicações comuns (GOUVÊIA, 2006, p.149).

O Grande ABC ganha destaque em pleno período de Ditadura Militar (1964-1985), com o crescimento expressivo da produção industrial, mais especificamente no ramo automobilístico. Importa ressaltar que nesse período, o movimento sindical, forte até então, sofreu uma grande pressão por parte do governo e, principalmente na década de 1960, foi implacavelmente golpeado pelo governo militar.

De acordo com Sória-Silva (2005), a década de 1960 promoveu o desmantelamento do movimento sindical. Apenas no intervalo de três anos (1964-1967), os maiores sindicatos, que contavam com 5 mil filiados ou mais, sofreram intervenção numa faixa de 70%. Já os sindicatos menores, que contavam com 1 mil a 5 mil filiados, sofreram intervenção em 40%; enquanto que aqueles que contavam com menos de 1 mil membros, em 20%.

Essa ruptura na força sindical contribuiu para uma opressão da força trabalhadora. Foi uma intervenção com requintes de violência, que produziu torturas, prisões e até assassinatos de líderes sindicais e simpatizantes. Se não conseguiu extinguir os sindicatos, conseguiu pelo menos alinhar sua atuação à do governo, pois eram inseridos neles lideranças interventoras mancomunadas ao poder governamental. Sob o domínio de tais lideranças, espalhou-se a prática assistencialista, promovendo o governo e agindo no sentido de perpetuar a dependência e a manutenção da pobreza na população de base. Sória-Silva (2005) fala na

evolução do assistencialismo como eficiente no sentido de desmobilizar os sindicatos, enfraquecendo sua principal fonte de inspiração que é a luta por uma maior valorização da força do trabalho e, por meio de conquistas, uma mais justa distribuição da riqueza social.

Essa situação só começou a mudar no final da década de 60, início da década de 70, quando começa a haver uma mobilização sindical a partir de uma resistência que conseguiu sobreviver ao período mais crítico da ditadura. Esta força resistente atuou principalmente nas brechas e caminhos deixados pelos interventores, conseguindo reconquistar o espaço perdido junto aos trabalhadores.

Embora revivendo de forma tímida<sup>43</sup>, o processo de mobilização dos trabalhadores no final dos anos 70, gerou um ciclo de greves de dimensões sem precedentes na história recente do Brasil. Esse movimento, conhecido como “novo sindicalismo”, foi fundamental para assegurar que, ao contrário do que haviam planejado os estrategistas do regime militar e os líderes da “oposição oficial”, a classe trabalhadora tivesse participação ativa e autônoma no processo de redemocratização do país. Os primeiros sinais de retomada do movimento sindical ocorreu em 1973 e 1974, por meio de movimentos grevistas isolados em fábricas de São Paulo e do ABC.

Desde 1977, o movimento sindical vinha mostrando, de forma bastante clara, que estava disposto a aparecer em cena como ator importante<sup>44</sup>. Aproveitando uma informação que foi veiculada pelo Banco Mundial, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo inicia uma forte campanha em prol da reposição de 34,1% nos salários, por conta de uma suposta fraude detectada nos índices de inflação, fraude esta que foi cometida no auge da ditadura militar, em 73/74, pelo então Ministro da Fazenda Delfim Netto, durante o Governo do General Emílio Garrastazu Médici. Começaram, a partir de então, a realizar-se grandes assembléias nos sindicatos.<sup>45</sup>

Exatamente no dia 12 de maio de 1978, dois meses depois de uma paralisação de 800 funcionários da Mercedes-Bens, inicia-se, na fábrica de caminhões Scania Vabis, em São Bernardo do Campo, a primeira de uma longa série de greves que ficaram conhecidas como as greves dos braços cruzados, das máquinas paradas. Tratava-se de um tipo de greve na qual os

---

<sup>43</sup> Há o registro de uma única greve em 1971, 11 em 1972 e 31 em 1973 (FARIA *apud* SÓRIA-SILVA, 2005, p.74).

<sup>44</sup> <http://www.cutrj.org.br/historia.htm>

<sup>45</sup> Gôuveia (2006, p.173, 174) faz questão de destacar que, contrário ao que se pensa, o ressurgimento dos sindicatos e o enfrentamento da ditadura não nasceu no ABC Paulista, mas em Contagem (MG), no mês de abril de 1968, quando trabalhadores suspenderam o trabalho reclamando reposição de perdas salariais. Em seguida, esse fenômeno se repetiu em Osasco (SP), no setor metalúrgico, servindo de inspiração para o movimento ocorrido em 1978 na fábrica da Scania, em São Bernardo do Campo.

trabalhadores permaneciam nos seus postos de trabalho sem, no entanto, trabalhar. Em poucos dias, como se fosse um rastilho de pólvora, a onda grevista atinge os metalúrgicos de São Paulo e dali chega a várias categorias. São fábricas, bancos, servidores públicos, motoristas, marítimos, professores, enfim, o movimento operário, ou movimento dos trabalhadores do Brasil entra em cena para ficar.

As reivindicações possuíam duplo caráter: econômico e político. Nestas greves foram exigidos aumentos para que houvesse uma compensação dos anos de arrocho salarial. Junto com isso lutava-se por liberdade e autonomia sindical, direito de organização no interior dos locais de trabalho e direito de greve. Foi feito um repúdio ao governo militar, pelos trabalhadores, com uma palavra de ordem constante: “Abaixo a Ditadura Militar”<sup>46</sup>.

Nas lutas isoladas de cada fábrica ou nas primeiras lutas de categoria, começa a fazer-se sentir nas bases a necessidade de unificação dos trabalhadores para poder ter maiores conquistas. Apenas com um movimento operário legítimo e devidamente organizado poderiam ser levadas adiante as lutas por melhorias no salário e nas condições de trabalho da classe trabalhadora.

O ano de 1979 avança nesse sentido, ou seja, a greve passa a ser uma experiência vivenciada por camadas cada vez mais vastas de trabalhadores em todo o país. Uma outra tradição inicia-se nesse período: as grandes greves de longa duração. Desta forma, São Bernardo tornou-se a referência da resistência operária para todo o Brasil. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, passa a ser a liderança operária mais conhecida no país inteiro. E é justamente sob sua direção, que os metalúrgicos de São Bernardo irão a repetidas greves, que ocorriam com frequência anual.

Citando Frei Betto, Gouvêia (2006, p.366) ressalta que as greves do ABC “só se viabilizaram em virtude do apoio que tiveram dos movimentos populares, particularmente aqueles que tinham influência da Igreja Católica”. De fato, a reorganização do movimento sindical brasileiro foi possível devido a alguns fatores identificados por Sória-Silva (2005, p.76):

Para isso contribuiu, em primeiro lugar, a existência relativamente intacta da estrutura sindical oficial – que os governos militares tentaram controlar, não destruir –, a qual forneceu uma infra-estrutura administrativa e um volume de recursos capazes de viabilizar a realização de muitas greves, encontros, reuniões, conferências, publicações, etc. Outro fator foi exatamente a ascensão de uma nova

---

<sup>46</sup> <http://www.cutrj.org.br/historia.htm>

geração de sindicalistas em geral sem ligações com as organizações políticas de esquerda do período populista, as quais eram monitorados pelo Ministério do Trabalho e pelos aparelhos repressivos. Desta forma, as jovens lideranças puderam progredir sem serem barradas seriamente pela repressão. Por fim, o apoio e solidariedade prestada por setores progressistas da Igreja Católica, os quais davam cobertura aos ativistas sindicais, especialmente durante os anos mais duros do terror oficial

O novo sindicalismo contava, então, com a confluência de sindicalistas, oposições sindicais e a militância católica. Esta militância católica se deu principalmente a partir de 1976 quando, segundo Sanchez (2001a, p.122, 123), alguns fatos abalaram a hierarquia da Igreja e colocaram-na em oposição direta ao regime de ditadura. Entre os fatos, o autor destaca a morte dos padres Rodolfo Lukenbein e João Bosco Penido Burnier; o seqüestro de Dom Adriano Hipólito, bispo da Diocese de Nova Iguaçu, e a censura oficial sistemática ao nome de Dom Helder Câmara. Tais fatos foram interpretados pela Igreja como prática de violência e arbitrariedades, rompendo definitivamente a aliança até então observada entre Igreja e Estado. Desde então, e também influenciada pela II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín, e a publicação da exortação *Evangelii Nuntiandi*<sup>47</sup>, de Paulo VI, a Igreja se posicionou definitivamente em favor de reivindicações de diversos organismos da sociedade civil, em especial a classe trabalhadora, e isto ocorreu principalmente por meio das CEBs que se articulavam na defesa dos que eram perseguidos e presos.

A partir de então aumentou a representatividade dos sindicatos, e a evolução no número de greves viria a comprovar uma nova relação entre o Estado e as classes trabalhadoras. Um quadro representativo dessa evolução é apresentado a seguir

---

<sup>47</sup> Por meio das CEBs seria possível, assim, conciliar a questão da luta da classe trabalhadora, mas também conciliar nesta luta a busca pela libertação maior, ofertada por Jesus Cristo. Isto é principalmente salientado por meio deste documento que declara ser incompleta qualquer conquista que rejeite a salvação proclamada por Cristo "a Igreja... rejeita a substituição do anúncio do reino pela proclamação das libertações humanas, e proclama também que sua contribuição para a libertação não seria completa se descuidasse de anunciar a salvação em Jesus Cristo. (Ela)... não identifica nunca a libertação humana com a salvação em Jesus Cristo, porque sabe... que não é suficiente instaurar a libertação, criar o bem-estar e o desenvolvimento para que chegue o reino de Deus" (PAULO VI, 1976, n°s 34 e 35).

**Figura 4. Quadro evolutivo das greves**

Ano	Número de greves	Número de grevistas	Jornadas perdidas
1978	118	142.000	1.821.239
1979	246	1.770.790	20.784.615
1981	150	622.895	6.980.376
1983	393	874.637	13.214.087
1985	927	1.323.387	76.559.350
1987	2.188	6.162.748	132.301.887
1989	3.943	18.378.623	246.422.449

Fonte: (NORONHA *apud* SÓRIA-SILVA, 2005, p.80).

Em 1º de maio de 1980, tanto Lula quanto toda a diretoria do sindicato são presos devido a uma intervenção ocorrida no sindicato, no entanto esse dia do trabalhador é marcado por uma comemoração histórica ocorrida nas ruas de São Bernardo com a presença de aproximadamente 100 mil manifestantes, desafiando o impressionante aparelho repressivo.

Neste dia, no estádio de Vila Euclides, trabalhadores do Brasil inteiro levaram sua solidariedade aos grevistas metalúrgicos de São Bernardo, parados desde 1º de abril, e que continuariam paralisados por mais 11 dias. A união da classe se concretiza nessa grandiosa e gigantesca manifestação.

A organização da classe trabalhadora se deu principalmente pela organização dos trabalhadores em sindicatos, idéia essa que foi amadurecida em quase dez décadas de luta, sendo que em 1981, foi consolidada a idéia de se fundar uma central única capaz de representar a classe trabalhadora, algo discutido amplamente na Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT) realizada em 1981<sup>48</sup>. Vale ressaltar que esta sigla significou, também, Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, nome que recebeu em virtude do Congresso realizado nos dias 26 a 28 de agosto de 1983 e que lançou as bases da fundação da Central.

Assim, surge no cenário sindical brasileiro, em 1983, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a qual veio desafiar as leis corporativistas e autoritárias que proibiam a existência de centrais sindicais, dando, desta forma, caráter permanente a essa presença organizada do movimento operário no cenário político nacional.

<sup>48</sup> A CONCLAT teve significado decisivo para a reformulação do velho sindicato. Afinal, dela participaram 480 sindicatos urbanos, com 3.108 delegados, 384 sindicatos rurais, com 969 delegados, 32 associações de funcionários públicos, com 48 delegados, 176 associações pré-sindicais, com 875 delegados, 33 federações urbanas, com 90 delegados, 17 federações rurais, com 134 delegados, e 4 confederações (agricultura, professores, trabalhadores em comunicações e serviços públicos), com 22 delegados. (GOUVÊIA, 2006, p.181).

A CUT é como uma árvore com duas grandes raízes principais, uma formada pelas Oposições Sindicais, muitas das quais conquistaram sindicatos de categorias-chave, como metalúrgicos, bancários, trabalhadores em transportes, químicos, petroleiros, trabalhadores rurais, nas maiores cidades do país; outra formada pelos "sindicalistas autênticos" (assim eram chamados na época), que eram dirigentes sindicais combativos, que durante os anos difíceis da ditadura disputaram, individualmente, um espaço no interior das diretorias. Parte desses dirigentes sindicais avançou gradativamente, até alcançar hegemonia na diretoria de seus sindicatos.

Já no seu primeiro estatuto, segundo Gouvêia (2006, p.183), a CUT, em seu artigo 2º, se identifica como organismo que atua na “defesa intransigente dos direitos, das reivindicações e dos interesses gerais ou particulares dos trabalhadores brasileiros, **bem como do povo explorado**”<sup>49</sup>.

### 2.2.1 Ações da Igreja

Na região do ABC floresceram os Círculos Operários Católicos, que desde a década de 30 tiveram importância crucial nos movimentos e reivindicações junto à classe trabalhadora. De acordo com Martins (1994), em 1937 foi constituída a Confederação Nacional dos Círculos Operários, que serviu para mensurar o tamanho do movimento, que nesta época já contava com cerca de 34 Círculos devidamente organizados, com um contingente de mais de 31.000 membros espalhados por cerca de cinco estados brasileiros.

À época, o caráter deste movimento baseava-se na troca entre Igreja e Estado. Enquanto o Estado garantia função significativa à Igreja, esta, por sua vez, preocupava-se com a formação de líderes populares que mobilizavam as massas na submissão ao pacto social populista, com serviços que variavam desde a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho até a construção de hospitais, clubes etc.

Não obstante o caráter paternalista observado nesses movimentos, contudo, era possível observar a tentativa de penetração junto à estrutura sindical no intuito de formalizar a organização de um sindicato cristão paralelo. Esta tendência foi observada principalmente até

---

<sup>49</sup> Grifo nosso.

o golpe de 1964, que veio resultar numa indicação de interventores oriundos de militantes cristãos oriundos de tais Círculos Operários.

Martins (1994) cita um exemplo prático do envolvimento destes Círculos Operários, representativos da Igreja, junto à classe operária. Isto ocorreu na década de 60 (1962-1966) na Igreja do Carmo, em Santo André, freqüentada por algumas pessoas influentes dentro do mundo empresarial e também um grupo de Congregados Marianos, formado de operários. Sem perder seu caráter religioso, foi observado o desenvolvimento de uma preocupação de cunho político e social junto aos afiliados, na época. As discussões giravam em torno de problemas de natureza moral, religiosa, sexual, social e política, porém com enfoque nos problemas relacionados à vida e trabalho dos operários.

Outro movimento de expressão junto aos trabalhadores foi a Juventude Operária Católica (JOC), fundada em 1923, e que em 1948 conseguiu atingir relevância nacional, estabelecendo, inclusive, vínculos junto a JOC internacional. Sua atuação inicial estava baseada em duas dimensões, religiosa e social. Em 1954, porém, no Primeiro Congresso da Região Sul da JOC a mesma apresentou-se com o seguinte objetivo: “encontrar a fórmula que permitirá a ‘coexistência pacífica’ entre o Capital e o Trabalho”.

Em relação ao trabalho exercido pelos sindicatos, a JOC defendeu, em 1956 durante a Semana de Estudos da Região Sul:

O sindicato único, espécie de autarquia, ao lado do jogo político, cuida de uma assistência social enganadora e se preocupa, exclusivamente, com o aumento do salário. Daí o problema sério que temos que enfrentar hoje em dia, pois, devemos nos bater pela pluralidade sindical para podermos formar líderes autênticos para o Brasil e cuidar não só do salário justo mas, principalmente promover a elevação do nível cultural e moral dos trabalhadores em geral (MARTINS, 1994, p.97,98).

Na pauta de reivindicação da JOC estava uma vida mais decente para o trabalhador, melhores condições de moradia, saúde, alimentação, cumprimento das Leis trabalhistas, e isto sem o uso da repressão policial, etc. A defesa de pontos considerados chaves dentro da sociedade, implicava na defesa de uma sociedade baseada nos princípios da justiça e da caridade. No afã por este sonho utópico, a JOC utilizava o estudo e a reflexão, além do apelo a uma conversão universal ao Coração Imaculado de Maria, aproveitando-se da promoção que a Igreja fazia do culto a Maria. Uma síntese da JOC nos é feita por Martins: “trata-se de um movimento de jovens, preocupado com a sua formação segundo princípios cristãos, para viver

com dignidade não apenas sua condição de operário, mas como um ser humano” (MARTINS, 1994, p.111).

O movimento operário, porém, sofreu grande resistência do Estado, principalmente depois do que Alves (1979, p.188) chama de “...estrutura definitiva do Estado Terrorista no Brasil”, que foi a decretação do Ato Institucional 5 (AI5), em 13 de Dezembro de 1968. Entre outras coisas, o AI5 prescrevia, em seu artigo 5º parágrafo III “proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política”; no parágrafo IV prescrevia sobre “liberdade vigiada” e no IV b sobre a “proibição de freqüentar determinados lugares”.

Diante disso, segundo Martins (1994, p.213) “A Igreja começou, então, a definir uma posição mais firme com respeito à repressão, acentuando o clima de conflito no seu relacionamento com o Estado”, que iria desembocar na ruptura definitiva entre essas duas instituições na década de 70, mais precisamente em 1976. Em consequência disso, acentuaram-se os atos repressivos contra a Igreja, materializados em ataques difamatórios, proibições, censuras, prisões, mortes, seqüestros e expulsões.

Diante deste quadro, a atuação dos militantes cristãos saiu da linha de frente, das mobilizações, mas atuou de forma clandestina, na organização. O trabalho se voltou para as bases, para o trabalho de fábrica, nos bairros, com redobrada atenção devido ao esquema de vigilância e delação promovido pelo Estado.

Convém ressaltar que esse trabalho foi norteado por uma utopia tipicamente cristã, assim definida por Gouvêia (2006, p.281):

A maior utopia cristã talvez seja aquela que afirma que a felicidade e a alegria na vida decorrem da prática do amor ao próximo, da bondade e das virtudes. Essa idéia dignifica muito a natureza humana e revela o apreço pela dignidade da pessoa. É a base fundamental da utopia revolucionária que norteou e embalou a esquerda católica, que influenciou decisivamente o movimento sindical do ABC.

As bases dessa utopia apontam para o poder como sendo a fonte de serviço, tanto de ordem pública quanto social, tendo os governantes como os executores. Essa corrente de pensamento está bem próxima aos ideais trazidos pela Teologia da Libertação que, por

dialogar com correntes de pensamento como o marxismo<sup>50</sup> e o socialismo, enfatizam o trabalho e a luta pela justiça social como bens promotores do bem estar do povo.

Nesse sentido, e retomando aqui a II Conferência do CELAM ocorrido em Medellín em 1968, o qual adotava uma luta pelo pobre e uma condenação a toda riqueza, entendida como sendo roubo e violência, fazem eco as palavras contidas no DOC. 14:

O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente diante das tremendas injustiças existentes na América Latina, que mantém a maioria de nossos povos em uma dolorosa pobreza, em muitíssimos casos da miséria inumana. Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de parte alguma.

Foi na III Conferência, esta ocorrida em Puebla em 1979, que esses pobres ganharam rosto: rostos de crianças, jovens, indígenas, camponeses, operários, desempregados e velhos.

Também nesse ano (1979), influenciados por uma avaliação da participação da Igreja, os sindicatos viram a necessidade de também atuar mais próximo aos trabalhadores, dando início, então, a um intenso movimento de retorno às bases, indo ao encontro do trabalhador no chão da fábrica, nos bairros. Quando ocorriam em bairros geralmente as reuniões eram em paróquias, mesmo não sendo esse um consenso entre todos os participantes.

De acordo com Sória-Silva (2005, p.372) de 1976 a 1984, houve um fortalecimento do movimento sindical, capacitando-o a enfrentar de forma aberta a Ditadura Militar. Também o movimento popular foi se consolidando e se tornando mais forte. Esse crescimento ocorreu com o apoio direto das pastorais sociais e das comunidades eclesiais de base. Os movimentos atuavam a frente de várias reivindicações como água, luz, creche, escola, transporte, contra o custo de vida, a favor da liberdade de organização dos trabalhadores, etc.

Como forma de demonstrar essa junção entre a utopia católica e as reivindicações da classe trabalhadora, reproduzimos aqui alguns excertos de respostas dadas por militantes inseridos em pastorais por meio das comunidades eclesiais de base, à pesquisa desenvolvida por Gouvêia (2006). São eles:

---

<sup>50</sup> Embora Marx tenha adotado relativo antagonismo contra a religião, afirmando ser ela o “ópio do povo”, a base de seu pensamento incorpora certo fenômeno de natureza messiânica, revolucionário, o que indica uma religiosidade subliminar nele presente. Citando o pensamento de Erich Fromm, que defendeu a tese de uma utopia baseada no socialismo comunitário com dupla fundamentação: bíblica e humanista, Gouvêia (2006) aponta para aqueles que trabalham como sendo participantes ativos e responsáveis, assumindo o autogoverno em todas as instâncias e instituições, adotando o cooperativismo em uma sociedade comunitária na qual as relações sociais e econômicas se complementam.

“A Igreja, então, começou a participar. Uma das coisas que contribuiu bastante foi que o sindicato percebeu o trabalho das comunidades da Igreja em cima das greves passadas” (p.326).

Concluimos que se os sindicatos sofressem intervenção, se não houvesse possibilidade de se fazer reunião na Vila Euclides ou no Paço Municipal, a tática era ir para as Igrejas. Porque a gente sabia que a maioria das Igrejas nos receberia de portas abertas. Levávamos boletins para serem distribuídos e os padres mais progressistas os distribuía rapidamente. Eles também diziam nas missas que nosso movimento era importante e, muitos deles, conviviam com a gente no sindicato. Além disso, o próprio D. Cláudio, Bispo diocesano na época, revelou muita consciência em nos receber. A Igreja nos assumiu, escolheu o caminho a seguir, que era dar apoio aos mais necessitados, aos pobres, que é o caminho que Deus escolheu. Na época se falava na Igreja do povo de Deus, o povo que se organizava para buscar os seus direitos (p. 328).

Na Igreja da nossa comunidade a gente fazia reuniões com grupos da Pastoral Operária, que abrangiam várias outras comunidades [...] Eu vejo a participação da Igreja nesse movimento como o fato de uma conscientização que veio desde Medellín e depois Puebla e essas comissões de Justiça e Paz em defesa dos direitos dos oprimidos [...] Vejo, passados tantos anos, que houve uma preparação que levou, realmente, não somente o bispo, que sozinho não poderia fazer muita coisa, mas levou toda uma comunidade, de modo especial os sacerdotes, a assumirem uma postura de colaboração (p. 329).

“O Clero era progressista e estava imerso no movimento sindical do ABC. Possui militantes que viviam o sindicalismo e o trabalho na fábrica como uma missão transformadora da sociedade” (p. 340).

Conclui-se, então, que este engajamento, promovido pelas pastorais e CEBs junto aos sindicatos, propiciou consolidar a utopia de uma sociedade mais justa e igualitária, que viria a confrontar o sistema ditatorial vigente e abrir novas perspectivas para a atuação da igreja no mundo.

### **CAPÍTULO 3**

## **DECLÍNIO DAS UTOPIAS POLÍTICAS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO**

Nesse capítulo, avaliamos o papel das CEBs à luz das Conferências das décadas de 60-70, Medellín e Puebla, e das posteriores, Santo Domingo, 1992, e Aparecida, 2007. Buscamos confrontar a visão que emergiu destas conferências e de que forma contribuíram para a projeção inicial e posterior marginalização do movimento, o que impactou no crescimento e conseqüente diminuição de sua influência junto à sociedade. Também procuramos identificar de que forma a utopia inicial foi freada como conseqüência da retórica contrária da Igreja Católica em relação às CEBs e em relação à Teologia da Libertação, tentando fazê-la retomar o caminho da espiritualidade, desvinculado das questões de natureza política e da luta solidária e cooperativa de seus participantes em torno de objetivos de natureza social.

Em relação à visão utópica, nosso objetivo é identificar que visão é essa, e qual a realidade destes sonhos nas CEBs hoje, uma vez que vivenciam um “inverno eclesial”, porém acreditando, seus militantes, que suas utopias permanecem fortes.

Noutro ponto, analisaremos as mutações sofridas pelas CEBs, a ponto de se distinguirem dos ideais utópicos iniciais, promovendo a carismatização e o desencanto dessas comunidades por parte da hierarquia da Igreja, bem como da sua militância.

### **3.1 As CEBs, a orientação da Igreja Romana e o inverno eclesial das CEBs**

Embora não seja fácil traçar com precisão o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), autores como Benincá e Almeida (2006), entre outros, têm apontado sua gênese junto ao Concílio Vaticano II (1962-1965), cujas características propiciaram o surgimento de um movimento desta natureza. No entanto, não pode ser desprezado o papel da Ação Católica Operária (ACO), o que situa o surgimento das CEBs em final da década de 50, início da década de 60.

As grandes reflexões temáticas do Concílio Vaticano II influenciaram para uma maior abertura ante um mundo em grande movimento e um anseio por respostas mais condizentes às necessidades históricas e situadas do povo, orientadas pelo desejo de libertação (que posteriormente viria a ser o tema da Conferência de Medellín – 1968) e a opção preferencial pelos pobres (que posteriormente viria a ser o tema da Conferência de Puebla – 1979).

Benincá e Almeida (2006), numa análise mais propriamente teológica, referem-se ao fato das CEBs terem nascido com o movimento do próprio Jesus, especialmente porque nele estava revelado um Deus libertador que se identificava com o sofrimento humano. Citando fatos apresentados por Lucas nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47; 4,32-37; 5, 12-16), os autores buscam traçar um paralelo metodológico entre as duas ações: da Igreja primitiva e das CEBs. Essa perspectiva pretende colocar as origens da utopia num fato fundador situado fora da história latino-americana.

A imprecisão de uma data específica não é tão importante quanto características que promoveram o surgimento das CEBs. Nesse sentido, há aspectos particulares relacionados à questão política no Brasil, principalmente no período de maior rigor da ditadura quando as grandes massas populares se encontravam desassistidas em suas principais necessidades; período também no qual era forte o apelo da Teologia da Libertação, que via na pobreza e no subdesenvolvimento matrizes de sustentação do desenvolvimento dos países ricos; realidade esta que precisava ser modificada, isto é, precisava haver uma libertação. Por isto mesmo, a Teologia da Libertação tinha o “povo oprimido” como sujeito histórico desta libertação.

A questão da pobreza é discutida também por Gutiérrez (1992). Retomando a história de Jó, o autor fala de sua reclusão e exclusão, sendo obrigado a sentar-se sobre os detritos que seus vizinhos jogavam fora dos muros da cidade. Mais do que isso, Jó torna-se vítima de seus amigos, os quais representam a teologia de seu tempo e que o desafiam a reconhecê-la como consequência de seu pecado, dando-lhe, assim, poucas esperanças de se levantar e lutar contra ela; pelo contrário, resignar-se e aceitá-la. Ao apropriar-se dessa analogia, o autor destaca que Jó, ao olhar para si mesmo e não ver razão para sofrer sua pena, reage, levando a questão de seu sofrimento para a consciência e buscando respostas fora de si mesmo: “O resultado desta tomada de consciência foi compreender a solidariedade com os pobres como exigência da sua fé em Deus que ama especialmente os deserdados e explorados da história humana” (GUTIÉRREZ, 1992, p. 208).

Gouvêia (2006) cita ainda, como fonte de conscientização dos trabalhadores, o educador Paulo Freire, cuja abordagem leva em consideração o contexto social no qual o

indivíduo está inserido e a reflexão que ele faz sobre esse meio. Para Paulo Freire, uma pedagogia autêntica não se encontra apenas em livros didáticos, mas é extraída da vida prática do aprendiz, além de possuir caráter político, sendo por isso transformadora e libertadora.

O foco central da teoria freiriana é a tomada de conscientização do homem em relação a si mesmo, tornando-se um sujeito reflexivo e responsável culturalmente pelo mundo à sua volta. A pedagogia de Paulo Freire, conhecida também como Pedagogia do Oprimido, é uma pedagogia de luta e transformação do homem a partir de uma reflexão autêntica de sua realidade. Muitos autores têm refletido sobre essa teoria. Mizukami (1986, p.96), por exemplo, afirma:

A pedagogia do oprimido segundo Paulo Freire é aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homem ou povo na luta incessante pela recuperação de sua humanidade. Uma pedagogia que faça da opressão e de suas causas o objeto de sua reflexão, resultando daí o engajamento do homem na luta pela sua libertação

A pedagogia de Freire recebeu inúmeras denominações “pedagogia do oprimido”, “pedagogia da indignação”, “pedagogia da autonomia”, etc. É pedagogia, sobretudo, problematizadora, tendo sido idealizada para atuar na experiência existencial do homem, sua história de vida, sua situação real na sociedade, enfim, sua realidade e contexto como parâmetros para o início de uma educação de fato.

É a auto-reflexão que permite ao homem o aprofundamento de sua tomada de consciência, que o levará a inserir-se na história como ator e não como figurante. Subjugado pelas forças de alienação o homem fica aprisionado, vivendo uma falsa cidadania que lhe é imposta por programas de natureza assistencialista ou outros mecanismos de dominação.

Segundo Paulo Freire, o sujeito desenvolveria uma crítica ao sistema e uma a si mesmo (crítica e autocrítica), assim saberia da existência da opressão e que é vítima dela. A educação provocaria uma transformação, modificando totalmente sua posição: de massa de manobra passaria ao controle de uma situação na qual teria alternativas inteligentes a serem trabalhadas em seu próprio benefício. Este tipo de competência política, por si só, seria a condição necessária para o exercício da cidadania.

O recorte em alguns aspectos bases da Teologia da Libertação, mesclados à teoria de Paulo Freire, bem como as condições adversas de um sistema opressor e dominador, permitem vislumbrar características que nortearam a consolidação das CEBs. Sem querer

aprofundar em questões propostas na Teologia da Libertação, mas levando em conta ser ela uma fonte na qual as CEBs beberam, é importante ressaltar que as comunidades de base tiveram estágios de amadurecimento e aprofundaram, pouco a pouco, a consciência política de seus participantes até o ponto de entenderem a real natureza de sua marginalização.

Referindo-se ao serviço de base realizado pela Igreja à época, Boff (1981, p.24) nos apresenta de forma linear o passo a passo de seu amadurecimento: primeiramente começaram os círculos bíblicos; depois a formação das comunidades de base, cuja função primordial era aprofundar a temática da fé, preparar a liturgia, os sacramentos e a vida piedosa; em seguida chega-se num estágio mais avançado no qual se promove a ajuda mútua entre os membros em relação aos problemas individuais de cada um; depois há o aprofundamento das reflexões a ponto de se identificar questões de natureza estrutural como sendo a origem dos problemas então vivenciados; finalmente, leva-se os indivíduos, então, à seguinte conclusão: “sua marginalização é consequência do tipo de organização elitistas, de acumulação privada, enfim, da própria estrutura econômico-social do sistema capitalista” (BOFF, 1981, p.24).

A libertação, portanto, não está vinculada apenas a questões de ordem moral, ou mesmo espiritual, mas ocorre também numa dimensão política, podendo ser vislumbrada de forma concreta por viés de ordem cultural, histórica, econômica, política e social; tampouco decorre de bases unicamente de natureza teológica “a vinda do Reino de Deus”, mas pode ser operacionalizada aqui e agora por meio da conscientização de uma relação opressor/oprimido socialmente estabelecida.

Levando em conta o tripé no qual se apóia (político, social e espiritual), do ponto de vista de sua identidade as CEBs possuem traços característicos, embora seja importante ressaltar que devido à sua necessidade de identificar-se junto às comunidades em que atuam, tais traços podem variar ou até mesmo sobrepor-se; bem como podem surgir alguns mais específicos e próprios de certas comunidades. No entanto, dentro de uma visão de propósito e objetivo podem ser identificadas as seguintes características nestas comunidades:

- Territorialidade – o que permite o reconhecimento, identificação e busca de soluções aos problemas vivenciados por certas comunidades;
- Leitura e reflexão da Palavra de Deus – O objetivo das CEBs é promover encontros, lançar o foco da luz divina aos problemas e, desta forma, procurar levar a conscientização de que Deus não está alheio, distante. Com isso, é possível introduzir o culto dominical e a celebração eucarística;
- Realização de assembléias – é comum reuniões em forma de assembléia para discutir os problemas da comunidade. Tais reuniões têm a participação de todos

não apenas nas discussões, mas também, e principalmente, na busca por soluções dos problemas apresentados. O resultado foi a ampliação do serviço leigo como forma de responder às necessidades primárias que emergiam destas reuniões;

- Esforço no sentido de tornar o Reino de Deus uma realidade aqui e agora – as marcas de solidariedade, esforço conjunto, espiritualidade, etc., revelam o anseio pela realização concreta do Reino de Cristo, pois aquilo que as CEBs realizam vai de encontro aos ideais propostos pelo do cristianismo, observado entre os primeiros cristãos.

Uma vez constituídas como grupos de trabalhos de base, as CEBs receberam, nas décadas de 60-70, apoio ao trabalho que pretendia desenvolver na América Latina. Na II Conferência Episcopal Latino Americana de Medellín (1968), este apoio foi ratificado, e dado reconhecimento ao movimento:

A comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é sua expressão. É ela, portanto, célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização e atualmente fator primordial de promoção humana e desenvolvimento (CNBB, 1982, p. 3).

Já na Conferência de Puebla (1979), as CEBs ganham maior destaque:

As comunidades eclesiais de base que em 1968 eram apenas uma experiência incipiente amadureceram e multiplicaram-se sobretudo em alguns países. Em comunhão com seus bispos e como o pedia Medellín, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e de desenvolvimento (PUEBLA, 1979, p.109)

Com base em tal premissa, o texto final desta conferência aponta para o surgimento de um trabalho que coloca a Igreja num processo de renovação, pela abertura e inserção de um contingente de leigos voltados para animação de comunidades, catequese e missão. Já na parte introdutória há o desejo de que “todas as comunidades eclesiais estejam informadas e penetradas do espírito de Puebla e das diretrizes desta histórica Conferência” (PUEBLA, 1979, p.12).

Do ponto de vista metodológico, há uma abordagem levada a efeito por mecanismos mais modernos de evangelização visando romper o broto de uma nova vida de evangelização e missão.

O documento de Puebla encara as comunidades de base como uma vitalidade nova para a Igreja, ressaltando, porém, que isto deve ocorrer “em comunhão com a hierarquia” (PUEBLA, 1979, p.49). Ressalta ainda que a emergência de tais comunidades permite um “diálogo permanente com as mesmas culturas vivas no continente latino-americano e com a nova civilização que se vai formando pelo fluxo do mundo técnico-científico” (PUEBLA, 1979, p.53).

Desvinculando-se de um papel de natureza apenas teológica, no âmbito de sistematização e métodos de trabalho; ou ainda de natureza jurídica, impositiva, portanto, de uma conduta obrigatória e devida, o documento de Puebla situa-se na esfera pastoral, indicando caminhos de uma evangelização que possa, em seu âmago, atingir os pobres em sua realidade imediata. Portanto, este documento atende ao anseio proposto na “opção preferencial pelos pobres” e por outro lado envolve neste afã também as comunidades de base, abrindo espaço para um trabalho de natureza prática e dinâmica voltado às comunidades menos favorecidas.

No escopo deste documento, o “ver, julgar e agir” engloba todo o circuito de investigação da realidade da América Latina, dos desígnios de Deus sobre esta América, da evangelização, da atuação prática da Igreja e das opções pastorais. A dimensão exata desta estrutura simbólica é: “ver a realidade analiticamente, julgá-la com os critérios da fé e agir pastoralmente para transformá-la” (PUEBLA, 1979, p.56).

Se por um lado as CEBs atuaram na dimensão política e por outro na dimensão comunitária, e se, além disso, representam uma negação em relação à estrutura hierárquica e organizativa da Igreja, é natural esperar uma resistência da própria Igreja à sua atuação. De acordo com Sanchez (2001a, p.119) isto vem ocorrendo nos últimos vinte anos por meio de críticas e pressões dos setores conservadores da Igreja Católica Romana.

Isto pode ser observado também por meio de uma análise das Conferências mais recentes, que adotam uma postura diferente em relação as CEBs. Em 1992, na cidade de Santo Domingo, ocorreu a quarta Conferência Geral com o tema “Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã”. Nesta conferência as CEBs figuram, “de modo particular” (LIBÂNIO, 1993, p.31), como descaracterizadas de uma “decidida projeção universalista e missionária” (LIBÂNIO, 1993, p.31). Nota-se, porém, o apelo à unidade, reivindicada na necessidade de reconhecimento de que “Na Igreja local, que tem origem na

Eucaristia, encontra-se todo o Colégio Episcopal com o Sucessor de Pedro à frente... Em torno do Bispo e em perfeita comunhão com ele, devem florescer as paróquias e as comunidades cristãs...” (LIBÂNIO, 1993, p.31).

Nesta Conferência, a hipótese justificada de uma obscura fundamentação eclesiológica e a ausência de uma busca sincera de comunhão por parte das CEBs, as tornam mercê de manipulação ideológica e política. Por isso, embora seja aconselhada a ratificação de tais comunidades, no entanto, sua dispersão deve ser trabalhada na tentativa de fomento do espírito missionário e solidário e na busca por “sua integração com a paróquia, com a Diocese e com a Igreja universal” (LIBÂNIO, 1993, p.93).

Alguns excertos do texto oficial da Conferência de Santo Domingo, publicado pela CNBB, deixam mais claro essa postura de reservas por parte da alta cúpula da Igreja:

A prática de pequenas comunidades **pastoralmente bem assistidas**<sup>51</sup> constitui um bom meio para aprender a viver a fé em estreita comunhão com a vida e com a perspectiva missionária. Neste campo é muito significativamente, também, a contribuição dos movimentos apostólicos (STO DOMINGO, 1992, p.88).

A CEB [...] será animada por leigos, homens e mulheres adequadamente preparados no processo comunitário; os animadores estarão em comunhão com o pároco respectivo e o bispo (STO DOMINGO, 1992, p.93).

Quando não existe uma clara fundamentação eclesiológica e uma busca sincera de comunhão, estas comunidades deixam de ser eclesiais... (STO DOMINGO, 1992, p.93).

Diante destas colocações, o Documento apresenta uma orientação de trabalho junto às CEBs. Sem deixar de considerar sua validade e contribuição para a Igreja, contudo, considera necessário:

Ratificar a validade das comunidades eclesiais de base, fomentando nelas um espírito missionário e solidário e buscando sua integração com a paróquia, com a Diocese e com a Igreja universal, em conformidade com os ensinamentos da Evangelii Nuntiandi (cf. n.58) ((STO DOMINGO, 1992, p.93)

---

<sup>51</sup> Grifo nosso

Elaborar planos de ação pastoral que assegurem a preparação de animadores leigos que assistam estas comunidades, em íntima comunhão com o pároco e o bispo (STO DOMINGO, 1992, p.93).

Esta mesma tentativa de colocar na clandestinidade as CEBs foi observada também na Conferência de Aparecida, em 2007, com o tema “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida”. Nesta Conferência ficou bem mais explícito este desejo ou postura estigmatizadora em relação às Comunidades de Base. Este movimento de negação implícito, relegando-as a segundo plano, se não as extingue diminui, conforme Oliveira (2001), sua visibilidade tanto na Igreja quanto na sociedade. Isto se dá por uma priorização dos movimentos ditos espirituais que focam numa primazia em relação à salvação como fenômeno de natureza individual. Trata-se de um golpe frontal aos ideais utópicos destas comunidades, que viam no trabalho de natureza coletiva e na luta solidária, fontes de conquista de maior justiça social.

Uma forma de articular a colocação deste véu sobre o patrimônio histórico, político e social das CEBs se dá pela inserção de vozes alternativas aos relatórios e pareceres das Conferências Episcopais Latino Americanas, como, por exemplo, as inserções feitas no texto votado em Aparecida, que no corpo definitivo traz as seguintes alterações, conforme tabela 2:

**Tabela 2. CEBs NO DOCUMENTO DA CONFERÊNCIA DE APARECIDA<sup>52</sup>**

**As CEBs, bem como diversos setores da Igreja têm criticado o documento pelas alterações realizadas posteriormente à Conferência**

TEXTO VOTADO EM APARECIDA	TEXTO 'DEFINITIVO' ENVIADO POR ROMA
<p><b>193.</b> Na experiência eclesial da América Latina e do Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base <b>com frequência</b> tem sido <b>verdadeiras</b> escolas que <b>formam</b> discípulos e missionários do Senhor, como testemunha a entrega generosa, até derramar seu sangue, de tantos de seus membros. Elas recolhem a experiência das primeiras comunidades, como estão descritas nos Atos dos Apóstolos (Cf. Atos 2,42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial da estruturação eclesial e foco de evangelização. <b>Arraigadas no coração do mundo, são espaços privilegiados para a vivência comunitária da fé, mananciais de fraternidade e de solidariedade,</b></p>	<p><b>178.</b> Na experiência eclesial de <b>algumas Igrejas da</b> América Latina e do Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base têm sido escolas que <b>têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé,</b> discípulos e missionários do Senhor, como testemunha a entrega generosa, até derramar seu sangue, de tantos de seus membros. Elas recolhem a experiência das primeiras comunidades, tal como estão descritas nos Atos dos Apóstolos (cf. Atos 2, 42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização <b>(87). Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo as</b></p>

<sup>52</sup>Os trechos em vermelho foram eliminados; em azul, o que foi incluído; e, em verde, o que mudou de lugar.

<p>alternativa à sociedade atual, fundada no egoísmo e na competição impiedosa.</p>	<p>comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo ter acesso a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos (88), no entanto, também constatou “que no faltam membros de comunidades ou comunidades inteiras que, atraídas pelas instituições puramente leigas ou radicalizadas ideologicamente, foram perdendo o sentido eclesial” (89).</p>
<p><b>194.</b> Queremos decididamente reafirmar e dar novo impulso à vida e à missão profética e santificadora das CEBs, no seguimento missionário de Jesus. Elas têm sido uma das grandes manifestações do Espírito na Igreja da América Latina e no Caribe depois do Vaticano II. Têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus Pastores como guia que assegura a comunhão eclesial. Realizam seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e distanciados e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja.</p> <p><b>195.</b> As Comunidades Eclesiais de Base, em comunhão com seu bispo e com o projeto de pastoral diocesana, são um signo de vitalidade na Igreja, instrumento de formação e de evangelização e um ponto de partida válido para a Missão Continental permanente. Elas poderão revitalizar as paróquias desde seu interior, fazendo das mesmas uma comunidade de comunidades. Depois do caminho percorrido até agora, com avanços e dificuldades, é o momento de uma profunda renovação desta rica experiência eclesial em nosso continente, para que não percam sua eficácia missionária, mas que a aperfeiçoem e a façam crescer de acordo às sempre novas exigências dos tempos.</p>	<p><b>179.</b> As comunidades eclesiais de base, no seguimento missionário de Jesus, têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus pastores como guia que assegura a comunhão eclesial. Realizam seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e distanciados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. Mantendo-se em comunhão com seu bispo e inserindo-se no projeto de pastoral diocesana, as CEBs se convertem em um signo de vitalidade na Igreja particular. Atuando assim, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias, fazendo das mesmas uma comunidade de comunidades. Em seu esforço de corresponder aos desafios dos tempos atuais, as comunidades eclesiais de base cuidarão de não alterar o tesouro precioso da Tradição e do Magistério da Igreja.</p>
<p><b>196.</b> Junto às CEBs, há outras variadas formas de pequenas comunidades eclesiais, grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus, e inclusive redes de comunidades. O Espírito vai fazendo com que elas floresçam como resposta aos novos desafios da evangelização. A experiência positiva destas comunidades faz necessária uma especial atenção para que tenham a Eucaristia como centro de sua vida e cresçam na solidariedade e na integração eclesial e social.</p>	<p><b>180.</b> Como resposta às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base há outras válidas formas de pequenas comunidades, e inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus. Todas as comunidades e grupos eclesiais darão fruto na medida em que a Eucaristia seja o centro de sua vida e a Palavra de Deus seja farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo.</p>

Do ponto de vista de sua presença atual, integrada nas esferas social, política e espiritual, pode-se dizer que as CEBs perderam muito de sua visibilidade. No entanto, de acordo com Oliveira (2001, p.6), “continuam presentes nas zonas rurais e periferias urbanas animando movimentos e organizações populares como o *Partido dos Trabalhadores*, sindicatos, associações de moradores, o MST e movimentos de grupos sociais discriminados (negros, índios, mulheres)”.

A visibilidade ofuscada pelo desprezo a elas devotado, porém, não foi suficiente para minar sua militância, embora tenha provocado algumas mudanças significativas. Estas mudanças, porém, ocorrem na esteira de uma mudança maior, de ordem social, impactada pelo movimento de uma sociedade em transformação, principalmente no atual momento, marcado por movimentos de urbanização acelerada, novas formas de comunicação, e também pelo fato de que agora já contam com uma população mais politizada e mais preparada para os desafios que enfrenta<sup>53</sup>.

Tais atitudes jogam as CEBs num inverno eclesial<sup>54</sup> no qual as antigas formas de luta, de cunho mais solidário, comunitário, participativo e cooperativo se vêem confrontadas com o retorno ao esforço individual, de natureza religiosa, espiritual, principalmente provocado pela emergência de setores da igreja como a Renovação Carismática, que retoma a aspiração pela presença do Espírito Santo e sua força renovadora em cada um, de forma mais subjetiva.

### **3.2 Da utopia libertária para o carismatismo espiritual**

Esse item tem por objetivo buscar a identidade religiosa dos militantes das CEBs e as características que provocaram o esvaziamento dos ideais utópicos, comparar de que forma os discursos antigo e novo se influenciam, como também em que dimensão se deu a mudança

---

<sup>53</sup> Este preparo se dá também pela inserção cada vez maior de pessoas com maior nível de escolaridade. A esse laicato popular veio somar-se muita gente de extratos sociais de nível médio e mesmo superior. A comparação com os dados de 1981 deixa evidente essa incorporação de pessoas de classes médias entre as lideranças das CEBs. Sua presença não chega a alterar substancialmente o caráter popular das CEBs, mas sugere que sejam revistos os critérios de escolha de seus delegados aos grandes eventos, como os encontros intereclesiais. (OLIVEIRA, 2001, p.13).

<sup>54</sup> Aqui há uma alusão ao discurso feito por Leonardo Boff por ocasião do VII Encontro Intereclesial. Em aplaudidíssima colocação feita durante o Intereclesial, Leonardo Boff mencionou o clima de “inverno” que desceu sobre os setores da Igreja, causando sofrimento a tantos cristãos. Sublinhou, porém, que isto não deve ser motivo de rebeldia ou desesperança. [...] Está em causa Deus, o seu Reino, Jesus Cristo, a força do seu Espírito Santo. (TEIXEIRA, 1996, p. 86, 87).

nas utopias políticas do movimento, que busca, por parte de sua liderança, encontrar fórmulas de retomada desses ideais perdidos.

Os diversos catolicismos abrangidos pelo Vaticano têm sido motivação de inúmeras críticas por parte dos cientistas sociais. A década de 1980 foi um período muito significativo para a Igreja Católica. A eleição do papa João Paulo II, em outubro de 1978, e seu apoio à Conferência de Puebla em 1979, suscitaram esperanças para a ala mais progressista da Igreja Católica. Entretanto, o neoliberalismo e a derrocada do socialismo, com a queda do muro de Berlim, tornaram-se uma ameaça para o desenvolvimento das utopias da TdL e possibilitaram ao Vaticano reagir de forma mais conservadora. Os movimentos populares, sob forte pressão de uma política centralizadora do Vaticano, vivem momentos de retração. Influente politicamente, o papa se opôs ao comunismo, ao governo da Nicarágua Sandinista, e condenou a TdL no momento de sua consolidação, como também as CEBs encontraram novos desafios, advindos das mudanças políticas latino americanas.

A segunda metade do papado foi marcada por crises na Igreja Católica, com a evasão de seus fiéis. Passa a pregar uma doutrina moralista e conservadora contra o aborto, o divórcio e os métodos contraceptivos convencionais. Os movimentos sociais e políticos que centram sua luta na construção de sociedades mais igualitárias, em crise, assumem um caráter capitalista. A democracia e a ascensão de partidos ao governo, outrora ligados ao socialismo, não foram suficientes para refrear a crise das utopias políticas da TdL, que, organizada no interior das igrejas e no meio dos movimentos populares, perdeu força de mobilização no contexto das instituições religiosas, como também junto às suas bases.

As hostilidades contra a TdL culminaram em 1984, quando o então Cardeal Ratzinger<sup>55</sup> publicou as *Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, considerando-a uma heresia marxista, bem como condenou ao *silêncio obsequioso* Leonardo Boff e Gustavo Gutiérrez, dois dos maiores expoentes dessa corrente na América Latina, por atitudes dissidentes frente à doutrina católica oficial.

Para ilustrar esta questão, é importante um relato de Boff (1998), acerca de um argumento utilizado pelo ainda cardeal Ratzinger a teólogos alemães:

O marxismo morreu como ideologia, morreu como força política organizadora dos Estados, mas ele sobrevive na Teologia da Libertação, que funciona como cavalo de

---

<sup>55</sup> Um dos mais importantes e influentes teólogos do Vaticano, tanto que sucederia João Paulo II, como Bento XVI. Ficou conhecido pelo rigor dos julgamentos quando estava à frente da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.

Tróia para penetrar no meio dos pobres. Devemos redobrar a vigilância sobre essa teologia.

No século XX, dezenas de teólogos católicos também foram controlados de alguma forma pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, por atitudes consideradas heréticas.<sup>56</sup> Boff (1998), justifica a causa maior de sua punição:

Fui vítima de um processo mais amplo que o Vaticano montou contra a CNBB. Eles pegaram a mim, que era assessor da CNBB, que ajudava a fazer os documentos etc., para atingir a CNBB, especialmente a Teologia da Libertação, esse diálogo da Igreja com a sociedade, com a pobreza, e atingir as comunidades eclesiais de base, que este papa não aceita, porque ele acha que é um desvio fundamental na unidade, porque não tem a eucaristia, não tem a hierarquia, que são estruturas fundamentais da Igreja institucional.

Ainda que seja evidente a retração das lutas populares e a crise das utopias que assola movimentos sociais, sindicais e políticos de esquerda, estas são assumidas com certa resistência pelos teólogos progressistas. Para Löwy, o *cristianismo de libertação* abandonou suas posições políticas, sendo que não pode haver previsões sobre seu futuro, mas não se pode negar sua importância nas lutas populares na América Latina:

O cristianismo da libertação moldou várias gerações de cristãos engajados, cuja maioria dificilmente vai abandonar suas convicções éticas e sociais profundamente enraizadas. O grão que ele semeou na terra fértil da cultura religiosa e política na América latino-americana continuará a germinar no curso dos próximos anos e pode ainda nos reservar muitas surpresas (LÖWY, 1996, p. 77).

Segundo Boff (1998), podemos observar duas igrejas distintas em conflito, uma Igreja-poder, hierarquizada, conservadora e tradicionalista, e outra que sofre sanções por ameaçar a legitimidade do poder do Vaticano:

A Igreja hoje é uma Igreja partida, dividida, e há dois modelos em conflito, que é o da Igreja-instituição, da Igreja-hierarquia, da Igreja-poder, que se estrutura em papa, cardeais, bispos, dioceses, paróquias e se reproduz com muita dificuldade, porque há

---

<sup>56</sup> O fato do teólogo Jon Sobrino, de El Salvador, também ter sido condenado em 2007; a menos de dois meses da V Conferência de Aparecida, suscitou um clima de insegurança e até intimidação entre os teólogos com posições divergentes de Roma acerca das decisões que seriam tomadas na referida Conferência.

cada vez menos padres para manter a reprodução dessa Igreja. Junto dela está surgindo um novo tipo de Igreja, que eu chamaria Igreja-rede-de-comunidades, que está assentada não no poder, mas na vida. (...) Não, é a Igreja com as classes emergentes, com os destituídos, pobres, marginalizados, excluídos, que são a grande maioria. Então, pra mim, está se dando aí um novo pacto do cristianismo, no sentido dos primórdios, que era feito de escravos, de portuários, de destituídos, de soldados, e estamos vivendo esse tipo de cristianismo, que tem hoje uma dimensão mundial.

Percebemos que, na trajetória dos movimentos que apareceram e amadureceram na região do ABC paulista, destacou-se o protagonismo do leigo em suas estruturas. Contudo, a diminuição da participação nas comunidades de base, bem como a evasão dos católicos e o trânsito religioso, demonstram que a opção dos excluídos não tem sido uma igreja dos primórdios ou da coletividade. Muitos crêem que a participação da Igreja Católica deva se restringir às missas do que às ações políticas.

Neste sentido, observamos em boa parte dos movimentos sociais o distanciamento das ideologias antigas, descaracterizando-as. Entre os militantes das CEBs notamos o declínio, tanto no número de leigos participantes, como nas próprias atividades desenvolvidas pelos mesmos. É o que apontamos entre alguns entrevistados:

O grupo de rua que evangeliza e ajuda no que for preciso, né. Agora nós ajuda as pessoas carentes, né. Antigamente a gente era mais movimentos. Quando não tínhamos água, não tínhamos luz, então a gente ficava muito centrada nos movimentos de política mesmo, nas ações, né. Pra poder mesmo trazer a SANED (*Saneamento básico de Diadema*) pra cá, né, nós fizemos um movimento, as CEBs tava por dentro. O asfalto... as CEBs tava sempre nestes meios, pra trazer melhorias né pra comunidade (...) Hoje tá desanimado... Não sei por quê... Não sei explicar... Você sabe que eu não sei explicar porque desanimou? (Edivalda, 71 anos)

As CEBs no passado era mais atuante, acho que devido às necessidades que tinham. As CEBs eram mais freqüentes nos movimentos. Hoje a gente tem tudo, temos transporte fácil, não tínhamos antes, que era até o poeirinha, que se fala né. A gente procurava melhorias. No bairro, asfalto que não tinha, era uma lama. A iluminação... As CEBs era mais ligada nessas coisa, né, na moradia... Essas favelas que hoje nem se fala mais, né, que hoje nem se fala mais favelas, é núcleo habitacional, as CEBs estava sempre presente nessas lutas pras melhorias da comunidade. (Vânia, 42 anos)

Antes toda a Igreja aqui em São Bernardo era CEBs, todo mundo participava das CEBs. Agora... tem umas 140 pessoas só. (Luiz, 56 anos)

Verificamos também ações mais assistencialistas e carregadas de emotividade, mais como um grupo de amigos e menos ações em favor da comunidade em geral:

(Fazemos) visita para as pessoas, os doentes, bastante visitas. E arrecadamos bastante coisa também. Porque a nossa rua aqui é uma rua de pessoas muito boas. E quando a gente precisa ajudar alguém com cestas, a gente arrecadava nas casas, e as pessoas ajudavam e a gente fazia aquelas cestas, e levava pras pessoas que recebe e até chora. E a gente também. É uma emoção tão grande. Se não fosse todos esses trabalhos, se eu ficasse sem atividade nenhuma, sem trabalho nenhum, eu não lembrava que Jesus está presente. (...) Fora disso, as pessoas pedem, às vezes as pessoas que vem conversar, que tá depressivo que vem conversar, e a gente desenvolve aquela coisa. Ainda ontem mesmo, o meu marido foi conversar com uma mulher que tava querendo separar do marido. Sempre dando conselho, que ela não fizesse isso, que primeiro, se ele chegasse em casa e quebrasse as coisas ela tem que ter paciência, conversar. A gente sempre tá evangelizando, conversando sobre as coisas... (Tereza, 64 anos)

A atuação de agentes eclesiais, de bispos, padres também foi e é de maior relevância para a constituição e manutenção das CEBs. Entretanto, há diversas CEBs, fruto do esforço autônomo dos leigos, que deixam de existir pela perda de apoio desses agentes eclesiais. Destacamos alguns excertos da pesquisa desenvolvida por Fontoura (2004). É o que pudemos registrar na fala de alguns militantes e que hoje estão desiludidos com o apoio do clero local no ABC:

Hoje, eu vejo a CEBs assim... eu fico um pouco triste...porque não é mais como começou. Quando começou foi assim... a gente começou percebendo a situação como a gente tava vivendo. (...) Depois vinha o subsidio e cada um decidia o seu problema a luz da fé, quer dizer, ver, julgar e agir.(...) Hoje eu vejo ela muito parada porque de um certo tempo pra cá a própria diocese brecô tudo, né? a gente sabe que depois do Leonardo Boff uma coisa e outra, ficou claro pra mim que eles entraram nas mãos do poder, né? porque a gente percebeu que a CEBs estava questionando muito inclusive até hoje eu não consigo engolir a morte do padre B. como um acidente. Pra mim, eu tenho certeza que ele foi encomendado. O padre B. era uma pessoa muito conhecida e muito visada no que ele fazia. Então, hoje em dia, depois de tudo isso, o próprio padre Nicola deu uma parada total, mudou de nome, não é mais CEBs é grupo de rua... (E.T.O. 55 Anos, Casada, 3a Série)

A gente percebe que ela está enfraquecida, ela foi colocada meio de lado depois que dom Cláudio foi embora. Dom Cláudio dava uma força muito grande. Depois que ele foi embora, ficou meio assim, apagado. Mas, eu acredito na raiz dela, que é a raiz dos apóstolos, ela nunca vai morrer não, vai dar a volta por cima. (*A.M.F.P. 58 Anos, Casada, 4a Série*)

Percebemos que a hierarquia cumpre um papel importante na manutenção das CEBs no tocante aos seus aspectos formais, congregando pessoas em torno de uma proposta celebrativa e sócio-política comunitária. Se o apoio da hierarquia é retirado formalmente, isto implica em momentos de tensão:

Dom Jorge nos apoiava. Depois pediu para eu ser coordenador diocesano (*das CEBs*), com a participação do povo no trabalho da fé com a vida. Muitos padres me receberam bem. Nem todos. Isso não me abalou. (...) por volta de 75 começou a PO, muito ligados às CEBs (...) No 1º de maio de 80 a praça da Matriz (*SBC*) estava tomada, Dom Claudio e mais 30 ou 40 padres. Após a missa haveria passeata proibida pelos militares. O povo quer fazer passeata... o exército proíbe. (...) então (*temendo a violência dos militares contra o povo*) Dom Cláudio foi na frente, depois os padres, e depois o povo. Andamos por horas cantando: *Chora Figueiredo, Figueiredo chora, chora Figueiredo que chegou a tua hora*. Tinha mais de 100 mil pessoas. (Padre Mahon)

Não vai ser papa, bispo, movimento de oração que vai nos detonar... somos comunidade da trindade. (Padre Félix)

Embora nos Grupos de Rua haja uma carismatização do movimento e a descaracterização das utopias antigas, notamos que a tônica dos encontros regionais, bem como nos inteleclesiais e literaturas desenvolvidas pelos assessores militantes, têm sido direcionadas para o resgate dessas utopias e da identidade das CEBs, contra um lema que tem sido freqüentemente ouvido: *As CEBs morreram*:

(...) (*comparando a origem das CEBs com o relato da criação, em Gênesis*) O contato com meu povo, a luta em comunidade – as discussões chamavam CEBs e foi muito bom. Mas um dia dormiu. A Igreja é lugar de rezar, só! – entrou no pecado original: *Eu rezo pelo outro...* (...) as comunidades que eram luta, agora: oração. O capital estrangeiro saiu. E tem padre, tem leigo, tem irmão... dormindo de rede! Estamos dormindo e temos que acordar! Os encontros que estamos tendo são os encontros regionais para soprar e ascender! (Padre Carlos Vitor.)

E hoje quem olha essa cidade não sabe ou não se lembra como ela é – 99% asfaltada. Era esgoto em toda cidade, favela na década de 80, era um barraco só. Tira as sandálias que esse solo é sagrado! Se temos a cidade que temos é pela luta. Não por presente de prefeito nenhum. Foi conquista de todos. Não somos privilegiados, mas lutamos. Lutas das favelas para transformar em núcleos habitacionais, telefone, transporte coletivo com integração. Repassando a história do povo é ir passando a história bíblica. (...) Cada paróquia está cheia de comunidades. Quem é que mantém essas comunidades? É o povo! Eas pessoas dizem que as CEBs morreram. Não são apenas os grupos de rua não, são aquelas que promovem tudo no bairro. (...) Quando vai narrar, precisa contar que andava com água no joelho, e agora temos os piscinões. Havia pessoas que tinham fé... que rezavam, mas também pensavam na vida. É um grupo que se ajuda, reza junto, organiza a vida de serviço, mas também olha pra fora, como em Atos dos Apóstolos: tinham tudo em comum, se reuniam para rezar e também partilhar. É por isso que as comunidades de 20 anos atrás tinham que repartir o pão, mas conquistar a moradia, o transporte, água – que não dependia do individual, mas do coletivo. Quando conquistaram o transporte, a educação... descansaram! Se tornou egoísta e acomodado. E corre o risco de passar para os netos esse egoísmo e acomodação. Seria possível soprar essas brasas e fazer aquele fogaréu de 20 anos? Temos muitas conquistas, mas muito a ser conquistado! (Irmã Iracema)

Na conferência (*de Aparecida*) se viu delegadas contra mais autonomia da mulher na Igreja. Temos que ver nas CEBs quem vai falar em nosso nome, falam nossa realidade ou o que estão pensando? Nas CEBs temos que ser missionários. Como assessoro todo o Estado, vemos que algumas CEBs estão só no nome – se preocupam com encontros e se esquecem da base. Pra ter caminhada de igreja tem que ter base (...) Se voltarmos, temos um tripé de onde as comunidades nasceram: (...) Agora não é mais: só lutar, só rezar, ou refletir a bíblia. Nós precisamos dos 3. Ainda há necessidade de luta por uma sociedade mais justa. Se os três tiverem na base, na casa, na rua, na paróquia, nenhum cristão, nem o papa derruba. (Padre Félix)

(...) Falavam: - As CEBs não rezam, mas só querem ficar na luta. E por vezes era verdade! Devemos ser testemunho, mas nunca sermos usados. Em 80 e 90, fomos mais usados que conscientizados. Definimos na assembléia paroquial em agosto o mês das missões. Quem assumiu: 80% da RCC e nem 50% das CEBs – então, não é grupo de rua, é grupo de amigos. (Padre Félix)

Referindo-se à participação do clero nos encontros das CEBs:

As CEBs não morreram. Precisamos parar de botar a culpa no outro. O bispo, padres não vieram... mas o encontro aconteceu. Vamos continuar sendo presença de Deus. Em cada momento de encontro dos grupos, rezem para que eles (os padres e o bispo) (...) se eles não se juntem... que não nos atrapalhem... (Padre Félix)

### 3.2.1 Carismatização e crise das utopias das CEBs

Com o pontificado de João Paulo II, sensível a temas de justiça social e de paz, mas conservador em doutrina e disciplina interna, a TdL e os movimentos sociais, mormente as CEBs, passam por uma desvitalização. Um fenômeno que contribui com a crise das utopias das CEBs é o crescimento das religiões evangélicas no Brasil, que acontece num contexto conservador, propondo, hegemonicamente, o conformismo ao modo de vida existente, vinculadas à espiritualidade e pouco comprometidas com lutas políticas e com a transformação social. Igualmente na Igreja Católica, a RCC é um forte movimento de pentecostalização vinculado às mesmas práticas supracitadas<sup>57</sup>, fortalecido no papado de João Paulo II<sup>58</sup>.

Com perfil ideológico oposto às CEBs, a RCC tornou-se a alternativa para os mais conservadores, que primavam por uma reforma litúrgica. Por ser um movimento leigo, sob a estrutura eclesiástica, conquistou o prestígio do Vaticano, por não se tornar uma ameaça à instituição:

Marcam fortemente sua identidade católica, ao acentuarem a devoção a Nossa Senhora, o apego à Eucaristia e a fidelidade ao Papa. A Renovação Carismática pode ser considerada um movimento de dupla reação: para dentro do catolicismo, opõe-se frontalmente aos católicos da Teologia da Libertação; para fora, compete

---

<sup>57</sup> Entre os movimentos conservadores da Igreja católica, estão Opus Dei, Neo-catecumenato, Comunhão e Libertação, Tradição Família e Propriedade, Arautos do Evangelho e RCC. Com o propósito de resgate tradicional e moralista da sociedade católica, nestes movimentos, a liberdade perpassa por um processo de aprisionamento do espírito – o mundo que os priva das realizações. É necessário que se padeça para alcançar a libertação individual, e assim se recompensar com o Reino de Deus após sua morte, desde os mandamentos da Igreja sejam obedecidos. O sofrimento é visto como o desejo de Deus para a purificação dos pecados. Já para as CEBs, o sofrimento se dá pelas conseqüências do pecado – pecado social – da má ação política entre os homens.

<sup>58</sup> O processo de reconhecimento da institucionalização da RCC foi recebido com a ascensão do Papa João Paulo II, considerado mais conservador que João XXIII e Paulo VI, os papas do Concílio. (SONIERA, 2001)

com evangélicos pentecostais na disputa pelos conversos desejosos de experiência religiosa sensível, de maior imanência do sagrado (PRANDI, 1997, p. 16).

O movimento de RCC é considerado o maior movimento de despertar religioso em âmbito cristão e uma resposta à crise do catolicismo:

O movimento de RCC agora se espalha velozmente, usando técnicas e conteúdos doutrinários do pentecostalismo, reintroduzindo o milagre, a preocupação centrada com o indivíduo, e reinaugurando em grande estilo, uma vez que agora fica disponível para as massas católicas, a valorização do êxtase religioso. O transe do Espírito Santo já é bem comum no interior das igrejas e catedrais católicas (...) A expressão máxima do homem não é mais a sua consciência, o ideal religioso prega agora a negação da identidade como meio para alcançar a experiência de sentido mais profundo (PRANDI, 1997, p. 23).

As ações da RCC são constantemente divulgadas pela mídia, enquanto as CEBs se destacam apenas nos intereclesiais, realizados a cada 4 anos, aproximadamente.

Quanto à liturgia, Cornejo (1995), discorre sobre as missas do padre Manuel Rodrigues, em Lima, Peru. Podemos observar na liturgia longos rituais precedidos pela oração de libertação, repleto de símbolos: ritual de cura e imposição de mãos, o discurso, gestos e objetos religiosos, a oração comunitária, o êxtase, vozes, palavras ininteligíveis em línguas desconhecidas e relatos de milagres. Homenageiam Maria em vários momentos da celebração, com músicas, pedidos de intercessão e declarações de amor, nas quais demonstram íntima relação filial:

Na liturgia da palavra, o padre lembra o poder curativo da palavra de Deus “a qual devemos ouvir com muita atenção, deixando que ela penetre em nosso ser e permitindo que seu poder curativo aja em nós” (PRANDI, 1997, p. 65).

Entre orações, leituras bíblicas e discursos emocionados, são inseridos diversos cantos que parecem facilitar a consternação, o arrependimento e o pedido de compaixão de Deus por seus pecados. Após a liturgia de consagração, a hóstia é apresentada e causa aplausos, glória e comoção. Todos comungam e continuam extasiados por toda a celebração, sem notarem ou reclamarem do tempo que passam na igreja, grande maioria de pé.

O ritual que se segue é a etapa mais significativa, aproximadamente 2 horas de cura com imposição de mãos. Ocorre a bênção das mãos, oração em línguas estranhas ou

glossolalia, unção com óleo dos enfermos, testemunhos, imposição de mãos em duplas ou pelo próprio sacerdote, vozes entoadas e completo êxtase. (CORNEJO, 1995).

Não obstante os grupos de oração sejam coordenados por leigos, após o ritual de louvor, o ápice das reuniões se dá quando o sacerdote se apresenta no presbitério vestindo com uma casula<sup>59</sup>, empunhando o ostensório, apresentando-o aos fiéis. O padre passa pelos corredores da igreja, falando em línguas. Os fiéis tocam suas vestes, falam em línguas, muitos choram, gemem descontroladamente e desmaiam (PRANDI, 1997)

A proposta religiosa da RCC destina-se a grandes públicos como instrumento de difusão de idéias, sem a necessidade de interação física com os indivíduos. São evidenciados quer por suas manifestações de concentração de massa, quer por utilização e expansão dos meios de comunicação social cada vez mais abrangentes, como a Rede Vida, emissora de propriedade de um empresário membro da RCC (LULIAELLI, 1997), ou a Canção Nova, fundada por Padre Jonas Adib e Padre Léo, que com o apoio de grandes empresários construiu um templo com capacidade para 110 mil fiéis em Cachoeira Paulista, com 27 rádios e 354 retransmissoras de TV que alcançam 36% da população brasileira.

Outro local de peregrinação é o Santuário do Terço Bizantino, em Santo Amaro, São Paulo, onde o Padre Marcelo Rossi celebra missas para 20 a 30 mil fiéis por semana, transmitida todos os domingos pela TV Globo, a maior emissora do Brasil.<sup>60</sup> Percebe-se ainda o carisma do padre, uma vez que é sua presença é que estimula a preferência dos fiéis. É Comum ouvir entre os participantes das megamissas ou telespectadores: “vim à missa do padre Marcelo...” “Padre Leo é um santo vivo”:

Desde seu início, a RCC tem-se mostrado como um movimento leigo e independente em relação à estrutura da Igreja. Na sua própria estrutura financeira, ela inova e reafirma sua independência. Com um respaldo empresarial, a RCC garante a realização dos seus projetos com a participação financeira de importantes empresários em nível mundial (PRANDI, 1997, p. 52)

A RCC se organiza em pequenos grupos, em geral chamados de grupos de oração, que participam das estruturas eclesiais existentes na Igreja Católica. Embora seja considerada por muitos como extravagante e exagerada, possui grande aceitabilidade pela

---

<sup>59</sup> Veste litúrgica utilizada para celebrações especiais, como na semana santa e natal, a casula cobre ombros e mãos, evitando o contato físico do padre com o ostensório, uma peça de metal, porta em seu interior a hóstia consagrada.

<sup>60</sup> Revista Carta Capital, número 296 de Junho de 2004, com a reportagem de capa: Católicos Fundamentalistas—Comunidades Carismáticas que se multiplicam com rígidas normas de conduta.

opinião pública, com maior tolerância que o pentecostalismo, por parte dos católicos mais tradicionais.

A maioria dos movimentos da Igreja Católica sofreu perseguição e tentativa de controle institucional eclesiástico. Entretanto, diferentemente das CEBs que estavam vinculadas à Teologia da Libertação, a RCC manteve desde o início propostas de aliciamiento da hierarquia eclesiástica, com padres e bispos que apoiaram abertamente o movimento. Difundiu-se pelo mundo tendo forte disseminação na Europa, onde conquistou importantes setores da hierarquia católica, como o Cardeal Suenens :

Desde sua fundação nos Estados Unidos, a RCC enfrentou resistências por parte da chamada ala progressista da Igreja. Mas soube também, rapidamente infiltrar-se por toda a estrutura eclesial, convertendo padres, bispos e cardeais. Com o passar do tempo e o progressivo crescimento da RCC, a Igreja passou a reconhecer sua vitalidade e sua capacidade de atrair de volta à Santa Madre os fiéis afastados. Procurou incorporar à sua estrutura essa nova realidade, estabelecendo regras, diretrizes e restrições. (PRANDI, 1997, p. 56)

O Espírito Santo e o contato com ele por meio da glossolalia, bem como a cura, o exorcismo e o anseio de prosperidade, são respostas rápidas aos problemas de saúde física e mental. A rigidez hierárquica dos dirigentes, persuasivos e controladores, pois são os condutores e intérpretes autorizados, detêm o poder definitivo sobre os fiéis, que têm expressividade simbólica extremamente participativa e ao mesmo tempo individuais – uma manifestação coletiva de catarse. O êxtase em demasia, como também transe hipnótico coletivo, provocado pelo clima emocional, pela música, a dança e o ritmo, foi uma das motivações com que a CNBB - no início de cunho mais progressista, observasse com cautela as dimensões pastorais do movimento, mormente nos anos 70.

As orientações vão tornando-se claras desde a Conferência de Medellín, bem como no documento da 53 CNBB:

Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas dioceses e também a contribuição que tem trazido à igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraterno no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carismas e corrigindo o que for necessário [...] Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete. (CNBB, 1994, p. 8)

A resposta do movimento é clara e profundamente ligada à hierarquia, pelo menos teoricamente:

Sob a ação do Espírito Santo, as pessoas experimentam libertação, alegria, segurança, crescem no amor ao próximo, na vivência comunitária, aprendem a discernir a vontade de Deus e a permanecer em comunhão com a hierarquia (CNS apud Prandi 1997, p. 42).

Nas décadas seguintes, não há pronunciamentos ou controle do Vaticano. As atuais observações e restrições referem-se mais a preocupação com abusos, pois a RCC tornou-se um apoio implícito às propostas expansionistas em combate ao pentecostalismo crescente e à crise do catolicismo, que não possuía um projeto eficaz de prática religiosa à altura do povo atendido por outras religiões que prosperavam de modo inusitado. Os rituais de cura divina têm se tornado uma atividade cada vez menos discreta na RCC.

O oposto ocorria com as CEBs, que sempre tiveram como uma de suas utopias a inclusão do diferente, como o ecumenismo, discutido em diversos intereclesiais. Os militantes mais antigos delatam a RCC como um dos agravantes para o declínio das utopias. Quanto à prática do participante das CEBs na sociedade, do ponto de vista dos problemas sociais e políticos:

Deveria ser uma pessoa ligada aos problemas da comunidade e da sociedade, né. Hoje deu uma boa reduzida aí na participação. Não sei se é devido aos encontros carismáticos... Esse grupo que veio deu uma abafadinha (...) Eu tento conciliar as duas coisas, né, porque é assim, é, Jesus mesmo falou: “eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância”, Jesus foi o maior político. Ele foi político. Então: “aí, não pode misturar política com a igreja”. Mentira. E tem que se misturar. Não tem como a gente separar a igreja da religião. Elas têm que estar unidas, né. Jesus foi o quê? Então nós temos que sempre seguir Jesus temos que viver o que Ele viveu e sermos políticos. O que é viver em abundância? É vida plena, né? É o projeto de Deus, né? (Vânia, 42 anos)

De fato, a carismatização dos militantes alterou a forma como eles reagem aos problemas da modernidade. Para estes, Deus era visto como o pai criador da humanidade. O sofrimento dos seus filhos estaria relacionado ao livre arbítrio. Os relatos de Tereza, 67 anos, demonstram um pouco desta característica mais subjetiva, bem como a apropriação das utopias de outros movimentos da Igreja Católica como, por exemplo, a RCC:

Libertação é se libertar de muitas coisas. Libertar de vício de televisão... que eu conheço pessoas que assiste novela das 6, novela das 7, novela das 8. Queima até o arroz. Você tem q se libertar disso aqui. A mulher q vai pra missa de barriga de fora [...] o cara que entra na igreja fumando... [...]

O pecado social do mundo é não perdoar o irmão. Um pecado social grande é a prostituição que falta ética na pessoa [...]

O ofício (*das Comunidades*) é individual. Você reza e consegue as coisas pra você. Não adianta pedir pros outro, só recebe pra você [...]

A igreja era muito parada... Era em latim, ninguém entendia nada. Tem vez que eu convido aqui... e todo mundo ora em língua. Os padre é mais dedicados do que esses da CNBB aqui. Os padres aqui deixa tudo pros leigos. Eles nunca faz as coisas. Já os carismáticos dá. Na televisão tem a palestra bíblica. Aquele professor que fala da canção nova – professor *Arquino* – pena que minha televisão não pega mais. Os padres fala mais que é muito bom. Eu comprei todas as fitas do Padre Léo da Canção Nova. Ele morreu, mas as palestra ficou. Eu uso muito para a catequese. [...]

Há ainda a tensão de que o movimento se torne independente da Igreja, devido ao seu caráter isolacionista e autônomo (PRANDI, 1997).

Enquanto as CEBs dispõem dos assessores para subsidiá-las, a RCC não se organiza pastoralmente, embora os leigos também sejam convidados a se inserirem nas atividades da comunidade. Sua organização central é basicamente laica. Estruturada em grupos de oração, embora coordenadas por um leigo, depende de um padre assessor ou diretor espiritual, que é legitimador do movimento na Igreja Católica. Esta é a premissa básica para sua existência.

Ao coordenador cabe controlar o êxtase ou transe coletivo do início ao final das reuniões. São portadores de mais de um dom: línguas, cura divina, profecia, etc. Os grupos de oração são a base da vida carismática. Não têm a função de substituir a vida sacramental, mas de complementá-la (PRANDI, 1997), embora muitos freqüentem somente os dias de oração e não as missas tradicionais, contrariando as orientações da Igreja:

Não há, em termos de movimento, uma opção coletiva por transformações sociais, ou mesmo manutenção. Mas o desejo de intervenção isolada termina por ser uma opção pela conservação das situações sociais, muito embora pudesse argumentar-se que a busca de solução de problemas sociais, em seu conjunto, termina por ser uma solução do coletivo. Vale lembrar a máxima de Durkheim que a sociedade não é a soma dos indivíduos, e o fato social não é a soma de fatos individuais (LULIAELLI, 1997, p. 26)

A pesquisa CERIS 1978 indicava que a RCC constituía majoritariamente de público feminino, de classe média, de forte rigidez hierárquica, extremamente submissa à hierarquia eclesial. Questionados quanto ao engajamento social, 34,9% dos informantes não responderam a questão. 47,3% declararam simplesmente não ter um engajamento social, enquanto apenas 17,8% atuavam na sociedade no sentido de promoção humana (OLIVEIRA, 1978). Além disso, a proposta intimista de libertação interior contra os males que aprisionam o homem ao pecado responde aos anseios de um movimento apático distante das utopias sociais. A pesquisa ainda revela que a prática da RCC está ajustada à Igreja Católica como instituição e não se situa nela como um movimento de contestação à estrutura institucional, como na prática dos sacramentos e a frequência à eucaristia.

Para o participante, o encontro e entrega a Deus resultam numa vida nova no Espírito e na libertação interior, por meio de dons e carismas. A libertação se dá na medida em que o indivíduo se entrega a Jesus como Senhor de sua vida, deixando-se operar o encontro místico com ele. A alegria evidente é uma exteriorização desta aceitação:

O movimento de RCC agora se espalha velozmente, usando técnicas e conteúdos doutrinários do pentecostalismo, reintroduzindo o milagre, a preocupação centrada com o indivíduo, e reinaugurando em grande estilo, uma vez que agora fica disponível para as massas católicas, a valorização do êxtase religioso. O transe do Espírito Santo já é bem comum no interior das igrejas e catedrais católicas (...) A expressão máxima do homem não é mais a sua consciência, o ideal religioso prega agora a negação da identidade como meio para alcançar a experiência de sentido mais profundo (PRANDI, 1997, p. 23).

Enquanto as CEBs Discursam sobre o pecado social, na RCC é o pecado que fecha o indivíduo às bênçãos. Portanto, o arrependimento, a oração e a participação das cerimônias são necessários para alcançar o milagre por meio de Espírito Santo.

Inquirida sobre o terço da libertação, uma militante das CEBs esclarece-nos que Deus se manifesta por meio da fé e da entrega de nossos problemas a Ele, só assim cada um pode se libertar dos males do mundo:

O terço da libertação a gente às vezes não quer falar, porque fala desse negócio de milagre. Mas que milagre existe, existe. Porque eu ia operar, eu to com tudo aí pra operar do meu joelho. Ia operar: ressonância, chapa, marcado médico pro dia, eu não operei do meu joelho não. (...) Eu escorreguei na cozinha e me partiu a perna bem em cima de onde eu ia operar. Eu sofri dor. Deu dor. Eu falei: *Deus me operou*

*aquela hora. Eu escorreguei, (...) Eu não podia andar, eu não podia caminhar, eu andava mancano, eu punha a perna assim, aí quando eu ia tirar, dava uma dor, se eu fosse me levantar, eu gritava. Eu falei: nossa! E doía, e sentava e ponhava a perna pra cima. Olha, eu fui pedir o terço da libertação. Hoje eu to lavando louça, se eu to rezando, se eu tava no banheiro eu tava rezando, se eu tava caminhado eu tava: Senhor, cura e liberta o meu joelho, Senhor, cura e liberta o meu joelho, Senhor, cura e liberta o meu joelho! Você tem que fazer dez vezes, e rezar dez ave-maria. Se você não tiver terço, eu ia fazendo nos dedos e fui pedindo, fui pedindo. Era terminar o natal e o ano e eu ia operar. (...) Eu falei: vou no médico! Chamou o resgate. Eu fui pro pronto socorro, engessaram, tiraram chapa, falou que tava trincado o osso. Ó, você vai ficar oito dia sem se mexer. (...) Minha nora vinha aqui, dava banho ni mim, mas ele não me deu nenhum remédio. Eu comprei uma caixa de Voltaren pra mim tomar por minha conta porque o médico não passou remédio. Comprei uma caixa de Voltaren, porque se começar a doer... Ai, quando foi com oito dia que eu voltei lá aí ele tirou o gesso aí falou, tirei chapa de novo e ele falou: Seus osso já tá tudo juntinho. Aí, não senti mais dor, já fiz ginástica, pulei, fiz tudo e não senti mais dor na minha perna e não precisou operar. E tá tudo as ressonância aí. Então a gente, eu não fiz promessa assim que as pessoa faz. Eu pedi pra todos os santos, pra Deus, pra Nossa Senhora, Meu Deus todo dia e todo dia rezava, e todo dia na cama eu rezava. E as pessoas tudinho rezava por mim, todo mundo se ajoelhava e pedia por mim, né, porque dizia que eu tava lá na igreja eu não ajoelhava, ficava em pé na hora da eucaristia, quando eu tava de ministra eu não me ajoelhava, eu ficava de pé porque não dava, e todo mundo via e rezava pra mim e falava eu tô fazendo oração por você. E na capela quando rezava o terço eles rezava por mim, e graças a Deus eu falei. A gente não fala porque as pessoas não acredita muito, mas já nos meus dois joelho que deu problema, eu melhorei das coisa. Agora eu to pedindo porque me deu diabete. Então eu to pedindo pra diabete, que era duzentos, era trezentos, era duzentos, e agora eu já medi é cento e dezoito e eu to tomando os mesmo remédio, as mesma coisa, e as mesma dieta (Tereza, 64 anos)*

A relação da militante com Deus muito difere das utopias antigas das CEBs e do significado de libertação como pecado social. O indivíduo só adquire a graça por meio da reconciliação e entrega total a Deus. Aquele que é agraciado, é visto como um intercessor, capaz de receber graças para terceiros apenas orando por eles, crêem que sua oração seja mais forte. Observemos essa característica na RCC, como também nos novos militantes das CEBs:

*E continuo fazendo o terço da libertação. Eu falei: como eu sarei, eu vou por pros outro, vô pedir, porque muitas pessoas na comunidade: eu to com minha perna inchada! Eu to com meu joelho doendo! Eu to... Eu falei: não... vamos fazer o terço*

da libertação e pedir, pras pessoa rezar, porque é assim, não é de uma hora pra outra, você tem que esquecer televisão. Se você tá assistindo novela e você tá rezando, você não vai poder ficar assistindo novela. Você não vai poder... você tem que ser uma pessoa, ali uma pessoa pode falar com você. Aí você tem que respeitar e ficar calado e não dar resposta. Para você alcançar uma coisa, você tem que primeiro modificar. Você tem que se modificar você para você alcançar aquilo. Você tem que ficar com aquilo só com Deus na sua cabeça. Você não pode ter umas raiva de ninguém, nem ficar xingando ninguém. É isso pra você... novela, televisão, você pode desistir. (...) Libertação porque Deus liberta você de muitas coisas. Se você começa a fazer o terço da libertação, não é você. Pode ser o terço da libertação, pode ser o terço que tem outro da misericórdia. Ou pode ser o terço normal também. Mas se você não se liberta você não consegue a graça. (Tereza, 64 anos)

Aqueles que participaram no auge das CEBs, relatam um sentimento perplexidade quanto ao seu enfraquecimento, diante da brusca mudança acontecida nos últimos anos, especialmente a decepção com a hierarquia da Igreja, bem como as ações políticas dos partidos aliados, as comunidades e com os próprios leigos que revelam estarem descomprometidos com as utopias do passado:

CEBs [...] pra mim era viver, formar junto com o pessoal, era sentar junto com o pessoal, sabe? [...] Eu fui pro meio estudantil, pro meio operário, formando núcleos aqui e ali. Era uma tomada de consciência, era uma união, era uma partilha, era ensinar os outros a viverem unidos, a partilharem, certo? [...] Trazer para a realidade da vida o evangelho [...] Levar para influenciar, para que mudasse a realidade... [...] E hoje... Existe uma alienação muito grande, sabe? Hoje eu vejo a Igreja assim nessa coisa, num retrocesso, extremamente doutrinária, doutrinária, sabe? E. prática, libertadora... talvez eu não entenda porque se fala de libertação no espiritual e eu não me conformo porque Jesus Cristo libertava o homem integralmente[...] Os movimentos atuais que eu vejo e você me pergunta da RCC, parece que está muito preocupada com isso, salvação da alma, certo? Eu já recebi reprimendas diretas e indiretas do meu bispo dizendo que é mais importante é a parte espiritual da pessoa [...] Agora existe comunidade eclesial de base como eu vi? Olha eu to pra descobrir que existam realmente porque não se fala no assunto, não se toca no assunto [...] (Padre Ricardo, 70 anos)

O padre José comprou até uma máquina de fazer tijolo. Aí, a gente ia ajudar o povo a construir as casas em mutirão nas favelas [...] Um dia nós fomos fazer um barraco pra mulher e aí a gente viu o marido dela bebendo cerveja no bar. Eu to fazendo um

barraco pra você e você precisa, ele tem que ficar junto. Aí eu desanimei. (Roberto, 64 anos)

Na igreja a gente tinha curso de fé e política, visitamos as famílias nas favelas e ajudava com cestas básicas e tentar incluir essas pessoas para conseguirem casa, trabalho... A gente fazia encontro nas casas dos mais pobres e ia ensinando a multiplicar as CEBs. (Roberto, 64 anos)

Hoje os encontros estão sendo nas capelas, para o padre poder controlar melhor. (Vânia, 42 anos)

Por possuírem utopias tão divergentes, as CEBs e RCC eram vistas pelos seus militantes com hostilidade. A carismatização de algumas comunidades de base é observada na mudança da prática de seus militantes:

A aproximação que eu tenho (com a RCC) é que eu assisto bastante no rádio, bastante. Já participei lá no padre Marcelo duas vezes. (prefiro a liturgia) das CEBs (...) Eu acho que a liturgia da RCC é um pouco puxada pra outra religião. E eu sinto que a Igreja Católica Apostólica Romana, de verdade mesmo é a das CEBs. Que, que nem eu penso e sinto, essas outras igrejas a gente sente quando não é carismática. Mas eu tô gostando muito de ouvir o padre Marcelo no rádio, né. As explicação, né? Tem uma parte que eu sinto que eles tão vendo a gente do jeitinho que tá dentro de casa, (mas) tem gente que não gosta disso. (...) Penso que não é ele não. Aquilo ali é a força do Espírito Santo. Que nem tem o padre Alberto, da Renovação, tem um programa muito bom também, eu gosto muito das explicação do padre Alberto. Já é diferente um pouco, né, do padre Marcelo. Mas ele também, ele tem esse lado aí. Mas Espírito Santo habita, ele vê tudo. Não adianta a gente querer que ele não vê, ele vê tudo o que nós tamos conversando aqui, e ele vê tudo. Só que na carismática eles fala: *fulana aí, tá uma pessoa aí que tá com isso, isso, e isso.* (Edivalda, 71 anos)

Anteriormente os materiais utilizados para reflexão nos encontros semanais das CEBs, eram subsidiados pelos assessores das CEBs, que bebiam nas fontes da TdL. Hoje, tolhidas pelo processo de romanização que atingiu o Vaticano, bem como pela própria CNBB<sup>61</sup>, as utopias da TdL têm sido abandonadas:

---

<sup>61</sup> João Paulo II vai mudando lentamente o perfil episcopal, consagrando bispos mais conservadores. A CNBB atualmente é presidida por Dom Geraldo Lyrio Rocha.

Hoje, quando tem os subsídios da igreja, a gente usa né. Pode ser do mês de Maria, natal, da campanha da fraternidade. Geralmente vem da Cúria, vem da CNBB. Que nem agora da Amazônia... foi todos os grupos que fizeram. E são uns encontros muito bons que conscientizam a gente. E hoje a gente lê muito, a gente procura a palavra de Deus, né! A gente reza o terço, mas bem pouco, a gente procura mais é repetir a palavra, fazer o hoje na vida atual, ir aprendendo um pouquinho com o outro. Que ninguém é dono. Aquele que acha que o outro que não sabe nada e é o que pode nos ensinar muito, né! E trazer pra vida atual, né! Então se tem um movimento pra gente participar, por que as CEBs é isso, né. (...) (Vânia, 42 anos)

As campanhas da fraternidade (CF) são outro exemplo de mudanças no posicionamento da própria CNBB. A primeira campanha foi lançada em 1963 pelo episcopado participante do Concílio Vaticano II. Em 1965 a CNBB passou a assumi-la. Nesta transição, foi estabelecida a estruturação básica da CF. Estavam determinadas em promover a renovação interna na Igreja, proposta pelo Concílio. Os subsídios, antes preparados pelos teólogos assessores das CEBs passaram a ser elaborados pela CNBB. Temas como a luta pela justiça e igualdade social entre negros brancos, mulheres, idosos, crianças, enfim, os menos favorecidos, deram lugar a campanhas mais subjetivas e menos comprometidas com a realidade do povo, como é o caso da CF *Amazônia* em 2007, sugerindo que todos se unissem em oração pela resolução dos problemas enfrentados na região Amazônica; em 2008, o tema *em defesa da vida*, repreende aqueles que não a defendam, como, por exemplo, as mulheres que abortam. Os temas discutidos pela Igreja na ocasião da quaresma integram a tabela 3:

**Tabela 3. Campanhas da Fraternidade**

ANO	TEMA	LEMA
<b>- Temas direcionados para a renovação interna da Igreja</b>		
1964	Igreja em Renovação	Lembre-se: você também é Igreja
1965	Paróquia em Renovação	Faça de sua paróquia uma Comunidade de fé, culto e amor
1966	Fraternidade	Somos responsáveis uns pelos outros
1967	Co-responsabilidade	Somos todos iguais, somos todos irmãos
1968	Doação	Crer com as mãos
1969	Descoberta	Para o outro, o próximo é você
1970	Participação	Participar
1971	Reconciliação	Reconciliar
1972	Serviço e Vocação	Descubra a felicidade de servir.
<b>- Uma nova fase a Igreja passa então a preocupar-se com a realidade social do povo, denunciando o pecado social e promovendo a justiça, conforme Medellín e Puebla</b>		
1973	Fraternidade e Libertação	O egoísmo escraviza, o amor liberta
1974	Reconstruir a Vida	Onde está teu irmão?
1975	Fraternidade é Repartir	Repartir o Pão
1976	Fraternidade e Comunidade	Caminhar juntos
1977	Fraternidade na Família	Comece em sua casa
1978	Fraternidade no Mundo do Trabalho	Trabalho e justiça para todos
1979	Por um mundo mais humano	Preserve o que é de todos
1980	Fraternidade no mundo das Migrações Exigência da Eucaristia	Para onde vais?
1981	Saúde e Fraternidade	Saúde para todos
1982	Educação e Fraternidade	A verdade vos libertará
1983	Fraternidade e Violência	Fraternidade sim, violência não
1984	Fraternidade e Vida	Para que todos tenham Vida
<b>- Já nesta última etapa, as atenções voltam-se para situações existenciais do povo brasileiro</b>		
1985	Fraternidade e fome	Pão para quem tem fome
1986	Fraternidade e terra	Terra de Deus, terra de irmãos
1987	A Fraternidade e o Menor	Quem acolhe o menor, a Mim acolhe
1988	A Fraternidade e o Negro	Ouvi o clamor deste povo!
1989	A Fraternidade e a Comunicação	Comunicação para a verdade e a paz
1990	A Fraternidade e a Mulher	Mulher e homem: imagem de Deus
1991	A Fraternidade e o Mundo do Trabalho	Solidários na dignidade do trabalho
1992	Fraternidade e Juventude	Juventude - caminho aberto
1993	Fraternidade e Moradia	Onde moras
1994	A Fraternidade e a Família	A família, como vai?
1995	A Fraternidade e os Excluídos	Eras tu, Senhor?
1996	A Fraternidade e a Política	Justiça e paz se abraçarão!
1997	A Fraternidade e os Encarcerados	Cristo liberta de todas as prisões
1998	Fraternidade e educação	A serviço da vida e da esperança
1999	Fraternidade e os desempregados	Sem trabalho... Por quê?
2000	(Ecumênica) Dignidade humana e paz	Novo milênio sem exclusões
2001	Vida sim, drogas não!	Vida sim, drogas não!
2002	Fraternidade e povos indígenas	Por uma terra sem malas!
2003	A fraternidade e as pessoas idosas	Vida, dignidade e esperança
2004	A fraternidade e a água	Água, fonte de vida
2005	Campanha da fraternidade ecumênica	Felizes os que promovem a paz!
2006	Fraternidade e pessoas com deficiência	Levanta-te e vem para o meio!
2007	Fraternidade e Amazônia	Vida e missão neste chão
2008	Fraternidade e Defesa da Vida	Escolhe, pois, a Vida
2009	O tema será: Fraternidade e segurança pública	A paz é fruto da justiça

Também o *Ofício Divino das Comunidades*<sup>62</sup>, mais que um livro de orações, é um instrumento de reflexão diário para as CEBs, e sua leitura é obrigatória para todo militante. Contudo alguns militantes utilizam o Ofício de Nossa Senhora - da Canção Nova, sem saber distinguí-los.

Eu uso. Eu tava rezando o ofício de Nossa Senhora, é da Canção Nova. Depois me deu uma depressão muito forte, aí eu parei. Eu também fazia as orações da Legião de Maria, e eu fiquei muito depressiva esse ano aí. Eu mesmo vi que eu tinha que melhorar. Agora na Legião de Maria que eu sei a oração de cor que eu melhorei. (Edivalda, 71 anos)

Claro que eu rezo... todo dia, não sei onde coloquei não (nem o encontrou durante a entrevista)... mas é aquele com orações de Nossa Senhora, do padre Jonas, com Nossa Senhora na Capa. (Tereza, 64 anos)

Me ajoelhei nos pés de Santa Teresinha e da Nossa Senhora e rezei ofício e pedi (Tereza, 64 anos)

As conferências e os relatos supracitados evidenciam a resignificação das comunidades de base. Nos militantes antigos observamos certo saudosismo da “Igreja povo de Deus” experimentada nas décadas de 70 e 80, bem como a insegurança quanto às sanções da hierarquia romana e o fantasma da morte das CEBs. Já os novos militantes optam por um cristianismo descompromissado com o “povo de Deus”, mas com reflexões místicas e subjetivas acerca da fé.

---

<sup>62</sup> O *Ofício Divino das Comunidades* (1988), é uma versão popular da Liturgia das Horas para as comunidades de base. Valoriza e contextualiza a Bíblia, comparando-a com os problemas sociais que afligem as comunidades, por meio da oração, do canto dos salmos e das partilhas da comunidade. A *Liturgia das Horas* original possui orações da manhã, do meio-dia, da tarde, da noite, de domingos e festas, solenidades, dias santos, falecidos, ação de graças, mártires, etc. Em todos os encontros e reuniões das quais participamos, os líderes insistiram na necessidade da prática do ofício. O Ofício de Nossa Senhora, embora de origem medieval, é uma publicação recente da Editora Canção Nova, considerado pela editora como patrimônio da fé do povo brasileiro. Uma antiga tradição diz que Nossa Senhora se ajoelha no céu quando alguém na terra reza o ofício.

## CONCLUSÃO

As origens das CEBs estavam ligadas a utopias político-religiosas que motivavam seus militantes a se organizarem para a conquista de determinados fins estabelecidos coletivamente. Os projetos de ação eram estabelecidos por ideologias específicas, como a TdL, que as orientavam. Um elemento que fundamentava tais comunidades, as mantendo resistentes às intempéries do cotidiano e que as impulsionava para a ação, é a chamada utopia religiosa. Esta “esperança religiosa” perpassa também os textos e letras de músicas das CEBs: *Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar. E neste dia os oprimidos, numa só voz a liberdade irão cantar. Quando a voz da verdade se ouvir e a mentira não mais existir, será enfim, tempo novo de eterna justiça, sem mais ódio, sem sangue ou cobiça: vai ser assim.*

O diálogo entre real e o desejado era e é uma constante nas CEBs. A letra acima mencionada fundamenta-se na convicção de que a sociedade perfeita pode ser construída na terra. Há nela uma aproximação do céu com a terra. Mas, também ocorre o inverso, eleva-se a terra para o céu. Frequentemente, nas utopias veiculadas pelas CEBs, se fazem presentes elementos religiosos tendo como pano de fundo uma determinada crítica social, isto é, a representação de outra sociedade radicalmente diferente com relação à existente, capaz de responder adequadamente às necessidades das pessoas e satisfazer as suas aspirações. Criou-se uma imagem de uma sociedade perfeita - horizonte e guia para um projeto histórico alternativo ao já existente. Além de despertar uma visão crítica do presente, as letras incitam nos militantes a responsabilidade para transformar a situação social existencial para uma situação de bem-estar.

As utopias veiculadas pelas CEBs procuram transcender a situação social, não no sentido de se afastar da realidade, mas de forma a orientar a conduta para transformar a realidade histórica existente em outra realidade, mais de acordo com suas próprias concepções:

Se um católico vai à Igreja rezar ele é católico. Mas se sente necessidade ética de reivindicar e se formar politicamente e sente necessidade de mobilizar o bairro por melhores condições, como na exigência de saneamento básico para a comunidade, não é só católico, mas está sendo fermento multiplicador - ajuda e estimula a conscientização política, está fazendo CEB, mesmo sem saber. (Luiz, 56 anos)

O elemento utópico presente neste depoimento é o “fermento da massa” que vai distinguir um “simples católico” daquele que também participa das CEBs. O *fermento na massa* possui a função de fazer o pão crescer e alimentar a comunidade religiosa. A possibilidade de fazer o pão crescer está nas CEBs. Poderíamos pensar que “fazer o pão crescer” denota certa prática proselitista, poderíamos não descartar esta possibilidade já que exigir *saneamento básico* envolve *todo o bairro*, alcançando não só os católicos, mas fazendo da militância um espaço missionário de multiplicação. A aplicação do conceito religioso *fermento na massa*, impulsionador de uma ação, envolve determinados valores e padrões de conduta. Para que tal aplicação se efetive, deve-se necessariamente partilhar dos sentimentos e das motivações das partes interessadas.

O comprometimento originário das CEBs com as questões sociais, canalizadas para a participação política, visava a mudança da sociedade. Para Oliveira, a idealização do “mundo perfeito” passa pela prática política inspirada no Reino de Deus: “*O Reino de Deus como sociedade justa e fraterna a ser construída na terra, é em nome dessa utopia que as CEBs tornam-se capazes de congregarem setores das classes populares*” (OLIVEIRA, 1988, p. 24). Neste caso, as CEBs deixariam de ser um movimento religioso que promove o *ópio do povo*, construindo no indivíduo uma ilusão com o intuito de fugir da realidade. Pelo contrário, procura inseri-lo dentro da relação *existência-utopia* não de forma arbitrária, mas incentivando-o à transformação da realidade.

Para entender a construção de uma utopia política veiculada pelas CEBs, e posteriormente o seu desfalecimento na atualidade, percebemos que o desenvolvimento de determinada utopia se vincula com o desenvolvimento de uma ordem existente. É o que detectamos no contexto sócio-político em que as CEBs foram criadas. Momento de repressão e autoritarismo político, de ditaduras militares que se consolidavam na América Latina e obstruíam qualquer forma de manifestação do povo. Entretanto, num contexto global, as CEBs encontraram seu espaço como novo *jeito de ser igreja*, no processo de dinamização e ‘democratização’ Romana, por meio do Concílio Vaticano II, que veio favorecer o espaço decisório e reflexivo na Igreja, inclusive dos leigos.

Religiosos e leigos, antes envolvidos numa Igreja cujo rosto expressava a piedade e religiosidade popular, passam a se inserir nos meios periféricos onde os pobres e excluídos se articulam em movimentos sociais e populares, em luta pelos direitos humanos, em favor de utopias sociais e políticas de esquerda. É esta forma de igreja popular, no mundo e para o

mundo, apresentada pelo Concílio Vaticano II, que motivou determinados setores da igreja Católica e movimentos populares na busca de mudança social.

A Igreja Católica enfraquecida pelo processo de secularização do mundo moderno, desde a década de 60 do século XX, passa a ser um dos poucos espaços de mobilização popular, de reflexão e formação de novos líderes políticos e sindicalistas – um espaço de esperança nas utopias grandemente influenciadas pelo socialismo utópico que luta por igualdade. Este espaço, embora esteja enfraquecido na atualidade, ainda garante algumas possibilidades remotas de ao menos *pensar e agir diferente*. É o que afirma um dos padres e militante das CEBs do Grande ABC, justificando a sua condição de sacerdote, hoje *marginalizado* dentro da instituição religiosa:

Não é o fato de eu estar dentro da igreja que eu sou obrigado a pensar como os outros. Me permita a discordar, não aprovar, não concordar de um monte de coisas que eu vejo dentro da igreja. Agora... por que eu estou dentro da Igreja Católica? Porque se eu for analisar as outras... eu vejo nas outras... coisas, certo?... que eu não concordo. Dentro da Igreja Católica, ainda pra mim é a mais fiel, é a mais fiel de todas, certo? E é a igreja que me possibilita, até quando não sei, eu fazer aquilo que eu acredito, certo? E me deixa um espaço para eu poder fazer alguma coisa. Porque se eu tivesse fora da igreja eu não poderia estar realizando uma série de coisas. Eu preciso estar ligado a alguma coisa para fazer aquilo que eu acredito, ta? (Padre Ricardo, 70 anos)

Os militantes há mais tempo nas CEBs não as vêem como movimento de igreja, individualista e descomprometido com a prática e a vida das pessoas, mas uma estrutura aberta ao diálogo enraizada na política, com profunda “ação de Deus” e participação ativa do homem na história. O padre supracitado, formado dentro de um contexto teológico da TdL, faz uma crítica dos novos atores religiosos que se fazem presentes dentro da instituição católica, como exemplo: *encontro de casais com Cristo, cursilhos para jovens, comunhão e libertação, RCC* etc. Para ele, as CEBs não são um movimento dentro da igreja, mas é a *igreja na base*, assimilando as características do povo, e da qual este pode expressar sua fé nos próprios registros da sua cultura. Esta mentalidade pressupõe uma configuração diferenciada da estrutura hierárquica na qual existe uma cúpula que direciona e conduz à *base*.

O padre Ricardo entende que sua atuação nas CEBs no passado pode ser entendida como uma participação junto aqueles que não pertencem ao corpo hierárquico, com parca participação nas decisões eclesiais, incentivando-os a serem sujeitos ativos dentro da

instituição religiosa. Em seu depoimento, deixa implícita a mudança de orientação da Igreja hierárquica no Grande ABC. Uma instituição mais centralizadora na mão de padres e delimitadora com relação à atuação dos leigos.

Logo após o Concílio Vaticano II, D. Jorge, que tinha a intenção romper a distância entre clero-leigo, adotou entre os padres do Grande ABC, em substituição à batina, o *clergyman*, um adereço anexado à gola da camisa que identifica a condição sacerdotal. Essa ação rendeu fortes críticas ao bispo porque a *batina* era uma vestimenta usual, comum do clero, que o distinguia do leigo, mas impedia a aproximação com o povo, dificultando o contato.

Querendo preservar e garantir a continuidade da tradição e a clássica divisão clero-leigo, o atual bispo da região reorienta seus padres a usarem o *clergyman*, que é adotado pelos padres para evitar a *imagem* de sacerdote como um *homem qualquer*, igual aos *outros*. O padre R., entrevistado, faz questão de mostrar que a roupa que usa é fruto de doações - inclusive a sua paróquia que foi construída a partir de material de demolição - e que não se preocupa com a aparência, pois isso não lhe conferiria uma evangelização mais eficaz diante do povo, ao contrário, promoveria o seu distanciamento.

As CEBs, alguns padres, religiosas, religiosos, leigos e leigas, permeados desde a década de 60 pela utopia da TdL, vêm promovendo certo desligamento das orientações da Igreja Oficial sob o clero liderado por João Paulo II, tipo de gestão de uma igreja-instituição mais conservadora. O novo clero liderado por ele torna crescente uma tensão entre a igreja romana e a latino-americana. As CEBs, com suas celebrações laicas, ecumênicas, a valorização da mulher como liderança, bem como o empenho político de militantes, lhe renderam críticas por parte do novo clero.

Outro incômodo causado pelas CEBs foi a descentralização paroquial, o que a torna livre do controle por parte da paróquia, e seus participantes passam a ser acusados de subversores de uma movimentação política desvinculada da fé. Este tipo de utopia sócio-religiosa perde sua força por um lado, pela desestabilizadora economia atual que neutraliza e freia os processos de transformação social. Por outro lado, a Igreja Católica oficial na gestão de João Paulo II demonstrou muito interesse para enquadrar as igrejas católicas espalhadas pelo mundo na lógica da grande disciplina.

Um ponto fundamental que atingiu a instituição universalmente, e o Brasil em particular, se refere à política de nomeação de novos bispos. Se durante décadas prevaleceram critérios de escolha fundados na diversificação de tendências, de competências e habilidades, a política deste pontificado centrou a seleção num critério básico, qual seja, o de explícita

obediência ao papa e o de ser subserviente às normas da Cúria Romana. Em decorrência desse encaminhamento externo neoconservador, as CEBs perderam seu apoio institucional. Mas, há sinais evidentes de que os sujeitos das CEBs passam por um processo de revisão, reorientação dos seus objetivos, atividades e de suas utopias. E isso desfaz o mito de que o processo de retrocesso das CEBs e a retirada de sujeitos com práticas progressistas estejam em curso, ao passo de desaparecerem na história. Temos que considerar aqui também a perda de vitalidade da Igreja católica no mundo e, em particular no solo brasileiro. Entre alguns dos indicadores podemos citar o crescimento das igrejas evangélicas pentecostais, inserção de cultos orientais, bem como a evasão de fiéis.

Internamente, para se contrapor à perda de fiéis, emergiram na Igreja Católica alguns grupos mais espiritualizados, com mais força a partir da década de 80. É o caso do movimento leigo RCC que, ao enfatizar o aspecto subjetivo em detrimento da realidade objetiva, distanciou-se de um compromisso social mais efetivo.

O controle da Igreja Católica se faz notar nas celebrações religiosas promovidas nos encontros das CEBs. A expressão *libertar-se das correntes e do julgo dos exploradores* usada em uma música dos encontros das CEBs aponta um movimento de liberdade que para o clero pode ser visto como libertação eclesial. Já as RCCs, por exemplo, não foram tão controladas, pois apesar da diversidade de utopias, símbolo e gestos, do culto carismático, está sob responsabilidade do padre e ele é o centro da liturgia.

Até o concílio Vaticano II, o padre celebrava de costas para o povo e era o centro da liturgia, representando o próprio Deus na terra. O catolicismo, em declínio desde a Idade Moderna, passou a centralizar-se na figura do padre. Ao questionar essa Igreja hierárquica e centralizadora, a TdL passa a ser considerada subversiva.

Com a mudança de foco promovida pela Igreja Católica na atualidade, o teor das utopias depositou suas esperanças em movimentos mais intimistas como a RCC e, conseqüentemente, transferiram sua plataforma de ação para um “Deus poderoso” e para “padres milagrosos”. Mas, se o catolicismo parece inovar na medida em que se abre ao uso da mídia – fazemos referência à Rede Vida, Canção Nova, as missas televisivas do padre Marcelo Rossi - e de maneira mais ousada, similar aos pentecostais, e que estimula um tipo de religiosidade mais emocional e intimista com a RCC e, sobretudo com o apelo dos padres cantores; ocorre paradoxalmente uma volta a matrizes da instituição que reforçam o tradicionalismo religioso. Há uma ênfase na pertença institucional veiculada pela RCC. Ela demarca sua pertença a um catolicismo que valoriza o uso de elementos da Tradição Católica (sacramentos, a figura de Maria, do papa, etc.).

Os padres cantores e dançarinos são um atrativo, sobretudo para o segmento juvenil. Sua influência acaba por encantar também militantes das CEBs, que mesmo não se “convertendo” à RCC, inculturam termos como “*Meu Deus é vivo*”, “*O sangue de Jesus tem poder*”, “*Transforma, Senhor*”, ressurgindo a idéia de um “Deus mágico e provedor”. Podemos dizer que esta *espiritualização da política* se faz notar na prática dos atuais membros da CEBs no ABC já que os membros mais antigos ou ex-militantes estão atuando em sindicatos e partidos políticos. Existe uma preocupação e esforço dos líderes de manter a tradição de uma utopia política dentro das CEBs de maneira a uniformizá-la para os seus militantes. Mesmo com esta preocupação, os militantes das bases estão noutra nível de reflexão: “*estamos muito mobilizados e animados, nos reunimos todas as semanas para a reza do terço!*”, “*vou à missa toda semana*”, “*as CEBs são responsáveis por chamar o povo para participar da Igreja Católica, se a gente não faz isso, eles viram evangélicos*”...

A mobilização de hoje é bem diferente das ações do passado, quando saíam às ruas para bater panelas na frente da prefeitura reivindicando uma lombada para o bairro, saneamento, ou mesmo para reaver seus parentes presos pelos militares. Entretanto, devemos considerar que essas frases são ouvidas nas bases, nos pequenos grupos de rua. Os líderes coordenadores das CEBs, tanto padres quanto leigos, resistem à idéia de declínio e apesar de alguns observarem a diminuição na participação dos grupos, referem isso a um problema mundial de crise da Igreja Católica.

Outro exemplo dessa mudança nas utopias das CEBs é Diadema, a cidade mais atrelada às políticas sociais e partidárias da região do ABC no passado, localizada na região que foi lugar de origem da industrialização, do PT, antiga referência de sindicalismo e CEBs nas décadas de 70 e 80, hoje inexistentes. Na região, as missas mais freqüentadas são as mais próximas do catolicismo popular, além da inauguração recente de uma Igreja Universal do Reino de Deus, localizada num quarteirão privilegiado da cidade.

Já para a assessoria das CEBs, as comunidades adentraram uma segunda geração, mais amadurecida e com uma exigência teológico pastoral, reestruturando a missão da igreja em, comprometida com a transformação das estruturas com responsabilidade profética, mas ainda com necessidade de ser ‘refundada’, uma reestruturação eclesial. Embora enfraquecidas, as CEBs no ABC têm chegado aonde o sacerdote católico não chega, por estar numa fronteira entre o oficial, ditado pela hierarquia, e outras formas de expressão religiosa mais perto do povo, nas casas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivan A. **A síntese de uma tragédia: movimento fé e política**, UFOP, 2000.

ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

AMARAL, Rosineire R. **Milagre Político: Catolicismo da Libertação**. 2006. 233f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2006. disponível também no site: <http://www.db-thueringen.de/servlets/DerivateServlet/Derivate-11160/amaral.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2007.

ANDRADE, Willian César. **O Código Genético das CEBs**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

BENEVIDES, Maria Victoria de M. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BENINCÁ, Dirceu; ALMEIDA, Antonio Alves de. **CEBs: Nos trilhos da inclusão libertadora**. São Paulo: Paulus, 2006.

BEOZZO, José O. **Cristãos na universidade e na política**. Petrópolis, Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Padres Conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia (1959-1965)**. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: USP, 2001.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Prática Pastoral e prática política**. In: Tempo e Presença, nº 26, mar. 1980

BOFF, Clodovis. **Teologia Pé no Chão**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Da Libertação, o teólogo das Libertações Sócio-Históricas**. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Igreja: Carisma e poder. Ensaios de eclesiologia militante**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1981.

\_\_\_\_\_. **E a Igreja se fez Povo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. As Grandes Entrevistas. **Caros Amigos**. São Paulo: Setembro de 1998. Disponível em: [http://carosamigos.terra.com.br/outras\\_edicoes/grandes\\_entrev/boff.asp](http://carosamigos.terra.com.br/outras_edicoes/grandes_entrev/boff.asp). Acesso em 18 de janeiro de 2007.

BRUNEAU, Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

BUBER, Martin. **O socialismo utópico**. Perspectiva: São Paulo, 1971.

CARDOSO, Fernando H.; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento da América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CASALDÁLIGA, Pedro: **Martírio do padre João Bosco Penido Burnier**. São Paulo: Loyola, 2006.

CASTRO, Marcos. **64: conflito Igreja x Estado**. Petrópolis: Vozes: 1984.

CORNEJO, Hernán. **Curame con las manos**. Arteidea, Peru, Lima, 1995

CUT. **História do movimento sindical**. Texto on-line disponível em: <http://www.cutj.org.br/historia.htm> Acesso em 16 de Abril de 2008.

CINQUENTA anos de caminhada. **Caderno comemorativo da Associação Lar Menino Jesus**. Santo André: FAENAC, 2006.

DESROCHE, Henri. **Sociologia da Esperança**. Paulinas: São Paulo, 1985.

DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**, São Paulo: Paulus, 1997

DOMÉZI, Maria Cecília. **Devoção nas CEBs: Entre o catolicismo popular e a teologia da libertação**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: PUC, 2006.

FONTOURA, Márcio M. **Direções sociais e subjetivas no interior da igreja católica no Brasil. Um estudo comparativo entre CEBs e MRCC: Constituição de novos sujeitos sociais**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: PUC, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOUVÊIA, Gualberto N. **Esperança e decepção: Sindicalismo, Partido dos Trabalhadores, e Igreja Católica no ABC Paulista (1978-2002)**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

GUIMARÃES, Almir R. **Comunidades de Base no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da libertação. São Paulo, Loyola, 1971.

\_\_\_\_\_. **O Deus da vida**. São Paulo: Loyola, 1992.

HUMMES, Cláudio. **Opção pelos pobres: educação e nova sociedade**. São Paulo: AEC, 1983.

JACOB, César Romero (org) **ATLAS DA FILIAÇÃO RELIGIOSA E INDICADORES SOCIAIS NO BRASIL**. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

LIBÂNIO, João B. **Santo Domingo: Conclusões. Edição didática**. São Paulo: Loyola, 1993.

LÖWY, Michael. Ensaio: A teologia da libertação acabou? **Revista Teoria e Debate** / nº 31 - abril/maio/junho de 1996.

LULIANELLI, Jorge Atílio. **Pastoral Neoconservadora: RCC e CEBs**. In: Revista Eclesiástica Brasileira, no. 225, Petrópolis: Vozes, 1997.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Zahar: Rio de Janeiro, 1972.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo integral**, São Paulo: Cia Nacional, 1941.

MARIZ, Cecília Loreto. A Pesquisa. In: CADERNOS DO CERIS 2. **Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base: uma análise comparada**. São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Igreja e movimento operário no ABC: 1954-1975**. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1994.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Militância**. Scielo Brasil. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. vol.11 no.31 São Paulo Set./Dec. 1997. Texto on line disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000300011). Acesso em 18 de novembro de 2007.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política. Novas linguagens do religioso no político**. Rio de Janeiro: NuAP, 1999.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **ENSINO – As abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

MORAES, Maria B. **A Ação Católica e a Luta Operária: a experiência dos jovens operários católicos em Santo André (1954-1964)**. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP, 2003.

MORUS, Thomas. **Utopia**. Lisboa: Europa-América, 1973.

NOVAES, R. C. R. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: Teixeira Faustino; Menezes, Renata. (Org). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Renovação Carismática Católica**. Petrópolis: Vozes, 1978

\_\_\_\_\_. **As religiões populares**. In: Curso de verão. Org. José Oscar Beozzo. São Paulo: Paulinas. 1988.

\_\_\_\_\_. **O catolicismo: das CEBs à Renovação Carismática**. In: Revista Eclesiástica Brasileira, no. 236. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Perfil social e político das lideranças de CEBs no Brasil**. In Revista Memória e Caminhada, nº 1, Brasília: UCB, Dez/2001.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e Reação Católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PESSOA, Jadir M. **A igreja da denúncia e o silêncio do fiel**. São Paulo : Alínea, 1999.

PIERUCCI, A. F. **O Desencantamento do Mundo: Todos os passos do conceito em Marx Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

PIERUCCI, Antonio Flavio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Um Sopro do Espírito: A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático**. 2. ed. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 1997.

RODRIGUES, Solange dos Santos. **A produção intelectual sobre as CEBs no Brasil Primeira Fase: 1967-1979**. In: Revista Memória e Caminhada, nº 2, Brasília: UCB, Abr/2002.

ROLIM, Francisco C. **Religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SALEM, Helena. **A Igreja dos Oprimidos**. São Paulo: Debates, 1981.

SANCHEZ, Wagner Lopes (Des) **Encontros dos deuses, CNBB e pluralismo religioso no Brasil: um debate a partir dos encontros intereclesiais de CEBs (1992-1997)** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: PUC, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Os encontros intereclesiais de CEBs e a emergência da questão ecumênica e do diálogo inter-religioso (1975-1989)**. In: Revista Memória e Caminhada, nº 1, Brasília: UCB, Dez/2001b.

SEGUNDO, Juan L. **Libertação da Teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.

SONEIRA, Jorge Abelardo. **La Renovacion Carismática Católica em la República Argentina**. In: Revista Sociedad y Religión, Educa: Buenos Aires, 2001

SÓRIA-SILVA, Sidartha. **Reforma sindical, CUT e Neocorporativismo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: UNESP, 2005.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **Os intereclesiais de CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1996.

THEIJE, Marjo de. **Tudo que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns**, Brasil. Recife: FJN: Massangana, 2002.

TOLEDO, Caio N. **O Governo Goulart e o golpe de 64**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

WANDERLEY, Luiz E. **Educar para transformar. Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base**. Petrópolis: Vozes, 1984.

### **Revistas:**

CATÓLICOS Fundamentalistas – Comunidades Carismáticas que se multiplicam com rígidas normas de conduta. **Revista Carta Capital**, São Paulo, número 296 de Junho de 2004.

CEBS se interrogam sobre seu papel. A força católica. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1999

**Internet:**

ADITAL. **CEBs no documento da Conferência de Aparecida**. Texto on line disponível em: <http://www.adital.com.br/banners/pt/anexo-cebs-pt.doc>. Acesso em 12 de outubro de 2007.

ARQUIDIOCESE de São Paulo. 1908-2008 Arcebispos. **Jornal o São Paulo**. Texto disponível on line em: [http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/jornal\\_o\\_sao\\_paulo/2008/080607/100\\_pagina\\_08\\_dom\\_paulo.pdf](http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/jornal_o_sao_paulo/2008/080607/100_pagina_08_dom_paulo.pdf). Acesso em 10 de outubro de 2007

CNBB. **Campanhas da Fraternidade**. Texto on line disponível em: <http://www.cf.org.br/historico.php> Acesso em 21 de abril de 2008.

CÔNEGO Belizário – entrevista. Cônego Belizário é o primeiro padre da Diocese a ser ordenando, ainda em atividade **Jornal A Boa Notícia**, Texto on line disponível em: [http://www.diocesasantandre.org.br/v2/jornal/aboanoticia\\_mai\\_2006.pdf](http://www.diocesasantandre.org.br/v2/jornal/aboanoticia_mai_2006.pdf) Ano VII – Nº 63 – Maio de 2006. Acesso em 21 de novembro de 2007

DIOCESE de Santo André. **Nossa diocese. Características Gerais**. Texto on line disponível em: <http://www.diocesasantandre.org.br/v2/web/diocese.asp>. Acesso em 12 de fevereiro de 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Texto on line disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) acesso em 23 de outubro de 2007

PREFEITURA Municipal de Diadema: [http://www.diadema.sp.gov.br/apache2-default/index.php?option=com\\_content&view=article&id=28&Itemid=28](http://www.diadema.sp.gov.br/apache2-default/index.php?option=com_content&view=article&id=28&Itemid=28). Acessado em 18 de fevereiro de 2008.

PREFEITURA Municipal de São Bernardo do Campo. **Seção de Pesquisa e Banco de Dados SA. Compêndio Estatístico 2004**. Mapa on line disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/secretarias/sp/geoportal/COMPENDIO/P04.pdf>. Acessado em 18 de fevereiro de 2008.

PROGRAMA Memória e Caminhada, Universidade de Brasília. [www.unb.com.br/memoriaecaminhada](http://www.unb.com.br/memoriaecaminhada). Acesso em 23 de outubro de 2006

SÃO PAULO parou ontem para defender o regime. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 20 de março de 1964. Texto on line disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/Brasil\\_20mar1964.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/Brasil_20mar1964.htm). Acesso em 12 de abril de 2008.

**Fontes Primárias:**

APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB. **Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1982.

CNBB. **Diálogo CNBB - CEBs**. Brasília: CNBB, 1995.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Plano de Pastoral de Conjunto 1966-1970**. Brasília: CNBB, 1967.

CNBB. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. Documento 53. São Paulo: Paulinas, 1994.

GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo hoje. In VIER, Frederico. **Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações**. 16 ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1983.

MEDELLÍN. **Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**. São Paulo: Paulinas, 1968.

OFÍCIO Divino das Comunidades. **Salmos e cânticos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1988.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. Roma: 1975. disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html). Acessado em: 12 de fevereiro de 2008

PUEBLA. **Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

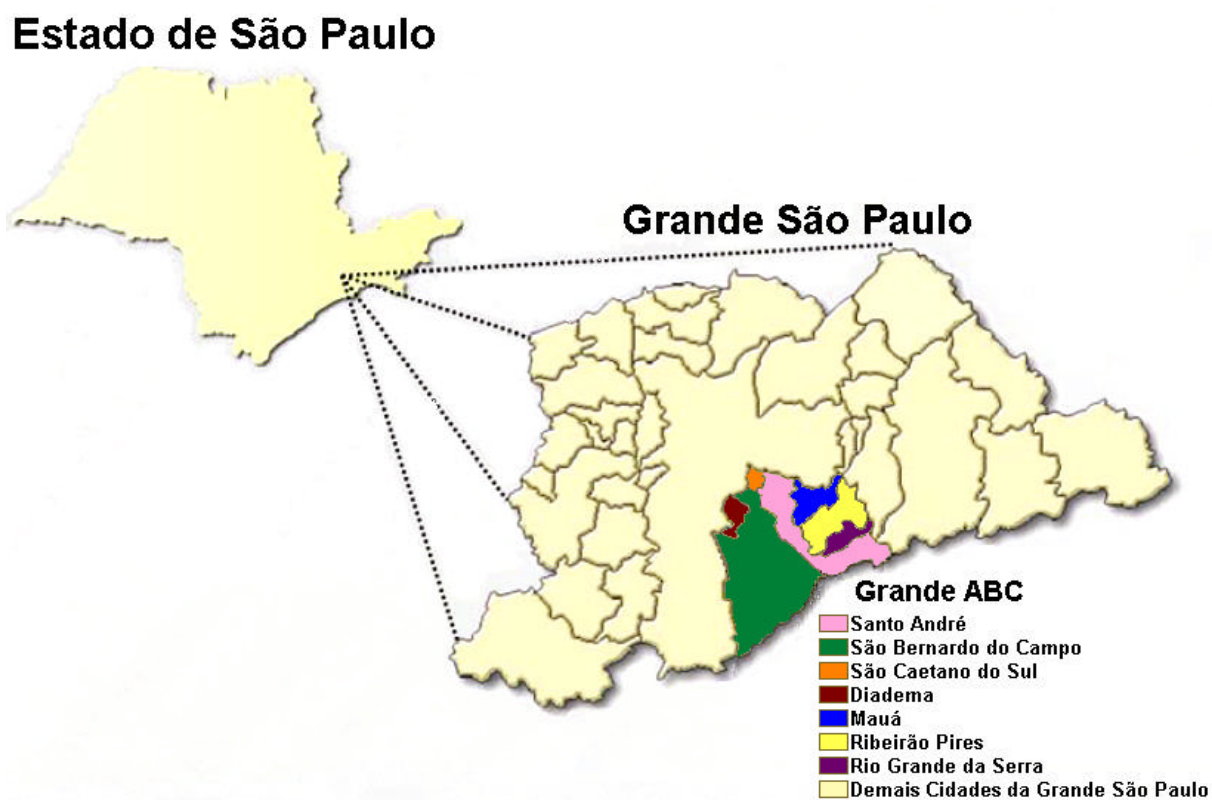
SAGRADA Congregação para a Doutrina da Fé, **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. Edições Paulinas: São Paulo, 1984.

STO DOMINGO. **Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**. São Paulo: Loyola, 1992.

## **ANEXOS**

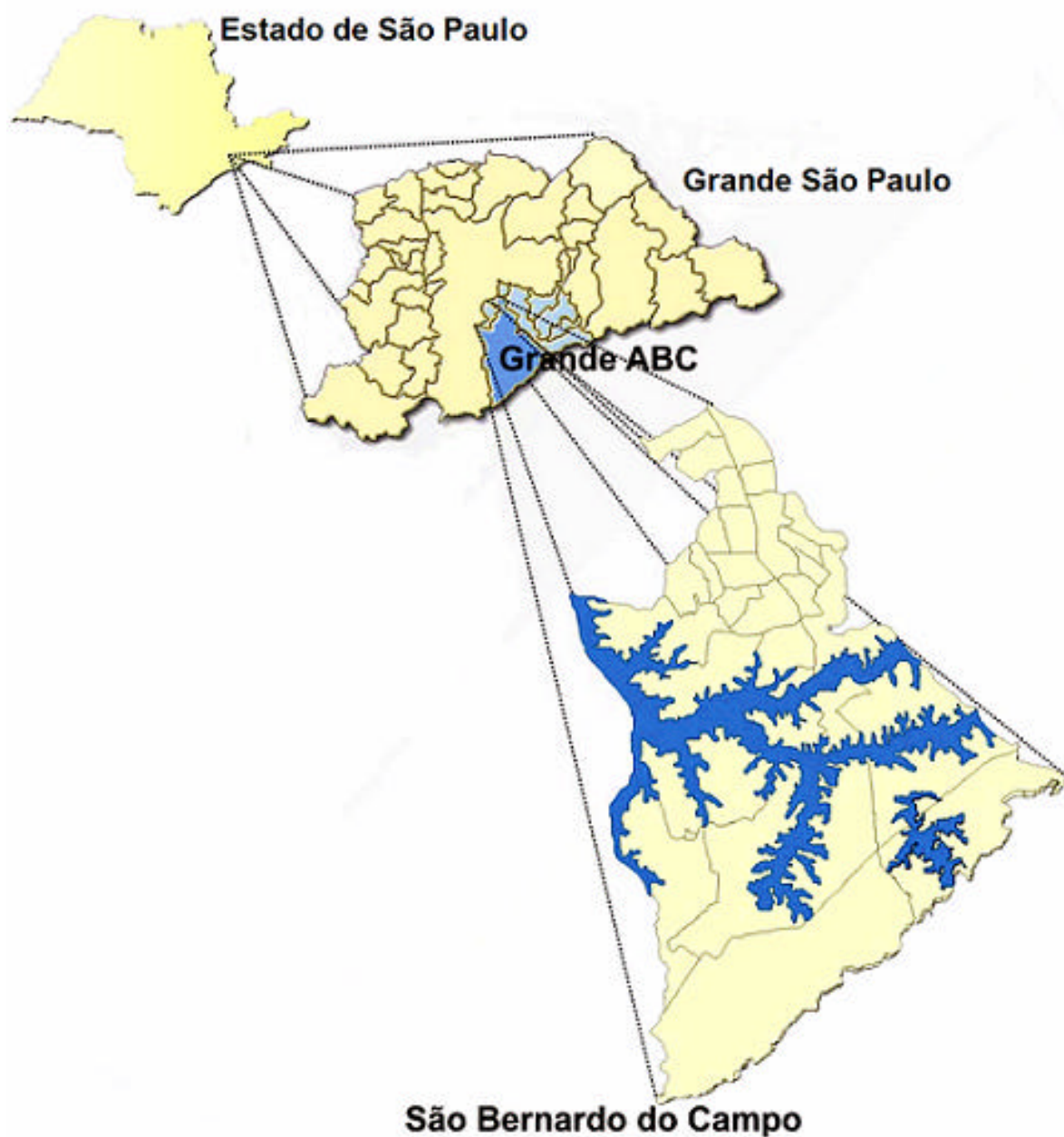
## ANEXO A

## - Mapa 1 – Região Metropolitana de São Paulo e Grande ABC



Fonte: PMSBC: Seção de Pesquisa e Banco de Dados SA. Compêndio Estatístico 2004

<http://www.saobernardo.sp.gov.br/secretarias/sp/geoportal/COMPENDIO/P04.pdf> acessado em 18/02/2008. Editado a partir do original.

**ANEXO B****- Mapa 2 – São Bernardo do Campo**

Fonte: PMSBC: Seção de Pesquisa e Banco de Dados SA. Compêndio Estatístico 2004  
<http://www.saobernardo.sp.gov.br/secretarias/sp/geoportal/COMPENDIO/P04.pdf> acessado em 18/02/2008.

**ANEXO C**  
**- Mapa 3 – Diadema**



Fonte: Prefeitura Municipal de Diadema: <http://www.diadema.sp.gov.br/> acessado em 18/02/2008.

## ANEXO D

### - Grupo de Rua do Jardim Élide, Diadema

16/04/2007 – 20h00 às 21h00

Observação participativa da Reunião do Grupo de Rua das CEBs, que se realiza todas as segundas feiras na capela Santa Teresinha – Jd. Elida, Diadema (desde sua construção, não são mais realizadas reuniões nas casas dos participantes)

Participação de 25 pessoas, sob a coordenação de um casal.

O coordenador inicia o encontro com a canção:

*“Senhor, quem entrará no santuário pra te louvar? Senhor, quem entrará no santuário pra te louvar? Quem tem as mãos limpas, e o coração puro, quem não é vaidoso, e sabe amar. Quem tem as mãos limpas, e o coração puro, quem não é vaidoso, e sabe amar*

*Senhor, eu quero entrar no santuário pra te louvar. Senhor, eu quero entrar no santuário pra te louvar. Ó dá-me mãos limpas, e um coração puro, arranca a vaidade, ensina-me a amar. Ó dá-me mãos limpas, e um coração puro, arranca a vaidade, ensina-me a amar.*

*Senhor, já posso entrar no santuário pra te louvar. Senhor, já posso entrar no santuário pra te louvar. Teu sangue me lava, teu fogo me queima, o espírito santo inunda meu ser. Teu sangue me lava, teu fogo me queima, o espírito santo inunda meu ser.”*

A coordenadora passa a palavra para a leiga responsável pela terceira semana do mês, que informa que não preparou uma leitura da bíblia e, portanto, farão apenas a oração do terço, que inicia com o sinal da cruz.

A responsável improvisa a entrega duas pequenas flores, envoltas num pedaço de guardanapo de papel. A cada ave-maria, passava-se a flor de mãos em mãos. Quem a possui reza uma ave-maria e assim por diante até o término do terço.

O coordenador inicia o canto:

*“Há um barco esquecido na praia, já não leva ninguém a pescar, é o barco de André e de Pedro, que partiram pra não mais voltar. Quantas vezes partiram seguros, enfrentando os perigos do mar, era chuva, era noite, era escuro, mas os dois precisavam pescar.*

*De repente aparece Jesus, pouco a pouco se acende uma luz. É preciso pescar diferente, que o povo já sente que o tempo chegou. E partiram sem mesmo pensar, nos perigos de profetizar. Há um barco esquecido na praia. Um barco esquecido na praia. Um barco esquecido na praia.*

*Há um barco esquecido na praia, já não leva ninguém a pescar, é o barco de João e Tiago, que partiram pra não mais voltar. Quantas vezes em tempos sombrios, enfrentando os perigos do mar, barco e rede voltavam vazios, mas os dois precisavam pescar.*

*Quantos barcos deixados na praia, entre eles o meu deve estar. Era o barco dos sonhos que eu tinha, mas eu nunca deixei de sonhar. Quanta vez enfrentei o perigo, no meu barco de sonho a singra, Jesus Cristo remava comigo, Eu no leme, Jesus a remar.*

*De repente me envolve uma luz, e eu entrego o meu leme a Jesus. É preciso pescar diferente, que o povo já sente que o tempo chegou. E partimos pra onde ele quis, tenho cruzeiros mas vivo feliz. Há um barco esquecido na praia. Um barco esquecido na praia. Um barco esquecido na praia”*

A coordenadora encerra o encontro com os seguintes avisos:

- Convite para a participação da missa com o padre Guimarães, todos os sábados às 19h na capela
- Terço da Libertação se iniciará na 6ª feira próxima, dia 20/04/2007: *“Para a cura interior de quem pede e para nós mesmos, e nossos parentes e família. Jesus disse que não recusou ninguém, quem tiver a vontade de pedir as graças de Deus nosso pai, é só participar.”*
- Apresentação da pesquisadora.
- Uma senhora avisa da mudança de horários nas reuniões do movimento da Legião de Maria para a parte da manhã.
- A coordenadora pede: *“quem quiser participar dos cantos, está fazendo falta na comunidade que tem que trazer gente de fora pra tocar.”*

## ANEXO E

### - Encontro Regional das Comunidades Eclesiais de Base

Diadema, 19 de agosto de 2007, das 8h00 às 17h00.

**Abertura** - com Irmã Manô, saudando as comunidades presentes

Serraria	– Nossa Senhora das Graças
Matriz	– Imaculada Conceição
Taboão	– Arnaldo Jansen
	– São Pedro
Eldorado	– Nossa Senhora dos Navegantes
São José	– Santa Rita
Jd. Marilene	– Menino Jesus
Piraporinha	– Senhor Bom Jesus
São Bernardo do Campo	– São Geraldo
Animação	– Menino Jesus
Recepção	– Jd. Azuza
Cozinha	– N.Sra. Aparecida

Oração Inicial – Comunidade Sagrado Coração – Paróquia Menino Jesus

**Oração –**

**Participação dos jovens da RCC**

Entrada silenciosa da cruz, anjos e mãe com criança

Magnificat

Perdão

*O anjo do Senhor anunciou a Maria*

Pelas crianças abortadas, tirando o direito de viver antes de nascer – Ave Maria...

*Eis a serva do Senhor*

Por não aceitarmos teus ensinamentos e pela falta de tempo para teu serviço – Ave Maria...

*E o verbo divino se fez carne, e habitou entre nós!*

Por não sabermos conhecer a imagem de nosso irmão – Ave Maria...

Símbolos:

Garrafa – Bebidas que destroem as famílias

CD – músicas destrutivas

Cigarro – Drogas que estão destruindo as famílias

Revólver – Armas que tiram a alegria das famílias

Blusas – pessoas que passam frio

Panela – Pessoas que passam fome

Celular – Falta de comunicação, que impede o povo de Deus viver em comunidade

Terço – Falta de oração

Hóstia – famílias que não comungam Jesus

Bíblia – Pelos que não conhecem Teu caminho

Canto – *Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz*

Texto Bíblico – Lc 4,18 – O Espírito do Senhor está sobre mim

Canto 6 – Utopia

### **Padre Carlos Vitor**

Passemos o dia buscando uma forma de agir no meio urbano

Como ser Igreja – como ser sinal da Igreja nas periferias das grandes cidades

A realidade em que vivemos com tanta incoerência e que Deus coloca em nossa cabeça uma nova maneira de ver a fé.

### **Apresentação de um membro de cada comunidade**

São Geraldo, SBC – Encontro Regional em 14/Out

São Geraldo, S.André – Encontro 16/Set 14h00 – pouca participação das CEBs

São Felipe, Mauá – Regional em Julho, Rio Grande da Serra

Menino Jesus – Jd. Marilene, Diadema

### **Palavra de Deus – Os Dias da Criação das CEBs Diadema**

Vanilda (N.S.Graças), Viviane e Moura (Menino Jesus)

Canto 2 – *Por isso vem...*

### **Padre Carlos Vitor**

7 dias – coisas boas – o contato com meu povo, a luta em comunidade – as discussões chamavam CEBs e foi muito bom. Mas um dia - dormiu – a Igreja é lugar de rezar, só! – entrou no pecado original: *Eu rezo pelo outro...*

As comunidades pecaram... as comunidades que eram luta, agora: oração. O capital estrangeiro saiu. E tem padre, tem leigo tem irmão... dormindo de rede! Estamos dormindo e temos que acordar! Os encontros que estamos tendo são os encontros regionais para soprar e ascender!

SCS – Propostas assumidas, como pastorais sociais e grupos de rua – projetos discutidos na diocese

Feijão, arroz e segurança...

### **Café / Cantos / Momento de sorteio de brindes**

**Momento de Alegria** – Coordenado por Neide

Dança sobre abolição – Comunidade negra do Campanário

Apresentação de 3 musicais – *E hoje os negros clamam a benção... ODE ARRÊ.*

### **Padre Carlos Vitor**

A dança está nos lembrando: a dança espanta nossos demônios

A Igreja está com espírito de porco.

Uma coisa mais bela que Deus deixou foi a luta pela vida.

**Irmã Iracema** (Em substituição ao Padre Felix, que não confirmou o compromisso)

Quem se identificou com a *Criação das CEBs*? Muitos! E hoje quem olha essa cidade não sabe ou não se lembra como ela é – 99% asfaltada. Era esgoto em toda cidade, favela na década de 80, era um barraco só. *Tira as sandálias que esse solo é sagrado!*

Se temos a cidade que temos é pela luta. Não por presente de prefeito nenhum. Foi conquista de todos. Não somos privilegiados, mas lutamos.

Lutas das favelas para transformar em núcleos habitacionais, telefone, transporte coletivo com integração. Repassando a história do povo é ir passando a história bíblica. Como Abraão, viemos de fora. Temos que ser como os judeus, que na páscoa repetem a história: O que estamos celebrando? – A libertação do povo do Egito.

Devemos ser narradores das nossas histórias e nelas descobrir a experiência das CEBs.

Cada paróquia está cheia de comunidades. Quem é que mantém essas comunidades? É o povo! E as pessoas dizem que as CEBs morreram. Não são apenas os grupos de rua não, são aquelas que promovem tudo no bairro.

Quando vai narrar, precisa contar que andava com água no joelho, e agora temos os piscinões. Havia pessoas que tinham fé... que rezavam mas também pensavam na vida. É um grupo que se ajuda, reza junto, organiza a vida de serviço mas também olha pra fora, como em Atos dos Apóstolos: tinham tudo em comum, se reuniam para rezar e também partilhar.

É por isso que as comunidades de 20 anos atrás tinham que repartir o pão, mas conquistar a moradia, o transporte, água – que não dependia do individual, mas do coletivo. Essas idéias iniciaram com a formação das CAPS. As CEBs são esses grupos que animam a vida e a fé das comunidades.

Quando conquistaram o transporte, a educação... descansaram! Se tornou egoísta e acomodado. E corre o risco de passar para os netos esse egoísmo e acomodação.

Comunidades são eclesiais, porque somos comunidades orantes, profundamente ligadas à nossa fé, a nossa Igreja.

Base – chão – é o que sustenta o edifício - alicerce. A base da igreja somos nós – o povo. Tira o povo da igreja, o que vira? Os padres ficariam desempregados.

Somos Igreja – a base, a força e a vida da igreja. Somos seguidores de Jesus, que não passou a vida só rezando. Passou preocupado com as situações de vida de seu povo.

Seria possível soprar essas brasas e fazer aquele fogaréu de 20 anos? Temos muitas conquistas, mas muito a ser conquistado!

**Padre Félix** (Congreg. Filhos da caridade) – Animador das CEBs na Diocese de Santo André

É uma riqueza os encontros regionais. Todas as regiões assumiram! Em setembro, na região leste, outubro na região Utinga. Estamos saindo de uma conferência que não requer só a aprovação de bispos, mas com a base. Se vemos algo que não é Igreja e somos Igreja, temos que nos colocar.

Na Conferência de Aparecida, um bispo do México é que questionou: - E onde está a opção preferencial pelos pobres?

Depois, outro bispo continuou: que está na igreja, é o pobre?

D. Demétrio é que diz a importância de ser claro: - E as CEBs, onde ficam?

Foi aprovado na quarta feira, à meia noite. Mas foi para Roma com modificação de palavras - frases pequenas, porém, fortes. Estão revendo para que se volte ou tenha o anexo com ênfase ao viver a Igreja hoje na América Latina.

Na conferência se viu delegadas contra mais autonomia da mulher na Igreja.

Temos que ver nas CEBs quem vai falar em nosso nome – falam nossa realidade ou o que estão pensando?

Nas CEBs temos que ser missionários. Como assessoro todo o Estado, vemos que algumas CEBs estão só no nome – se preocupam com encontros e se esquecem da base. Pra ter caminhada de igreja tem que ter base.

A conferência diz: Missionários e discípulos na base. Se voltarmos, temos um tripé de onde as comunidades nasceram:

1) as CEBs não têm momento de reflexão. Com reza do terço, até porque não tinha espaço pro leigo.

2) Depois alguém começou a ler a palavra de Deus.

3) a palavra de Deus questiona – *Meu irmão está com fome, doente... precisamos lutar!*

As três estão unificadas: oração – palavra de Deus – ação.

Hoje vai ser a mesma coisa – 3 – isso é a base das comunidades de base. Quando estávamos unificados, nos sentíamos fortes. Quando comprometemos um ponto...

Agora não é mais: só lutar, só rezar, ou refletir a bíblia. Nós precisamos dos 3. ainda há necessidade de luta por uma sociedade mais justa. Se os três tiverem na base, na casa, na rua, na paróquia, nenhum cristão, nem o papa derruba.

O Pai – pra pedir, é a palavra de Deus; o Espírito Santo – para rezar; e o Filho?\*

A conferência não é só um título, mas a missão.

Em Goiás, começaram com o terço das mulheres enquanto os maridos pescavam. Depois criaram cooperativas. Temos que ter muito cuidado para não ficar só na palavra ou só rezar, mas dar testemunho.

Como CEBs, grupo de rua – o que estou deixando de lado? Falavam: - *As CEBs não rezam, mas só querem ficar na luta.* E por vezes era verdade! Quem está animando não está coordenando, e quem está coordenando não está animando. Às vezes os que estavam à frente, querem nos usar também. Devemos ser testemunho mas nunca sermos usados. Em 80 e 90, fomos mais usados que conscientizados. Não vai ser papa, bispo, movimento de oração que vai nos detonar... somos comunidade da trindade\*.

Nas visitas no Estado, percebo outro tempo, mas a raiz não muda. Se tira um pé, fica capenga!

Na S. Geraldo – chega alguém novo, morre alguém... e eu nem acolho, nem no próprio grupo de rua - o que estou fazendo? Definimos na assembléia paroquial em agosto o mês das missões. Quem assumiu: 80% da RCC e nem 50% das CEBs – então, não é grupo de rua, é grupo de amigos.

Não deixe a oração, a palavra de Deus, e de lutar por dignidade não só nos movimentos mas também na base. Rezamos o terço nos encontros, lemos o livrinho e nem usamos a bíblia.

É preciso mudar! Padre, bispos, mas também na base. É mais fácil botar a culpa no presidente pela saúde... às vezes uma boa visita cura uma pessoa!

Que como CEBs possamos mudar a raiz com os 3 – o Espírito Santo (oração), a palavra de Deus (vida para cada um de nós), e Cristo (que é o testemunho).

#### **Canto 4**

##### **Padre Carlos Vitor**

O que fez muito profeta na região? As palavras que até bispo tem medo!

**Mora/Ir. Manô** – Expõem a situação da CIA Vale do Rio Doce:

A Vale é nossa – que bicho é esse? Apresentação em data show.

Uma empresa privatizada que foi vendida de forma ilícita para empresas internacionais em 1997.

Para o cancelamento da venda, bem como outras 3 reivindicações, está sendo organizado por diversos movimentos sociais da Igreja Católica um plebiscito na semana da pátria.

**Padre Carlos Vitor** – convoca as comunidades a participarem do plebiscito, bem como da manifestação na Câmara Municipal, dia 23/08 – 5ª feira, pois são 4 votações importantes.

## **Sorteio de brindes**

### **Canto 1**

#### **Ir. Iracema/Ir. Mano -**

Primeiro, precisamos, enquanto diocese, voltar a nos organizarmos. No XI encontro intereclesial foram pessoas que nem sempre representaram as CEBs. Como vamos animar a organização das CEBs na diocese? O que vamos fazer na paróquia para que cada comunidade tenha um representante na equipe diocesana para o próximo, o XII?

Segundo, o documento da V Conferência de Aparecida que as CEBs sejam fiéis ao magistério da Igreja.

O documento foi redigido de um jeito e alteraram o documento inicial.

Uma carta foi redigida e será enviada para os presidentes do CELAM (D. Raimundo Damasceno) e da CNBB (D. Geraldo). Se for aprovada, deve ser assinada por todos e enviada. Considerando que do documento aprovado, muito sumiu, outros textos foram acrescentados. Por isso grupos fazem uma moção de repúdio (Teologia Moral, Padre Beozzo, as CEBs e Outros).

Leitura: Lc 10, 21b *Eu te louvo ó pai, porque esconderam essa coisa aos sábios e a revelou aos pequeninos.*

**Votação:** Após a leitura da carta, foi aprovada para envio.

#### **Em grupo:**

1. Assinatura da Carta de repúdio
2. Escolha dos representantes para a comissão do próximo intereclesial
3. Como será a mobilização para o Plebiscito? 4 questões

Anulação da venda da Vale do Rio Doce

O governo deve priorizar o pagamento das dívidas interna e externa?

As taxas de energia elétrica devem ser maiores para o povo e menores para as indústrias?

Deve haver outra reforma da previdência prejudicando a aposentadoria por idade das mulheres?

## **Canto e Sorteio de brindes**

**Canto:** *Vai ser tão bonito se ouvir a canção cantada de novo...*

**Convite:** Romaria dos trabalhadores, grito dos excluídos, e grito dos excluídos no Ipiranga (SP)

PO – Valmir e Poliana

### **Celebração Eucarística**

Evangelho da visitação de Maria à prima Isabel

Homilia: Maria não acreditou na justiça humana que poderia apedrejá-la, mas acreditou no projeto do Reino e o serve. Somos devotos dela, mas fazemos um pouquinho do que ela fez?

No ofertório, junto com o pão, apresentamos as sínteses discutidas nos grupos:

Região Sul (Eldorado, Navegantes) – qual é nossa participação? Acordar e participar de tudo o que acontece – não só ação e não só oração. A luta deve ser em cada grupo, por participação política e religiosa.

Região Norte (S. Arnaldo Jansen) – Já temos o grupo, falta a organização. Participemos e convoquemos as comunidades a participarem na Câmara 5ª feira.

Região Leste (Menino Jesus...) – Na organização, conscientizar muitos que entraram e não conhecem nossa história. Solicitar o apoio do padre para fortalecer as CEBs nos encontros mensais.

Região Leste (Bom Jesus e Santa Rita) –

Região Centro Oeste (Serraria, N.S.Graças, Matriz Imaculada) - A organização dos grupos se dará com a convocação na reunião do dia 20 de outubro, para um trabalho mais concreto para ver o que pode ser feito.

Região Centro

Mauá, Santo André, São Bernardo – Discutiram no grupo sobre o plebiscito – grande maioria não nem sabia do mesmo. Deve-se fazer nas comunidades um trabalho de formiguinha, assumindo o compromisso de atingir o maior número de pessoas.

Desafio – aos estudantes é feito o convite de levar o plebiscito às escolas.

**Padre Carlos Vitor** - Ao povo – Telefonem para os padres, perguntem: - *onde estão falando do plebiscito? o que está sendo feito?* – o padre está dormindo, acorda!!!!

### **Avisos**

Interdiocesano em Santos, 30/09 sobre a 5ª conferência: discípulos e missionários das CEBs em missão.

Dia 15 – Reunião da coordenação regional na Cúria

*Vamos colocar a raiz das CEBs em prática.*

## ANEXO F

### - Entrevistas e identificação dos entrevistados

Foram realizadas 5 entrevistas<sup>63</sup>, e utilizados relatos de alguns dos militantes, extraídos dos encontros regionais. Apresentamos breve identificação dos entrevistados e as entrevistas:

- **Edivalda**, militante, mulher, casada, 71 anos, negra, do lar, estudou até a 3ª série do ensino fundamental, pais, avós e cônjuge católicos. Entrevistada em 20 de abril de 2007.
- **Ricardo**, militante, homem, solteiro, 70 anos, branco, padre, atua na região do ABC desde os anos 60, graduado em teologia e filosofia, com pais e avós católicos. Entrevistado em 16 e 17 de abril de 2008.
- **Roberto**, ex-militante, homem, casado, 64 anos, aposentado, ensino fundamental completo, pais, avós e cônjuge católicos. Entrevistado em 17 de novembro de 2007.
- **Tereza**, militante, mulher, casada, negra, 64 anos, do lar, completou o ensino fundamental, pais, avós e conjugue católicos. Entrevistada em 12 de abril de 2007.
- **Vânia**, militante, mulher, casada, branca, 42 anos, auxiliar administrativo, estudou até o 1º ano do ensino médio, pai e avós católicos e ônjuge da Igreja Cristã do Brasil. Entrevistada em 22 de Abril de 2007.

Relatos de 29 de Abril de 2007, no encontro Regional em Santo André:

- Padre Mahon – CEBs Santo André
- Padre Felix – Coordenador das CEBs no Grande ABC

Relatos de 19 de Agosto de 2007, no encontro Regional em Diadema:

- Irmã Iracema – Religiosa de Diadema. Precursora das CEBs na cidade.
- Padre Carlos Vitor – Coordenador das CEBs em Diadema.

Relatos de 13 de março de 2006, no encontro das lideranças dos Grupos de Rua de São Bernardo do Campo:

- Luiz – militante leigo de São Bernardo do Campo.

---

<sup>63</sup> Os nomes dos entrevistados foram alterados, preservando assim suas identidades.

***Edivalda, militante, 71 anos***

**Qual seu nome completo?**

**R** Nós vamos começar essa reunião, esse encontro, pesquisa em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém?

**Amém!**

**Há quanto tempo participa na Igreja Católica?**

**R** Desde que eu entendo, que eu vivo.

**Participou de outra religião?**

**R** Não.

**Há quanto tempo participa das CEBs?**

**R** 29 anos.

**Em que período?**

**R** À noite, que fazíamos reuniões.

**É ou já foi coordenador nas CEBs?**

**R** Já, quando começou, me chamaram pra ser e eu fui.

**Em que período?**

**R** 2 anos.

**Quais atividades executa nas CEBs?**

**R** Participo até hoje. O padre fala que é encontro de rua, mas é a mesma CEBs.

**Dentro das CEBs, quais são as suas atividades?**

**R** Agora, nada. Como assim?

**Participa ou participou de outro movimento?**

**R** Antes de tudo, de 13 anos em diante, eu comecei rezar nas casas o terço. Rezava no mês de maio na igreja, rezava a novena de Santa Luzia, de São Sebastião. Tudo isso né, nas igreja. Depois que eu casei, eu dei uma parada. Depois que meus filhos já tavam grandinho, eu comecei de novo com o terço. Lá um dia, chegou uma moça e falou, né: *a senhora quer participar, fazer a novena de natal?* Quero! Olha, eu tô muito doente, tô sentindo que tô com depressão, eu tô achando que não tô podendo fazer a novena de natal. Ai ela vai e diz assim: *Não. Isso aí é muito bom pra senhora.* E eu aceitei. Comecei. Foi a primeira vez que eu comecei a participar de uma atividade sem ser o terço. Nós começamos a fazer a novena de natal. Meus filhos era solteiros. Aí ajudavam bastante, eram novinhos, e já ajudavam muito. Ai começou as novena de natal, as campanha da fraternidade no mesmo ano. Aí passou. Com pouco tempo, as irmãs começou a trazer a bíblia pra gente, que é um círculo bíblico. Aí vinha uma folha assim, mais grande que a folha de missa, né? Aí a gente lia, e da vida da gente, a gente fazia os encontro, né? Mas precisava que eu ia junto com elas nas casas, começar pra depois que passasse bastante... passou um ano, um ano! Aí a gente acostumou e elas disse: *agora vocês vão andar sozinho. Cada um vai fazer seus encontro, na rua d'oceis.* E aí, a

gente fez uma roda lá, circulando na igreja, né. *E agora eu vou apontar quem vai ser a coordenadora.* E apontou: *Dona Edivalda vai ser a coordenadora.* Eu disse: eu vou ser coordenadora? Com fé em Deus eu vou, né? Aí as outras começaram, aí começou né. Eu fui a coordenação aqui, e de cada uma de nós em vários lugares: aqui no Jardim Ruyce, Serraria, Jardim Santa Helena. Bastante lugar. Aí começou os encontro: foi as CEBs, começou uma CEBs forte. E a gente andava bastante pra ajudar. Ai começou o alicerce da igreja na paróquia. Aí começou. Eu assisti a benção da pedra fundamental, né. Aí o bispo veio, deu a bênção, ai começou as CEBs. Depois que o bispo deu a benção da pedra fundamental, aí começaram trabalhar na igreja, aí nós começamos a falar com o povo de alimento, né. Pros trabalhadores que tavam trabalhando, levantando a igreja, a gente levava café, levava pão, levava a merenda, cada um levava um pouco.

### **Qual igreja?**

**R** Paróquia Nossa Senhora das Graças. E aí foi muito bom, né! Uma animação que só vendo, né. E aí fomos caminhando. Aí os padre veio, né. As irmãs teve que sair. Aí veio o padre José. Nós caminhou bastante quando ele tava aí. Você conhece o padre José? Ele é um amor. E depois que ele foi embora, aí veio o padre Sérgio e a gente tá caminhando, né. Mas parece que de repente começou a fracassar. Parece que ele quis até cortar. Mas não chegou cortar não. Não cortou e até hoje a gente tamos caminhando.

### **Porque ele não cortou?**

**R** A força do povo, né. E ele achou também que as CEBs não ia pra frente sem ele. Que não tinha tanta força. Mas a força maior é a força na rua. Aí ele falava: encontro de rua. Nos nossos encontro de ministra, né, que eu era ministra também, da eucaristia. Ele falava: *Ó, esses encontros de vocês, vai ser encontro de rua, já não é mais encontro de CEBs.* É encontro de rua, e esses encontros de rua caminhou e tá caminhando até hoje. E aí, uma coisa que eu queria falar, no começo, quando nós começamos e as irmãs tavam aí, as irmãs sofreram muito pra levantar essa igreja. Primeiro Deus, né, mas a gente caminhava muito no barro, a gente quase não podia andar. Barrão, barrão feio.

### **Quem eram as irmãs que iniciaram o trabalho?**

**R** Irmã Elza, e... eu esqueci a outra e a Irmã Ana Luiza.

### **A senhora deixou de participar das CEBs em algum momento?**

**R** Não, eu nunca deixei de participar. Sempre nós fazia eleição. Eu fiquei dois anos, votaram em mim e eu fiquei. Eu achei que era uma luta, mas eu fui em frente, né. E depois foi passando, né, pra uma e pra outra. Até um ano atrás, eu caminhei nos encontros, que eu agüentava, agora eu não to agüentando muito. De um ano pra cá eu não to participando assim, freqüente por causa da anemia forte que deu em mim e eu fui preciso internar, né, tomar muito remédio. Mesmo assim eu muitas vezes eu vou quando é perto né. Às vezes até é mais longe um pouquinho, mas elas falam: *Vamos lá! Lá é fácil de entrar, lá não tem escada.* Outra hora eu enfrento e vou, aí eu vou chegando lá na frente tem umas escada que não acaba... Mas não vou todo dia não!

### **Que outras atividades a senhora fazia na comunidade?**

**R** A gente começou só os encontros de CEBs, né e nas missas e de repente o padre convidou

pra ser ministra dos enfermos, e da eucaristia, e os padres já falaram pra mim que quando começa a ser ministra nunca mais deixa de ser ministra. Aí chegou o padre Sergio e me convidou pra ser ministra da eucaristia. E fui muitos anos. Só não fui mais porque fiquei muito doente.

### **Já coordenou outro grupo além das CEBs?**

**R** Apostolado, Legião de Maria, participei da Legião só em casa. O apostolado a gente frequenta muito. Até hoje, eu não fui, fiquei com muita vontade mas não tive condições de ir. Dessas perguntas que você tá fazendo pra mim, esse encontro é muito bom. A gente aprende muito que nem tá imaginando. E eu não pude ir.

### **O que a senhora fazia nas CEBs**

**R** Visita para as pessoas, os doentes, bastante visitas. E arrecadamos bastante coisa também. Porque a nossa rua aqui é uma rua de pessoas muito boas. E quando a gente precisa ajudar alguém com cestas, a gente arrecadava nas casas, e as pessoas ajudavam e a gente fazia aquelas cestas, e levava pras pessoas que recebe e até chora. E a gente também. É uma emoção tão grande. Se não fosse todos esses trabalhos, se eu ficasse sem atividade nenhuma, sem trabalho nenhum, eu não lembrava que Jesus está presente.

### **Qual a diferença entre seu trabalho nas CEBs e nos outros movimentos?**

**R** Eu acho que é um conjunto.

### **A senhora usa o seu aprendizado das CEBs nos outros movimentos?**

**R** Não, porque na legião o que eu faço é só rezar terço, faço visita toda semana, e a gente reza pra dar força pra nós e pra eles. E no apostolado, eu só mesmo visitar alguém e mesma coisa que quando faltava alguém. E quando o padre faltava, eu fazia celebração pro apostolado. Eu fiz umas duas vezes. E no tempo do padre José também, no tempo de apostolado, ele apontou: *Pra quem que vocês vão apontar pra ser a coordenadora do apostolado?* Todas apontaram pra mim. Eu fiquei sem graça, né, mas o que eu vou fazer, né? Ai chegava o dia da sexta feira, eu ia lá, né. Fazia uma leitura, refletia. Uma coisa que a gente aprendeu muito também com as CEBs foi refletir junto com as pessoas. Compartilhar. Por exemplo, a gente fazia o encontro, todo mundo junto. Depois que alguém lia o evangelho, cada um dava uma palavra né e o coordenador conclui.

### **O que é ser líder nas CEBs?**

**R** Acho que líder, eu penso que é ele... o que coordena tudo, mas não pode ser maior do que todos, tem que ser igual todos.

### **Como avalia as CEBs hoje e no passado?**

**R** Hoje tá desanimado.

### **Por quê?**

**R** Não sei por quê. Não sei explicar. Você sabe que eu não sei explicar porque desanimou? Teve uma vez que a coordenadora do nosso grupo desistiu. Ela falou: *não tá indo quase ninguém, nós vamos desistir*, aí no grupo eu conversava e falamos: *não vamos deixar morrer, não, vamos em frente*. Aí continuou, e tá animado agora... tá animado, né, junta bastante gente, mas um pouco desanimado, assim, porque... porque o padre, eu gosto muito dele, eu

gosto muito do padre Sérgio, eu sinto ele como um filho meu. Gosto mesmo dele. Mas porque ele falou que as CEBs agora ia ser *Grupo de Rua*, eu senti que enfraqueceu. Tem uma coisa muito boa que ele fez, que ali na nossa paróquia tá muito organizado tudo. A gente não vai lá por causa da visão, a gente vai lá por causa de Jesus Cristo, de Nossa Senhora. Mas tá muito bem trabalhado, depois que ele veio ele colocou banco na igreja, né! Ele arranjou barraca muito boa pra fazer quermesse, mas agora ele tá com medo que ele acha que tá muito perigoso e tirou tudo as barraca. E num ponto ele parece que tá certo, porque pra não acontecer coisa muito desagradável. Mas que tá muito bonito tá, né? Fez o coreto muito bonito. Chega missa de domingo de ramos, essas missas mais povoada assim, que o coreto dá pra todos ficar avistando direto o que o padre tá falando. Porque de primeiro não era. O padre falava, quem tava lá atrás quando tinha muita gente, nem vê o padre. E agora não, tá muito bonito.

**O que mais te estimula na Igreja Católica?**

**R** Eu tô quase parada agora. Eu gostei e gosto... que agora não tô quase participando, é ser ministra da eucaristia. Levar comunhão para os enfermos, chegar lá e dar uma animação. Chega às vezes, a pessoa tá sofrendo, a gente chega e conversa e ela fica animada, né?

**O que te desestimula na Igreja Católica?**

**R** Não tem nada.

**A senhora se considera mais política ou mais religiosa?**

**R** Mais religiosa.

**Qual sua aproximação da RCC?**

**R** A aproximação que eu tenho é que eu assisto bastante no rádio, bastante.

**Como a senhora vê a liturgia da Renovação carismática?**

**R** Já participei lá no padre Marcelo duas vezes.

**A senhora prefere a missa e a liturgia da RCC ou CEBs**

**R** Das CEBs. Eu acho que a liturgia da RCC é um pouco puxada pra outra religião. E eu sinto que a Igreja Católica Apostólica Romana, de verdade mesmo é a das CEBs. Que, que nem eu penso e sinto, essas outras igrejas a gente sente quando não é carismática. Mas eu tô gostando muito de ouvir o padre Marcelo no rádio, né. As explicação, né? Tem uma parte que eu sinto que eles tão vendo a gente do jeitinho que tá dentro de casa, tem gente que não gosta disso. Daí, e eu comecei a pensar um pouquinho nisso aí.

**“Vendo a gente do jeitinho que tá dentro de casa?”**

**R** Não é ele. Penso que não é ele não. Aquilo ali é a força do Espírito Santo. Que nem tem o padre Alberto, da Renovação, tem um programa muito bom também, eu gosto muito das explicação do padre Alberto. Já é diferente um pouco, né, do padre Marcelo. Mas ele também, ele tem esse lado aí. Mas Espírito Santo habita, ele vê tudo. Não adianta a gente querer que ele não vê, ele vê tudo o que nós tamos conversando aqui, e ele vê tudo. Só que na carismática eles fala: *fulana aí, tá uma pessoa aí que tá com isso, isso, e isso*. Já a outra não tem isso aí, né. Eu acho diferente, né. Porque tem coisas que fala que a gente fica achando meio... assim... diferente, né. É diferente... não sei mais. Eu não tô me sentindo muito bem. Mas gosto muito.

**Como é a prática do participante da RCC na sociedade, do ponto de vista dos problemas sociais e políticos?**

**R** Eu não posso entrar muito nisso, porque eu não vejo. O que eu vejo é que tem os que não são muito pro lado dos carismático não. E as pessoas que é muito carismático, falou que tem uma missa carismática, aí aquilo enche né! E eu não sei como que eles agem na sociedade.

**Como a senhora vê a liturgia CEBs?**

**R** Às vezes a carismática é mais... parece que é mais assim... como que eu falo? É mais atraente, atrai bastante as pessoas, chama muitos que às vezes nem ia na igreja. E agora a católica, que eu tô falando, as CEBs, ela é mais comunicativa assim, como nós somos. Desde que nascemos nesta igreja que eu tô falando, a gente sente muita comunicação, e a gente sente o Espírito Santo muito, muito... comunica muito ele com a gente e a gente com ele. Porque, por exemplo, a gente comunica, né?

**Como é a prática do participante das CEBs na sociedade, do ponto de vista dos problemas sociais e políticos?**

**R** Não sei explicar. Eu vejo falar tantas coisas deles. Às vezes participa tanto e às vezes não sabe que ali tá sendo muito compromissado e não assume o compromisso com o povo.

**Para a senhora, o que é Reino de Deus?**

**R** Sentir a presença de Deus, sentir a presença de Jesus Cristo, e amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

**Para a senhora, o que é dignidade?**

**R** É a gente ser digno, né? Digno no trabalho. Por exemplo: eu mesmo não tô podendo participar né? Tenho que ter dignidade, porque se eu desesperar porque tô doente, aí eu não tô cumprindo com a minha dignidade.

**Para a senhora, o que é salvação?**

**R** Salvação é um mistério. Tem que ter esperança de ressurreição, e na salvação.

**Para a senhora, o que é liberdade?**

**R** Liberdade é a gente ter liberdade. Por exemplo, eu ter liberdade, a outra pessoa ter liberdade, às vezes a gente não tem liberdade de fazer o que a gente quer. Na igreja ter liberdade de falar o que a gente tem vontade. Poder subir no presbitério. Poder pedir licença e falar: *ó, eu vou falar umas palavras*. E ter a dignidade de liberdade de poder subir no presbitério e falar as palavras que a gente deseje que isso aconteça, né. Por exemplo, eu tenho vontade, eu queria tanto que isso acontecesse... e ter liberdade pra gente falar.

**Para a senhora, o que é política?**

**R** Eu não entendo nada. Tem pessoas que falam que não gostam de política, que política não é bom. Que política só faz crítica, e a pessoa é muito política. A pessoa fala: *fulano não é nada*. Isso já é político.

**A senhora utiliza o Ofício das Comunidades?**

**R** Eu uso. Eu tava rezando o ofício de Nossa Senhora, é da Canção Nova. Depois me deu uma depressão muito forte, aí eu parei. Eu também fazia as orações da Legião de Maria, e eu

fiquei muito depressiva esse ano aí. Eu mesma vi que eu tinha que melhorar. Agora na Legião de Maria que eu sei a oração de cor que eu melhorei.

**Agradeço!**

**R** De nada!

## **Ricardo, padre militante, 70 anos**

### **O que é a igreja para você?**

**R** Eu tenho uma teoria... será?...será que a igreja que está aí é a mesma dos sonhos e dos projetos de Jesus Cristo? Será que ela está de acordo com os Evangelhos? Será que Jesus Cristo, êta!!! Vou ser excomungado... será que Jesus Cristo fundou realmente uma Igreja? Ou deixou princípios? certo? você conheceu o Padre Walter?? (*sinalizei que sim com a cabeça*). Eu paro e fico pensando no que o Padre Walter falava e que outros padres falam e que, às vezes eu adoto como posição minha, em certas ocasiões... O Padre Walter, era constante isto, se... como que ele falava? Esta igreja que está aí não é a igreja de Jesus Cristo porque a igreja de Jesus Cristo exigia outra maneira de ser, sabe? Muitas vezes eu fico pensando nisto também. Bom, respeito. Outros têm direito de pensar de outra maneira, mas não é o fato de eu estar dentro da igreja que eu sou obrigado a pensar como os outros. Me permita a discordar, não aprovar, não concordar de um monte de coisas que eu vejo dentro da igreja. Agora... por que eu estou dentro da Igreja Católica? Porque se eu for analisar as outras... eu vejo nas outras... coisas, certo?... que eu não concordo. Dentro da Igreja Católica, ainda pra mim é a mais fiel, é a mais fiel de todas, certo? E é a igreja que me possibilita, até quando não sei, eu fazer aquilo que eu acredito, certo? E me deixa um espaço para eu poder fazer alguma coisa. Porque se eu tivesse fora da igreja eu não poderia estar realizando uma série de coisas. Eu preciso estar ligado a alguma coisa para fazer aquilo que eu acredito, tá?

### **Quanto tempo você participa das CEBs e em que período começou isso?**

**R** Veja bem. A minha participação e a minha idéia em relação a isto começa antes de eu ficar padre. Eu, sem precisar uma data Nólia, porque o nome surgiu depois. Embora, quando o nome tenha surgido, eu já tinha percebido que eu estava em grupos engajados, com grupos fazendo isto daí, o que veio a ser denominado CEBs depois. 1958, 1959, 60, eu já tinha percebido que eu já estava engajado em certos grupos que mais tarde vieram ser denominados CEBs. Ou até antes de 58, quando eu estudava ainda em Botucatu e dentro do próprio seminário Botucatu, nós tínhamos aqueles grupos que até de uma maneira proibida, nós nos reunimos de uma certa maneira escondida para refletir aquilo que não nos era oferecido dentro do seminário. Mas, nós tínhamos aquele grupinho que a gente refletia sobre a atualidade da época. Nós refletíamos a nossa própria vida, a nossa própria atuação, dentro da vivência, das circunstâncias. Tanto assim, que isso me causou tantas repressões e até expulsões, certo? Tínhamos uma atuação nos meios onde vivíamos que depois descobrimos que aquilo que nós fazíamos era aquilo que veio a ser denominado a CEB. Era uma comunidade eclesial porque estávamos na Igreja. Base, porque eram alguns ali e tentávamos influenciar os outros com as nossas idéias, com aquilo que nós discutíamos, mudar a opinião deles, levá-los a ter uma postura, e isto é o que as CEBs faz diante da realidade, tá? Agora, depois veio durante o período de filosofia e teologia também, já no final da teologia começou se esboçar e denominar CEBs. Mas, eu lembro que na filosofia se aprofundou isso, né? Foi a partir de 1960, 61, vamos dizer que entramos num período de nascimento daquilo que veio se chamar teologia da libertação. Um grupo começou a discutir muito mais diante de um período que nós estávamos vivendo pré-revolucionário ou pré-ditatorial pra ser mais claro, aqui no

Brasil, não é? E também, no mundo e na América Latina, a gente começou ver a Bíblia e a teologia de uma maneira diferente. Depois, a mesma coisa que aconteceu com o fenômeno chamado CEBs. Viemos descobrir que aquilo que nós estávamos... trazer o Evangelho para a realidade, para o dia-a-dia, para o problema do dia-a-dia, a teologia para o problema do dia-a-dia... fomos aprender depois que aquilo ali tinha um nome e que foi batizada como teologia da libertação. Veio a preparação do Concílio Vaticano II e ele aprofundou mais ainda este sentido que passou a se chamar CEBs e teologia da Libertação e todo um período pós-conciliar e que foi o auge e que estava fundamentado o nome de CEBs e de teologia da libertação. Mas aí eu já estava na rua, expulso do seminário e muitos dos colegas continuamos nos reunindo com os movimentos de ação católica, fortíssimos, foi uma benção para a igreja na época que tinham todas as letras, as vogais do abc Dário: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Industrial Católica), JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica) que no fundo faziam um trabalho de uma visão...eram pessoas convictas do catolicismo, mas pessoas que queriam uma mudança, que queriam uma participação e formavam núcleos de CEBs e nós nos reuníamos. Participávamos de certa maneira de todos esses movimentos, né? E principalmente da JUC porque éramos de nível universitário e a JEC porque tínhamos contato com os estudantes. Cada uma dessas denominações elas tinham uma mesma visão: aplicar a parte agrária no campo, era aplicar os operários e estudantes, os que trabalhavam em indústria, a mesma coisa... usando uma linguagem para cada um, né? Então a gente foi se entusiasmando e achando que aquilo dava resultado dentro das favelas onde comecei a trabalhar mais diretamente. A gente começou a formar núcleos dentro das favelas, com núcleos universitários, participando inclusive da UNE que tinha uma visão diferente da de hoje, né? E praticamente, quase todo o pessoal da UNE era um pessoal originário da igreja, da doutrina social da igreja e você vê que vários presidentes e dirigentes da UNE eram pessoas vindos desses movimentos de Ação Católica, que se chamava. Aí fora do seminário, vindo aí para a Diocese de Santo André no período de 63, peguei o auge da teologia da Libertação e CEBs. Estávamos no auge de um reboiço tremendo dentro da política brasileira embora o movimento de 64 eclodiu em 31 de Março de 64, mas a gente sentia no ar que algumas coisas estavam...a pressão que teve desde a renúncia de Jânio Quadros em 1962, se eu não me engano, e a pressão em relação à João Goulart. Militares, parte da sociedade não querendo a posse de João Goulart, parte das elites, muita gente da igreja não querendo João Goulart, outros querendo e a gente estudava, porque uns querem e outros não, quais são os erros de João Goulart, porque a posição da igreja assim ou assado. E a gente se reunia e discutia isso, até que depois de dois anos de João Goulart, foi dado o golpe militar, mas a gente parava pra discutir tudo isso, não é? Tínhamos em São Paulo o jornal Pasquim, a gente dava muitas idéias e não sendo redatores, mas a gente tinha contato. Tínhamos contato com o jornal Brasil Urgente, era um jornal que expressava muito daquilo que nós pensávamos. Tínhamos as cartas de João XXIII, Mater et Magister, por exemplo. Depois tivemos a carta do Paulo VI, Paces in Terris. Tivemos as conferências latino-americanas, Puebla e Medellín que também opção preferencial pelos pobres e nos fazia refletir sobre isso, né? Tínhamos outro lado, jornais como Tribuna da Imprensa de Carlos Lacerda que era direitista, extremamente direitista, reacionária, conservadora ao lado do Brasil Urgente que era o jornal que dizíamos o

“nosso”. Tínhamos o Maqui, que era outro jornal de resistência, direitista, tirada do grupo do Maqui, um braço direitista da França, que aqui deu um nome o jornal Maqui. Com o grupinho que nós tínhamos, nós íamos recolher nas bancas esses jornais de extrema direita. Íamos para a praça da Sé, às vezes contra o conhecimento dos nossos superiores, a grande maioria de uma linha reacionária, direitista e até contra o Vaticano II e a teologia da Libertação. Mas, nós íamos distribuir na praça da Sé, o Brasil Urgente, as cartas de João XXIII. Íamos para a praça da República, íamos para a praça Clóvis Bevilacqua, centros movimentados, né? E recolhendo outros jornais e a gente foi se enfronhando. Aqui no ABC, depois de vir de São Paulo, das favelas, toda a semana a gente tinha um grupinho que a gente se reunia e que se reunia às escondidas, certo? Dentro do próprio seminário, com estudantes, universitários, operários e tínhamos aqueles que se reuniam fora, nos reunimos até nas favelas, pelos bancos e praças de São Paulo, nós também conseguíamos nos reunir em colégios religiosos principalmente no colégio São Domingos em São Paulo, dos dominicanos e de um colégio ali na Vila Formosa, certo? E tínhamos aquele grupo que se reunia, de padres, um grupinho, que discutíamos isso. E dentro deste grupinho faziam parte padres de São Paulo, como padres aqui da Diocese, a maior parte deles ou quase todos eles, têm apenas um ou dois vivos aqui na Diocese e nós nos reuníamos, entre os vivos eu me incluo. E discutíamos toda essa problemática. Tínhamos os dominicanos, o padre Antonio Soares de Almeida que era o diretor da JOC em São Paulo, o padre Abib que mexia com os universitários, tinha eu que não era padre, depois fiquei padre que mexia com favelados...ao vir para o ABC, continuamos com um grupo de padres nos reunindo aqui. Esse grupo de padres era Padre José Mahon, Monsenhor Antunes, Padre Walter, Padre Beno, eu, depois veio participar o Padre Léo, tínhamos o Padre Praxedis e vários outros que nós nos reuníamos. Aí nós íamos formando os grupos de leigos com os quais nós nos reuníamos. Ali na rua da Catedral do Carmo, Campos Sales, ali tem uma casa antiga lá. Ali morava uma senhora rica, mas nos sedia o porão, sabe? Mal sabia ela o que nós fazíamos naquele porão. A JEC era um grupo que também acabava formando na prática uma CEBs e ali nós atingíamos os colégios, Américo Brasiliense, Senador Flaquer (referindo-se à faculdade), o Instituto de Ensino de Santo André, o Júlio de Mesquita e dali eles partiam para realizar um trabalho de conscientização e reunião dentro dessas escolas que eu citei e conseguiram até que eu me tornasse professor dentro da escola Alfredo Bucart (Vila Gerti em Santo André) e que, ao surgir a TV educativa no governo do Abreu Sodré, conseguiram me colocar dentro da TV educativa, na organização das aulas. Eram aulas que eram transmitidas nos telecurios de televisão. Depois formamos grupos de conscientização em favelas, bairros, do método Paulo Freire, que também era uma prática da Teologia da Libertação. E aí veio o regime militar, presos, perseguidos. Eu, preso cinco vezes, porque nós não tínhamos uma ideologia política e nem um vínculo político nenhum embora eu tivesse contato com as organizações clandestinas de esquerda. Participei, sendo convidado, acreditavam em mim e me convidavam, vai ter encontro da ALN, vai ter um encontro do grupinho VAR-Palmares. O pessoal confiava em mim, mas eu nunca quis me afilar em nenhum, mas nós tínhamos essa participação, conhecendo o pensamento de cada grupo, não é? Me arranjaram até um nome falso na época para que eu pudesse participar e nessas reuniões todo mundo tinha nome falso, para que a ditadura e o regime militar não nos pegassem, né? Eu me lembro de alguns fatos interessantes. Existiam aqueles movimentos

clandestinos a.. ALN (*fazendo alusão a Ação Nacional Libertadora liderado por Carlos Marighella*), VAR-Palmares (*Vanguarda Armada Revolucionária Palmares*), AP (*Ação Popular*) e vários outros, né? No auge da ditadura militar, na ditadura. Eles pegaram uma confiança muito grande em mim e na comunidade que os protegia, que os escondia, certo? E fazíamos reuniões em casas de famílias, com o pessoal da retaguarda, tomando conta do bairro para que eles não fossem presos e quando ameaçava lá embaixo... qualquer coisa estranha... passava o recado para os encarregados de rua e o pessoal saía por cima de muro e coisa e tal... eu me lembro que eu estava reunido com os estudantes da UNE preparando o Congresso de Ibiúna e veio um aviso... foi documentos escondidos dentro de caixa d'água, dentro da descarga do banheiro, certo? Jogados dentro de poço, certo? Gente pulando por cima de casas e muros pra não ser preso.

Iniciamos um grande movimento de favelas. Favela, antigamente era sinônimo de folclore, era símbolo da pilantragem sadia, símbolo do samba e do futebol. Se você pega até 1968, favela era isso. Tanto assim que surgiram aquelas músicas e sambas famosos: “favela oi..favela, favela que mora no meu coração, ao recordar com saudades da minha felicidade, favelas do sonho de amor e do samba canção” (Cantado). E aquela “vai barracão *pendurado* no morro” (cantado). Mas, com a especulação imobiliária aqui, depois, no final do governo de Juscelino Kubitschek. Porque foi ele que trouxe as indústrias automobilísticas e através delas começou o grande desenvolvimento do ABC, depois Osasco, Guarulhos até o período do governo do Juscelino Kubitschek, o ABC era praticamente uma região suburbana da cidade de São Paulo, não tinha desenvolvimento, para vocês terem uma idéia, em 1963, espero não estar enganado, o maior prédio do ABC tinha seis andares, em 1963, e ficava na Rua Campos Salles, e você para vir de São Paulo para o ABC, era uma viagem. Praticamente a estrada de comunicação era a Estrada das Lágrimas, mas uma estrada de terra, pedaços de paralelepípedo, não existiam essas comunicações que nós temos aqui, e para você chegar à Anchieta, vindo de São Caetano, vindo de... de...Santo André e do ABC, era uma viagem pelo meio do mato. Então é tudo... um dormitório, porque o pessoal ia para São Paulo... tinham poucas indústrias, agora, com o governo de Juscelino, houve um grande desenvolvimento industrial no ABC, foi o Juscelino que trouxe as indústrias automobilísticas para cá, e através das indústrias, é, começou o grande desenvolvimento industrial, tanto assim, que de repente, de uma hora para outra, o ABC tornou-se o pólo industrial de toda a América latina. E, a grande propaganda, não é... em relação ao ABC, que era um local de emprego, que aqui era um local onde não havia fome. ABC antes era um subúrbio de São Paulo. E quando termina o governo dele e Ademar de Barros era o governador de São Paulo se candidata a presidente da república, o Ademar de Barros vai percorrer o Nordeste e falando, como todo o político faz, que graças ao governo dele e Nossa Senhora Aparecida, os termos que ele usava, não havia mais miséria e nem desemprego em São Paulo. O nordestino abandonado, sofrido na seca...- o homem falou que não tem miséria nem desemprego em “Sum Paulo”, vinha pra São Paulo e a realidade não era esta e onde é que ia morar? Em favelas. Se em 1964, nós tínhamos aqui no ABC três favelas, rapidamente partimos para duas centenas, três centenas. Só que a favela aqui antes não incomodava porque era longe da minha casa, de repente as favelas começaram a estar perto da minha casa e desvalorizava minha propriedade, desvalorizava meu terreno, e começou invasões de terreno, aí ela incomodava, aí ela não era mais símbolo da pilantragem

sadia, nem do samba e nem do futebol. Então começou um movimento de expulsão de favelados, certo? Aqui foi um deles. O que é que nós fizemos? Nós nunca incentivamos...éramos diferente no movimento MST. Nós nunca incentivávamos alguém invadir favela, mas nos pegávamos o fato consumado. A pessoa está ali e não vai ser expulsa de qualquer maneira...e começamos a formar núcleos. Então devemos ser verdadeiras comunidades de base dentro de favelas, para conscientizar os outros favelados, para defender a moradia deles. E assim conseguimos nesta época, que nenhuma favela fosse desalojada pela violência. Pelo contrário, através desses pequenos núcleos conseguimos organizar primeiramente aqui (Vila Gerti), a sociedade civil quilombo dos Palmares, lembrando a resistência dos quilombos, dos negros lá...depois surgiu outras favelas do ABC ameaçadas, começaram a nos procurar. Formamos então um movimento de defesa do favelado do ABC. Mas, favelados de São Paulo, da Bahia, de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro, de Petrópolis, de Florianópolis começaram a nos procurar, começaram a sentir a mesma ameaça. Então estendeu-se em nível nacional o movimento de defesa dos favelados formando núcleos em cada favela. Conseguimos realizar com estes grupos três encontros nacionais de favelados, coisa inédita, certo? Teve uma repercussão até na imprensa mundial. Tudo isso fruto daquilo que poderíamos chamar de CEBs, sempre baseados na doutrina bíblica e na doutrina social cristã. João XXII foi-se, Paulo VI, foi-se e veio uma linha já... com todos os méritos que ele tem do João Paulo II. Aí começou uma condenação formal da Igreja contra a Teologia da Libertação e contra as Comunidades Eclesiais de Base e que não se fala mais nisso, e a Teologia da Libertação passou a ser um nome proibido, não é? A nomeação de outros bispos muito mais na doutrina tradicional, mudou a linha da CNBB. Um D. Helder Câmara, um D. Pedro Casaldáliga, um D. José Maria Pires, um D. Tomas Balduino, para citar apenas alguns nomes, foram sendo colocados de escanteio, tendo que se calar. A CNBB com todos os méritos que teve e continua tendo – se eu falar que não teve eu sou excomungado – então foi mudando a linha e hoje, o que acontece? Nós não temos muito mais a liberdade de construir essas comunidades de base, esses grupos porque a pregação doutrinária da Igreja partiu para uma outra linha e não a linha que nós tínhamos, que foi a linha que eu aprendi, que eu tinha convicção e de muitos outros padres e aí começaram a surgir outros movimentos que a meu ver se parecem muito com uma linha pentecostal, usando a mesma tática, a mesma arregimentação, a mesma pregação, a mesma maneira de rezar dos pentecostais. Aí surgiram alguns movimentos... Cursilho de Cristandade, não consegui engolir!!! (*pausa*) não pregava aquela linha que nós tínhamos, movimentos como, aí eu vou apanhar deles... Encontro de Casais com Cristo (*ECC*) e atualmente, muito forte o MRCC. Eu vou para uma reunião ou encontro carismático, talvez seja uma visão subjetiva minha, mas eu vejo desligados da realidade e preocupados com lá (*apontou o dedo para cima*), certo? Então estão preocupados com a salvação eterna. Os problemas terrenos são muitas vezes, problemas que não interessam e aí entra aquilo lá, o Dom das Línguas, repouso no Espírito Santo, *as célebres celebrações de* libertação. Libertação do que digo eu? A minha visão de libertação era a libertação das opressões que estavam aí e pegava o Evangelho para justificar certas opressões. Opressões sociais, econômicas, certo? E o que há hoje? Se houve um tempo da teologia da libertação, dos grupos de CEBs ou de Ação Católica, hoje, tem em praticamente todas as paróquias o MRCC. E, eu na minha ignorância, eu não consigo entender o que é dom das

línguas. Tenho que respeitar. Com a aprovação de bispos, de um monte de padres, certo? Mais chega lá diz avecháchegaláblablebla... eu não entendo o que é isto!! Eu quero entender aquilo que se falava e que eu entendia nas reuniões que eu participava, certo? Essa história de cair no repouso do Espírito Santo, porque a pessoa cai. Eu entendia que a pessoa caia quando era empurrado pelo outro, machucado pelo outro, não entendo o que é cair!! Eu me confundo, a igreja pentecostal é igual à igreja católica? Qual a diferença que existe entre as duas? Eu não entendo. A caridade, a comida que eu vou te dar deve estar ligado a uma conscientização que eu vou lhe dar, do ser humano, da pessoa humana, eu tenho que socorrer. Hoje estamos aí... O que é que comanda a igreja hoje? São esses movimentos. Agora, esses movimentos não têm nada que ver com a prática da Teologia da Libertação e com a prática das CEBs. Nós devemos ver o homem como um todo... Eu costumo dizer que água só é água quando existe uma união íntima entre duas partículas de hidrogênio e uma de oxigênio. Se eu separo uma coisa da outra, não tenho água. Se eu olho só para o aspecto espiritual do homem, eu estou olhando para uma parte do homem, se eu olho para a parte material do homem, eu estou olhando para a outra parte do homem, eu estou olhando para outro aspecto, eu tenho que tratar do homem como um todo, nas suas necessidades espirituais, materiais, tratar o homem ser dentro de mim. Não adianta ficar falando de uma realidade, se essa realidade do povo é a fome. Eu tenho que me preocupar com a fome, o povo esta com fome vamos arranjar comida para o povo. Vamos ensinar as pessoas a dividirem o pão... e Jesus pregava a justiça, aqueles que têm mais e têm em abundância, deveriam dividir com aqueles que não tinham, e há muitas encenas de Jesus nesse sentido com a classe mais elevada que usava o poder para oprimir os pobres, para explorar os pobres. Ora nós somos irmãos, a conclusão lógica é que devemos viver como irmãos, então alimento para todos, justiça para todos, emprego para todos, habitação para todos, respeito para todos, salário justo para todos, liberdade para todos... Hoje, onde tem CEBs aqui no ABC? As CEBs era como um fermento na massa, e hoje que entrou para um movimento carismático, é um pessoal que não deu tempo de ser formado perfeitamente dentro da mentalidade da Teologia da Libertação e das CEBs ou é um pessoal que não tendo outra opção, mas querendo realizar espiritualmente dentro da igreja, foi procurar estar dentro desses movimentos. Não digo por maldade, mas levados, ta bom? CEBs pra mim era viver, formar junto com o pessoal, era sentar junto com o pessoal, sabe? Eu fui pro meio estudantil, pro meio operário, formando núcleos aqui e ali. Era uma tomada de consciência, era uma união, era uma partilha, era ensinar os outros a viverem unidos, a partilharem, certo? Trazer para a realidade da vida o evangelho. Levar para influenciar, para que mudasse a realidade... E hoje... Existe uma alienação muito grande, sabe? Hoje eu vejo a Igreja assim nessa coisa, num retrocesso, extremamente doutrinária, doutrinária, sabe? E prática, libertadora... talvez eu não entenda porque se fala de libertação no espiritual e eu não me conformo porque Jesus Cristo libertava o homem integralmente[...] Os movimentos atuais que eu vejo e você me pergunta da RCC, parece que está muito preocupada com isso, salvação da alma, certo? Eu já recebi reprimendas diretas e indiretas do meu bispo dizendo que é mais importante é a parte espiritual da pessoa [...] Agora existe comunidade eclesial de base como eu vi? Olha eu ô pra descobrir que existam realmente porque não se fala no assunto, não se toca no assunto.

**Você usa essa formação que você adquiriu nas CEBs em outras pastorais?**

**R** Nólia, isso é muito difícil hoje porque eu costumo dizer o seguinte: Eu me sinto meio sozinho, sabe? É meio chato dizer, mas eu seja meio ultrapassado, mas a linha do clero hoje e a formação é diferente daquela que eu recebi. Eu me sinto meio sozinho. Diante da mídia e a mídia faz a cabeça do povo, quem sou eu pra enfrentar uma Rede Vida, certo? Pra enfrentar o movimento carismático que está aí com todo apoio que se utiliza da mídia e que tem espaços abertos... Quem somos nós os poucos remanescentes para enfrentar uma posição aberta e declarada da igreja a favor desses movimentos mais recentes e que não suporta em falar de teologia da libertação, certo? Quem somos nós? Os cânticos mudaram, a própria música mudou. Você pega uma música da Renovação Carismática... eles que não fiquem bravos comigo... a letra da musica deles, qual o sentido que tem? Até o Zezinho (fazendo alusão ao Padre Zezinho) era ótimo: “menores abandonados, alguém os abandonou, pequenos e mal amados e que a sociedade não os adotou” (cantando) e que servia para a reflexão e hoje? Ele que me perdoa, mas o querido Padre Marcelo e os seus seguidores com suas músicas, que conteúdo social tem essas músicas? Você pega uma música dessa aí e vai analisar e você pega uma musica da época do Padre Zezinho ou de outros da época, você tem como analisar. Fizemos isso aí dentro da igreja há pouco tempo analisando o problema da Isabela (aquela menina que foi jogada do prédio). Então nós mostramos, que o caso Isabela, não é um caso isolado. Teve repercussão da maneira como foi apresentado, mas tem crianças abandonadas, jogadas mortas, certo? Sem precisar ser jogada de uma janela e sem precisar ser asfixiada. E aquelas que estão sendo asfixiadas pela Dengue? Que estão sendo asfixiadas pela violência de uma sociedade que está aí. Paramos para analisar os meios de comunicação, o programa José Luis Datena e o Ratinho. Pra mim, eles estão ensinando, talvez sem maldade, ensinando uma delinqüência. E digo esses dois exemplo, o Ratinho já saiu de cena, mas quando mostravam muitas vezes com o linguajar baixo deles não diretamente pregando a pena de morte, não diretamente pregando a violência, mas incentivando para que você fosse duramente castigado, condenado, diante de um assalto que você fez, uma delinqüência ou mostrando como foi feita. Por exemplo, a pouco tempo atrás, o programa do José Luis Datena mostrava como os menores, e mostrou seguidamente os menores assaltavam os carros nos faróis de São Paulo, no trânsito engarrafado, chegavam com um negócio assim (bateu na mesa), quebravam o vidro, tomavam a bolsa, o celular e saíam correndo, se misturando. Aí vinha o linguajar... bandidinho, crápula, deve ser condenado, isso influencia... aí um menor que assiste fala – como é fácil roubar...é uma verdadeira escola, tão ensinando. Se tivéssemos numa CEBs ou na Teologia da Libertação paráramos e refletiríamos... por que eles estão fazendo isso? Por que a sociedade está fazendo isso? Esses menores são fruto de que tipo de sociedade? Eu acho que se eu tivesse numa situação daqueles menores eu aprenderia, opa... eu vou conseguir um dinheiro, um celular, fazendo o que eles estão fazendo, como é fácil fazer. Outro exemplo é a política. Eu acreditei quando houve uma mudança política combatendo o regime militar nós poderíamos partir para uma democracia e por uma coisa de partidos honestos. Eu nunca apoiei nem uma Arena e nenhum MDB, mas quando houve uma abertura eu acreditei, que através de eleições, nós poderíamos mudar e continuar a mudança. E eu acreditei que quando surgisse e surgiu e que eu estive presente, fiz muitas reuniões aqui com o partido chamado PT, eu acreditei que seria uma coisa diferente diante de todos os outros partidos que estão aí. Hoje, eu coloco no mesmo saco o PT e os outros partidos. Me entristece ver a linha do PT,

uma linha extremamente paternalista, desconscientizadora, totalmente mais neo-liberalista do que veio antes com Fernando Henrique e com Itamar Franco, com Sarney. Hoje o PT é muito mais neo-liberalista do que qualquer outro desses partidos que estão aí. Então, eu não confio, uma grande decepção, um sonho, uma utopia que hoje não existe dentro de mim. Então eu vejo um retrocesso muito grande, não sei se sou pessimista... eu vejo que Lula partiu para uma outra linha. Eu não entendo como inventaram as cestas do tal auxílio família de 57 reais, você dando de presente, prá mim não é a solução. Estou acomodando. Agora o que eu analiso o que nós combatíamos e o hoje, o lucro dos bancos quintuplicou no governo do PT. Por que os empresários gostam tanto do Lula? Porque para eles o lucro foi muito maior. Então, o que a gente queria que se voltasse para o social, é dado para o social, mas é dado mínimo... nunca os banqueiros se enriqueceram tanto como nesta época. Agora a migalha foi dada para a população, certo? E é isto que a gente não concorda porque está mais alienada do que nunca o pobre. Eu vejo o operariado alienado. Eu vejo o que significa uma UNE hoje dentro do contexto nacional, eu vejo uma juventude alienada, tudo isso me preocupa, certo? Se existir CEBs aqui na região, existe pequeninos núcleos que não tem força, que não contam com apoio, que teimam em sobreviver, que ainda são remanescentes de um ideal, mas não tinham a força que tinham. A não ser que mude e que venha com grande apoio da igreja e das suas autoridades.

**Obrigado**

**R** Não há de quê, precisando é só falar.

**Roberto, ex-militante, 64 anos****Há quanto tempo participa da igreja católica?**

**R** A gente veio pra cá em 62, depois com Dom Manoel a gente participar mesmo é de 82 pra cá mais ou menos. Antes eu não participava não.

**Você já participou de outra religião?**

**R** Não

**Há quanto tempo você participa das CEBs**

**R** Quando Dom Manolo... o Padre Zezão convidou nós, nós fizemos aquela reunião com Cristo. Um encontro no Rudge, igreja São João Batista, em São Bernardo, no ano de 82 ou 83. Acho que é isso.

**Você participou até quando?**

**R** Uns 4 anos, por aí

**Você já coordenou as CEBs?**

**R** Não.

**E o que você fazia nas CEBs?**

**R** A gente fazia reuniões nas casas. Procissão, terço... a gente ajudava fazer tijolo, fazer casa. O Padre Zezão comprou uma máquina pra fazer tijolo nas favelas aqui em Diadema. Na igreja a gente tinha curso de fé e política, visitamos as famílias nas favelas e ajudava com cestas básicas e tentar incluir essas pessoas para conseguirem casa, trabalho... A gente fazia encontro nas casas dos mais pobres e ia ensinando a multiplicar as CEBs.

**Você participou de algum movimento regional das CEBs?**

**R** Não. Que eu me lembre, não.

**E dos encontros intereclesiais, participou?**

**R** Também não.

**Você participa de algum outro movimento na igreja.**

**R** Nós participamos da pastoral familiar. Depois que nós saímos das CEBs eu fiz curso de noivos uns 15 anos, depois eu fiz curso de ministro com Dom Claudio Hummes, o Eládio, o Cipriano, nós fizemos o curso, depois o curso com Padre Vagner, depois o curso com o Padre Airton. Ele dava curso bíblico. Mas eu trabalhava muito, não tinha tanto tempo.

**Quais eram as suas atividades?**

**R** No curso de noivos a gente dava palestra conjugal, né? Sobre o casal, convivência. Nós somos coordenador também do curso de noivos. E quando em curso a gente prepara as coisas não de escritório, mais de organização. De primeiro a gente se reunia nas salas pras palestras de união conjugal. Agora a gente faz lembrancinhas, cuida das salas.

**Você já coordenou algum desses movimentos?**

**R** No encontro de casais, até esse ano, formava um grupo da pastoral familiar, caminhamos 2 anos com uma equipe, depois eles caminham sozinhos.

**Você usa hoje os materiais de formação que utilizava nas CEBs?**

**R** É... alguma coisa a gente usa sim. É útil, né? A gente vai aprendendo. A gente quando começa é meio cru. Depois o que a gente sabe vai passando. Na caminhada do cristão, saber ouvir as pessoas. Na prática também. A gente tem que entender os mais humildes. Isso eu fui aprendendo nas CEBs.

**Para você, o que é ser líder nas CEBs?**

**R** É servir, estar a serviço da comunidade, não é ser chefe, patrão. Ser prestativo, estar junto com as pessoas. Saber auxiliar.

**Você se considera mais político ou mais religioso.**

**R** Sou mau político. Embora, a gente sem querer já é político, o ser humano faz política. Faz politicagem. Sou mais cristão do que político.

**Qual sua aproximação com o grupo da RCC?**

**R** Eu conheço, mas a gente já tem uma caminhada, então a gente não se envolve. Não que eu não queira. Mas a gente já tem uma caminhada, então a gente não se envolve. Já é muita coisa pra gente, sou ministro da palavra, ministro da eucaristia, dou curso de batismo, faço casamento também. Eu só não celebro missa porque aí já é muita coisa pra mim. Das coisas que eu tenho, a escala normal, eu e a minha mulher, que eu faço de acordo com a necessidade da igreja, 2 ou 3 vezes por mês eu faço casamento, batismo aos domingos e no sábado curso de batismo. E tem também o curso de teologia que eu faço nas quintas-feiras, que é bem no dia do encontro deles.

**Como você vê a liturgia da RCC?**

**R** É que cada um é cada um, né? Mas tem vezes que tem jovens que ultrapassam. É bonito, mas ultrapassa. Eu não gosto quando eles ficam gritando. Devido à formação da gente, quando eu fiz primeira comunhão foi em 52, 53 por aí. Faz um pouquinho de tempo era em latim ainda. Então como a gente é mais antigo, e às vezes a gente não aceita como o Padre Marcelo faz. Não sei ficar gritando, pulando. Eu sou mais tranquilo.

**Como você vê a prática do participante da RCC na sociedade, do ponto de vista dos problemas sociais?**

**R** Eu acho bem participante. Por exemplo, o Padre Marcelo reúne quantas mil pessoas ali, né? Eu acho bacana. Tá chamando o povo. Mas tem... cada um é cada um, né? Por exemplo, às 6 horas da manhã, eu rezo o terço aqui com a Selma, minha esposa. Só nós dois, tranquilo.

**Como você vê a liturgia das CEBs?**

**R** Não tenho mais contato. Aqui em Diadema, cada padre gosta de um. Uns das CEBs, outros da pastoral familiar, outros das equipes de Nossa Senhora, sei lá. Não sei se é gosto. O Padre Zezão e o padre Manolo gostavam. Faziam celebração nas casa, era bonito, era bom, chamativo. Aí vêm outros padres e leva pra outro lado. Na verdade, se não tiver incentivo do padre, desanima. Pode ser grupo de jovens, qualquer um... se não tiver acompanhamento do padre, né, acho que as coisas... que nem o padre Vagner, era a pastoral familiar, o padre não tem tempo de ficar em todas, mas ele na medida do possível participava.

**Como você via a liturgia das CEBs na época em que participava?**

**R** Ah, era muito participativo. Depois eles (*os padres*) foram pra Santarém e nós fomos pro interior também, quando me aposentei, aí nós nos afastamos daqui. Foi em 8.

**R** Prática do participante das CEBs na época em que participava.

**R** Era mais pros pobres mesmo. Pros pobres e favelados. Iam nas favelas, participavam, as coisas vão se modificando de uma tal maneira... Naquele tempo os padres tavam junto. O Padre Zezão arregaçava as mangas mesmo. O ele ia junto com o pessoal, ajudar a fazer tijolo, né? Pra construir barraco de alvenaria. Dava apoio. Era bom. Eu podia ter participado mais. A gente era inexperiente. Eu era católico, mas ia só na missa. Não participava tanto. Hoje não tenho mais contato, não sei onde andam. Depois que mudamos, voltamos na equipe de nossa senhora que é um pessoal que foram os precursores, que plantaram a pastoral familiar aqui em Diadema, são pessoas que dão sustentação para as outras equipes. Aí não ficamos não muito tempo. Participamos de outras coisas...

### **Por que deixou de participar das CEBs?**

**R** Porque nós mudamos. E os padres foram embora também. Quando nós voltamos, não tinha mais CEBs em Diadema. Não sei como ficou.

### **O que mais te estimula Igreja Católica?**

**R** Na realidade, a gente foi se infiltrando devido ao chamado dos padres, mas não tenho uma coisa que seja preferencial. Eu gosto de participar. Eu gosto da missa. O dia que eu não vou, parece que ta faltando alguma coisa na vida da gente.

### **E o que mais te desestimula na Igreja Católica?**

**R** Acho que quando não tem missa principalmente aos domingos. Quando o padre não vai e tem um ministro ou um diácono. Tá certo que eu vou na igreja por causa de Deus, ouvir a palavra de Deus e tudo mais, não por causa do celebrante, eu vou na missa participar.

### **Você também é ministro da palavra e também pode celebrar?**

**R** Eu sou, mas no caso eu prefiro a missa. Não sei se a gente é quadrado? Mas a parte principal pra mim é a consagração e na celebração não existe a consagração. Eu acho que o ministro, o diácono é pra comunidade. Fazer celebração numa capela, tudo bem, mas na igreja. No CDHU, tudo bem, mas na igreja tem que ser padre. Tem que ter ministro e diácono também é importante.

### **Pra você, o que é reino de Deus?**

**R** É reinar neste mundo nosso. Deus já reina no meio de nós. É a gente que não percebeu ainda que Deus está junto da gente. Na minha ignorância eu acho que Deus não castiga ninguém. Deus é amor, Deus é alegria, Deus é vivência.

### **Para você, o que é dignidade?**

**R** Ser digno e ter respeito pelas coisas dos outros. Ser merecedor das coisas de Deus e aceitar as pessoas do jeito que são.

### **Para você, o que é liberdade?**

**R** Eu tenho liberdade das coisas que faço. Não posso é atrapalhar os outros.

### **Para você, o que é política?**

**R** A gente não aceita muito. Gente acha que o verdadeiro político é aquele que trabalha pelo povo.

**Para você, o que é pecado social?**

**R** É isso que fazem com os mais pobres e desfavorecidos, né? É um roubo. Deixar o povo passar fome. Esse salário de fome que eles pagam.

**Você conhece a Teologia da Libertação?**

**R** Não, não conheço.

**Como você vê a política na igreja?**

**R** Eu acho que a igreja devia lutar mais, nós temos força pra isso. Nós católicos romanos, a igreja, os bispo, os cardeais, deviam incentivar o povo a lutar por seus direitos e não ficar aceitando o que os políticos fazem. João Batista gritava, como Jesus iam no meio do povo e reivindicavam por seus direitos. O cristão devia ser mais político.

**Porque você acha que hoje quase não se vê CEBs?**

**R** É... acho que não tem mais CEBs hoje. É... os verdadeiros líderes das CEBs acabaram. Um é bispo, outro foi pra longe, os padres saíram, acabou.

**Em algum momento você se sentiu desanimado por participar das CEBs?**

**R** Um dia nós fomos fazer um barraco pra mulher, e aí a gente foi ver o marido dela bebendo cerveja no bar. Eu tô fazendo um barraco pra você e você precisa, ele tem que ficar junto. Aí eu desanimei. Se continuasse do jeito que era CEBs, fazia barraco, a parte hidráulica certinho... aí, uns saíram, a coordenação foi embora, uns morreram. Aí foi enfraquecendo. Na época foi importante. Os padres trabalhavam bastante naquela época. Hoje, se você fala pra eles... não tão nem aí. Relaxaram. E vai ser difícil voltar as CEBs, principalmente aqui em Diadema, nunca mais vai voltar!

**Obrigada!**

**R** Disponha!

## ***Tereza, militante, 64 anos***

### **Há quanto tempo participa na Igreja Católica?**

**R** Desde que nasci

### **Participou de outra religião?**

**R** A minha religião sempre foi católica, meus pais, meus avós, e eu nunca conheci outra religião, também nunca fui de outra religião a não ser a católica. Nunca me interessei por outra religião. Até respeito e converso com outras pessoas que é de outra religião, né? Às vezes pego até coisas que eles falam de outras religião que é importante para meu dia a dia também, mas nunca fui de freqüentar em outras religião nem eu nem meus pais nunca foram.

### **Há quanto tempo participa das CEBs? Em que período?**

**R** Particpei das CEBs desde 93, até agora que ainda participo. Continuamos até agora nas CEBs.

### **Participa ou participou de outro movimento?**

**R** Dos movimentos na igreja: Pastoral da família, ministro, catequese, perseverança, tudo isso e agora vou criar dia 21 o terço da libertação 6as feiras às 7h30 da noite, quem quiser participar, sobre a saúde, né? Então vamos começar, e já tem na comunidade que nós começou nas CEBs em 93 com os terços nas ruas nas casas, é onde agente ia levar pras pessoas que precisava, pessoas doente, visitando assim nas favelas, com alimento, dando cestas, até tem uma aí que hoje uma menina vem pegar,. E agente continua, as CEBs é o pé no chão, aonde a gente vai até aquela pessoa excluído, a gente faz a reunião das CEBs e até hoje conseguimos uma igreja de Santa Terezinha que tá aqui atrás da minha casa, através das CEBs, das pessoa, com muito conhecimento. Aí eu comecei fazendo na minha casa e eu comecei fazendo aqui e tinha dia que tinha 50-60 pessoas, no terço, aí veio o padre Vagner que disse “*isso merece uma celebração*”, né? E aí nós começou chamando um ministro pra uma celebração e começou, e aí eu comecei com celebração nas casa. Aí comecei a fazer celebração nas casa, missa nas casa. Aí, a gente ia numa casa pedia pra fazer, via onde tinha uma garagem, e aí a gente começou a fazer, né? Nessa época que nós começou a fazer a missa nas casa era o padre Vagner. Aí ele falou né, vamo arrecadar né, e nós faz uma capela, né, pra vocês fazer uma capela. E aí ele deu o nome de santa Teresinha,, aí eu falei: ó padre, eu já me chamo Terezinha, e o senhor vai pôr Santa Terezinha as pessoa vai dizer que é homenagem a mim, ele falou não, você assina com o que, eu falei com “z”, santa Teresinha é com “s”, não tem nada a ver. Aí ficou santa Teresinha. Ai nós começou a batalha. Pedindo, ajuntando as pessoas pra fazer bingo, fazer quermesse, pra fazer as coisas pra arrecadar o dinheiro. Aí depois quando nós começamos a fazer isso, padre Vagner saiu, veio padre Guimarães, que falou: assim até vocês arrecadar dinheiro pra fazer a capela vai demorar, então vamo ajuntar dinheiro das outras capelas, o que chegar primeiro com o terreno eu compro, ai vocês fica pagando. Eu falei: se ele comprar primeiro dos outros vai demorar demais. Ai eu sai correndo, chamava as meninas e sai procurando terreno por aqui por as casas, e não achava. Aí ele falou: *Até quarta feira eu espero. Quem chegar primeiro eu vou comprar*. Me ajoelhei nos pés de Santa Teresinha e da Nossa Senhora e rezei oficio e pedi. E

saí pra procurar o terreno. Nesse dia eu achei o terreno. Fiquei tão... Ele me viu tão assim... que falou: *essa mulher tá ficando doida*. Que quando eu passei nas casa, eu falei: vou bater nessa casa, fui buscar uma cadeira e roda pra um senhor, e eu arrumei terreno fazendo caridade. Que eu passei na rua e vi um homem com os pés no chão numa cadeira. Aí eu falei: Vou lá no Jardim Miriam buscar uma cadeira de roda por aí e vou achar. Aí eu achei. Quando eu vim empurrando a cadeira de rodas, eu falei. *Eu vou bater naquela casa, quem sabe tem alguma coisa*. Aí a menina que ia comigo disse: *Vai nada, numa casa dessa você vai achar terreno*. Eu disse: *Não, mas meu coração tá dizendo que eu bato lá, aí eu bati*. O homem falou: *o que a senhora quer?* eu falei: *Você não sabe onde tem um terreno. Eu tenho um pra vender na Rua Juarez Taboa*. Nossa! Eu fiquei assim nas nuvem. *E quanto é?* O padre falou pra mim até 70 nós compra o terreno. Ele falou: *Lá tá por 65 o terreno*. Eu fiquei tão besta que o homem já tava com o terreno na imobiliária e tirou. Quando comecei, já falei pro padre, nesse dia já fizemos reunião aqui. Juntou 70 a 80 pessoas aqui. Tá tudo assinado, assinei o caderno. Todo mundo falou que ia ajudar. O padre veio, conversamos, aí comprei o terreno, juntamos e eu dei um x pro padre pra nós pagar pra ele todo mês 600 reais. Dentro de um ano e meio nos pagamos o terreno. 45 mil reais. Agora tamos batalhando pra fazer a capela, porque tem só o cantinho né, que agente faz a celebração, todo sábado é 80, 100 pessoas que tá. Agora tamos batalhando pra fazer a capela. Já paguemos o terreno, agora tem que construir, né? E tamos continuando. Fizemos uma carteirinha como do dízimo e cada um dá 1, dá 2... que pode, e a gente arrecada e pede, um fax, um bingo, outros faz uma coisa, e a gente tem também lá o bazar na igreja e a gente tamos pagando já tem um pouco de dinheiro já. Tamos continuando, e as CEBs se reuniu. o resultado das CEBs na capela. E eu acho que as CEBs é um pé no chão, é que nem um carro de boi, O eixo vai rodando. As CEBs tem que ser um carro com um cabeça pra puxar. Tem que tem alguém pra puxar. Que se esmorece não vai. Ele corre pra aqui, ele corre pra ali, tem vez que não chega ninguém, nós tamos ali segurando, não deixa as coisa cair. As CEBs é assim, os bispos faz assim, se ajunta, os bispos faz aquele tema, que nem da campanha da fraternidade. Entrega na mão das CEB, que é quem ajuda muito a igreja a caminhar. Que antigamente chamava Grupo de Rua. Até hoje mesmo as pessoas não sabem o que é CEBs, sempre é Grupo de Rua. É Grupo de Rua, se fala “*o que que é isso?*” Então não tá divulgado ainda bem as CEBs, então eles sabem mais é como Grupo de Rua. Terça feira mesmo nós vamos fazer um terço na casa de uma senhora, que tá doente e pediu. A gente tanto faz na igreja como na casa se alguém pede. E as CEB é isso. É uma união de pessoas que se junta pra discutir. CEBs é comunidade, é união, respeito, é a fé onde é discutido ai, seus problemas. Se o outro pode ajudar ajuda... CEBs pra mim é caminhada de fé e vida.

### **Antes de 93, você participava de algum movimento?**

**R** Não, em 93 comecei com a palestra bíblica aqui na minha casa. Já participava da pastoral da família. Vi que tava desviando pra outra religião. Eu falei: se a gente não fazer alguma coisa, daqui a pouco não vai ter mais ninguém. Mas aí eu vi que o pessoal tava desviando da religião. Aí nós começamos com a palestra bíblica. E eu comecei com a palestra bíblica aqui e foi nas casas, eu e meu esposo foi nas casas. Arrumei um grupo de pessoas, e eles começavam a participar e não sabiam nem capítulo, nem versículo, nem nada de bíblia, não sabiam nada. Só ia na missa de vez em quando e uns que nem participava de nada. E aí eu comecei com a

palestra bíblica, com o terço na rua os outros faziam o terço há vinte anos, mas nunca se desenvolveram assim pra fazer assim, terço no natal, na quaresma...aí parava, só fazia de ano em ano. E parava. Não fazia mais nada. Só de ano em ano.

**Esses Grupos de Rua eram CEBs?**

**R** Era CEBs. Então agora esses grupos se ajuntou com nós, como fizemos a capela e não tem mais Grupo de Rua, cada um faz um terço numa segunda feira. Um na segunda, outro na outra segunda, outro na outra segunda... Então, essas pessoas que fazia o grupo das CEB faz o terço mas na capela. Cada dia tem o seu dia de cada um. E a capela já tem Legião de Maria, Oficina de Oração, o terço toda segunda feira, a perseverança e a catequese, já tá criado na comunidade.

**A partir de quando iniciou esse trabalho na capela?**

**R** O trabalho iniciou em 93 já com a compra do terreno. Foi que nós pagou o terreno com um ano e seis meses.

**Antes, quanto tempo você participou da pastoral familiar?**

**R** Participou, não. Tô participando ainda. Tá com 13 anos. Ainda continuo. Já faz 13 anos. Saiu uns, que outros viajaram, né, outros que mudaram de lugar, mas nós continua. Os que ficou hoje continua. E os que ficou continua. E nós continua ainda. Na igreja o total parece que tem mais de cem.

**Que atividades você desenvolve na igreja?**

**R** Agente leva a cesta básica, visitar as pessoas que tá com problema e pedem, ministra que eu levo a eucaristia pras pessoas também, né. E se a pessoa pede que tá com problema, a gente vai nas casa, a gente vai e conversa com ele. Um casal o que às vezes vai casar o padre pede pra dar um curso pra eles, eu vou lá converso com eles e a gente caminha na igreja. Só não pode pegar muita coisa. A menina ofereceu pra mim ser guia da Oficina de Oração, e eu não posso. Já tenho muito não posso pegar.

**Quanto tempo da sua vida você dedica na igreja?**

**R** Aqui mesmo pra fazer essas coisas tá com 30 anos que eu comecei na igreja. Antes eu ia só participar só na missa e fazia minha orações em casa. Depois que eu casei e mudei pra'qui, vai fazer 30 anos. Durante o dia agente faz a preparação pra catequese né? A preparação pra pastoral da família., a perseverança, tem que sentar e tá preparando, porque mesmo vem as apostila que o padre dá e tem os segmento. Cada dia é um segmento. Tem que estudar pra fazer esse segmento da caminhada da igreja. Fora disso, as pessoas pedem, às vezes as pessoas que vêm conversar, que tá depressivo que vem conversar, e a gente desenvolve aquela coisa. Ainda ontem mesmo, o meu marido foi conversar com uma mulher que tava querendo separar do marido. Sempre dando conselho, que ela não fizesse isso, que primeiro, se ele chegasse em casa e quebrasse as coisas ela tem que ter paciência, conversar. A gente sempre tá evangelizando, conversando sobre as coisas

**Você participa em outros encontros das CEBs, como o regional?**

**R** A única coisa que eu participei de encontro regional foi que há dois anos atrás eu ia na Rádio Milícia, fui falar das CEBs. E até tenho gravado, que eu fui lá falar e eles gravaram

aqui né? Eu fui lá falar na Rádio Milícia da Imaculada falar das CEBs. E quando vou viajar na minha terra tem e eu participo junto na minha terra, com as meninas, e comprei o livro de lá, então sempre onde tem de participar a gente tá junto, né?

**Você é de onde?**

**R** De Lagoas de Ouros, mas a gente fala Garanhuns que de Garanhuns pra Lagoa de Ouros é umas três léguas. A gente somos de lá. E a gente tamos caminhando, graças a Deus. Tem que caminhar, tem que participar da liturgia da igreja, pra saber como é. Eu sempre compro fita de vídeo, eu assisto pra tá vendo, né? Ontem mesmo eu tava assistindo a fita de Davi, e a gente vê tudo as coisas que eles faz, e a gente fica emocionada de ver. Pra gente caminhar nas CEBs agente tem que tar sempre buscando. Não adianta você dizer *ah, eu já sei e vou parar*, não adianta. Às vezes você depara com uma pessoa que diz: *Eu pensei que sabia e não sei nada*. Porque a gente tem que tar sempre buscando, sempre caminhando. Recebendo e passando também. Se você recebe alguma coisa pra você, não adianta a gente receber alguma coisa de Deus pra você. Eu nunca vou num canto que vejo uma coisa que interessa pra mim. Eu sempre quero pegar aquilo que é pra passar para outras pessoas. Já fiz curso bíblico no Jardim Miriam já fiz curso bíblico com todos os padres que passou por aqui. Sempre tô buscando. Eu vejo que tem uma parede que tem uma frase, já levo logo um lápis ou a caneta e copio, eu sou copista. Eu copio das pessoas aquilo que falam, aquilo que dizem. Eu fico guardando na cabeça. Na televisão mesmo eu fico e vejo a TV Século XXI. Eu tô sempre tirando pra depois eu passar.

**Você já participou dos encontros que as CEBs promovem na Região?**

**R** Eu já participei de alguns. Já mandaram carta, mas não deu pra mim ir, não uma vez só que eu participei. Mesmo porque é longe, né? E pra gente ir também é longe e difícil pra ir.

**Você já participou de algum dos encontros intereclesiais?**

**R** Não. Tem pessoas que foi. Tem pessoas da diocese que pode ir, né? Pessoas que não têm família, que mora sozinho. Quem tem família pra ir longe e deixar tudo fica difícil, né? Deixar casa, deixar filho, deixar marido também não dá. Você tem que participar da igreja, mas também não pode abandonar sua casa nem pra abandonar sua família. Porque se fosse pra ficar só lá dentro da igreja você não tinha casado. Você tinha que ter virado freira ou alguma coisa. Você tem que participar da igreja de modo que você não largue a sua família. Que a gente tem uma família pra cuidar. Tem que caminhar os dois junto, né? Não abandonar nem um nem abandonar o outro. Caminhar junto, participar.

**Você é a coordenadora das CEBs aqui no bairro?**

**R** É. Eu sou coordenadora. Eu e meu esposo.

**Há outras CEBs em Diadema?**

**R** Tem no São Bernardo, no São Camilo, a Mãe Rainha. Tudo são CEBs, né? Participa do Grupo de Rua e tão construindo capela também, batalhando. A São Camilo já tem, né, capela, a capela tá bem avançada que eles construiu muito primeiro que nós, né? Mas ainda não acabaram. A Mãe Rainha tão trabalhando pra construir, né. Então, tão caminhando também. Agora o então o São Bernardo mesmo, que eu me lembro, desde o padre José. E admiraram porque aqui nós começou e com dois anos a gente foi embora, porque a gente... Que nem

ontem eu encontrei a mulher falando: *‘hossa, vocês sabem cultivar as pessoas, vocês não obrigam, vocês sabem.* A menina falando pra mim que a gente sabe cultivar as pessoas porque a gente não obriga, a gente conversa com solidariedade e do modo que a gente vai chamar, mas um jeito, um apoio pra aquela pessoa. Você tem fazer, você tem que conversar com a pessoa o que a pessoa quer fazer. Então a gente não pode se opor às pessoas.

**Que materiais você utiliza para preparar os encontros das CEBs?**

**R** Os material vem da igreja. Mas só que é comprado. Vem os livrinho que vem nós paga R\$2,00. Esse ano foi R\$2,50. Eu pergunto: quem quer o livro e todo mundo quer. Esse ano nois pegou o ano passado 62 livros. As pessoas leva tudo. A gente já leva os nome marcado. Esse ano nós pegou 45 livros. Nós vamos pegar só 45, né? Porque quem quiser mais nós pega. A gente já usa, esse livro agora custou 2,50, mas vai até o fim do ano. Um livro só. Porque quando era época da família pegava um, agora o padre vai pegar um livro que vai ficar o ano todo. Então nós pagou R\$2,50, mas o livro vai até o final do ano. Então agora nós vai desde o mês de maio começa falando sobre a Amazônia, a família, então o livro já veio da diocese. Que antigamente quando vinha o livro a gente fazia reunião pra pegar os livro, agora não faz mais reunião e é só pegar na secretaria. Quando era Dom Airton ele fazia reunião com a gente, explicava aquele livro e hoje em dia não tem mais reunião. Mas eu achava muito bom mais não tem, né?

**Dom Airton ainda era padre na comunidade?**

**R** Era o padre, ele ficou doze anos aqui com a gente, né? Ele que veio fazer o casamento da minha filha. Fez de todos, do primeiro, do menino, da menina, agora veio fazer da outra. Eles criaram com ele, né? Desde pequenos que eles... quando ele foi embora... quando ele chegou aqui a menina tinha cinco anos, quando ele foi embora ela tava com dezoito. Então é isso!

**Você foi coordenadora de outro movimento além das CEBs?**

**R** Da pastoral da família. Se esse ano eu sou coordenadora, o outro ano a gente faz uma eleiçãozinha e aquele a gente vota qualé o outro que vai ficar. Então a gente faz a eleição. Eu já fui umas três vezes na pastoral da família.

**Esses livrinhos de formação que você utiliza são das CEBs? Ele ou outros subsídios das CEBs são utilizados nos outros movimentos?**

**R** São das CEBs mesmo. Eu uso mais pros encontros das CEBs, agora, na Pastoral da Família a gente tira um pouco e fala, né? Quando é a campanha da fraternidade, tem o livro, a gente tira as partes e fala algumas partes também. Então eles acompanha também na perseverança, também a gente fala um pouco, na hora a gente vai tirando um pouco de cada coisa e vai passando, né? É tudo unido, né? É a comunidade. Tem que ser comunidade, não pode ser separado da comunidade. A comunidade não pode separar das CEBs, a CEBs é comunidade eclesial de base, né?

**Quando vocês se reúnem para os encontros?**

**R** Toda segunda feira, a gente se reúne na capela, antigamente era cada oito dia nas casa. E nós é que criou isso. Antigamente as outras fazia uma vez por mês, né? Uma vez por ano, na quaresma, na semana santa, mas nós não. Comecemos aí meu marido pôs: vai ser cada oito dia, porque fica muito longe. Aí nós começemo cada oito dia e as pessoa acostumou. Então

agora na igreja, o terço das CEB continua cada oito dia nas segunda feira. Reza o terço, quando vem o livro, a gente faz intercalado uma parte um mistério e um livro. Pra não ficar o livro sozinho. Se o livro tem muita coisa, tem muitas folhas a gente: *olha, hoje nós não vamos fazer o terço, vamos fazer o livro que ele tem muita coisa.* Aí então os cântico, as coisa, a gente inventa a procissão, esse ano as CEB daqui encerrou na igreja. Então nós se ajuntou todo mundo e fomos na igreja encerrar lá na igreja, aí fizemos uma pequena seata, assim, um entrou com a bíblia, um entrou com uma flor seca, outro entrou com uma flor mais verde pra dizer representar a Amazônia, outro entrou pegado na mão pra significar amizade, então esse foi o nosso daqui da Comunidade Santa Teresinha, esse teatro lá na Igreja Imaculada Conceição, encerramos a celebração daqui das CEB.

### **Iniciaram em 93. Quantas pessoas participavam naquela época e quantas participam hoje?**

**R** Aquela época comecei aqui com umas doze pessoas, na palestra bíblica, e começamos aí com o terço, tinha vez que tinha oito, doze, treze, tinha vez que tinha vinte e cinco, aí começou, né? Então tem vez que tem trinta, tem quarenta pessoa. A via sacra na rua, na rua num dava nem pra contar, ia passando nas casas aí quando ia ver as pessoas ia acompanhando aí chegava no fim, quando você olhava pra trás, tava uma procissão. Então a gente sempre foi fazendo. Aí eu fui arrumando pessoas, porque eu sozinha não vou dar conta, aí eu fui arrumando pessoa pra tomar conta do terço, uma segunda feira é uma, arrumando pessoa pra tomar conta da liturgia, outra pessoa pra fazer o comentário, outra pessoa pra isso, né? Porque tem que por as pessoa pra tomar conta. Tanto que eu não faço nada, eu acompanho. Eu vou lá no terço e assisto junto, acompanho junto, mas ponho as pessoa pra tomar conta. Então tem a Maria, tem a Sonia, tem a Mirani, tem a Dona Ifigênia e tem a Carminha. Essas que faz cada segunda feira é uma. Cada segunda feira uma prepara lá o terço, se é o livrinho, é o livrinho, se não tem o livrinho faz o terço da misericórdia. Só o terço da libertação que eu vou criar agora que não tem, mas um dia faz o terço da misericórdia, outro dia faz... né? Porque eu falei: tem que fazer pra não ficar no terço, no terço, no terço todo dia, acostuma as pessoa começa a achar. Então tem que modificar um pouco, né? Fazer uma dinâmica, uma coisa com as pessoas.

### **Fale-me um pouco sobre o terço da libertação?**

**R** O terço da libertação a gente às vezes não quer falar, porque fala desse negócio de milagre. Mas que milagre existe, existe. Porque eu ia operar, eu to com tudo aí pra operar do meu joelho. Ia operar: ressonância, chapa, marcado médico pro dia, eu não operei do meu joelho não. É uma coisa incrível que eu não sei se vai dar procê entender não. No dia de natal, às sete hora da noite, eu cheguei da casa dos meu filho e fui fazer um cafezinho. Eu escorreguei na cozinha e me partiu a perna bem em cima de onde eu ia operar. Eu sofri dor. Deu dor. Eu falei: Deus me operou aquela hora. Eu escorreguei, assim, pisei pra trás e onde trincou foi bem em cima que ele falou que tava o nervo ciáto da perna tava desligado. Eu não podia andar, eu não podia caminhar, eu andava mancano, eu punha a perna assim, aí quando eu ia tirar, dava uma dor, se eu fosse me levantar, eu gritava. Eu falei: nossa! E doía, e sentava e ponhava a perna pra cima. Olha, eu fui pedir o terço da libertação. Hoje eu to lavando louça, se eu to rezando, se eu tava no banheiro eu tava rezando, se eu tava caminhado eu tava:

*Senhor, cura e liberta o meu joelho, Senhor, cura e liberta o meu joelho, Senhor, cura e liberta o meu joelho!* Você tem que fazer dez vezes, e rezar dez ave-maria. Se você não tiver terço, eu ia fazendo nos dedos e fui pedindo, fui pedindo. Era terminar o natal e o ano e eu ia operar. Ai eu fiz isso, fiquei no chão, minha filha tava aqui eu nem gritei, mas eu senti uma dor. Eu fiquei lá no chão e não consegui levantar. Quem falou que eu podia? Ninguém podia por a mão na minha perna, mas dóia! Eu falei: *vou no médico!* Chamou o resgate. Eu fui pro pronto socorro, engessaram, tiraram chapa, falou que tava trincado o osso. *Ó, você vai ficar oito dia sem se mexer.* Eu fiquei oito dia na cama sem mexer. Dia de ano eu passei na cama, fizeram churrasco lá em cima e trazia pra mim lá em baixo, que já tinha combinado com as pessoas que ia fazer, né? Eu falei não é porque eu quebrei a perna... não deixa as pessoas vir. Eu fico aqui, vocês fica lá, não tem problema. Ai, eu fiquei oito dia sem mexer a perna. Minha nora vinha aqui, dava banho ni mim, mas ele não me deu nenhum remédio. Eu comprei uma caixa de Voltaren pra mim tomar por minha conta porque o médico não passou remédio. Comprei uma caixa de Voltaren, porque se começar a doer... Ai, quando foi com oito dia que eu voltei lá aí ele tirou o gesso aí falou, tirei chapa de novo e ele falou: *Seus osso já tá tudo juntinho.* Aí, não senti mais dor, já fiz ginástica, pulei, fiz tudo e não senti mais dor na minha perna e não precisou operar. E tá tudo as ressonância ai. Então a gente, eu não fiz promessa assim que as pessoa faz. Eu pedi pra todos os santos, pra Deus, pra Nossa Senhora, Meu Deus todo dia e todo dia rezava, e todo dia na cama eu rezava. E as pessoas tudinho rezava por mim, todo mundo se ajoelhava e pedia por mim, né? Porque dizia que eu tava lá na igreja eu não ajoelhava, ficava em pé na hora da eucaristia, quando eu tava de ministra eu não me ajoelhava, eu ficava de pé porque não dava, e todo mundo via e rezava pra mim e falava eu tô fazendo oração por você. E na capela quando rezava o terço eles rezava por mim, e graças a Deus eu falei. A gente não fala porque as pessoas não acredita muito, mas já nos meus dois joelho que deu problema, eu melhorei das coisa. Agora eu to pedindo porque me deu diabete. Então eu to pedindo pra diabete. Que era duzentos, era trezentos, era duzentos, e agora eu já medi é cento e dezoito e eu to tomando os mesmo remédio, as mesma coisa, e as mesma dieta. E continuo fazendo o terço da libertação. Eu falei: como eu sarei, eu vou por pros outro, vô pedir, porque muitas pessoas na comunidade: *eu tô com minha perna inchada! Eu tô com meu joelho doendo! Eu tô...* Eu falei: não vamos fazer o terço da libertação e pedir, pras pessoa rezar, porque é assim, não é de uma hora pra outra, você tem que esquecer televisão. Se você tá assistindo novela e você tá rezando, você não vai poder ficar assistindo novela. Você não vai poder... você tem que ser uma pessoa, ali uma pessoa pode falar com você. Aí você tem que respeitar e ficar calado e não dar resposta. Para você alcançar uma coisa, você tem que primeiro modificar. Você tem que se modificar você para você alcançar aquilo. Você tem que ficar com aquilo só com Deus na sua cabeça. Você não pode ter umas raiva de ninguém, nem ficar xingando ninguém. É isso pra você... novela, televisão, você pode desistir.

### **Por que esse nome: terço da libertação?**

**R** Libertação porque Deus liberta você de muitas coisas. Se você começa a fazer o terço da libertação, não é você. Pode ser o terço da libertação, pode ser o terço que tem outro da misericórdia. Ou pode ser o terço normal também. Mas se você não se liberta, você não consegue a graça. Não adianta você ir na missa e chegar em casa liga a televisão em

pornografia. O que adianta você ir na missa. O terço da libertação serve pra você se libertar do egoísmo. Ele vai mudar através de você.

### **O que mais te estimula na Igreja?**

**R** O respeito, a solidariedade para com os outros. Mesmo quem sabe ou não, ninguém pode excluir. Por exemplo, o casal de segunda união. O papa fala que não pode! se vem lá do Vaticano a ordem então tem que ser conversado. Casal de segunda união, cada caso é um caso. Não pode fazer pra um e não fazer pra outro. Tem que libertar ou não. Não pode pra um e não pra outro. Eu vi o papa João Paulo II falar que o casal de segunda união não pode receber a eucaristia. Aí eu vejo a pessoa que participa da igreja e a gente não pode julgar. Uma separou porque o marido bebia. Por que não ajudou ele. Não internou ou ajudou. Agora ele fica com outra e vai na igreja e comunga bonitinho. Não pode! Vai na missa e participa e vai. Aí a mulher disse que o padre deu absolvição pra ele. Eu falei pro meu filho ver na internet e lá fala no Vaticano que não pode.

### **Você se considera mais política ou mais religiosa?**

**R** Mais religiosa. Já trabalhei com político e não dá não. Eu acho assim que na igreja tem quer. Na igreja tem que ter uma pessoa que faz a coisa certa. Se não tiver pessoas bem estruturadas, é nossos irmãos que não são católicos que vão tomar conta. Contanto que não seja no espaço do Santíssimo. Eu já fui no curso de fé e política. Nós participou. Tava participando de tudo. Aí não dava pra participar de tudo.

### **Qual sua aproximação com a RCC?**

**R** Eu gosto. Não participo. Hoje tem, mas eu não posso ir. Assisto no Século XXI, o terço do Padre Marcelo. O meu genro converteu-se por causa da RCC. Porque a Igreja Católica é muito parada. Ela devia de ver que lá fora ta a animação das pessoas. Eu chamei aqui os meninos pra fazer uma tarde de louvor. E meu genro tocou o coração e converteu. Ele ouviu o CD do Padre Marcelo. Vai na missa. Aqui de vez em quando a gente chama os meninos que tocam a RCC e a gente ora, a gente ora em língua. Eu acho que a gente tem que ser ecumênico. Não sou contra. Se não fosse os carismáticos, acho que as pessoas já tavam tudo crente.

### **O que você acha da liturgia da RCC?**

**R** Eu acho a liturgia da Renovação carismática bem convertida mesmo. Porque quando eles fazem o louvor é legal. O Padre Guimarães mesmo não faz muito, ele sabe muito, mas deixa tudo na mão dos leigos. O padre do século XXI dá uma palestra bíblica, dá um curso do catecismo da Igreja. A igreja era muito parada... Era em latim, ninguém entendia nada. Tem vez que eu convido aqui... E todo mundo ora em língua. Os padre é mais dedicados do que esses da CNBB aqui. Os padres aqui deixa tudo pros leigos. Eles nunca faz as coisas. Já os carismáticos dá. Na televisão tem a palestra bíblica. Aquele professor que fala da canção nova – professor Arquino – pena que minha televisão não pega mais. Os padres fala mais que é muito bom. Eu comprei todas as fitas do Padre Léo da Canção Nova. Ele morreu, mas as palestra ficou. Eu uso muito para a catequese para quem dá a perseverança. Nossa, as fita é muito boa! Na TV Século XXI, na Aparecida e na canção nova, as palestra é muito boa.

### **Você já participou de alguma missa das CEBs?**

**R** Quando ia ter o congresso, eles me chamou e eu fui. Eu achei muito boa.

**Que diferenças você vê entre as missas das CEBs e da RCC?**

**R** O padre mesmo aqui missa é missa, não é show. O padre não é artista. Mas cada um é de um jeito. Mas às vezes tem coisa que fala muito. Que a menina nem vai em casa comer. Frequentando demais não porque é demais. A minha religião é legal, mas acho que tinha que ter mais participação e visita nas casas com as famílias. O trabalho que nós faz nas CEBs é só nós e ministro. As pessoas não gosta de ministro que faça a celebração. O povo não gosta. Eu até fiz o curso da benção na comunidade, mas as pessoas prefere o padre.

**Como você acha que os participantes das CEBs vêem os problemas políticos e sociais na sociedade?**

**R** Uns já acha que é normal, outros não. Aí a gente vê o pessoal das CEBs falando de política e uns não gosta. Aí eu falo: *olha pessoal, a gente tem que ver, porque os crente tem vereador, deputado*. Se a gente não tem alguém pra nos defender, daqui há pouco não tem mais nada católico, vão tirar os feriados santos, vão tirar tudo. Então a gente tem que ter alguém pra nos defender. A Igreja tem que ver. Jesus era político, ele falou: *eu vim pros pobres*. Teve uma vez que o padre fez o curso de Fé e Política dentro da Igreja. Foi bom, não teve discussão, mas pessoal reclamou muito de política dentro da igreja. Mas eu acho também que devia fazer no salão e não dentro da igreja.

**Como você acha que os participantes da RCC vêem os problemas políticos e sociais na sociedade?**

**R** Não cheguei a conversar com eles, não sei. Agora eles ajudam também. Não tem como trabalhar na sociedade sem ajudar o outro. Eu mesmo dou a cesta básica. A gente tem que ajudar. Mas não sei do que eles fazem não.

**Como você considera sua trajetória na Igreja?**

**R** A gente tem que crescer, mas tem gente que não divide. Eu mesmo falo que tem que dividir as tarefas. Tem que preparar os outros pra fazer, todo mundo pra fazer. Quando eu comecei fazer as CEBs eu não sabia ler, aí eu dividia, um lê outro lê. Eu sei bem é interpretar a bíblia. Eu não posso pensar que eu sei tudo e fulano não sabe nada, né?

**O que é Reino de Deus para você?**

**R** A misericórdia nunca acaba. O reino de Deus é misericórdia.

**O que é dignidade para você?**

**R** Aceitar o outro do jeito que ele é. Falar um bom dia. Respeitar o outro

**O que é Céu para você?**

**R** É amor, azul, é amor, tem até música que fala: *a eucaristia é o meu céu*. O céu é azul. É amor!

**O que é salvação para você?**

**R** Depende de cada um de nós. Depende do que cada um faz pra receber a salvação. Aqui ter o respeito, solidariedade. Aí você merece lá. Deus na palavra fala tudo o que você tem que cumprir. Tua salvação tá no evangelho. Em vez de consultar o psicólogo, consulte Mateus,

Marcos e Lucas. Os melhor psicólogo e você não vai gastar nada.

**O que é para você a liberdade?**

**R** Você tem que ter a liberdade, mas não toda. Você é livre, mas não pra passar dos limites. Libertação é se libertar de muitas coisas. Libertar de vício de televisão... que eu conheço pessoas que assiste novela das 6, novela das 7, novela das 8. Queima até o arroz. Você tem que se libertar disso aqui. A libertação das coisas ruins do mundo. A gente peca através dos outros. A mulher que vai pra missa de barriga de fora. Esses pecados são esquecidos na igreja. O cara que entra na igreja fumando... não pode. Tenho que ver que é que faço pra ter a libertação. Eu fico o dia todo com a palavra na boca, é cântico, oração, é violão. Tudo o dia inteiro com Deus. Tudo da Igreja católica. É livro tudo católico.

**O que é Pecado para você?**

**R** Pecado é o ódio. É um pecado dos maior grande. Ficar em casa com esposo, filho, você xingar, não pode. A gente vai acostumando com o que a gente vê todo dia. Daqui há pouco você tá aceitando tudo. O pecado social do mundo é não perdoar o irmão. Um pecado social grande é a prostituição que falta ética na pessoa. Que a gente vê que as pessoas não respeita mais os outro.

**O que é intercessão?**

**R** É você interceder pro outro que o outro faça e você não faz. Isso você não faz e fica querendo interceder na vida do outro.

**Você reza o Ofício?**

**R** Claro que eu rezo... todo dia, não sei onde coloquei não (**nem o encontrou durante a entrevista**)... Mas é aquele com orações de Nossa Senhora, do Padre Jonas, com Nossa Senhora na Capa (*referindo-se ao ofício de nossa senhora, da Canção Nova*). Eu rezo o Ofício todos os dias. Ele é individual. É pra você. Você reza e consegue as coisas pra você. Eu mesmo consegui o terreno aqui através do ofício, que o ofício é de nossa senhora, mas eu pedi foi pra Santa Terezinha pedir pra ela. Às vezes as pessoas não acredita. Não adianta pedir pros outro, só recebe pra você.

**O nome usado é CEBs ou Grupo de Rua?**

**R** Faz uns 3 ou 4 anos que eles chamam grupo de rua, os que participa não sabe o que é CEBs. Agora tá fazendo as reunião nas comunidades. É na igreja que já tem a capela.

**Você percebe alguma diferença nas CEBs com a mudança de padres?**

**R** O Padre Airton é que fazia mais. O Padre Vagner também. Agora o Padre Guimarães não fala não. Cada um faz o que gosta mais. A única coisa que o Padre Guimarães fez foi passar uma fita da Amazônia, mas na reunião de ministro, ele nem foi nas CEBs.

**Agradeço!**

**R** De nada!

***Vânia, militante, 42 anos*****Há quanto tempo participa na Igreja Católica?**

**R** Vai fazer 43 anos quando eu nasci em junho

**Participou de outra religião?**

**R** Não

**Há quanto tempo participa das CEBs? Em que período?**

**R** Tem 26 anos. Nunca parei, desde 1981 a 2007

**É ou já foi coordenador nas CEBs?**

**R** Já fui várias vezes.

**Em que período?**

**R** Cada dois anos. Aí eu voltava novamente. Até o ano passado eu fui coordenadora. Esse ano nós colocamos mais duas pessoas pra coordenar nosso grupo aqui né? O Imaculado Coração de Maria.

**Quais atividades executa nas CEBs?**

**R** Já executei mais antigamente, né: ministra da eucaristia, fiz apostolado, mas agora no momento nós tamos só com o grupo fazendo oração nas casas – o grupo Imaculado Coração de Maria.

**E nas CEBs, quais são as suas atividades?**

**R** Agora, nada. Como assim?

**O que você faz como participante das CEBs?**

**R** O grupo de rua que evangeliza e ajuda no que for preciso, né? Agora nós ajuda as pessoas carentes, né? Antigamente a gente era mais movimentos. Quando não tínhamos água, não tínhamos luz, então a gente ficava muito centrada nos movimentos de política mesmo, nas ações, né? Pra poder mesmo trazer a SANED pra cá, né, nós fizemos um movimento, as CEBs tava por dentro. O asfalto... as CEBs tava sempre nestes meios, pra trazer melhorias né, pra comunidade.

**Participa ou participou dos encontros regionais e municipais das CEBs?**

**R** Particpei de vários. Inclusive agora vai ter um dia 29, lá em Santo André.

**Você participou de algum dos inteleclesiais?**

**R** Não. Eu sempre tive vontade de ir, mas não conseguia ir por causa dos filhos.

**Participa ou participou de outro movimento?**

**R** Não. Sempre tive vontade de participar da Pastoral Operária, já recebi o convite, mas não sei... Não fui. Eu fui catequista. Fiz muito tempo catequese para adultos e crianças.

**Em que período?**

**R** Fui catequista quando meus filhos eram menores. Até meu filho de vinte anos, as outras brincavam, falavam que eu ia ganhar meu bebê na sala de catequese. Aí uns 8 anos eu dei

Catequese pra adultos. E de lá pra cá eu parei.

**É ou já foi coordenadora? Em que período?**

**R** Fui coordenadora de liturgia e representante, coordenadora das CEBs da paróquia lá em Santo André nas reuniões da CEBs que eu coordenava e trazia pra cá.

**Quais as diferenças entre as atividades das CEBs e nos outros movimentos?**

**R** Na catequese a gente segue uma linha da própria igreja, né? Os materiais, né? A bíblia, o livro. E na liturgia também, né, é mais pra organização das missas, né? Nas escalas, né, pra falar o que é liturgia.

**Você usa a formação adquirida das CEBs em outros movimentos?**

**R** Procuo sempre usar.

**Para você, o que é ser líder nas CEBs?**

**R** Ser líder quer dizer liderança, né? Ser líder é você estar à frente de um movimento, né? De alguma coisa. Ser líder é você estar à frente de algum trabalho.

**Como avalia as CEBs no passado e hoje?**

**R** As CEBs no passado era mais atuante, acho que devido às necessidades que tinham. As CEBs eram mais frequentes nos movimentos. Hoje a gente tem tudo, temos transporte fácil, não tínhamos antes, que era até o poeirinha, que se fala, né? A gente procurava melhorias. No bairro, asfalto que não tinha, era uma lama. A iluminação... As CEBs era mais ligada nessas coisa, né? Na moradia... Essas favelas que hoje nem se fala mais, né? Que hoje nem se fala mais favelas, é núcleo habitacional, as CEBs estava sempre presente nessas lutas pras melhorias da comunidade.

**O que mais te estimula na Igreja Católica?**

**R** O que mais me estimula é que a igreja católica é uma igreja que abre espaço pra gente né? Pois foi através das CEBs que nós encontramos, o leigo encontrou espaço... Foi através das CEBs que nós vemos que na igreja nós também temos também a sua voz e vez, podemos também usar nossa voz temos também que ser um leigo atuante, né?

**O que mais te desestimula e Igreja Católica?**

**R** O que mais me desestimula: muitas vezes é a falta de abertura, né? Querem se fechar, né!? Em vez de abrir mais espaço para os leigos, eles se fecham entre si, né? Os próprios padres, né, os nossos excelentíssimos.

**Você se considera mais político ou mais religioso?**

**R** Eu tento conciliar as duas coisas, né? Porque é assim, é, Jesus mesmo falou: *“eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância”*, Jesus foi o maior político. Ele foi político. Então: *“aí, não pode misturar política com a igreja”*. Mentira. E tem que se misturar. Não tem como a gente separar a igreja da religião. Elas têm que estar unidas, né? Jesus foi o quê? Então nós temos que sempre seguir Jesus temos que viver o que Ele viveu e sermos políticos. O que é viver em abundância? É vida plena, né? É o projeto de Deus, né?

**Qual sua aproximação da RCC?**

**R** Eu não tenho nada contra, eu acho que foi... Eles usaram os carismáticos como um... Não

sei se foi porque eles sentiram que tava perdendo gente na igreja. Eu vejo assim, né? Os encontro carismático veio pra chamar as pessoas, pra resgatar as que estavam fora... Porque ao contrário da CEBs, que as CEBs conscientiza, faz as pessoas se conscientizarem como pessoas, como cidadãos, e os carismáticos não, elas tem muito, é... só louvar, né? Não tenho nada contra, é bom louvar, temos que louvar. Mas eu acho que a igreja católica viu o carismático como um refugio, sei lá. Pra resgatar os que estavam procurando outras igrejas, né?...

**Como você vê a liturgia carismática?**

**R** Tem alguns momentos da vida da gente que a gente precisa de um pouquinho do carisma, né? Todos nós temos que ter esse carisma, né? Todos nós temos que ter. Mas eu acho que a gente tem que ter um pouquinho de ligação com a vida, né? Mas a liturgia não pode ser assim só, assim só, é... como eu diria... muito louvor. A gente tem que ligar a religião e a liturgia com a vida do povo, com as necessidades das pessoas...

**Como é a prática do participante da RCC na sociedade, do ponto de vista dos problemas sociais e políticos?**

**R** É ruim julgar, mas como a gente vê... as pessoas não estão muito preocupadas com o seu próximo, né? E a gente aprende, nós aprendemos que a gente tem que estar preocupados com o nosso próximo em todos os sentidos, né? Não só a gente louvar, né? Muita gente fala em louvar, agradecer e cantar e você não ter consciência nenhuma, nenhuma preocupação com o ser humano, né? A gente tem que ter unidas as coisas, né?

**E como é a prática do participante das CEBs na sociedade, do ponto de vista dos problemas sociais e políticos?**

**R** Deveria ser uma pessoa ligada aos problemas da comunidade e da sociedade, né? Hoje deu uma boa reduzida aí na participação. Não sei se é devido aos encontros carismáticos... Esse grupo que veio deu uma abafadinha.

**Como você vê a liturgia nas CEBs?**

**R** Antes a liturgia das CEBs era uma liturgia viva, até os próprios cânticos, tem uns cânticos, que falam né? Um pouco, ela vem assim resgatar, né? A vida das pessoas, é... a liturgia em si. E hoje, né? A liturgia tem mais voltado pra... até nosso próprio grupo aqui, a gente fala muito, eu procuro muito ligar à palavra de Deus. Tudo o que a gente vai falar, não só é... eu procuro não só ver antes, mas colocar a palavra de Deus como um agora, né? Como um todo, né? A liturgia deveria ser assim, né? Dessa forma.

**Para você, o que é reino de Deus?**

**R** Reino de Deus, o reino de Deus é... começa aqui, né? É aqui, é o meu próximo mesmo, meu irmão, é aquelas pessoas que estão ali precisando de uma palavra amiga, estão precisando de saneamento, tão precisando de melhoria, o reino de Deus começa aqui.

**Para você, o que é dignidade?**

**R** Dignidade... Dignidade de ver as pessoas como ser humano, né? Dignidade em ver que resgatar a dignidade é ver que elas são gente. Que são seres humanos que precisam ser vistas como pessoas.

**Para você, o que é salvação?**

**R** Salvação... É só vou conseguir a salvação no momento que eu viver a salvação aqui, né? É um mistério, é... Mas nós acreditamos na vida eterna, mas pra eu poder tê-la eu tenho que viver aqui. Não adianta eu achar que vou ser salva no outro mundo se eu não fizer ela acontecer aqui, né?

**Para você, o que é liberdade?**

**R** Liberdade, de poder falar, de poder... a liberdade seria... eu ter liberdade pra falar, né?... O que está certo, o que tá errado, não nos omitir, falar aquilo que o coração sente, e falar... Se você tiver errado tem que falar, liberdade pra expressar o que eu acho, né? O que eu acredito, e assim que deve ser, né?

**Para você, o que é política?**

**R** Política é uma coisa assim, muito... Infelizmente nossa política... tá muito corrupta, né?... Nossa política tá muito assim, as pessoas em si, não vêem a política como deveria ser... Acaba se corrompendo, né? Mas todos nós temos que ser políticos e Jesus foi um grande político, né?... Mas a política voltada para a dignidade das pessoas, né? Para a liberdade das pessoas.

**Para você, o que é pecado social?**

**R** Pecado social, eu acho que é o pecado de a gente não ter, é... de nós não termos... de não ajudar o próximo. O social... todos nós temos que ter uma vida social digna, né? E o pecado é de nós nos omitirmos. Omitir e fechar os olhos, e muitas vezes os ouvidos e a boca e achar que está tudo bom... e que a gente não precisa fazer mais nada, né?

**Você conhece e como vê a Teologia da Libertação?**

**R** Nossa! É um avanço muito grande. Teologia da Libertação... Como Leonardo Boff e Frei Betto, né?... É... Até que eles foram até afastados né? E foram muito criticados e eles ter... ter... lutado muito pra que realizassem a Teologia da Libertação. Eles sofrem muito com isso, porque não é isso que a maioria querem, né? Querem a teologia é fechada, né?... A libertação é a que liberta, né?... Faz com que a gente enxergue as coisas mais certas, né?

**Você acha que a Teologia da Libertação prejudicou a caminhada das CEBs na atualidade?**

**R** A teologia da libertação? Imagina! Não... Muito pelo contrário. Eu acho que deveria, nós aí, com essa volta das CEBs, resgatar de novo a Teologia da Libertação, a gente não pode ter uma teologia que oprime, mas que liberta.

**Muito obrigada!**

**R** De nada!

**Encerrada a entrevista, a entrevistada abriu uma folha com cantos e continuou a falar:**

**R** A igreja tá perdendo as pessoas, né?... Por isso é que inventaram esses carismáticos aí, sabe. Que é pra participar um pouquinho. Mas não tenho nada contra os carismáticos, até te falei. Mas a gente não deve esquecer o que foi as CEBs, né? E o que ela pode trazer de melhor agora. Então, como essa música fala aqui olha (cantando): *“Somos gente nova vivendo a união, somos povo e semente de uma nova nação. Somos gente nova vivendo o amor, somos*

*comunidade povo do Senhor. Vou convidar meus irmãos trabalhadores, operários, lavradores, biscateiros e outros mais E juntos vamos celebrar a confiança, nessa luta de esperança, de ter terra, pão e paz. Ei, ê! Vou convidar os índios que ainda existem, as tribos que ainda insistem, no direito de viver. E juntos vamos, reunidos na memória, celebrar uma vitória, que vai ter que acontecer. Ei, ê! Vou convidar a criançada e a juventude, tocadores, me ajudem, vamos cantar por aí. O nosso canto vai encher todo o País, velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir. Ei, ê!”*

Os índios... Então, a gente valoriza muito os índios... e todos de um modo geral, né? Eu acho que a Igreja ficou muito preocupada com isso, né? Mas nos vamos resgatar isso, nós vamos trazer de volta as nossas CEBs, com fé em Deus. Em nome de Jesus, né? Como diz a minha mãe.

*“Maria de Deus, Maria da gente”. Você conhece essa música? É mais ou menos assim, né: “Com Maria em Deus exultemos neste canto de Amor-louvação; Escolhida dentre os pequeno Mãe-profeta da libertação! Escolhida dentre os pequeno Mãe-profeta da libertação! És a imagem da Nova Cidade, sem domínio dos grandes ou nobres; O teu canto nos mostra a verdade, que teu Deus é do lado dos pobres. O teu canto nos mostra a verdade, que teu Deus é do lado dos pobres. Maria de Deus, Maria da gente, Maria da singeleza da flor! Vem caminhar, vem com seu povo, de quem provaste a dor És o grito do irmão bóia-fria nesta América empobrecida; Espoliado com vil valentia do direito ao chão de sua vida. És Maria de nossos caminhos, solidária de tantas Marias. Coroada de sangue e espinhos, pela exploração noite e dia. És a força de nossa esperança, ó Maria da fraternidade; No cansaço de nossas andanças, guia os passos da real liberdade. Com as flores e o pão partilhados, preparamos a mesa da História; Da opressão afinal libertados, cataremos contigo a vitória.”* E têm outras também... Aquela música que fala assim: *“O povo de Deus vai quebrando as algemas, de passo em passo começa a andar. Está resgatando sua identidade, mais cedo ou mais tarde vai se libertar.”* Então é assim, são músicas que, que conscientiza a nós e as pessoas de que nós temos o nosso valor, nós temos a nossa dignidade, né?

### **Você conhece os participantes de algum dos intereclesiais das CEBs?**

**R** Conheço. Aqui da comunidade a Dona Leonilda foi escolhida. Eu nunca pude ir por causa dos meus filhos pequenos. A gente pensa muito nos filhos, né?

### **E por que os participantes deixaram de participar das CEBs?**

**R** Eu acho que porque deixou se levar... pela... (não teve coragem de dizer). São os que dizem amém a tudo. É que nem eu falei né? Não podemos dizer amém a tudo. Só porque o padre falou isso, ou assim... a elite, a nossa igreja é uma... Só porque o padre fala uma coisa eu tenho que dizer amém a tudo. Não. Eu tenho que dizer não e pronto. Não gosto, não aceito, por isso ou por aquilo. E tem pessoas que não teve coragem, né? É que nem eu falo, né? Na CEBs a gente aprendeu que a gente tem que ter voz e vez. E nós não podemos dizer amém a tudo. Porque o profeta, ele não só anunciava né? Nós vemos que na palavra de Deus, quando se fala do profeta, ele não ficava só orando ou pregando, mas ele denunciava também, né? Ele denunciava as coisas erradas, as injustiças. E doa a quem doer. Eu tenho que denunciar se tá errado: seja o padre, seja o papa... a gente tem que denunciar, tá errado mesmo. É isso que eu aprendi na CEBs.

**Quais materiais você usa para os encontros das CEBs?**

**R** Hoje, quando tem os subsídios da igreja, a gente usa né? Pode ser do mês de Maria, natal, da campanha da fraternidade. Geralmente vem da Cúria, vem da CNBB. Que nem agora da Amazônia... Foi todos os grupos que fizeram. E são uns encontros muito bons que conscientizam a gente. E hoje a gente lê muito, a gente procura a palavra de Deus, né? A gente reza o terço, mas bem pouco, a gente procura mais é repetir a palavra, fazer o hoje na vida atual, ir aprendendo um pouquinho com o outro. Que ninguém é dono. Aquele que acha que o outro que não sabe nada e é o que pode nos ensinar muito, né? E trazer pra vida atual, né? Então se tem um movimento pra gente participar, por que as CEBs é isso, né? Se tem uma passeata: “*vamos lá gente, vamos lá*”. É que as CEBs é isso, né? A gente procurar melhorar.

## ANEXO G

### - Fotos do XI intereclesial das CEBs

O XI intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base foi realizado entre os dias 19 e 23 de julho de 2005, na cidade de Ipatinga, Minas Gerais, com o tema: *Espiritualidade libertadora* e o lema: *Seguir Jesus no compromisso com os excluídos*.

Obteve a presença de 3.806 participantes, dos quais 3219 eram delegados, 112 assessores, 89 indígenas, 288 convidados, sendo aproximadamente 3.000 leigos e leigas, 420 religiosas e religiosos, 380 padres, 50 bispos católicos e 2 anglicanos, além da participação de 70 pessoas vindas de outros países, e 48 pessoas de outras onze Igrejas cristãs, das quais 23 eram pastoras e pastores.

A estrutura orgânica do Intereclesial foi pensada a partir da imagem do “trem das CEBs” - uma metáfora usada para falar da caminhada das comunidades. Com a plenária geral na “estação”, 6 plenárias (delegados divididos por regiões) com o nome de “locomotivas” e 36 mini-plenárias chamadas de “vagões” (delegados divididos por temas de afinidade).

Os “vagões” do foram espaço de observação da realidade nacional das CEBs e seu compromisso com o povo excluído (ver).

Nas locomotivas, discutiram-se as formas como as CEBs vêm lidando com os problemas em cada região (julgar).

Na plenária (estação), ao encerramento do evento, registraram as reivindicações das CEBs, na Carta do XI Intereclesial direcionada a todos os cristãos, especialmente aos militantes, para que assumam o lema do encontro, seguindo Jesus no compromisso com os excluídos (agir).

Entre os períodos de reflexão das plenárias, ocorreram diversas celebrações. A Festa da Fraternidade contou com a presença de participantes das comunidades locais, que se associaram aos militantes nas grandes celebrações e nos momentos culturais e festivos.

As fotos que se seguem apresentam um pouco da característica comemorativa do XI Encontro Intereclesial, propõe igualdade na Igreja.

**Comunidade de iguais: leigos, religiosos, padres e bispos têm o mesmo espaço decisório.**

Foto 1 – Plenária



Foto 2 - Alguns leigos usam estolas, símbolo que representa o sacerdócio.



**Militantes participam das festividades e celebrações**

Foto 3



Foto 4



**Nos ritos são misturados elementos das culturas diversas**

Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8 – “Somos todos irmãos” Pluralismo religioso – Celebrações com diferentes confissões religiosas.



Foto 9 – Assembléias - Um ponto forte de discussão e conhecimento da realidade das CEBs



Foto 10 - O memorial dos mártires, comumente lembrados nas comunidades



### Celebração à Mãe Natureza e seus produtos

Foto 11



Foto 12



Foto 13 – Venda de produtos cultivados ou produzidos por militantes

